REVELAÇÕES DO APOCALIPSE

Vol. 1

AS SETE IGREJAS OS SETE SELOS
O JUÍZO CELESTIAL

Samuel Ramos
samuelsr@hotmail.com

Edição - 2006
© Copyright 2006

Todos os direitos de publicação desta edição reservados à Samuel Ramos

Diagramação e capa
SERGRAF - Serviços Gráficos e Editora Ltda.

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida
ou duplicada sem autorização expressa do autor e do editor.

Ramos, Samuel

Revelações do Apocalipse / Samuel Ramos. -

Curitiba : 2006.

324p. ; 21cm

2. Religião. Teologia - Paraná. I. Título

CDD (1ª ed.)

356.193



SERGRAF - SERVIÇOS GRÁFICOS E EDITORA LTDA.
Rua O Brasil para Cristo, 495 - Boqueirão
CEP 81650-110 - Curitiba - Paraná
Fone/Fax: (41) 3277-3213
e-mail:sergraf@terra.com.br

Sumário

Prefácio/ Introdução.....05
Capítulo 1
Revelações do Apocalipse.....17
Capítulo 2
Cartas do Céu às Igrejas (1ª parte).....55
Éfeso.....55
Esmirna.....63
Pérgamo.....72
A Páscoa.....88
O Natal.....90
O Domingo.....91
Tiatira.....100
João Wycliffe.....118
John Huss.....120
Os Albigenses.....123
O Massacre da Noite de São Bartolomeu.....124
Capítulo 3
Cartas do Céu às Igrejas (2ª parte).....129
Sardes.....129
Filadélfia.....146
Uma Porta Aberta para as Missões.....152
Laodicéia.....161
Capítulo 4
A Sala do Juízo Celestial.....183
A Porta Aberta no Céu.....192
Vinte e quatro Tronos e Vinte e quatro Anciãos....195

Capítulo 5
O Livro do Juízo e o Leão-Cordeiro.....209
A natureza do Livro Selado com Sete Selos.....209
O Leão-Cordeiro.....225
Três Hinos de Louvor.....229
A Bíblia e o Espírito de Profecia apóiam esta interpretação.....230
Capítulo 6
Os Sete Selos e o Juízo Pré-Advento.....235
O Primeiro Selo.....245
O Segundo Selo.....251
O Terceiro Selo.....256
O Quarto Selo.....264
O Quinto Selo.....271
O Sexto Selo.....280
Capítulo 7
O Juízo dos Vivos e o Selamento.....287
O Sábado e a obra do Selamento.....290
O Selamento em duas Fases.....292
Capítulo 8
O Silêncio no Céu.....301
O Sétimo Selo.....301
O Anjo do Concerto.....304
O Silêncio no Céu.....307
Estudo Adicional
O Silêncio no Céu.....312
Que Mensagem? A mensagem do Terceiro Anjo...321

PREFÁCIO

O Apocalipse é um livro aberto, é a revelação de Jesus para os últimos dias. Mais do que qualquer outro livro da Bíblia, o Apocalipse mostra como funciona o processo da revelação progressiva de Deus. “Mesmo os profetas que eram favorecidos com iluminação especial do Espírito, não compreendiam plenamente a significação das revelações a eles confiadas. O sentido deveria ser desvendado de século em século, à medida que o povo de Deus necessitasse das instruções nelas contidas.”[1] “Com freqüência, a mente do povo, e mesmo dos servos de Deus, se acha tão cegada pelas opiniões humanas, as tradições e falsos ensinos, que apenas pode parcialmente apreender as grandes coisas que Ele revelou em Sua Palavra.”[2]

A revelação progressiva de Deus significa que hoje nós podemos entender melhor as verdades divinas reveladas no passado. “O grande princípio tão nobremente advogado por Robinson e Rogério Williams, de que a verdade é progressiva, de que os cristãos devem estar prontos para aceitar toda a luz que resplandecer da santa Palavra de Deus, foi perdido de vista por seus descendentes.”[3]

João Robinson e Rogério Williams sustentavam “ser impossível que toda a luz da Palavra de Deus já houvesse sido recebida”[4], e eles estavam certos, porque a partir de 1798 as profecias de Daniel e Apocalipse começaram a ser entendidas e ainda não são entendidas totalmente. “Nenhum homem,

[1] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 344.
[2] Ibidem, 345.
[3] Ibidem, 297.
[4] Ibidem, 293.

porém, ainda que honrado pelo Céu, já chegou a compreender completamente o grande plano da redenção, ou mesmo a aquilatar perfeitamente o propósito divino na obra para o seu próprio tempo. Os homens não compreendem plenamente o que Deus deseja cumprir pela missão que lhes confia; não abrangem, em todos os apectos, a mensagem que proclamam em Seu nome."[1]

Revelações do Apocalipse volume I é uma expressão consciente dessa verdade, pois nesse livro nos propomos, humildemente, a estudar uma vez mais as profecias reveladas na ilha de Patmos. A compreensão da história das Sete Igrejas, e especialmente, as cenas comoventes do Juízo Celestial expostas nos capítulos quatro a oito, enchem a minha alma de gozo e alegria. Primeiro as cenas do capítulo cinco nos fazem chorar assim como a João, porém, a história não termina em choro, as lágrimas do discípulo amado se transformaram em cântico de alegria quando seus olhos contemplaram o Leão da tribo de Judá, o Cordeiro que foi morto mas reviveu. Esse é o mesmo sentimento que toma conta dos filhos de Deus hoje quando percebem a solenidade, a seriedade e o envolvimento das cenas do Juízo Celestial.

O Autor

[1] Ibidem, 341.

Revelações do Apocalipse

Introdução

"Há necessidade de mais íntimo estudo da Palavra de Deus; especialmente devem Daniel e Apocalipse merecer a atenção como nunca antes na história de nossa obra."[1]

"No Apocalipse são descritas as profundas coisas de Deus. O próprio nome dado a suas páginas, 'revelação,' contradiz a afirmação de que é um livro selado. Uma revelação é alguma coisa revelada. O próprio Senhor revelou a Seu servo os mistérios contidos neste livro, e propõe que seja aberto ao estudo de todos. Suas verdades são dirigidas aos que vivem nos últimos dias da história da Terra . . ."[2]

"Que ninguém pense que, por não poder explicar o significado de cada símbolo do Apocalipse, é-lhe inútil investigar este livro numa tentativa de conhecer o significado da verdade que ele contém. Aquele que revelou esses mistérios a João dará ao diligente pesquisador da verdade um antegozo das coisas celestiais."[3]

"No Apocalipse todos os livros da Bíblia se encontram e se cumprem. Ali está o complemento de Daniel. Um é uma profecia; o outro, uma revelação. O livro que foi selado não é o Apocalipse, mas a porção da profecia de Daniel relativa aos

[1] Ellen G. White, *Testemunhos para Ministros*, *112.*
[2] Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, *584.*
[3] Ibidem.

últimos dias. O anjo ordenou: 'E tu, Daniel, fecha estas palavras, e sela este livro, até ao fim do tempo' (Dan.12:4)."[1]

"Quando os livros de Daniel e Apocalipse forem bem compreendidos, terão os crentes uma experiência religiosa inteiramente diferente. Ser-lhes-ão dados tais vislumbres das portas abertas do Céu . . . O livro de Daniel é descerrado na revelação a João, e nos transporta para as últimas cenas da história da Terra. . . Lede Apocalipse em conexão com Daniel. Ensinai essas coisas."[2]

"Estamos no limiar de grandes e solenes acontecimentos. Muitas das profecias estão prestes a se cumprir em rápida sucessão. . . . Repetir-se-á a história passada... Estudai o Apocalipse em ligação com Daniel; pois a história se repetirá."[3]

"Ao nos aproximarmos do fim da história deste mundo, devem as profecias relativas aos últimos dias exigir especialmente nosso estudo. O último livro dos escritos do Novo Testamento está cheio de verdades que precisamos compreender. Satanás tem cegado o espírito de muitos, de modo que se têm contentado com qualquer escusa por não tornarem o Apocalipse motivo de seu estudo. Mas Cristo, por intermédio de Seu servo João, declara aqui o que será nos últimos dias."[4]

"Os livros de Daniel e Apocalipse deviam ser encadernados

[1] Ibidem., 584, 585.
[2] Ellen G. White, *Testemunhos para Ministros*, 114, 115.
[3] Ibidem., 116, ênfase minha.
[4] Ibidem.

juntos e publicados... O alvo é unir esses livros, mostrando que ambos se relacionam com os mesmos assuntos... Se nosso povo estivesse meio desperto, se reconhecesse a proximidade dos acontecimentos descritos no Apocalipse, operar-se-ia uma reforma em nossas igrejas, e muitos mais creriam a mensagem."[1]

"O estudo do Apocalipse encaminha o espírito às profecias de Daniel, e ambos apresentam importantíssimas instruções, dadas por Deus ao homem, relativas a fatos a acontecerem no final da história deste mundo. Foram reveladas a João cenas de profundo e palpitante interesse na experiência da igreja. Viu ele a posição, os perigos, os conflitos e o livramento final do povo de Deus. Ele registra as mensagens finais que devem amadurecer a seara da Terra... Assuntos de vasta importância lhe foram desvendados, especialmente para a última igreja . . ."[2]

Somos nós a última igreja? Estamos vivendo no tempo do fim? Então precisamos, urgentemente, estudar o Apocalipse em conexão com Daniel, pois estes dois livros contêm revelações especialmente para os nossos dias.

Não Devemos Temer a Investigação

"Não há escusas para alguém tomar uma posição de que não há mais verdade para ser revelada, e que todas as nossas explanações da Escritura estão sem um erro. O fato de que certas doutrinas têm sido defendidas como verdade por muitos

[1] Ibidem., 117, 118, ênfase minha.
[2] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 341, 342, ênfase minha.

anos pelo nosso povo não é uma prova de que nossas idéias são infalíveis. O tempo não deixará permanecer o erro na verdade, e a verdade pode ser esclarecida. Nenhuma verdadeira doutrina perderá alguma coisa pela inteira investigação."[1]

"Nós não defendemos que nas doutrinas descobertas por aqueles que têm estudado a Palavra da Verdade não exista algum erro, porque nenhum homem que vive é infalível."[2]

"Temem alguns que, se reconhecerem estar em erro, ainda que seja num simples ponto, outros espíritos serão levados a duvidar de toda a teoria da verdade. Têm portanto achado que não se deve permitir a investigação; que ela tenderia para a dissensão e a desunião. Mas se tal é o resultado da investigação, quanto mais depressa vier, melhor. Se há aqueles cuja fé na Palavra de Deus não suportará a prova de uma investigação das Escrituras, quanto mais depressa forem revelados, melhor... Não podemos manter a opinião de que uma posição, uma vez assumida, uma vez advogada a idéia, não deve, sob qualquer circunstância, ser abandonada. Há apenas Um que é infalível: Aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida."[3]

"Freqüentemente o Senhor trabalha onde menos O esperamos; surpreende-nos pela revelação de Seu poder em instrumentos de Sua própria escolha, ao mesmo tempo que passa por alto os homens a quem temos olhado como sendo aqueles por cujo intermédio deve vir a luz."[4]

---

[1] Ellen G. White, *Review and Herald*, 20/12/1892, ênfase minha.
[2] Ellen G. White, *Review and Herald*, 25/03/1890.
[3] Ellen G. White, *Testemunhos para Ministros*, 105.
[4] Ibidem., 106.

"Não deve a Bíblia ser interpretada para agradar às idéias dos homens, por mais longo que seja o tempo em que têm considerado verdadeiras essas idéias. Não devemos aceitar a opinião de comentaristas como sendo a voz de Deus; eles eram mortais, sujeitos ao êrro como nós mesmos. Deus nos tem dado a faculdade do raciocínio tanto como a eles. Devemos tornar a Bíblia o seu próprio expositor."[1]

Nós cremos que a revelação divina é progressiva e que profecias tais como os Sete Selos e as Sete Trombetas deveriam ser constantemente reestudadas em busca de maior luz. Na *Lição da Escola Sabatina* do segundo trimestre de 1989 lemos: "Os selos de Apocalipse 6:1 a 8:1 estão sendo reestudados constantemente pelos Adventistas do Sétimo Dia. Reconhecemos que esta é uma parte das Escrituras que requer cuidadosa investigação. Precisamos abrir o coração e a mente para o ministério de ensino do Espírito Santo ao procurarmos a aplicabilidade especial dessa profecia à Igreja e ao mundo hoje em dia." [2]

Sobre as Sete Trombetas também se afirma: "Os Adventistas do Sétimo Dia estão constantemente estudando a profecia das trombetas. Como admitimos que não possuímos toda a luz, precisamos volver-nos para o Senhor e pedir a iluminação do Espírito Santo ao procurarmos compreender esta profecia."[3]

A Ordem Seqüencial dos Eventos

É inegável o fato de que os últimos capítulos, Apocalipse 19 a

[1] Ibidem.
[2] Joseph J. Battistone, *Lição da Escola Sabatina*, 2º trimestre, 1ª parte, 1989, 85.
[3] Ibidem, 127.

22, apresentam uma seqüência de eventos que têm sido detalhadamente confirmada pelos escritos de Ellen G. White:

- A Volta de Jesus (Apoc. 19);
- O Milênio e o Juízo Executivo dos ímpios (Apoc. 20;
- A Nova Terra (Apoc. 21 e 22).

A ordem seqüencial desses eventos é claramente cronológica. Os eventos são revelados na ordem em que acontecem. Essa mesma seqüência de eventos pode, também, ser vista nos três primeiros capítulos de Apocalipse:

- Jesus aparece para João (Apoc. 1:12-19);
- Jesus revela as "coisas que são e as que depois destas hão de acontecer" (Apoc. 1:19);
- A profecia das Sete Igrejas, na sua ordem (Apoc. 2 3):
  - Éfeso (31 -100);
  - Esmirna (100 - 313);
  - Pérgamo (313 - 538);
  - Tiatira (538 - 1517);
  - Sardes (1517 - 1798);
  - Filadélfia (1798 -1844);
  - Laodicéia (1844 até a volta de Jesus).

Se os três últimos, e os três primeiros capítulos de Apocalipse seguem precisamente uma ordem na seqüência dos eventos, seria bastante coerente entender as profecias que estão no meio do livro, a saber, os Sete Selos, as Sete Trombetas, e as Sete Pragas, como sendo eventos que seguirão também uma ordem seqüencial. É evidente a ordem natural dos eventos que

aparecem nas profecias dos Sete Selos, Sete Trombetas e Sete Pragas.

Três Diferentes Teorias de Interpretação Profética

A seguir apresentamos três diferentes teorias de interpretação, lembrando que não foram os profetas bíblicos que criaram tais teorias. Elas representam diferentes opiniões de teólogos e de estudiosos da Bíblia, mas que, em hipótese alguma deveriam limitar e restringir nossa compreensão das profecias bíblicas. Deus não está limitado a estas ou a outras teorias, mas, ao mesmo tempo, Ele utiliza certos padrões proféticos que se mostram constantes, porque Ele é constante. Essa constância divina é de grande ajuda na compreensão das Suas profecias.

Preterismo: Luiz de Alcazar (1554 1613), jesuíta espanhol, usou a teoria do preterismo para enfrentar os protestantes e neutralizar as suas acusações contra a Igreja Romana. Em traços gerais, Alcazar apresentou a seguinte interpretação das profecias:

Apoc. 1 a 11 aplicam-se à rejeição dos judeus e à destruição de Jerusalém pelos romanos; Apoc. 12 a 19 significam a vitória sobre o paganismo romano e a conversão do império à igreja; Apoc. 20 aplica-se à perseguição final do anticristo, e o dia do juízo; Apoc. 21 22 refere-se à Nova Jerusalém, e descreve o glorioso triunfo da Igreja Romana; Apoc. 12 era a Igreja Apostólica da qual surgiu a Igreja Romana; em Apoc. 13 a

primeira besta refere-se à perseguidora Roma pagã, e a segunda besta é interpretada como sendo a sabedoria carnal; Apoc. 17 é a idolatria mística da antiga Roma pagã; e Apoc. 18 sua conversão à fé católica. O milênio da igreja começa com a queda da Roma pagã, antes de Constantino.[1]

Futurismo: Francisco Ribera (1537 1591), jesuíta espanhol; Roberto Bellarmino (1542 1621), Jesuíta italiano. O futurismo não adota o princípio dia-ano; o anticristo é um indivíduo judeu e não um sistema cristão apostatado; portanto, a duração do anticristo não pode ser de 1260 anos, mas de três anos e meio literais; a vinda do anticristo ainda está no futuro, e isto só acontecerá no fim do mundo; sendo que o anticristo só reinará três anos e meio, não pode se referir ao Papa, pois este já está no poder durante muito tempo.[2]

Historicismo: Os reformadores protestantes, de um modo geral, adotaram o historicismo. Os reformadores descobriram a íntima semelhança que existia entre a apostasia descrita na profecia e a história da Igreja Romana. Por isso, apontaram o papado como sendo a apostasia, o homem do pecado, o anticristo, o perseguidor chifre pequeno, a corrupta mulher de Babilônia.[3]

Neste presente estudo, utiliza-se um sistema de interpretação profética considerado como uma variante da interpretação histórica. Este comentário não destrói e nem lança dúvidas sobre nenhuma das 28 doutrinas fundamentais

[1] LeRoy E. Froom, *The Prophetic Faith of our Fathers* vol. 2, 506-509.
[2] Ibidem., 495-502.
[3] Ibidem., 463.

ensinadas pela Igreja Adventista do Sétimo Dia. Todas as 28 doutrinas básicas são mantidas intactas. A data de 1844 e o Juízo Investigativo permanecem como verdade sólida e profética que expande a nossa compreensão da doutrina do Santuário Celestial. O ano 1798 é mantido como o início do tempo do fim. Este livro também não faz nenhuma tentativa de marcar o dia e a hora da volta de Jesus. Nenhuma data é sugerida para o Decreto Dominical ou para o Fechamento da Porta da Graça.

O Apocalipse Centraliza-se no Santuário Celestial

O livro de Daniel introduz o assunto do santuário, e o Apocalipse expande-o. "Como povo, devemos ser estudantes diligentes da profecia; não devemos sossegar sem que entendamos claramente o assunto do santuário apresentado nas visões de Daniel e de João."[1] O Apocalipse é a Revelação de nosso Senhor Jesus Cristo no Santuário Celestial. Algumas das interpretações feitas por estudiosos da Bíblia antes de 1844 não estão centralizadas no Santuário Celestial. Eles não puderam entender o Apocalipse da maneira como nós o entendemos hoje porque viveram antes do desselamento do livro de Daniel. A porção selada do livro de Daniel é desselada no Apocalipse, no tempo do fim. A doutrina do Santuário Celestial seria restaurada somente no tempo do fim.

"Ao nos aproximarmos do fim da história dêste mundo, devem as profecias relativas aos últimos dias exigir

[1] Ellen G. White, *Evangelismo*, 222.

especialmente nosso estudo. O último livro dos escritos do Novo Testamento está cheio de verdades que precisamos compreender... Estudai o Apocalipse em ligação com Daniel; pois a história se repetirá."[1] "No grande conflito final, como em todas as eras anteriores, Satanás empregará os mesmos expedientes, manifetará o mesmo espírito, e trabalhará para o mesmo fim. Aquilo que foi, será, com exceção de que a luta vindoura se assinalará por uma intensidade terrível, tal como o mundo jamais testemunhou." [2]

[1] Ellen G. White, *Testemunhos para Ministros*, 116.
[2] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 13.

Capítulo 1

Revelações de Jesus Cristo

Passaram-se sessenta anos desde que João vira a Jesus pela última vez. Ele era o único sobrevivente dos doze homens escolhidos por Jesus para serem Seus discípulos. João havia enfrentado duras provas: fora aprisionado; lançado em óleo fervente e milagrosamente libertado; e finalmente fora banido para a colônia penal de Patmos.

Patmos era uma pequena ilha rochosa no arquipélago grego conhecido hoje por Patino. Está diante da costa sudoeste da Ásia Menor, aproximadamente a 60 km. de Mileto. A ilha mede cerca de 16 km. de comprimento e 10 km. de largura. Quase não tem árvores. Possui uma montanha com cerca de 270 metros de altura. Patmos era usada pelos romanos como lugar de exílio dos criminosos da mais baixa classe.

Gaio Calígula (37-41) foi o primeiro imperador a exigir a adoração de si mesmo. O próximo imperador a reivindicar adoração foi Domiciano (81-96).[1] Suetonio diz que Domiciano enviou uma carta circular aos seus procuradores, começando com essas palavras: "Nosso Mestre e nosso Deus ordena que isto seja feito."[2] Isso reflete as condições de pressão e de perseguição

[1] *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol.7, 722.
[2] Ibidem.

que os cristãos enfrentaram nos dias de João. O apóstolo João, em virtude de sua fé e testemunho da verdade, foi convocado para comparecer diante das autoridades em Roma. João deu razão de sua fé de uma maneira clara e convincente. O imperador Domiciano estava cheio de ira. João foi lançado dentro de um caldeirão óleo fervente, mas nada lhe aconteceu. Então, como última solução para fazer silenciar a voz daquele último dos discípulos de Jesus, o imperador Domiciano decretou o seu desterro. Deveria ser banido para a ilha de Patmos, sob condenação por causa da Palavra de Deus e pelo testemunho de Jesus Cristo (Apoc. 1:9). Ali, pensavam os seus inimigos, sua influência não mais seria sentida, e finalmente o apóstolo morreria em privações e em sofrimentos.

Porém, quão diferentes foram os resultados. Ao mesmo tempo que a ilha árida e rochosa no mar Egeu era, para os criminosos, realmente uma tortura, para o servo de Deus, aquela solitária habitação tornou-se a porta do Céu.

Ali, afastado das cenas da vida e dos ativos labores dos primeiros anos, João teve a companhia de Jesus e dos anjos celestiais, e deles recebeu instrução para a Igreja de Deus por todo o tempo futuro. Foram esboçados diante de João os acontecimentos que teriam lugar no final da história deste mundo. Entre as rochas e recifes de Patmos, João manteve comunhão com o Criador. Embora o cenário que o rodeava fosse desolado e árido, o céu azul que o cobria era tão luminoso e

belo como o céu de sua amada Jerusalém. Na voz de muitas águas o profeta ouvia a voz do Criador. As rochas que o cercavam, faziam-no lembrar-se de Cristo, a Rocha de Sua fortaleza, em cujo abrigo podia ele refugiar-se sem temor.[1]

"Revelação de Jesus Cristo, a qual Deus lhe deu, para mostrar aos seus servos as coisas que brevemente devem acontecer; e pelo Seu anjo as enviou, e as notificou a João Seu servo; o qual testificou da Palavra de Deus, e do Testemunho de Jesus Cristo, e de tudo o que tem visto" (Apoc. 1:1-2).

Revelação, (Gr. *Apokalupsis).* "No Apocalipse são pintadas as coisas profundas de Deus. O próprio nome dado a suas inspiradas páginas, 'revelação,' contradiz a afirmação de que é um livro selado. Revelação é alguma coisa que foi revelada. O próprio Senhor revelou a Seu servo os mistérios contidos neste livro, e propõe que seja aberto ao estudo de todos. Suas verdades são dirigidas aos que vivem nos últimos dias da história da Terra, como o foram aos que viviam nos dias de João."[2] O Apocalipse é uma complementação dos Evangelhos. Enquanto os Evangelhos relatam o ministério de Jesus na terra, o Apocalipse revela o ministério de Jesus no Céu.

"Na revelação a ele dada foram desdobradas cena após cena de empolgante interesse na experiência do povo de Deus, e a história da igreja foi desvelada até o fim dos séculos. Em figuras e em símbolos, assuntos de vasta importância foram

[1] Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, 568-577.
[2] Ibidem., 584.

apresentados a João para que os relatasse, a fim de que o povo de Deus do seu século e dos séculos futuros tivesse inteligente compreensão dos perigos e conflitos diante dêles. Esta revelação foi dada para guia e confôrto da igreja através da dispensação cristã."[1]

"Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas; porque o tempo está próximo" (Apoc. 1:3).

"Ao nos aproximarmos do fim da história deste mundo, as profecias registadas por Daniel demandam nossa especial atenção, visto relacionarem-se com o próprio tempo em que estamos vivendo. Com elas devem-se ligar os ensinos do último livro das Escrituras do Novo Testamento. Satanás tem levado muitos a crer que as porções proféticas dos escritos de Daniel e João o revelador não podem ser compreendidas. Mas a promessa é clara de que uma bênção especial acompanhará o estudo dessas profecias. 'Os sábios entenderão' (Dan. 12:10), foi dito com respeito às visões de Daniel que deveriam ser abertas nos últimos dias; e da revelação que Cristo deu a Seu servo João para guia do povo de Deus através dos séculos, a promessa é: 'Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas' (Apoc.1:3)."[2]

"O livro de Apocalipse se abre com uma ordem para

[1] Ibidem., 583.
[2] Ellen G. White, *Profetas e Reis*, 547-548.

compreendermos a instrução que ele contém. 'Bem-aventurado aquele que lê e os que ouvem as palavras desta profecia' declara Deus, 'e guardam as coisas que nela estão escritas; porque o tempo está próximo.' Quando nós, como um povo, compreendermos o que este livro para nós significa, ver-se-á entre nós grande reavivamento. Não compreendemos plenamente as lições que ele ensina, não obstante a ordem que nos é dada é de examiná-lo e estudá-lo."[1]

"Foi Gabriel, o anjo que ocupa a posição imediata ao Filho de Deus, que veio com a divina mensagem a Daniel. Foi Gabriel 'Seu anjo', que Cristo enviou a revelar o futuro ao amado João; e é proferida uma bênção sobre os que lêem e ouvem as palavras da profecia, e observam as coisas ali escritas."[2]

"É pronunciada uma bênção sôbre quem presta a devida consideração a esta comunicação. A bênção é prometida para estimular o estudo desse livro. Não devemos, de maneira alguma, cansar-nos de examiná-lo por motivo de seus símbolos aparentemente místicos. Cristo nos pode oferecer a compreensão."[3]

"João, às sete igrejas que estão na Ásia: Graça e paz seja convosco da parte daquele que é, e que era, e que há de vir, e da dos sete espíritos que estão diante do Seu trono" (Apoc.1:4).

A Ásia Menor, atualmente, Turquia, era uma província romana. Nos tempos do helenismo, nesta região tinha se

[1] Ellen G. White, *Testemunhos para Ministros*, 113.
[2] Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, 212.
[3] Ellen G. White, *Evangelismo*, 196-197.

desenvolvido o importante reino de Pérgamo, era um centro da cultura helênica. No tempos do Novo Testamento, a Ásia Menor ainda continuava sendo um forte centro da cultura greco-romana. O apóstolo Paulo dedicou muito tempo do seu ministério nessa região (Atos 18:19-21; 19:1, 10), e o sucesso dos seus labores nessa região pode ser visto através das três epístolas que ele enviou aos cristãos que viviam ali (Efésios, Colossenses, Filemom). A Ásia Menor tornou-se um forte centro cristão, principalmente após o ano 70 d.C. quando Jerusalém foi destruída. A tradição diz que João vivia em Éfeso e viajava por toda aquela área ao redor, "instituindo e ordenando bispos e colocando ordem nas Igrejas"[1] Sem dúvida, a liderança de João muito contribuiu para o crescimento do cristianismo na Ásia Menor.

Daquele que é - uma expressão aparentemente tirada da LXX de Êxodo 3:14, onde essa expressão é usada para traduzir o nome de Deus, o "Eu Sou." Assim como no Hebraico, essa expressão indica que Deus é eterno, existente por Si mesmo e incriado.

E que era - Deus existia desde a eternidade (Salmos 90:2).

E que há de vir - essa série "que é," "que era," "que há de vir," indica que a última frase poderia ser entendida como o "que será," mas, também aplica-se à segunda vinda de Jesus, aquele que "há de vir." "Na Palavra, fala-se de Deus como 'o Deus eterno.' Este nome abarca o passado, o presente, e o futuro. Deus é de eternidade a eternidade. Ele é o Eterno."[2]

---

[1] Clement de Alexandria, *Who Is the Rich Man That Shall Be Saved?*, XLII; ANF, vol. 2, 603.
[2] Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, vol. 8, 270.

Os sete Espíritos - no Apocalipse os sete Espíritos relacionam-se também com as "*sete lâmpadas de fogo*" *(Apoc.4:5)* e os "*sete olhos do Cordeiro*" *(Apoc.5:6).* Essa associação dos "sete Espíritos" com o Pai e com o Filho, implica que eles representam o Espírito Santo. O termo "sete" é uma expressão simbólica da Sua perfeição.[1]

O Número Sete na Bíblia

Gen. 2:2 Semana de sete dias
Gen. 7:2 Animais limpos foram tomados para a arca de sete em sete
Exo. 25:37 Sete lâmpadas para o candieiro
Lev. 4:6 O sangue era espargido sete vezes
Lev. 14:16 O óleo era espargido sete vezes
Lev. 23:15 Sete sábados
Lev. 23:39 Festa de sete dias
Num. 12:15 Miriam ficou sete dias fora do acampamento
Deut. 15:1 Servos eram libertos dos credores depois de sete anos
Jos. 6:4 Sete sacerdotes diante da arca, com Sete Trombetas
Jos. 6:15 Jericó foi rodeada sete vezes, no Sétimo Dia
Rute 4:15 Sete filhos
Jó 42:8 Sete bezerros e sete carneiros
Sal. 119:164 Louvor a Deus sete vezes ao dia
Atos 6:3 Sete Diáconos

[1] *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, 732

O Número Sete no Apocalipse

Apoc. 1:4 Sete Igrejas
Apoc. 1:4 Sete Espíritos
Apoc. 1:12 Sete Candieiros
Apoc. 1:16 Sete Estrelas
Apoc. 4:5 Sete Lâmpadas
Apoc. 5:1 Sete Selos
Apoc. 5:6 Sete Pontas
Apoc. 5:6 Sete Olhos
Apoc. 8:2 Sete Anjos
Apoc. 8:2 Sete Trombetas
Apoc. 10:3 Sete Trovões
Apoc. 12:3 Sete Cabeças
Apoc. 12:3 Sete Coroas
Apoc. 15:1 Sete Anjos
Apoc. 15:1 Sete Pragas
Apoc. 17:9 Sete Montes
Apoc. 17:9 Sete Reis
Apoc. 1:3 Sete Bem-aventuranças (14:13; 16:15; 19:9; 20:6; 22:7, 14)

Sete é a palavra favorita no alfabeto de Deus. Há sete dias na semana; sete notas na música; sete cores no arco-íris.[1] O número sete é a própria assinatura de Deus. "O número sete indica plenitude,"[2] e perfeição.

[1] Henry H. Halley, *Halley's Bible Handbook*, (Grand Rapids, MI.: Zondervan, 1962), 688.
[2] Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, 585.

Sete Revelações da Natureza e Obra do Cordeiro

1. O Sangue do Cordeiro (Apoc. 5:8-9; 7:14;12:11)
2. O Livro da Vida do Cordeiro (Apoc. 13:8; 21:27)
3. Os Apóstolos do Cordeiro (Apoc. 21:14)
4. A Noiva do Cordeiro (Apoc. 21:9)
5. As Bodas do Cordeiro (Apoc. 19:7)
6. O Trono do Cordeiro (Apoc.22:3)
7. A Ira do Cordeiro (Apoc. 6:16)[1]

A palavra Cordeiro aparece no Apocalipse pelos menos 28 vezes (4x7). A mensagem central deste livro é a Revelação do Cordeiro de Deus e Sua obra no Santuário do Céu.

"E da parte de Jesus Cristo, que é a Fiel Testemunha, o Primogênito dos mortos e o Príncipe dos reis da terra. Aquele que nos ama, e em Seu sangue nos lavou dos nossos pecados" (Apoc. 1:5).

Fiel Testemunha - Jesus representa perfeitamente o caráter, a mente, e a vontade de Deus o Pai. Sua vida sem pecado em meio aos pecadores e Sua morte sacrifical testifica da santidade e amor do Pai (João 1:1, 14; 14:10).

Primogênito dos mortos a palavra grega usada para primogênito é *prototokos*, e é aplicada a Jesus sete vezes no Novo Testamento. Tem dois significados, literal e espiritual:

[1] Wim Malgo, *Seven Letters From Heaven* (West Columbia, SC: Midnight Call, 1984), 5, 6.

Literal: o primeiro filho. Neste sentido é aplicado a Jesus duas vezes, Lucas 2:7 e Mateus 1:25 “E deu à luz a seu Filho primogênito, e envolveu-O em panos, e deitou-O numa manjedoura.” “E não a conheceu até que deu à luz seu Filho, o primogênito, e pôs-Lhe o nome de Jesus.”

Espiritual: nas cinco outras vezes a palavra *prototokos* é usada no sentido espiritual, simbólico significando: Escolhido, Superioridade, Excelência de Caráter, Supremacia, Dignidade, Importância. Neste caso, levava-se em conta a excelência de caráter, e indicava Preeminência Espiritual. A Bíblia dá alguns exemplos de Primogenitura Espiritual com base na Excelência e Dignidade do Caráter de Jesus:

“O Primogênito entre muitos irmãos” (Rom. 8:29).
“O Primogênito de toda a criação” (Col. 1:15).
“O Primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a Preeminência” (Col. 1:18)
“E quando outra vez introduz no mundo o Primogênito, diz: e todos os anjos de Deus O adorem” (Heb. 1:6).
“O Primogênito dos mortos” (Apoc. 1:5).

A Bíblia dá diversos exemplos de Primogenitura Espiritual com relação a outros personagens bíblicos:

José - Ruben, era o primogênito, porém deu-se a primogenitura a José (I Cron.5:1-2).

Efraim - Manassés, filho de José era o primogênito, porém

Jacó escolheu Efraim (Gen. 41:51; 48:18-19; Jer. 31:9);

Jacó - Esaú era o primogênito, porém Deus escolheu a Jacó (Exo. 4:22);

Davi - Eliabe era o primogênito de Jessé, mas Deus escolheu a Davi (I Sam. 17:13; 16:12; Sal. 89:20-27);

Salomão - Amnon era o primogênito de Davi, mas foi morto (II Sam. 3:2) e Salomão foi constituído rei e não Adonias, o mais velho (I Reis 1:5, 32, 43; II Sam. 3:4).

Cinco vezes a palavra "primogênito" é aplicada a Jesus no sentido figurativo, simbólico; uma referência ao Escolhido de Deus, o Primeiro na classificação da raça humana. Realça Sua Dignidade, Supremacia e Primazia Espiritual.

Jesus Se tornou o Primogênito entre muitos irmãos na Sua encarnação, "*quando outra vez introduz no mundo o Primogênito*" *(Heb.1:8),* por causa de Sua Excelência de Caráter e Dignidade.

Primogênito dos mortos, significa que Jesus é "as primícias dos mortos," o mais importante dentre todos os que passaram pela morte, cuja ressurreição é o tipo e penhor da ressurreição de todos os mortos. Jesus é aquele de quem todos os mortos dependem, porque Ele é a ressurreição e a vida. Jesus não foi o primeiro a morrer; não foi o primeiro a ressuscitar, mas é o Primogênito dos mortos por ser o Deus encarnado (João 1:14); a fonte da vida (João 1:4, 3; 14:6); a ressurreição e a vida (João

11:25). À luz destes textos bem podemos nos regozijar em que Jesus tenha alcançado a Preeminência entre os irmãos, conforme Colossenses 1:18.

"Cristo ressurgiu dos mortos como as primícias dos que dormem. Era representado pelo molho movido, e Sua ressurreição teve lugar no próprio dia em que o mesmo devia ser apresentado perante o Senhor. Por mais de mil anos esta simbólica cerimônia fora realizada. Das searas colhiam-se as primeiras espigas de grãos maduros, e quando o povo subia a Jerusalém, por ocasião da páscoa, o molho das primícias era movido como uma oferta de ação de graças perante o Senhor. Enquanto essa oferenda não fosse apresentada, a foice não podia ser metida aos cereais, nem estes serem reunidos em molhos. O molho dedicado a Deus representava a colheita. Assim Cristo, as primícias, representava a grande messe espiritual a ser colhida para o reino de Deus. Sua ressurreição é o tipo e o penhor da ressurreição de todos os justos mortos."[1]

O Príncipe dos reis da terra - o domínio deste mundo pertence a Jesus. Embora Satanás tenha se proclamado o *"príncipe deste mundo"* (Mateus 4:9; João 14:30), Jesus é o legítimo Miguel, o grande Príncipe (Dan. 12:1); a Ele se erguem todos os louvores e honra (Apoc.5:13).

"Adão deveria reinar em sujeição a Cristo. Ao atraiçoar Adão Sua soberania, entregando-a às mãos de Satanás, Cristo

[1] Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, 754, ênfase minha.

permaneceu ainda, de direito, o Rei. Satanás só pode exercer sua autoridade usurpada segundo Deus lho permita. Quando o tentador ofereceu a Cristo o reino e a glória do mundo, estava propondo que Ele renunciasse à verdadeira soberania do mesmo e mantivesse o domínio em sujeição a Satanás."[1]

"Quando Cristo volver de novo à Terra, não como Preso rodeado pela plebe, hão de vê-Lo os homens. Hão de vê-Lo então como o Rei do Céu. Cristo virá em Sua própria glória, na glória do Pai e na dos santos anjos."[2]

"O Príncipe do Céu estava entre Seu povo. O maior dom de Deus fora concedido ao mundo. Regozijo para os pobres; pois Cristo viera torná-los herdeiros de Seu reino. Regozijo para os ricos; pois lhes ensinaria a obter as riquezas eternas. Regozijo aos ignorantes; torná-los-ia sábios para a salvação. Regozijo aos instruídos; desvendar-lhes-ia mistérios mais profundos do que os que já haviam penetrado."[3]

"Aquele que nos ama e em Seu sangue nos lavou dos nossos pecados" (Apoc. 1:5).

"Cristo foi tratado como nós merecíamos, para que pudéssemos receber o tratamento a que Ele tinha direito. Foi condenado pelos nossos pecados, nos quais não tinha participação, para que fôssemos justificados por Sua justiça, na qual não tínhamos parte. Sofreu a morte que nos cabia, para que recebêssemos a vida que a Ele pertencia. 'Pelas Suas pisaduras

[1] Ibidem., 113.
[2] Ibidem., 710.
[3] Ibidem., 255, ênfase minha.

fomos sarados.'... Ao tomar a nossa natureza, o Salvador ligou-Se à humanidade por um laço que jamais se partirá. Ele nos estará ligado por toda a eternidade. 'Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito.' Não O deu somente para levar os nossos pecados e morrer em sacrifício por nós; deu-O à raça caída... Deus deu Seu Filho unigênito a fim de que Se tornasse membro da família humana, retendo para sempre Sua natureza humana."[1]

A dádiva celestial foi tão grande, tão perfeita, que em si mesma elimina todas as dúvidas e desconfianças do amor de Deus. Não pode haver nenhuma sombra de dúvida em relação a quanto e quão profundamente Deus nos ama. Deus não Se propôs a simplesmente resolver o problema do pecado, antes deu-Se a Si mesmo, envolveu-Se a tal ponto com a família dos pecadores, que ficou impossível voltar atrás. Tornou-Se para todo sempre membro da família humana.

"Por Sua relação humana para com os homens, Cristo os atraiu bem achegados a Deus. Revestiu Sua natureza divina da vestidura humana, e demonstrou perante o universo celeste, perante os mundos não caídos, quanto ama Deus aos filhos dos homens. O dom de Deus ao homem excede a toda estimativa. Não foi retida coisa alguma. Deus não permitiria que se dissesse, que Ele poderia haver feito mais ou revelado à humanidade maior amor. No dom de Cristo, deu Ele todo o Céu."[2]

---

[1] Ibidem., 21, ênfase minha.
[2] Ellen G. White, *Filhos e Filhas de Deus*, 11, ênfase minha.

"Em Cristo se acham ligadas a família da Terra e a do Céu. Cristo glorificado é nosso irmão... A Terra, o próprio campo que Satanás reclama como seu, será não apenas redimido, mas exaltado. Nosso pequenino mundo, sob a maldição do pecado, a única mancha escura de Sua gloriosa criação, será honrado acima de todos os outros mundos do universo de Deus. Aqui, onde o Filho de Deus habitou na humanidade; onde o Rei da glória viveu e sofreu e morreu, aqui, quando Ele houver feito novas todas as coisas, será o tabernáculo de Deus com os homens..."[1]

"Este é o mistério da piedade. Haver Cristo tomado a natureza humana, e por uma vida de humilhação elevado o homem na escala do valor moral para com Deus; o levar Ele a natureza que adotara ao trono do Senhor, e aí apresentar Seus filhos ao Pai; o ser conferida a êles uma honra maior que a dos anjos, eis a maravilha do universo celeste, o mistério para o qual os anjos desejam atentar."[2]

"Aqueles que, no poder de Cristo, vencerem o grande inimigo de Deus e do homem, ocuparão nas cortes celestes uma posição acima dos anjos não caídos."[3]

"E nos fez reis e sacerdotes para Deus e Seu Pai; a Ele glória e poder para todo o sempre. Amém" (Apoc. 1:6).

"Durante os mil anos entre a primeira e a segunda ressurreição, ocorre o julgamento dos ímpios. O apóstolo Paulo

[1] Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, 21, 22, ênfase minha.
[2] Ellen G. White, *Filhos e Filhas de Deus*, 22, ênfase minha.
[3] Ibidem, 242.

indica este juízo como um acontecimento a seguir-se ao segundo advento... (I Cor. 4:5). Daniel declara que quando veio o Ancião de Dias, 'foi dado o juízo aos santos do Altíssimo' (Dan. 7:22). Nesse tempo os justos reinam como reis e sacerdotes de Deus. João, no Apocalipse diz: 'Vi tronos; e assentaram-se sobre eles, e foi-lhes dado o poder de julgar.' 'serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com Ele mil anos' (Apoc. 20:4, e 6)."[1]

Deus constituiu Sua igreja para ser um reino de sacerdotes (Êxo.19:6; Apoc. 5:10; I Pedro 2:5, 9). Cada cristão é um sacerdote; este é o sacerdócio de todos os crentes. Porém, não somente durante o Juízo dos mil anos; não somente no sacerdócio de todos os crentes do Novo Testamento, mas especialmente no Juízo Investigativo existe um reino de sacerdotes constituído.

Dentre aqueles que compunham a multidão que ressuscitou com Jesus (Mateus 27:50-53), e ascenderam com Ele ao céu como primícias dos mortos,[2] dentre estes, Deus escolheu os vinte quatro anciãos que se assentam sobre os vinte e quatro tronos como sacerdotes (Apoc. 4:4; 5:9, 10), e participam do Juízo Investigativo iniciado em 1844. Eles foram comprados da terra e constituídos sacerdotes para Deus e o Cordeiro. João os viu com salvas de ouro nas mãos, cheias de incenso, e esta é uma indicação de que eles são seres humanos glorificados:

"*Tendo todos eles harpas e salvas de ouro cheias de incenso, que são*

[1] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 660, 661.
[2] Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, 754.

as orações dos santos. E cantavam um novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o Livro, (selado com sete selos) *e de abrir os seus selos* (iniciar o Juízo Investigativo); *porque foste morto, e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda a tribo, e língua, e povo, e nação; e para o nosso Deus os fizestes reis e sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra" (Apoc. 5:8,9, 10).*

"Eis que vem com as nuvens, e todo o olho O verá, até os mesmos que O traspassaram; e todas as tribos da terra se lamentarão sobre Ele. Sim. Amem" (Apoc.1: 7).

"Então Se assentará no trono de Sua glória, e diante Dele se congregarão as nações. Então todo olho O verá, e também os que O traspassaram. Em lugar de uma coroa de espinhos, terá uma de glória, uma coroa dentro de outra. Em lugar do velho vestido real de púrpura, trajará vestes do mais puro branco, 'tais como nenhum lavandeiro sobre a Terra os poderia branquear.' E nas vestes e na Sua coxa estará escrito um nome: 'Rei dos reis, e Senhor dos senhores.' Os que Dele zombaram e O feriram, ali estarão. Os sacerdotes e príncipes contemplarão novamente a cena do tribunal. Cada circunstância há de aparecer diante deles, como se escrita com letras de fogo."[1]

Eis que vem com as nuvens - "Ao subir mais e mais, os assombrados discípulos, numa tensão visual, buscam um último vislumbre de seu Senhor assunto. Uma nuvem de glória O oculta aos seus olhos; e, ao recebê-Lo o carro da nuvem de anjos,

[1] Ibidem., 711, ênfase minha.

soam-lhes ainda aos ouvidos as palavras: 'Eis que Eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos.'"[1]

Assim como Cristo ascendeu em nuvens de anjos, assim Ele também voltará acompanhado por uma nuvem de anjos.

"Logo apareceu a grande nuvem branca. Pareceu-me mais adorável que nunca antes. Nela assentado estava o Filho do homem. A princípio não vimos a Jesus na nuvem, mas, ao aproximar-se da Terra, pudemos contemplar Sua amorável pessoa. Esta nuvem, quando no princípio apareceu, era o sinal do Filho do homem no céu."[2]

"Surge logo no Oriente uma pequena nuvem negra, aproximadamente da metade do tamanho da mão de um homem. É a nuvem que rodeia o Salvador, e que, a distância, parece estar envolta em trevas. O povo de Deus sabe ser esse o sinal do Filho do homem. Em solene silêncio, fitam-na enquanto se aproxima da Terra mais e mais brilhante e gloriosa, até se tornar grande nuvem branca, mostrando na base uma glória semelhante ao fogo consumidor e encimada pelo arco-íris do concerto. Jesus, na nuvem, avança como poderoso vencedor."[3]

E todo o olho O verá - "E, demais, não será permitido a Satanás imitar a maneira do advento de Cristo. O Salvador advertiu Seu povo contra o engano neste ponto, e predisse

[1] Ibidem., 794, 795, ênfase minha.
[2] Ellen G. White, *Primeiros Escritos*, 35.
[3] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 640, 641.

claramente o modo de Sua segunda vinda... (Mateus 24:24-27). Não há possibilidade de ser imitada esta vinda. Será conhecida universalmente, testemunhada pelo mundo inteiro."[1]

Apoc. 1:7 e Daniel 12:2 falam de uma Ressurreição Especial. Um pouco antes da volta de Jesus ocorrerá uma Ressurreição Especial que inclui todos os justos mortos desde 1844, isto é, aqueles que morreram crendo na mensagem do terceiro anjo, mais aqueles ímpios que participaram dos sofrimentos e crucifixão de Jesus.

"Abrem-se sepulturas, e 'muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e desprezo eterno' (Dan.12:2). Todos os que morreram na fé da mensagem do terceiro anjo saem do túmulo glorificados para ouvirem o concerto de paz, estabelecido por Deus com os que guardaram a Sua lei. 'Os mesmos que O traspassaram' (Apoc.1:7), os que zombaram e escarneceram da agonia de Cristo, e os mais acérrimos inimigos de Sua verdade e povo, ressuscitam para contemplá-Lo em Sua glória, e ver a honra conferida aos fiéis e obedientes."[2]

"Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, diz o Senhor, que é, e que era, e que há de vir, o Todo-poderoso" (Apoc. 1:8).

O Eu Sou - do grego, *ego eimi.* Esta expressão é encontrada repetidamente na LXX como a tradução do hebraico, *ani hu'*, "Eu Sou." João relata que Jesus, nos momentos cruciais de Sua

[1] Ibidem., 625, ênfase minha.
[2] Ibidem., 637, ênfase minha.

vida, usou diversas vezes essa expressão. Para afirmar Sua pré-existente divindade Jesus declarou: *"Antes que Abraão existisse, Eu Sou" (João 8:58).* Os judeus entenderam muito bem que Jesus estava Se proclamando Deus, por isso pegaram pedras para apedrejá-Lo.

"Com solene dignidade respondeu Jesus. 'Em verdade, em verdade vos digo que, antes que Abraão existisse, Eu Sou.' Fez-se silêncio na vasta assembléia. O nome de Deus, dado a Moisés para exprimir a idéia da presença eterna, fora reclamado como Seu pelo Rabi da Galiléia. Declarara-Se Aquele que tem existência própria, Aquele que fora prometido a Israel, 'cujas saídas são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade.'... Porque Ele era e confessava ser o Filho de Deus, intentavam matá-Lo. Então, muitos dentre o povo, pondo-se do lado dos sacerdotes e rabinos, apanharam pedras para Lhe atirarem."[1]

"Por isso Eu vos disse que morrereis nos vossos pecados; porque se não credes que Eu Sou morrereis nos vossos pecados" (João 8:24).

"Porque agora vo-lo digo, antes que aconteça, para que, quando acontecer, acrediteis que Eu Sou" (João 13:19).

"Responderam-Lhe: a Jesus Nazareno. Disse-lhes Jesus: Sou Eu... Quando, pois, lhes disse: Sou Eu, recuaram e cairam por terra" (João 18:5, 6). "Jesus disse: Sou Eu. Ao serem proferidas essas palavras, o anjo que há pouco estivera confortando a Jesus

[1] Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, 454.

interpôs-se entre Ele e a multidão. Uma luz divina iluminou o rosto do Salvador, e uma como que pomba pairou sobre Ele. Em presença dessa divina glória, a turba assassina não pôde permanecer um momento. Cambalearam em recuo. Sacerdotes, anciãos, soldados e o próprio Judas caíram como mortos por terra."[1]

"Eu Sou" significa que o seu possuidor é o Eterno, Existente por Si mesmo, Incriado. Este foi o nome pelo qual Deus Se revelou a Moisés no deserto (Êxo. 3:14).

"Foi Cristo que do Monte Horebe falou a Moisés, dizendo: 'Eu Sou o que Sou'... Assim dirás aos filhos de Israel: 'Eu Sou me enviou a vós.' Foi este o penhor da libertação de Israel. Assim quando Ele veio 'semelhante aos homens,' declarou ser o Eu Sou. O infante de Belém, o manso e humilde Salvador, é Deus manifestado 'em carne.' A nós nos diz: 'Eu Sou o Bom Pastor; Eu Sou o Caminho, a Verdade e a Vida; É- Me dado todo poder no céu e na terra; Eu Sou a certeza da promessa; Sou eu, não temais; 'Deus conosco (Emanuel) é a certeza da nossa libertação do pecado, a segurança de nosso poder para obedecer a Lei do céu."[2]

"Alfa e Ômega, o princípio e o fim, o Senhor que é, que era, e que há de vir" (Apoc. 1:8).

A primeira e a última letra do alfabeto grego, e tem o mesmo significado de "o princípio e o fim," ou "o primeiro e o último"

[1] Ibidem., 666, ênfase minha.
[2] Ibidem., 20.

(Apoc. 22:13).

"Jesus era a luz de Seu povo, a luz do mundo, antes que viesse à Terra sob a forma humana. O primeiro raio de luz a penetrar a sombra em que o pecado envolveu o mundo, veio de Cristo. E Dele tem vindo todo raio do fulgor celestial que tem incidido sobre os habitantes da Terra. No plano da redenção, Cristo é o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Derradeiro."[1]

"Eu, João, que também sou vosso irmão, e companheiro na aflição, e no reino, e paciência de Jesus Cristo, estava na ilha chamada Patmos, por causa da Palavra de Deus, e pelo Testemunho de Jesus Cristo" (Apoc. 1:9).

A primeira perseguição imperial contra os cristãos foi a de Nero (64-67 d.C.); a segunda foi a de Domiciano (95 d.C.).[2] De acordo com Suetônio, o imperador Domiciano chamava-se a si mesmo de *"Deus et Dominus"*, "Deus e Senhor." Plínio declara que Domiciano tomava qualquer desconsideração para consigo como uma ofensa contra sua divindade. Em razão de os cristãos recusarem reconhecê-lo como deus, é dito que ele teria declarado: "Eu os aniquilarei." Essa perseguição foi curta mas muito severa. Calcula-se que mais de 40.000 cristãos foram torturados e mortos nessa perseguição; essa foi a perseguição em que João foi banido para a ilha de Patmos. A terceira perseguição imperial foi a de Trajano (98 d.C.).[3]

Sou vosso irmão e companheiro na aflição - "Todos quantos

[1] Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, 382.
[2] Henry H. Halley, *Halley's Bible Handbook*, 686.
[3] Ibidem.

nasceram na família celestial são, em sentido especial, irmãos de nosso Senhor. O amor de Cristo liga os membros de Sua família, e onde quer que esse amor se manifeste, aí se revela a relação divina. 'Qualquer que ama é nascido de Deus' (I João 4:7)."[1]

"Na última década do primeiro século d.C., João, o discípulo amado, pastoreou as igrejas da Ásia Menor, e sua sede ficava em Éfeso. Posteriormente, ele foi preso, levado a Roma, julgado pelo imperador Domiciano e lançado num caldeirão de azeite fervente. Foi tirado ileso de lá e exilado para a ilha de Patmos."[2] Escrevendo aproximadamente cem anos mais tarde, Tertuliano, presbítero de Cartago, afirmou o seguinte: "Já que, além disso, está perto da Itália, você tem Roma, da qual nos chega às mãos a própria autoridade [dos apóstolos] . . ., onde o apóstolo João foi primeiro lançado, ileso, em azeite fervente, e enviado de lá ao seu exílio na ilha."[3]

"João foi enviado para a ilha de Patmos, onde, separado dos seus companheiros de fé, seus inimigos supunham que ele morreria pela privação e pelo abandono. Porém João fez amigos e conversos mesmo lá. Seus inimigos pensaram que tinham posto a fiel testemunha num lugar onde ele não mais poderia perturbar Israel ou os ímpios governantes do mundo. No entanto, todo o universo celestial viu os resultado do conflito com o idoso discípulo e a sua separação dos companheiros de fé. Deus e Cristo e as hostes celestiais foram os companheiros de João na ilha de Patmos."[4]

---

[1] Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, 614.
[2] Joseph J. Battistone, *Lição da Escola Sabatina*, 2º trimestre, 1ª parte, 1989, 18.
[3] Ibidem
[4] *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, 954-955.

"Os servos de Cristo que são fiéis e verdadeiros podem não ser reconhecidos e honrados pelos homens..., mas o Senhor os honrará. Eles não serão esquecidos por Deus. Ele os honrará com Sua presença porque eles foram achados fiéis e verdadeiros.

Naquela árida e desolada ilha João foi deixado a sós com Deus e sua fé. Em meio às rochas e penhascos ele manteve comunhão com o seu Criador."[1]

"João foi lançado dentro de um caldeirão de óleo fervente; mas o Senhor preservou a vida de Seu fiel servo, da mesma maneira como preservara a dos três hebreus na fornalha ardente... E João foi retirado do caldeirão pelos mesmos homens que ali o haviam lançado. De novo a mão da perseguição caiu pesadamente sobre o apóstolo. Por decreto do imperador foi João banido para a ilha de Patmos."[2]

"Estêvão foi apedrejado; Tiago morto à espada; Paulo foi decapitado; Pedro, crucificado; João, exilado. Contudo a igreja cresceu. Novos obreiros tomaram o lugar daqueles que caíram, e pedra sobre pedra foi acrescentada ao edifício."[3]

Na ilha chamada Patmos - uma prisão mais cruel não poderia ter sido encontrada no Império Romano para um homem com mais de 90 anos, de instintos sociais plenamente desenvolvidos, moral refinada, inteligência cultivada e elevadas aspirações religiosas. Sua vida, no cálculo do tirano Domiciano, seria curta,

[1] Ibidem.
[2] Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, 570.
[3] Ibidem., 597.

porém, penosa, exposto às severas privações e durezas de um tal exílio.[1]

"Eu fui arrebatado em espírito no dia do Senhor, e ouvi detrás de mim uma grande voz, como de trombeta" (Apoc. 1:10).

Embora João estivesse na ilha de Patmos, Jesus não o encontrou na ilha de Patmos, mas no Céu, para onde ele foi arrebatado em espírito.

No dia do Senhor - expressão grega *kuriake hemera.* Considerando que a Bíblia é a melhor intérprete de si mesma, é prudente e sábio permitir que a Bíblia explique qual é o Dia do Senhor. Em Isaías 58:13-14 lemos:

"Se desviares o teu pé do Sábado, e de fazer a tua vontade no meu Santo Dia, e se chamares ao Sábado deleitoso, e Santo Dia do Senhor, digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, nem pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falar as tuas próprias palavras, então te deleitarás no Senhor, e te farei calvalgar sobre as alturas da terra, e te sustentarei com a herança de teu pai Jacó; porque a boca do Senhor o disse."

"Foi no sábado que o Senhor da glória apareceu ao exilado apóstolo. O sábado era tão religiosamente observado por João em Patmos como quando estava pregando ao povo nas cidades e vilas da Judéia."[2]

---

[1] *Lição da Escola Sabatina*, 2º trimestre, 1974, 9.
[2] Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, 581.

"Patmos tornou-se resplendente com a glória do Salvador ressurrecto. João tinha visto Cristo na forma humana, com as marcas dos pregos nas mãos e nos pés, que para sempre serão Sua glória. Agora, foi-lhe permitido novamente contemplar o seu Salvador ressuscitado, revestido com uma glória muito maior do que a que um ser humano poderia contemplar e viver.

Que sábado não foi aquele para o solitário exilado, sempre precioso aos olhos de Cristo, mas agora, mais do que nunca exaltado! Nunca tinha ele aprendido tanto de Jesus. Nunca tinha ele ouvido sobre tão elevada verdade."[1]

"Que dizia: O que vês, escreve-o num livro, e envia-o às sete igrejas que estão na Ásia: a Éfeso, e a Esmirna, e a Pérgamo, e a Tiatira, e a Sardo, e a Filadélfia, e a Laodicéia" (Apoc. 1:11).

Estas sete cidades estavam ligadas por uma grande estrada triangular, e elas são mencionadas de acordo com a sua ordem geográfica. Éfeso era a principal cidade, enquanto Pérgamo era a capital política. Somente Éfeso aparece como uma das igrejas no Novo Testamento, mas Tiatira é mencionada como sendo o lar de Lídia (Atos 16:14); e Laodicéia é mencionada também como uma igreja para a qual Paulo escreveu uma epístola, que foi perdida (Col. 4:13-16). As outras não são mencionadas no Novo Testamento.[2]

"Foi Cristo quem ordenou ao apóstolo relatar o que lhe deveria ser revelado... Os nomes das sete igrejas são símbolos da

[1] Ellen G. White, *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol.7, 955.
[2] Henry H. Halley, *Halley's Bible Handbook*, 687, 688.

igreja em diferentes períodos da era cristã. O número sete indica plenitude, e simboliza o fato de que as mensagens se estendem até o fim do tempo, enquanto os símbolos usados revelam o estado da igreja nos diversos períodos da história do mundo."[1]

As sete igrejas são a primeira série de sete no Apocalipse. Existiam outras igrejas cristãs na província da Ásia Menor. O fato de ter Deus escolhido especificamente estas sete leva-nos a conclusão de que estas sete igrejas, com seus respectivos nomes e características, simbolizavam as condições do cristianismo como um todo, tanto na era apostólica como também nas eras futuras, estendendo-se até os últimos dias. As sete igrejas, portanto, significam:

1. Sete igrejas locais na Ásia Menor
2. Sete diferentes períodos da Igreja de Deus na Terra
3. Sete condições que a Igreja Cristã enfrentaria

"Na revelação a ele dada foram desdobradas cena após cena de empolgante interesse na experiência do povo de Deus, e a história da igreja foi desvelada até o fim dos séculos. Em figuras e símbolos, assuntos de vasta importância foram apresentados a João para que os relatasse, a fim de que o povo de Deus do seu século e dos séculos futuros tivesse inteligente compreensão dos perigos e conflitos diante deles. Esta revelação foi dada para guia e conforto da igreja através da dispensação cristã."[2]

[1] Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, 585.
[2] Ibidem., 583.

"E virei-me para ver quem falava comigo. E, virando-me, vi sete castiçais de ouro; e no meio dos castiçais um semelhante ao Filho do homem, vestido até aos pés de um vestido comprido, e cingido pelos peitos com um cinto de ouro" (Apoc. 1:12-13).

Os sete castiçais, que representam as igrejas, estão no céu, ou seja, no Santuário Celestial. As revelações do Apocalipse estão centralizadas no Santuário do Céu, e não são somente revelações que vem de Jesus, mas, especialmente sôbre Jesus e Seu Ministério Celestial. Ele é a figura central; o livro revela quem Ele é; o Apocalipse é um testemunho referente ao papel, função e posição de Jesus na grande controvérsia contra Satanás. Os títulos e nomes aplicados a Jesus no Apocalipse sempre são descritivos; em Apoc. 1:5 e 6, por exemplo, a ênfase é colocada em Cristo como *"a fiel testemunha," "o primogênito dos mortos,"* e *"Aquele que nos ama e em Seu sangue nos lavou dos nossos pecados," "o Príncipe dos reis da terra," "e nos fez reis e sacerdotes para Deus."* Todos êsses títulos tem a ver com o ministério de Jesus no Santuário Celestial, mas o fundamento de tudo é a cruz de Cristo. A cruz é o fundamento e alicerce do ministério de Jesus no Santuário do Céu. A cruz de Cristo dá consistência e é a razão de ser do Seu Ministério Celestial.

Assim como no santuário terrestre do Antigo Testamento, o cordeiro era morto e oferecido em sacrifício no pátio do santuário, Jesus também deveria ser sacrificado no pátio exterior do Santuário do Céu. Em Apoc. 11:1-2 Deus mostrou a João o

Santuário do Céu, e ordenou-lhe que medisse o santuário, mas deixasse de fora o pátio para ser pisado pelas nações. O pátio do Santuário do Céu é o planeta Terra, e o altar de sacrifício é o monte do Calvário onde Jesus foi crucificado.

Tanto o Antigo como o Novo Testamento ensinam que o trabalho de Jesus pela família humana não terminou na cruz do Calvário. O sacrifício de Jesus foi completo e todo suficiente para salvação de todo aquele que crê, mas ali cumpriu-se unicamente a primeira fase da expiação, a morte do Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo; Jesus ascendeu ao Céu para dar início à segunda fase da expiação, representada pelo ministério intecessório realizado pelos sacerdotes, diariamente, no Lugar Santo do santuário terrestre (Hebreus 9:11-12, 24; 8:1-2; 4:14-16). Tudo no Apocalipse gira em torno do Santuário Celestial. Na primeira cena vista por João (Apoc.1:12) foi-lhe mostrado os sete castiçais. Já no primeiro capítulo Jesus conduz a mente do profeta ao Santuário do Céu, onde Ele aparece vestido como Sumo Sacerdote, no meio dos sete castiçais, uma referência ao Lugar Santo.[1]

A expressão vestes talares ou vestido comprido constituem a tradução de uma palavra grega que designa o longo manto azul usado pelo sumo sacerdote israelita em seu ministério diário no Lugar Santo (Exo. 28:4, 31; 29:5; 39:22). O peito do sumo sacerdote israelita era coberto pela estola sacerdotal, pelo cinto de ouro dessa estola e pelo peitoral. Cada um destes artigos do

[1] Clifford Goldstein, *Between the Lamb and the Lion* (Nampa, Idaho: Pacific Press, 1995), 32.

vestuário estava entretecido de fios de ouro.[1]

"Quanto mais importante não é que neste dia antitípico da expiação compreendamos a obra de nosso Sumo Sacerdote, e saibamos quais os deveres que de nós se requerem... A intercessão de Cristo no Santuário Celestial, em prol do homem, é tão essencial ao plano da redenção, como o foi Sua morte sobre a cruz. Pela Sua morte iniciou essa obra, para cuja terminação ascendeu ao Céu, depois de ressurgir. Pela fé devemos penetrar até o interior do véu, onde nosso Precursor entrou por nós... Ali podemos obter intuição mais clara dos mistérios da redenção."[2]

As revelações feitas a João apontam para as atividades de Jesus no Santuário Celestial. O livro de Daniel introduz o assunto do santuário e o Apocalipse expande-o. Se os livros de Daniel e Apocalipse são um e falam dos mesmos assuntos,[3] então é de se esperar que o assunto do santuário seja, de fato, a mensagem central do Apocalipse. É prudente usar de cautela para não transformar o Apocalipse num livro somente histórico, pois não o é.

Quando Jesus ascendeu ao Céu, a primeira fase da expiação estava completa e perfeita. Jesus iniciou então, no dia do Pentecostes, cinqüenta dias após Sua ressurreição, a segunda fase da expiação. Neste exato dia Jesus foi entronizado no Santuário Celestial como nosso Sacerdote, obra que se

[1] Joseph J. Battistone, *Lição da Escola Sabatina*, 2º trimestre, 1ª parte, 1989, 22.
[2] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 431, 489.
[3] Ellen G. White, *Testemunhos para Ministros*, 117.

estenderia por todo o período coberto pelas Sete Igrejas. Temos que ficar atentos para ver o exato momento em que Jesus dá início à terceira fase da expiação, o Juízo, representado no santuário terrestre pela entrada do sumo sacerdote no Lugar Santíssimo (Hebreus 9:1-7). Se o Juízo Investigativo, a Purificação do Santuário Celestial, é o assunto central no livro de Daniel, com certeza também o é no Apocalipse.

"Como povo, devemos ser estudantes diligentes da profecia; não devemos sossegar sem que entendamos claramente o assunto do santuário, apresentado nas visões de Daniel e de João. Este assunto verte muita luz sobre nossa atitude e nossa obra atual, e dá-nos prova irrefutável de que Deus nos dirigiu em nossa experiência passada. Explica nosso desapontamento de 1844 . . ."[1]

"Um semelhante ao Filho do homem, vestido até aos pés de um vestido comprido e cingido pelos peitos com um cinto de ouro" (Apoc. 1:13).

Filho do Homem no grego *Huios anthropou.* É a mesma expressão aramaica *kebar 'enash* encontrada em Daniel 7:13. Em Daniel 7:13 o Filho do Homem é mencionado no contexto do Santuário Celestial, e mais especificamente, no contexto do início do Juízo Investigativo. Em Apoc. 1:13 o contexto também é o Santuário Celestial. A expressão "Filho do homem" é aplicada a Jesus mais de 80 vezes no Novo Testamento.

[1] Ellen G. White, *Evangelismo*, 222, 223.

Quando Jesus glorificado apareceu a João em Seu esplendor, Ele ainda Se revelou na semelhança de um ser humano. Jesus tem uma pré-existência eterna como a segunda Pessoa da Divindade. Jesus assumiu a natureza humana, sem perder, e sem renunciar a natureza divina. Ambas estão misteriosamente unidas na mesma Pessoa para todo o sempre. No entanto, Jesus ainda prefere Se revelar como nosso Irmão na Sua humanidade, embora Ele seja, ao mesmo tempo Deus Eterno.

Jesus gosta de ser identificado como Filho do homem. "Ele podia ter vindo à Terra como alguém com notável aparência, diferente dos filhos dos homens. . . . Isto não estava, porém, de acordo com o plano elaborado nas cortes de Deus. Ele devia possuir as características da família humana e da raça judaica. Em todos os aspectos o Filho de Deus devia ter as mesmas feições que os outros seres humanos."[1]

"A beleza de Seu semblante, a amabilidade de Seu caráter e, sobretudo, o amor expresso no olhar e na voz, atraíam para Ele todos quantos não estavam endurecidos na incredulidade."[2]
"Sua forma perfeita e porte cheio de dignidade, Seu semblante que expressava bondade, amor e santidade, não eram igualados por pessoa alguma que então vivia sobre a Terra."[3]

"Ele só era um pouco mais alto do que o tamanho comum dos homens que então viviam sobre a Terra."[4]

"Física bem como espiritualmente, Ele era... 'imaculado e incontaminado'. No corpo e na alma, era um exemplo do que

[1] Ellen G. White, *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 5, 1131.
[2] Ibidem
[3] Ellen G. White, *Spiritual Gifts*, vol. 4, 119.
[4] Ibidem., 115.

Deus designava que fosse toda a humanidade por meio da obediência a Suas leis."[1]

Jesus Se revela em Apoc. 1:13 não como Rei dos reis, mas como o Sumo Sacerdote do Santuário Celestial. Jesus está vestido com vestes sacerdotais, vestidos compridos, e um cinto de ouro (Exo.28:4). "Como um Salvador pessoal Ele intercede nas cortes celestiais. Diante do trono de Deus ministra em nosso favor 'Um semelhante ao Filho do homem' (Apoc. 1:13)."[2] Ellen G. White aplica Apoc. 1:13 como uma introdução ao ministério de Jesus como nosso Sacerdote.

"É dito de Cristo que anda no meio dos castiçais de ouro. Assim é simbolizada a Sua relação para com as igrejas. Ele está em constante comunicação com Seu povo. Conhece seu verdadeiro estado. Observa-lhe a ordem, piedade e devoção. Conquanto seja Sumo Sacerdote e Mediador no Santuário Celestial, é apresentado andando de um para outro lado entre as Suas igrejas terrestres."[3]

Os sete castiçais simbolizam não somente as Sete Igrejas, mas também introduzem o ministério de Jesus no Lugar Santo do Santuário Celestial. Foi ali que Jesus continuou Seu ministério após Sua ascensão.

"*E a Sua cabeça e cabelos eram brancos como lã branca, como a neve, e os Seus olhos como chama de fogo; e os Seus pés, semelhante a*

[1] Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, 51.
[2] Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, vol. 8, 265.
[3] Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, 585.

latão reluzente, como se tivessem sido refinados numa fornalha, e a Sua voz como a voz de muitas águas. E Ele tinha na Sua dextra sete estrelas; e da Sua boca saía uma aguda espada de dois fios; e o Seu rosto era como o sol, quando na sua força resplandece. E eu, quando O vi, caí a Seus pés como morto; e Ele pôs sobre mim a Sua dextra, dizendo-me: Não temas; Eu sou o primeiro e o último" (Apoc. 1:14-17).
Existe uma notável semelhança entre a descrição feita de Jesus, pelo profeta Daniel e pelo profeta João.

Daniel	João
Um certo homem	Um semelhante ao Filho do homem
Vestido de linho	Vestido até aos pés
Lombos cingidos com ouro fino	Um cinto de ouro
Face como relâmpago	Semblante como o sol
Olhos como lâmpadas de fogo	Olhos como chama de fogo
Pés semelhantes a latão reluzente	Pés semelhantes a latão reluzente
Voz semelhante a de uma multidão	Voz como o som de muitas águas
Nenhuma força, rosto em terra	Caiu aos Seus pés como morto
Uma mão lhe tocou	Pôs sobre ele a mão direita
Disse: Não temas	Disse: Não temas

"E o que vivo, e fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre. Amem. E tenho as chaves da morte e do inferno" (Apoc. 1:18).

"Em Cristo há vida original, não emprestada, não derivada. 'Quem tem o Filho, tem a vida.' A divindade de Cristo é a certeza de vida eterna para o crente."[1]

"Jesus transformou a dor da mãe em alegria quando lhe devolveu o filho; todavia, o mancebo foi simplesmente chamado a esta vida para lhe suportar as penas, as labutas e perigos, tendo de passar novamente pelo poder da morte. O pesar pelos mortos, porém, Ele conforta com a mensagem de infinita esperança: 'Eu sou (. . .) o que vivo e fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre. (. . .) E tenho as chaves da morte e do inferno.' 'Visto como os filhos participam das carne e do sangue, também Ele participou das mesmas coisas, para que pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo; e livrasse todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão.' Satanás não pode reter os mortos em seu poder quando o Filho de Deus lhes ordena que vivam. Não pode manter em morte espiritual uma alma que, com fé, recebe a poderosa palavra de Cristo."[2]

"Mas Cristo é igual a Deus, infinito e onipotente. Ele poderia pagar o resgate para a liberdade do homem. Ele é eterno Filho, existente por Si mesmo, sobre Quem nenhum jugo havia; e quando Deus perguntou, 'A quem deverei enviar?,'

[1] Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, 507.
[2] Ibidem., 302, 303.

Ele respondeu: 'Eu estou aqui, envia-Me.' Ele (somente Ele) poderia entregar-Se para Se tornar o refém do homem; pois Ele podia dizer aquilo que o mais honrado entre os anjos não poderia dizer: 'Eu tenho poder sobre a minha própria vida, poder para a dar, e poder para tornar a tomá-la."[1]

A ressurreição espiritual e a ressurreição literal são possíveis em virtude da morte e ressurreição de Jesus. É Ele quem ressuscita os que estão espiritualmente mortos, e é Ele quem tirará finalmente os justos mortos da sepultura. "Satanás não pode reter os mortos em seu poder quando o Filho de Deus lhes ordena que vivam. Não pode manter em morte espiritual uma alma que, com fé, recebe a poderosa palavra de Cristo. Deus está dizendo a todos quantos se acham mortos em pecado: 'Desperta, tu que dormes, e levanta-te dentre os mortos.' Efesios 5:14. Essa palavra é vida eterna."[2]

"Escreve as coisas que tens visto, e as que são, e as que depois destas hão de acontecer: o mistério das sete estrelas, que viste na minha dextra, e dos sete castiçais de ouro. As sete estrelas são os anjos das sete igrejas, e os sete castiçais, que viste, são as sete igrejas" (Apoc. 1:19-20).

As revelações feitas a João tinham a ver com a situação da igreja nos seus dias e no futuro. O mistério do Apocalipse é algo que pode ser entendido pelos filhos de Deus. Jesus disse aos discípulos: "*Porque a vós é dado conhecer os mistérios do reino dos*

[1] Ellen G. White, *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 5, 1136.
[2] Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, ed. Popular, 303.

céus" (Mat. 13:11). Estes dois textos são a ponte que introduz o estudante da Bíblia à mensagem das sete igrejas.

Anjos - (Gr. Aggeloi) tem o sentido de "mensageiros" tanto celestiais como humanos. *Aggeloi* é aplicado a seres humanos em Mateus 11:10; Marcos 1:2; Lucas 7:24, 27; 9:52. Os anjos das sete igrejas são entendidos como os respectivos anciãos e bispos.

"Desde Sua ascensão, Cristo, a grande Cabeça da igreja, tem levado avante Sua obra no mundo mediante embaixadores escolhidos, por meio dos quais fala aos filhos dos homens, e atende-lhes às necessidades. A posição dos que foram chamados por Deus para trabalhar por palavra e doutrina em favor do levantamento de Sua igreja, é de extrema responsabilidade... Os ministros de Deus são simbolizados pelas sete estrelas que Aquele que é o primeiro e o último tem sob Seu especial cuidado e proteção... As estrelas do céu acham-se sob a direção de Deus. Ele as enche de luz. Guia e dirige-lhes os movimentos. Se não o fizesse, essas estrelas viriam a ser estrelas caídas. O mesmo quanto a Seus ministros."[1]

Sete igrejas - "Os nomes das sete igrejas são símbolos da igreja em diferentes períodos da era cristã. O número sete indica plenitude, e simboliza o fato de que as mensagens se estendem até o fim do tempo, enquanto os símbolos usados revelam o estado da igreja nos diversos períodos da história do mundo."[2]

[1] Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos,* 13, 14.
[2] Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos,* 585.

Capítulo 2

Cartas do Céu às Igrejas (1ª Parte)

Éfeso

"Escreve ao anjo da igreja que está em Éfeso: isto diz aquele que tem na sua dextra as sete estrelas, que anda no meio dos sete castiçais de ouro; Eu sei as tuas obras, e o teu trabalho, e a tua paciência, e que não podes sofrer os maus; e puseste à prova os que dizem ser apóstolos e o não são, e tu os achaste mentirosos.

E sofreste, e tens paciência; e trabalhaste pelo meu nome, e não te cansaste.

Tenho, porém, contra ti que deixaste o teu primeiro amor.

Lembra-te, pois, donde caíste, e arrepende-te, e pratica as primeiras obras; quando não, brevemente a ti virei, e tirarei do seu lugar o teu castiçal, se não te arrependeres.

Tens, porém, isto: que aborreces as obras dos nicolaítas, as quais eu também aborreço.

Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: ao que vencer dar-lhe-ei a comer da árvore da vida, que está no meio do paraíso de Deus." (Apoc. 2:1-7).

A Cidade

Éfeso localiza-se na Lídia, na Costa Ocidental da Ásia Menor. Era um excelente porto, e era a porta de entrada da província romana da Ásia. Éfeso era a capital da Ásia Menor,

com uma população estimada em 225.000 no segundo século a.C. Era a metrópole da idolatria. Ali estava o templo da deusa Diana (Atos 19), que levou duzentos anos para ser construído; uma das Sete Maravilhas do Mundo antigo. Esse templo foi queimado pelos Godos em 262 d.C. A importância dessa cidade exigiu do ministério do apóstolo Paulo três anos de pregação (52 d.C.) para implantar uma igreja cristã. Diferente de outras cidades da Ásia Menor, de Éfeso, atualmente restam somente ruínas.

O significado e o período

Éfeso significa "desejável" e representa muito bem a condição espiritual da igreja no período de 31 a 100 d.C.

A igreja

Por mais de três anos Éfeso foi o centro do trabalho de Paulo (Atos 19:1-41; 20:1, 16-38; I Cor. 16:8; Epístola aos Efésios). Uma florescente igreja foi estabelecida ali, e dessa cidade o evangelho espalhou-se por toda província da Ásia. A tradição indica que João, o discípulo amado, tornou-se o líder dessa igreja, provavelmente após a dissolução da sede cristã em Jerusalém cerca de 68 d.C. No tempo em que João escreveu o Apocalipse, a igreja de Éfeso já era um dos importantes centros do cristianismo. A condição espiritual dessa igreja representa a condição espiritual da Igreja Cristã durante o período apostólico. Esse período pode ser, apropriadamente, chamado de a Era da Pureza Apostólica, um atributo altamente desejável aos olhos de Deus.

A mensagem

Para cada uma das sete igrejas Jesus declara: "Eu sei as tuas obras." Jesus Se revela como um Deus muito pessoal e familiarizado com os problemas e dificuldades que a Sua igreja enfrenta na grande controvérsia.

"Não podes sofrer os maus, e puseste à prova os que dizem ser apóstolos e o não são" (Apoc. 2:2).

No final da era apostólica, já as primeiras heresias cristológicas começaram a surgir. A preocupação de João em combatê-las pode ser vista no conteúdo do seu Evangelho. Esse Evangelho foi escrito em reação aos movimentos heréticos, e o seu propósito era afirmar e exaltar a pessoa de Jesus como Deus-Homem.

- Os Ebionitas negavam a divindade de Jesus. O líder deles era Cerinto (107 d.C.).
- Os Docetistas negavam a humanidade de Jesus. Eles ensinavam que Jesus tinha somente a aparência humana, mas não era humano. Esse grupo floresceu por volta do ano 70 até 170 d.C.
- Os Gnósticos negavam tanto a divindade como a humanidade de Jesus. Negavam a realidade da encarnação de Jesus, e promoviam a libertinagem. João combate fortemente o gnosticismo que começava a florescer no seio do cristianismo.

A Igreja Cristã no período de Éfeso sabia discernir entre a verdade e o êrro, e tomou um posição firme contra o erro.

"Os membros da igreja estavam unidos em sentimento e ação. O amor de Cristo era a corrente áurea que os vinculava entre si. Prosseguiam conhecendo o Senhor sempre e sempre com maior perfeição, e revelavam em sua vida alegria, conforto e paz. Visitavam as viúvas e os órfãos em suas tribulações e mantinham-se incontaminados do mundo."[1]

"Deus escolheu nestes últimos dias um povo a quem fez depositário de Sua lei; e êste povo terá sempre desagradáveis tarefas a executar. 'Eu sei as tuas obras, e o teu trabalho, e a tua paciência, e que não podes sofrer os maus; e puseste à prova os que dizem ser apóstolos e o não são, e tu os achaste mentirosos. E sofreste, e tens paciência; e trabalhaste pelo Meu nome, e não te cansaste.' (Apoc. 2:2-3). Exigirá muita diligência, e contínua luta o manter o mal fora de nossas igrejas. É preciso haver rígido e imparcial exercício de disciplina; pois, alguns que têm uma aparência de religião procurarão minar a fé de outros e, às ocultas, trabalharão para se exaltar a si mesmos."[2]

"*Tenho porém contra ti que deixaste o teu primeiro amor*" *(Apoc.2:4).*

"Numa só geração foi o evangelho levado a toda nação debaixo do céu. Pouco a pouco, ocorreu, porém, uma mudança. A igreja perdeu seu primeiro amor. Ela tornou-se egoísta e amante da comodidade. Foi acalentado o espírito de mundanismo."[3]

---

[1] Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, vol. 3, 55-56.
[2] Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, vol. 2, 210.
[3] Ellen G. White, *Testimonies*, vol. 8, 26.

"Cedo na história da igreja o mistério da iniquidade predito pelo apóstolo Paulo iniciou sua calamitosa obra; e quando os falsos ensinadores, a cujo respeito Pedro advertiu os crentes, exibiram suas heresias, muitos foram seduzidos pelas falsas doutrinas. Alguns tropeçaram sob as provas e foram tentados a abandonar a fé. Ao tempo em que foi dada esta revelação a João, muitos haviam perdido seu primeiro amor da verdade evangélica. Mas, em Sua misericórdia, Deus não permitiu que a igreja continuasse em estado de apostasia. Numa mensagem de infinita ternura, Ele revelou Seu amor por eles, e Seu desejo de que fizessem segura obra para a a eternidade. 'Lembra-te pois donde caíste,' apelou, 'e arrepende-te, e pratica as primeiras obras' (Apoc. 2:5). A igreja era defeituosa e necessitava de severa reprovação e advertência; e João foi inspirado a registar mensagens de advertência e reprovação e a apelar aos que, tendo perdido de vista os princípios fundamentais do evangelho, estavam pondo em perigo sua esperança de salvação."[1]

"Fui instruída a dizer que estas palavras (Apoc. 2:4-5) são aplicáveis às Igrejas Adventistas do Sétimo Dia na condição em que se encontram atualmente. O amor de Deus foi perdido, e isto significa ausência de amor de uns para com os outros. Egoísmo, egoísmo, egoísmo é nutrido e se bate por conseguir supremacia... Deve haver uma reforma e um reavivamento, sob a ação do Espírito Santo... Então uma multidão, não de sua fé, vendo que Deus está com Seu povo, unir-se-á a ele em servir ao Senhor."[2]

[1] Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, 586, 587.
[2] Ellen G. White, *Review and Herald*, 25/02/1902.

"Três palavras resumem a mensagem (Apoc. 2:5): lembrar, arrepender, praticar. O Mestre está dizendo: 'Lembra-te do teu gozo anterior, quando o verdadeiro amor enchia o teu coração. Arrepende-te de teus pecados; compreende o perigo de tua condição. Pratica as obras do teu primeiro estado, ou então Eu te removerei.' As obras não produzem amor, nem podem tomar o lugar do amor. As obras são apenas a evidência do amor."[1]

"Tens porém isto: que aborreces as obras dos nicolaítas, as quais Eu também aborreço" (Aoc.2:6).

Muitos têm tentado, com dificuldade, mostrar que os nicolaítas formavam um grupo herético que invadiu a igreja de Éfeso e Pérgamo. Irineu identifica os nicolaítas como uma seita gnóstica. Alguns Pais da Igreja identificam Nicolau, um dos sete diáconos (Atos 6:5), como o fundador desta seita.[2] Porém, toda essa argumentação é muito duvidosa, pois não encontramos na história da igreja os nicolaítas como sendo realmente um grupo herético como os Ebionitas, Docetistas e outros.

No dizer de Clemente de Alexandria, os nicolaítas mantinham o princípio pernicioso de que as paixões baixas devem ser permitidas. Viviam uma vida impura e imoral. Ellen G. White pergunta: "É o nosso pecado o pecado dos nicolaítas, transformando a graça de Deus em licensiosidade?"[3] Essa doutrina tem sido atualmente amplamente ensinada, de que o

[1] Roy Allan Anderson, *O Apocalipse Revelado*, 26-27.
[2] *Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, 745.
[3] Ellen G. White, *Review and Herald*, 07/06/1887.

evangelho de Cristo tornou a lei de Deus sem nenhum efeito; que por crermos em Cristo estamos livres da necessidade de sermos praticantes da Palavra. Mas esta é a doutrina dos nicolaítas, a qual Cristo fortemente condenou.[1]

"Aqueles que ensinam esta doutrina (nicolaísmo) hoje tem muito a dizer sobre a fé e a justiça de Cristo; mas eles pervertem a verdade, e a tornam a causa do êrro. Eles dizem que a única coisa que temos que fazer é crer em Jesus Cristo, e que a fé é toda suficiente: que a justiça de Cristo deve ser a credencial do pecador; que esta justiça imputada cumpre a lei por nós, e que nós não estamos sob a obrigação de obedecer a lei de Deus. Esta classe proclama que Cristo veio para salvar os pecadores, e que Ele os salvou. 'Eu estou salvo,' eles repetem de novo e de novo. Mas, estão eles salvos enquanto transgridem a lei de Jeová? Não; pois as vestimentas da justiça de Cristo não são uma capa para a iniquidade. Tal ensino é uma grotesca decepção, e Cristo Se torna para essas pessoas uma pedra de tropeço como Ele foi para os judeus; para os judeus, porque eles não O receberam como o Salvador pessoal, e para estes professos crentes em Cristo, (Jesus Se torna pedra de tropeço) porque eles separam Cristo e a Lei, e consideram a fé substituta da obediência. Eles separam o Pai e o Filho, o Salvador do mundo. Em verdade, eles ensinam por preceito e exemplo, que Cristo, através de Sua morte, salva os pecadores nos seus pecados."[2]

Os nicolaítas praticavam os pecados de Balaão (Apoc. 2:14-15). Quais eram os pecados de Balaão? A Bíblia revela os pecados de Balaão como sendo: avareza, hipocrisia, idolatria e

[1] Ellen G. White, *Signs of the Times*, 01/02/1912.
[2] Ellen G. White, *Becho*, 08/02/1897.

imoralidade (Núm. 22-24; 25:1-2; 31:8 e 16; II Ped. 2:15; Judas 11).

São os membros da igreja, hoje em dia, culpados dos pecados dos nicolaítas?

"Nosso dever é conhecer os nossos defeitos e pecados especiais, que causam trevas e debilidade espiritual, e extinguiram nosso primeiro amor. É o mundanismo? É o egoísmo? É o amor ao próprio eu? É a luta pela supremacia? É o pecado da sensualidade que está intrensamente ativo? É o mau uso e o abuso de grande luz e oportunidades e privilégios, fazendo afirmações jactanciosas de sabedoria e conhecimento religioso, ao passo que a vida e o caráter são incoerentes e imorais?"[1]

Há também uma outra interpretação dos nicolaítas, que também deveria ser considerada. A própria palavra "nicolaítas," tem, em si mesma, um significado claro e direto. Ela significa "governar o povo." A última parte da palavra *Laos* é a palavra grega para "povo," e é a palavra da qual se deriva o termo "leigos." Nesse sentido, os nicolaítas eram aqueles que já na primeira fase da Igreja Cristã, tentaram subjugar e dominar os leigos, a grande massa de cristãos, a fim de governar sobre eles. A igreja de Éfeso condenou tal prática, enquanto que na igreja de Pérgamo eles foram coniventes, permitindo a institucionalização do clero. Para Deus, só existe um ministério, formado por leigos e pastores. Não é de Deus essa discriminação que exalta o clero como sendo uma classe superior e mais santa do que os leigos.

[1] Ellen G. White, *Review and Herald*, 7 de Junho de 1887.

"Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao que vencer dar-lhe-ei a comer da árvore da vida, que está no meio do paraíso de Deus" (Apoc. 2:7).

A árvore da vida é uma referência ao Jardim do Éden que foi retirado da terra antes do Dilúvio, mas que será restaurado com todo seu esplendor na Nova Terra.

"O Jardim do Éden permaneceu sobre a Terra muito tempo depois que o homem fora expulso de suas deleitáveis veredas (Gen. 4:16). Foi permitido à raça decaída por muito tempo contemplar o lar da inocência, estando a sua entrada vedada apenas pelos anjos vigilantes. À porta do Paraíso, guardada pelos querubins, revelava-se a glória divina. Para ali iam Adão e seus filhos a fim de adorarem a Deus. Ali renovaram seus votos de obediência àquela lei cuja transgressão os havia banido do Éden. Quando a onda de iniquidade se propagou pelo mundo, e a impiedade dos homens determinou sua destruição por meio de um dilúvio de água, a mão que plantara o Éden o retirou da Terra. Mas, na restauração final de todas as coisas, quando houver 'um novo céu e uma nova Terra,' será restabelecido, mais gloriosamente adornado do que no princípio."[1]

Esmirna

"E ao anjo da igreja que está em Esmirna, escreve: Isto diz o Primeiro e o Último, que foi morto, e reviveu:

Eu sei as tuas obras, e tribulação, e pobreza (mas tu és rico), e a blasfêmia dos que se dizem judeus, e não o são, mas são a sinagoga de

[1] Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, 56, ênfase minha.

Satanáz.

Nada temas das coisas que hás de padecer. Eis que o diabo lançará alguns de vós na prisão, para que sejais tentados; e tereis uma tribulação de dez dias.

Sê fiel até a morte, e dar-te-ei a coroa da vida.

Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: O que vencer não receberá o dano da segunda morte" (Apoc. 2:8-11).

A cidade

É uma das mais lindas cidades da Ásia Menor. O clima é agradável e a vegetação abundante. Localiza-se a 52 km de Éfeso. O local onde Esmirna foi construída foi ecolhido por Lisímaco, um dos quatro generais e sucessores de Alexandre, o Grande. Politicamente, Esmirna era uma cidade honrada, pois foi escolhida pelos romanos como sede em todas as guerras civis, e tornara-se um grande centro de adoração a César. Esmirna pediu permissão ao imperador Tibério para construir um templo em honra a sua divindade (c. 26 d.C.). A permissão foi dada, e eles construiram o segundo templo ao imperador na Ásia. A cidade já adorava Roma como um poder espiritual desde 195 a.C., e tinha orgulho por liderar o culto a César.[1]

O culto ao imperador tornou-se obrigatório em todo o território dominado pelos romanos. Todos deveriam queimar incenso ao Imperador em algum altar público, enquanto proferiam as palavras: *Kaisar Kurios*, "César é senhor." Os cristãos recusavam-se a fazer isso, e eram considerados desleais e traidores. Até o final da primeira Guerra Mundial Esmirna era

[1] Henry H. Halley, *Halley's Bible Handbook*, 696.

considerada a segunda maior cidade da Ásia Menor, com uma população de 250.000 habitantes. Como a moderna Esmirna foi construída em cima da cidade antiga, somente poucas ruínas podem ser vistas atualmente. Os antigos habitantes de Esmirna orgulhavam-se de ter nascido ali, Homero, o mais famoso poeta grego. A moderna Esmirna, cujo nome é Iz-mir, possui hoje cerca de 200.000 habitantes, e é a maior cidade da Ásia Menor.

O significado e o período

O nome Esmirna vem de uma goma aromática derivada de uma árvore Árabe, *Balsamodendron myrrha.* Essa goma era usada para embalsamar os mortos, e também como um ungüento ou pomada medicinal; esse ungüento também era usado para ser queimado como incenso. Esmirna é sinônimo de sofrimento; vem da palavra *mirra,* que foi uma das dádivas feitas a Jesus pelos magos do Oriente: *"e entrando na casa acharam o menino com Maria sua mãe, e, protrando-se, O adoraram; e, abrindo os seus tesouros, Lhe ofertaram dádivas: ouro, incenso e mirra" (Mat. 2:11).* Mirra tinha que ser esmagada para exalar seu perfume e fragrância, assim também, a Igreja Cristã seria perseguida e esmagada nesse período, porém, exalaria o perfume da lealdade ao Senhor.

Historicamente, o período de Esmirna representa a história da Igreja Cristã que vai do ano 100 até 313 d.C., ano em que o imperador Constantino decretou liberdade religiosa para todos, favorecendo assim os cristãos (Edito de Milão 313 d.C.).

A igreja

Por volta do ano 100 o cristianismo havia sido posto fora da lei e já estava sofrendo a terceira perseguição imperial (Nero 64-67d.C.; Domiciano 95 d.C.; Trajano 98 d.C.). Essa onda de perseguição continuou até 313. A igreja de Esmirna era composta por pessoas economicamente pobres, porém ricas para com Deus. Sofreu contínuas perseguições, mais do que qualquer outra igreja da Ásia. O mais famoso dos mártires de Esmirna, foi Policarpo, um discípulo de João e bispo da igreja de Esmirna, que serviu a Jesus por 86 anos. Ele foi queimado vivo (c. 155 d.C.). A morte dele e de outros mártires produziu uma grande colheita de almas para o reino de Deus nas décadas e séculos que se seguiram. A comunidade cristã de Esmirna tornou-se um dos mais fortes centros do cristianismo naquela região, e foi a última cidade da Ásia Menor a ser conquistada pelo islamismo. Até hoje Esmirna é chamada pelos Turcos de a "Cidade Infiel."[1] Quando os gregos foram expulsos de Esmirna pelos Turcos em 1922, a comunidade cristã recebeu, então, o seu golpe mortal.[2]

A mensagem

Esmirna é a Igreja do Sofrimento. Nenhuma palavra de reprovação, mas somente amorável conforto. Jesus sabia dos tempos difíceis que a Sua igreja enfrentaria no período de Esmirna, por isso usou de palavras confortantes e animadoras. Introduziu-Se como Aquele que foi morto e reviveu (Apoc. 2:8). Para aqueles que sofreriam uma série de perseguições e

[1] J. R. Dummelow, *A Commentary on the Holy Bible* (New York:The Macmillan Company, 1950), 1074.
[2] *Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, 93.

seriam massacrados e mortos como mártires, Jesus Se revela como Aquele que tem poder sobre a morte, "o que foi morto, e reviveu." Jesus venceu a morte! A Sua sepultura está vazia! As pessoas neste mundo vivem e morrem, e não voltam a viver, mas com Jesus foi diferente. Todos os que visitam o Kremlin, em Moscou, podem ver filas de pessoas esperando para ver os corpos de Lenin e Stalin. São milhares de pessoas cada dia que querem ver os corpos bem conservados destes líderes do comunismo. Maomé viveu e morreu. Outros grandes líderes viveram e morreram.

Mas, Jesus está vivo para todo o sempre! Ele deixou o túmulo aberto, e o anjo disse: *"Ele não está aqui porque já ressuscitou" (Mateus 28:6).* Ele ressuscitou como as primícias dos mortos e trouxe consigo uma multidão de justos mortos que ressuscitaram juntamente com Ele (Mateus 27:50-53). Todos eles ascenderam ao Céu com Jesus como símbolo da grande ressurreição de todos os justos mortos por ocasião da segunda vinda de Jesus.[1]

Historicamente, o período representado por Esmirna pode ser, apropriadamente, chamado de a Era dos Mártires. Intermitentes perseguições imperiais caracterizaram esse período, até a emissão do Edito de Milão em 313:
"o diabo lançará alguns de vós na prisão . . . e tereis uma tribulação de dez dias" (Apoc. 2:10).

"Durante o segundo e terceiro séculos os imperadores

[1] Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, 754.

romanos procuraram apagar a igreja mendiante perseguição. Eles temiam o cristianismo porque este estava penetrando o pensamento popular. Consideravam-no como um rival. Certo número de perseguições dez ao todo foram instigadas, mas a de Deocleciano foi a pior. Esta durou dez anos, de 303 313 A.D., ou até a subida de Constantino ao trono."[1]

Trajano (98-117) - entre aqueles que foram mortos neste reinado estavam, Simeão, o irmão de Jesus, Bispo de Jerusalém, crucificado (c.107), e Inácio, o segundo Bispo de Antioquia, que foi levado para Roma e lançado às feras (c. 110).

Hadrian (117-138) - uma perseguição moderada. Foram mártires nesse reinado: Telephorus, pastor da Igreja de Roma e muitos outros.

Antonio Pio (138-161) - este imperador favoreceu os cristãos, mas foi nesse reinado que Policarpo, Bispo de Esmirna, foi queimado vivo (c. 155).

Marcus Aurélio (161-180) - foi o mais feroz perseguidor depois de Nero. Milhares de cristãos foram martirizados nesse reinado, entre eles, Justino Martir e Blandina, a escrava.

Sétimo Severo (193-211) - esta perseguição foi muito severa, mas não geral. Somente o Egito e o Norte da África sofreram mais. Em Alexandria, muitos mártires eram diariamente

[1] Roy Allan Anderson, *O Apocalipse Revelado*, 31-32.

queimados, crucificados e decapitados; entre eles, Leônidas, o pai de Orígen. Em Cartago, Perpétua, a nobre dama, e sua fiel escrava, Felicitas.

Maximiano (235-238) - nesta perseguição muitos líderes cristãos foram mortos. Orígenes escapou por se esconder.

Decius (249-251) - deteminou-se a destruir definitivamente o cristianismo. Multidões de cristãos morreram em Roma, Norte da África, Egito e Ásia Menor. Cipriano disse, "o mundo inteiro está devastado."

Valério (253-260) - mais severo do que Decius; entre os mártires temos, Cipriano, o Bispo de Cartago. Essa perseguição alcançou o seu clímax com os dois próximos imperadores.

Deocleciano (284-305) - e seus sucessores, (305-313), a última perseguição imperial, e a mais severa. Por dez anos (303-313) os cristãos foram caçados nas cavernas e nas florestas. O miserrimo edito de Nicomédia em 23/02/303[1] provocou uma verdadeira chacina. Toda sorte de torturas foram empregadas. Os cristãos foram queimados, lançados às feras, e torturados. Nenhum cristão era afogado ou apunhalado senão depois de ter passado pelas torturas mais atrozes. Este foi um esforço sistemático, resoluto e determinado para abolir da face da Terra o nome cristão.[2] Sobre duas colunas de mármore que se vêem na Espanha fizeram gravar a inscrição: "A Deocleciano, Joviano,

[1] *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 9, 729.
[2] Henry H. Halley, *Halley's Bible Handbook*, 761-762.

Maximiano, Hércules, César Augusto, por ter destituído o nome de cristão."

A firmeza de fé revelada por Policarpo pode, com propriedade, simbolizar a fé da Igreja Cristã no período de Esmirna. Eis a resposta de Policarpo ao juiz que lhe pedia para renunciar a fé em Cristo e poupar a sua vida: "Oitenta e seis anos eu O servi, e Ele nunca me fez mal; como então posso blasfemar do meu Rei, Aquele que me salvou?" E em meio às chamas, Policarpo proferiu esta oração: "Eu Te agradeço porque Tu graciosamente me consideraste digno deste dia e desta hora, por poder receber uma porção no número de Teus mártires no cálix de Teu Cristo."[1]

As catacumbas, galerias subterrâneas em Roma, comumente com três metros de largura e dois metros de altura, estendiam-se por centenas de quilômetros por baixo da cidade. As catacumbas eram usadas pelos cristãos para se esconderem, para adorarem e também enterrarem os seus mártires. As sepulturas cristãs são estimadas entre 2.000.000 e 7.000.000. Foram encontradas mais de 4.000 inscrições pertencentes ao período entre Tibério e Constantino.[2]

"Fui transportada ao tempo em que pagãos idólatras cruelmente perseguiram e mataram os cristãos. O sangue jorrou em torrentes. Os nobres, os eruditos e o povo comum foram igualmente mortos sem misericórdia. Famílias ricas foram reduzidas à pobreza por não renegarem a sua religião. Não

[1] Ibidem., 763
[2] Ibidem.

obstante a perseguição e sofrimento que esses cristãos suportaram, não baixaram as normas. Conservaram pura a sua religião. Vi que Satanás exultou e triunfou com os seus sofrimentos. Mas Deus olhava para os Seus fiéis mártires com grande aprovação. Os cristãos que viveram nestes terríveis tempos foram por Ele amados grandemente, porque estam dispostos a sofrer por Seu amor. Cada sofrimento por eles suportado aumentava a sua recompensa no Céu."[1]

"Embora Satanás se regozijasse nos sofrimentos dos santos, nem por isso estava satisfeito. Ele queria o contrôle tanto da mente como do corpo. Os sofrimentos que enfrentavam apenas os levavam para mais perto do Senhor, conduzindo-os ao amor de uns pelos outros, levando-os a mais do que nunca temer ofendê-Lo. Satanás desejava levá-los a desagradar a Deus, a fim de que perdessem sua força, ânimo e firmeza. Embora milhares fossem mortos, outros se levantavam para ocupar-lhes o lugar. Satanás viu que estava perdendo os seus súditos; pois embora sofressem perseguição e morte, estavam garantidos em Jesus Cristo para súditos do Seu reino. Satanás, pois, assentou planos para lutar com mais sucesso contra o govêrno de Deus e derrotar a igreja. Ele levou os pagãos idólatras a abraçar parte da fé cristã."[2]

"Sê fiel até a morte, e dar-te-ei a coroa da vida" (Apoc. 2:10). "Foi por intermédio de alguém que se declarava 'irmão e companheiro na aflição,' (Apoc. 1:9) que Cristo revelou a Sua

[1] Ellen G. White, *Primeiros Escritos*, 210, 211.
[2] Ibidem.

igreja o que ela devia sofrer por Seu amor. Olhando através dos longos séculos de trevas e superstições, o exilado encanecido viu multidões sofrendo o martírio por causa de seu amor pela verdade. Mas viu também que Aquele que sustinha Suas primeiras testemunhas não abandonaria Seus fiéis seguidores durante os séculos de perseguição por que deviam passar antes do fim dos tempos. 'Nada temas das coisas que hás de padecer,' declarou o Senhor. 'Eis que o diabo lançará alguns de vós na prisão, para que sejais tentados; e tereis uma tribulação... Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida' (Apoc. 2:10)."[1]

"*O que vencer não receberá o dano da segunda morte*" *(Apoc. 2:11)*. A segunda morte é a extinção final do pecado e pecadores (Apoc. 21:8; Mal. 4:1, 3). "Satanás é a raiz, seus filhos os ramos. Estão agora consumidos, raiz e ramos. Morreram morte eterna. Jamais deverão ter ressurreição, e Deus terá um universo puro. Ollhei então e vi o fogo que tinha consumido os ímpios, queimando o resíduo e purificando a Terra. O lhei de novo, e vi a Terra purificada. Não havia um único indício da maldição. A superfície quebrada e desigual da Terra agora parecia como uma planície nivelada e extensa. Todo o universo de Deus estava puro, e o grande conflito para sempre finalizado."[2]

Pérgamo

"*E ao anjo da igreja que está em Pérgamo escreve: Isto diz Aquele que tem a espada agúda de dois fios:*

Eu sei as tuas obras, e onde habitas, que é onde está o trono de

[1] Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, 588.
[2] Ellen G. White, *Primeiros Escritos*, 295.

Satanás; e retens o meu nome, e não negaste a minha fé, ainda nos dias de Antipas, minha fiel testemunha, o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita.

Mas umas poucas de coisas tenho contra ti: porque tens lá os que seguem a doutrina de Balaão, o qual ensinava Balaque a lançar tropeços diante dos filhos de Israel, para que comessem dos sacrifícios da idolatria, e se prostituissem.

Assim tens também os que seguem a doutrina dos nicolaítas, o que Eu aborreço.

Arrepende-te, pois, quando não em breve virei a ti, e contra eles batalharei com a espada da minha boca.

Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao que vencer darei Eu a comer do maná escondido, e dar-lhe-ei uma pedra branca, e na pedra um novo nome escrito, o qual ninguem conhece senão aquele que o recebe" (Apoc. 2:12-17).

A cidade

Pérgamo estava situada num grande vale, e era uma das cidades famosas da Ásia Menor. O palácio, os templos, os teatros, e outros prédios públicos foram construídos no topo de uma alta colina, uma inexpugnável acrópole,[1] cerca de trezentos metros acima do vale. Desde 1878, o governo alemão tem realizado escavações nas ruínas de Pérgamo, principalmente na cidadela, ou acrópole. Foi fundada pelos gregos eólios, depois da queda de Tróia, e já era uma cidade importante no século V a.C. Homero e mais tarde Heródoto produziram ali alguns dos seus escritos. Tornou-se mais conhecida a partir do século III

[1] John McRay, *Archaeology and the New Testament* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1997), 266.

a.C. quando Lisímaco, um dos generais e sucessores de Alexandre, o Grande, depositou ali seu tesouro de 9.000 talentos de ouro. Lisímaco considerava Pérgamo o lugar mais seguro de seu reino.

Por volta dos anos 197-159 a.C., Eumenes II, rei grego de Pérgamo, fundou uma biblioteca, a qual chegou a ter uma coleção de 200.000 manuscritos. Esta biblioteca provocou os ciúmes de Ptolomeu V do Egito (203-181 a.C.), que, com medo de que essa biblioteca sobrepujasse a de Alexandria, proibiu, então, a exportação do papiro para a Ásia Menor. O papiro é uma planta que cresce abundantemente às margens do rio Nilo e era a principal fonte para a fabricação do material mais comumente usado, no mundo antigo, para os manuscritos. Como o Egito era o único país que produzia os rolos de papiro, Ptolomeu esperava, desta forma, impedir o avanço da biblioteca de Pérgamo.

Esta emergência tornou-se uma bênção, pois os produtores de livros de Pérgamo sentiram-se forçados a buscar uma solução alternativa, e daí surgiram os pergaminhos, os mais belos e finos materiais escritos já conhecidos. O pergaminho é feito de couro extraído da pele de animais novos tais como, bezerros, ovelhas, ou cabritos. Essa biblioteca foi mais tarde removida de Pérgamo, por Marco Antonio, e presenteada a Cleópatra. Por ocasião da conquista Árabe sobre o Egito, todo o acervo foi destruído.

A cidade de Pérgamo possuía muitos templos: um imenso altar a Zeus, erigido por Eumenes II para comemorar a vitória sobre os gauleses. Este grande altar de mármore foi parcialmente reconstruído no museu de Pérgamo em Berlim.[1] Dionísio, o deus boi; Baco, o deus do vinho; Vênus, a deusa do amor; Átena; e o santuário de Demétrio, onde um altar foi encontrado com a inscrição "ao deus desconhecido."[2] Os mais famosos são o Altar de Zeus e o templo de Esculápio. Esculápio era o deus da cura e da medicina, adorado na forma de uma Serpente, um dos nomes e símbolos de Satanás. O mais famoso médico da antiguidade, Galeno (c. 130-200 d.C.), nasceu em Pérgamo e desenvolveu sua experiência médica no templo dedicado a Esculápio.[3] No reinado de Adriano o templo de Esculápio foi tão magnificentemente desenvolvido que se tornou uma das Sete Maravilhas do Mundo Antigo.[4] Pérgamo é conhecida como a cidade em que foi instituído (29 a.C.) o primeiro culto a um imperador romano vivo. Um templo foi construído e dedicado à adoração da divindade de Roma, e do imperador Augusto,[5] e outros em homenagem a Trajano e Severo. A descoberta de colossais esculturas de Trajano e Adriano no templo de Trajano indica que ambos os imperadores foram adorados ali.[6] Pérgamo destaca-se especialmente pelo grande número de estátuas de escultura, as quais, em sua maioria, Nero levou para Roma.[7] Pérgamo era a capital mundial do culto ao deus sol.

---

[1] Ibidem., 267.
[2] Ibidem., 270.
[3] *Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, 95-96.
[4] John McRay, *Archaeology and the New Testament*, 271.
[5] Henry H. Halley, *Halley's Bible Handbook*, 696.
[6] John McRay, *Archaeology and the New Testament*, 266.
[7] Ibidem.

É importante observar que os reis de Pérgamo eram todos também chefes pontífices de sua religião, conforme o antigo costume babilônico.

Átalo III, o último desses reis-sacerdotes de Pérgamo, submeteu seu reino ao senado de Roma e após a sua morte Pérgamo tornou-se a capital da província romana na Ásia Menor por dois séculos e meio. Os imperadores de Roma, a começar com Júlio e Augusto, tomaram também as honras e títulos reais e se consideraram divinos, e nisto foram imitados mais tarde pelos papas.[1] No tempo de João, Pérgamo já estava decaindo e sendo sobrepujada por Éfeso. Atualmente Pérgamo é somente uma insignificante e pequena cidade conhecida por Bergama, com cerca de 24.000 habitantes (1965).

O significado e o período

Pérgamo tem um significado duplo. No plural, "Pérgamos" é usado como sendo "cidadela," ou "fortaleza," mas, etmologicamente, o vocábulo constitui-se da preposição *per* (que tem o significado de "por entre", "por intermédio", "em nome de") e *gamos* (pospositivo, do grego *gamós* que significa "união", "casamento"). Isto foi exatamente o que aconteceu no período de Pérgamo, o casamento da Igreja Cristã com o mundo.[2] A era da amalgamação. Quando o Cristianismo casou-se com o mundo, deu origem à Grande Babilônia, a "cidadela" do Vaticano. O período de Pérgamo, 313 538 d.C. começou com o imperador Constantino abraçando a causa da igreja, e decretando tolerância religiosa para com todos os cristãos. Esse

[1] Edwin R. Thiele, *Apocalipse: Esboço de Estudos*, vol. 1 (São Paulo, SP: Instituto Adventista de Ensino, 1972), 50.
[2] F. W. Grant, *The Prophetic History of the Church as Seen in the Seven Churches of Asia* (New York: Loizeaux Brothers, 1945), 59-60.

é o período conhecido como a era da "institucionalização da igreja e do clero;" a igreja se estabeleceu não sobre a Rocha Eterna, Jesus, contra Quem as portas do inferno não prevaleceriam, mas antes, sob o favor e proteção do estado.

As igrejas cristãs, até então, não tinham templos, estes começaram a ser construídos, especialmente nos locais sagrados, no reinado de Constantino, o primeiro imperador romano a adotar o cristianismo como religião oficial. Na Terra Santa já foram escavadas quase duzentas igrejas Bizantinas, construídas entre o século IV e VIII. Eusébio escreveu que os melhores projetos de igrejas foram patrocinados pelo imperador Constantino e sua mãe, rainha Helena.[1] Este período assinala o sucesso de Satanás em unir o Estado e a Igreja.

A igreja

A igreja de Pérgamo era bem diferente da igreja de Esmirna. Enquanto na carta anterior de Esmirna não existem repreensões, a igreja de Pérgamo apresenta muitas. Ali estava o próprio "trono de Satanás," o quartel general dos balaamitas e dos nicolaítas, dentro da igreja. A Igreja Cristã de Pérgamo, embora também tenha presenciado o martírio de Antipas, era ao mesmo tempo tolerante com o erro. A mesma classe herética que apareceu em Éfeso, é também mencionada em Pérgamo, porém, com uma diferença, em Éfeso os pastores e líderes, como um corpo, permaneceram firmes contra os falsos ensinadores, mas em Pérgamo, os pastores toleraram os balaamitas (Balaão

[1] John MacRay, *Archaeology and the New Testament*, 72-73.

significa “destruição do povo”) e os nicolaítas (Nicolau significa “governar o povo)”.

A doutrina balaamita patrocinou o casamento da igreja com o mundo, fazendo com que a igreja se prostituisse e comesse dos sacrifícios da idolatria (Apoc. 2:14), tal como Balaão fez com o povo de Israel.

A doutrina nicolaíta instituiu as cerimônias e pompa pagãs e judaicas na igreja, misturando-as com os ritos cristãos. O sistema sacerdotal do Antigo Testamento, válido e aprovado por Deus na Velha Aliança, com base no santuário terrestre, tornou-se uma arma poderosa de Satanás para corromper a igreja na Nova Aliança, cujo base é o Santuário do Céu. Contrariando a Palavra de Deus que afirma que na Nova Aliança, não existe um sistema sacerdotal terrestre, mas unicamente o sacerdócio de Jesus no Santuário do Céu (I Tim. 2:5; Heb. 4:14-16; 8:1-2, 13; 9:11-12), a doutrina nicolaíta instituiu o clero e a sucessão apostólica; uma mistura de paganismo e judaísmo.

Os judaizantes de Apoc. 2:9 e os nicolaítas tinham o mesmo objetivo: implantar um sistema sacerdotal terrestre; destruir o conceito do sacerdócio único e superior de Jesus no Santuário do Céu. Estes são chamados por Deus de “a sinagoga de Satanás” (Apoc. 2:9).

Trono de Satanás, é uma expressão que tem aplicação dupla,

aplica-se à igreja que se tornou a fortaleza dos balaamitas e nicolaítas, e aplica-se também à cidade que era a capital mundial do culto ao deus sol. Ali estava o centro do mistério das religiões orientais transferido, no começo do Império Medo-Persa, da Mesopotâmia, Babilônia, para Pérgamo, que possuía muitos templos pagãos,[1] inclusive o templo de Esculápio, onde a própria Serpente, nome bíblico de Satanás, era adorada. Átalo III não somente transferiu seu poder civil à Roma, mas também todo o sistema religioso babilônico.[2] O centro do culto a Satanás, iniciado na antiga Babilônia, foi transferido para Pérgamo, e posteriormente para Roma. "Em 487 a.C. os babilônios vencidos fugiram para a Ásia Menor, e fixaram seu colégio central em Pérgamo, para onde levaram o paládio de Babilônia. Ali independentes do controle estatal, eles conservaram os ritos de sua religião, e tramaram contra a paz do Império Persa, instigando os gregos neste sentido."[3]

Visto que o período representado por Pérgamo foi o do desenvolvimento do papado (313 a 538 d.C.), pode-se entender a expressão "trono de Satanás" como sendo principalmente uma referência ao centro da adoração papal: Roma.

Historicamente, a igreja de Pérgamo representa o período do cristianismo de 313 a 538 d.C., período em que a Igreja Cristã deixou de ser perseguida e tornou-se a igreja imperial, esta é conhecida como a Era da Popularidade, e do compromisso. Aquilo que Satanás não conseguiu com a perseguição no

[1] *Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, 749.
[2] Robert D. Brinsmead, *The Vision by the Hiddekel* (Denver, Colorado: International Health Institute, 1970), 46.
[3] Edwin R. Thiele, *Apocalipse: Esboços de Estudos*, vol. 1, 50.

período de Esmirna, ele conseguiu, com muito sucesso, com a "exaltação" do cristianismo, tirando os cristãos das catacumbas e elevando-os à posição de Igreja do Estado, a menina dos olhos do imperador Constantino, cuja conversão foi, oficialmente anunciada, em 323 d.C..

"Quase imperceptivelmente os costumes do paganismo tiveram ingresso na Igreja Cristã. O espírito de transigência e conformidade fora restringido durante algum tempo pelas terríveis perseguições que a igreja suportou sob o paganismo. Mas, em cessando a perseguição e entrando o cristianismo nas cortes e palácios dos reis, pôs ela de lado a humilde simplicidade de Cristo e Seus apóstolos, em troca da pompa e orgulho dos sacerdotes e governadores pagãos; e em lugar das ordenanças de Deus colocou teorias e tradições humanas. A conversão nominal de Constantino, na primeira parte do século quarto, causou grande regozijo; e o mundo, sob o manto de justiça aparente, introduziu-se na Igreja."[1]

Quando Constantino assumiu o poder de Roma (311 d.C.), o Império Romano encontrava-se em estado avançado de desintegração. Bárbaros do norte importunavam e enfraqueciam o império. O exército estava desorganizado; a economia encontrava-se em estado precário. Mas, pior que tudo isso, o povo estava desmoralizado e espiritualmente fracassado. Constantino, tentava desesperadamente encontrar uma panacéia para a sociedade social, moral e espiritualmente

[1] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 47-48.

enfêrma. Ele percebeu que o império precisava urgentemente de um fator unificador. Quando observou o cenário político, percebeu que enquanto o paganismo morria, o cristianismo crescia vigorosamente, ganhando terreno em todos os lugares. Ele convenceu-se de que o cristianismo era a onda do futuro. Depois de garantir aos cristãos total liberdade religiosa (313 d.C.), emitiu uma série de decretos favorecendo o cristianismo. Finalmente o Império Romano como um todo tornou-se um suporte à Igreja Cristã, e o cristianismo tornou-se a religião oficial do Império Romano (337).

Foi o mais desastroso período na história do cristianismo, quando a igreja perdeu a sua pureza espiritual e doutrinária; período em que a igreja se estabeleceu firmemente como igreja, porém, não sobre a Rocha Eterna, que é Jesus, e sim sobre o trono de Satanás, tornando-se habitação de Satanás.

A mensagem

Jesus Se revela à igreja do período de Pérgamo como "Aquele que tem a espada aguda de dois fios." Isto significa que Jesus tem o poder e a autoridade. Um homem que vem com uma espada na mão vem como um conquistador e juiz. A igreja estava toda comprometida com o mundo e com o pecado, e Jesus aparece com poder, pronto para punir os pecados de Sua igreja. Os historiadores dizem que os líderes religiosos pagãos, quando saíam de Babilônia estabeleciam-se em Pérgamo.[1] Esses líderes da mitologia babilônica, grega e romana, todos tinham lindos

[1] W. Herschel Ford, *Simple Sermons on the Seven Churches of Revelation* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1959), 51.

templos em Pérgamo. A igreja de Pérgamo também se deixou influenciar, tornando-se assim o centro da doutrina de Balaão e dos nicolaítas.

Satanás tentou, sem sucesso, destruir o cristianismo através da força, da violência e da perseguição. Então, ele mudou de estratégia no período de Pérgamo, ele se juntou à igreja trazendo para dentro dela o paganismo com seus ídolos, feriados, e festas, e colocando nela o seu trono, o trono de Satanás, dentro da própria Igreja Cristã. O anticristo, o papado, torna-se o cabeça da Igreja Cristã! Não é de admirar que Jesus tenha dito: *"Eu sei as tuas obras, e onde habitas, que é onde está o trono de Satanás" (Apoc. 2:13).* Assim como a Serpente, foi adorada na cidade de Pérgamo, também a Serpente, Satanás, começou a ser adorada na Igreja Cristã no período representado por Pérgamo (313-538). "Um demônio tornou-se o poder central no mundo. Satanás pôs o seu trono onde deveria estar o trono de Deus. O mundo depositou a homenagem, como oferta voluntária, aos pés do inimigo."[1]

"Tenho contra ti, porque tens lá os que seguem a doutrina de Balaão, o qual ensinava Balaque a lançar tropeços diante dos filhos de Israel, para que comessem dos sacrifícios da idolatria, e se prostituíssem. Assim tens também os que seguem a doutrina dos nicolaítas, o que Eu aborreço" (Apoc. 2:14).

A especialidade deste profeta apostatado, Balaão, foi, exatamente, a de vender as bênçãos de Deus; unir o povo de

[1] Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, vol. 6, 236.

Deus com o paganismo (Núm. 25; 31:16). Balaão, (aquele que destrói o povo), já havia sido um bom homem e profeta de Deus, assim como o bispo de Roma a princípio era um homem de Deus; mas Balaão apostatou e entregou-se à cobiça; todavia professava ainda ser servo do Altíssimo. O mesmo ocorreu com os bispos da Igreja Cristã em Roma.

A outra doutrina condenada aqui é a dos nicolaítas. Essa palavra ocorre duas vezes (Apoc. 2:6, 15), e não se sabe exatamente de quem ela é derivada. Irineu, o mais antigo autor cristão, quando faz menção aos nicolaítas, diz simplesmente: "É muito claramente visto no Apocalipse que os nicolaítas praticavam a fornicação e comiam dos sacrifícios da idolatria, como se fossem coisas permitidas aos cristãos."[1] O estilo de vida deles não era somente oposto ao espírito e moralidade dos Evangelhos, mas também uma violação da ordem apostólica expressa em Atos 15. Sem desprezar esse conceito de Irineu, o qual também é confirmado por Ellen G. White, queremos analisar um outro conceito sobre os nicolaítas que vem do próprio significado desta palavra. Ela vem da junção de duas palavras, a primeira significa "governar, conquistar" e a segunda "povo."[2] Foi nesse período que Satanás estabeleceu um sistema hierárquico, o clero, para governar e dominar a igreja. Hoje a Igreja Romana é governada por hierarquia. O papa vem primeiro, depois os cardeais, então os bispos, e então os sacerdotes. O membro individual não pode falar nada em questão de doutrinas ou práticas. A instituição da hierarquia

[1] Benjamin Wilson, *Emphatic Diaglott, Original Greek Text of the New Testament* (New York: Published By Samuel R. Wells, 1870), 30-31.
[2] W. Herschel Ford, *Simple Sermons on the Seven Churches of Revelation,* 55.

clerical e da sucessão apostólica, não é meramente uma ordem dentro do governo da igreja, mas é um sistema que visa destruir importantes princípios da Palavra de Deus, a saber:

1. A divisão dentro do corpo de Cristo; em I Pedro 2:9, a igreja como um todo é chamada para ser *"a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, e o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz."* Não é o clero, mas a igreja que é chamada e revestida de poder para anunciar as novas do evangelho.
2. A destruição do Sacerdócio de Jesus no Santuário Celestial. Satanás obteve sucesso em dar continuidade a um sacerdócio terrestre inspirado no judaísmo, como se fosse algo aprovado por Deus, simplesmente pelo fato de ter sido bíblico. O sacerdócio terrestre é bíblico, porém, temporal. Quando Jesus morreu, Seu sangue ratificou o Novo Concerto, e ao Ele ascender ao Céu foi feito por ordem direta de Deus, Sacerdote Eterno do Verdadeiro Santuário (Heb. 8:1-2), do qual o santuário terrestre foi somente uma ilustração válida para o seu tempo, mas que acabou (Heb. 8:13).

Nós precisamos ter para com o nicolaísmo o mesmo sentimento de Deus quando disse: *"a doutrina dos nicolaítas, a qual Eu odeio" (Apoc.2:15).* Deus não está falando aqui de pessoas, e sim, de um sistema sacerdotal e hierárquico que

assume ares de superioridade e santidade que se opõe a Deus; uma classe espiritual de pessoas que reivindica oficialmente o direito de legislar as coisas espirituais.

Foi no período de Pérgamo que o bispo de Roma começou a abrir os olhos e ver o potencial que ele tinha, para governar, dominar e legislar sobre o povo de Deus, sobre os demais bispos, e ao mesmo tempo enriquecer-se com a venda das bênçãos divinas. Balaão *"amou o prêmio da injustiça" (II Ped. 2:15)*. Satanás obteve inteiro domínio sobre ele. O plano proposto por Balaão para destruir o povo de Deus foi o de separá-los de Deus, induzindo-os à idolatria. Se pudessem ser levados a tomar parte no culto licencioso de Baal e de Astarote, cairiam no desagrado divino, e se tornariam prêsa fácil de Satanás. Balaão testemunhou o êxito de seu plano diabólico. Viu a maldição de Deus sobrevir a Seu povo, e milhares caindo sob Seus juízos; mas a justiça divina que puniu o pecado em Israel não permitiu que os tentadores escapassem. Na guerra de Israel contra os midianitas, Balaão foi morto. Balaão reconhecia o verdadeiro Deus, e professava servi-Lo, mas esperava fazer do serviço a Jeová a escada para aquisição de riquezas, honras e glórias mundanas. Com idênticas semelhanças o bispo de Roma fez o mesmo com a Igreja Cristã no período de Pérgamo. Cristianismo e paganismo de mãos dadas. Uma monstruosidade, sangue pagão correndo por veias cristãs. Existiam dois grupos na igreja de Pérgamo contra os quais Jesus Se propôs lutar: aqueles que estavam envolvidos com o mundo e

suas práticas pecaminosas, e aqueles que queriam exercer domínio sobre a igreja. A história vai se repetir!

Quando o diabo enganou Eva e através de Eva conseguiu levar Adão a pecar, Deus colocou uma maldição sobre o diabo: *"E porei inimizade entre ti e a Mulher, e entre a tua semente e Sua semente, esta* (a semente da Mulher) *te ferirá a cabeça, e tu* (o diabo) *Lhe ferirás o calcanhar* (predita a morte de Jesus)" *(Gen. 3:15).* Notemos a diferença existente entre Satanás e a Mulher. Satanás teria uma descendência e a Mulher também. A descendência de Satanás receberia um golpe mortal, enquanto que a descendência da Mulher receberia um ferimento temporário. Quando Deus fala profeticamente, a Mulher representa Sua Igreja (Jer. 6:2; Mat. 25:1-13; Isa. 62:5). Deus diz que existiriam somente dois lados, e cada ser humano estaria, ou do lado do povo de Deus, ou do lado de Satanás.

Esses dois lados opostos apareceram rapidamente logo após o nascimento de Caim e Abel. Abel obedeceu à Palavra de Deus e Caim tornou-se a célula hospedeira do reino do mal (Gen. 4). Os filhos de Deus e os filhos dos homens formavam as duas correntes (Gen. 6).

Após a destruição da Terra pelo Dilúvio (Gen. 6-8), vemos, novamente, surgirem os dois lados. O ímpio Ninrode, filho de Cusí, filho de Cão (Gen. 10:6-10), começou a construir a Torre de Babel e daí então a grande Babilônia. Em Babilônia eles

adoravam o fogo, o sol, a lua, as estrelas e várias outras forças da natureza. Ninrode, que se exaltou contra Deus construindo a Torre de Babel, era reconhecido em Babilônia como o principal deus. Marduque era a forma comum do nome de Ninrode, mais tarde identificado como Bel.[1]

Em Babilônia, primeiro como cidade, depois como império, Satanás começou um novo plano para destruir o conhecimento de Deus no mundo, iniciou uma nova forma de adoração que girava em torno dos deuses planetários, o sol, a lua, e as estrelas. Aqui nasceu a astrologia. O ocultismo, as filosofias pagãs, e os falsos ensinos tiveram sua origem em Babilônia, com um único objetivo, afastar o mundo da verdade bíblica e do conhecimento de Deus. Esse sistema começou a se espalhar rapidamente.

Quando o império babilônico caiu, o próximo reino universal, a Medo-Pérsia continuou a propagar o mesmo sistema religioso, e logo esse sistema foi transferido para Pérgamo, na Ásia Menor, e posteriormente para Roma.

Historicamente, Pérgamo representa, na profecia, a nova estratégia diabólica para destruir o conhecimento de Deus dentro da Igreja Cristã. A Igreja que saiu do período de Esmirna, forte e pura espiritualmente, foi corrompida no período de Pérgamo. Ele, o próprio diabo, uniu-se ao cristianismo, tornando-o a religião oficial do Império Romano (337 d.C.), e com isso conseguiu introduzir na Igreja Cristã toda

[1] Ellen G. White, *A Ciência do Bom Viver*, 51.

sorte de práticas e ensinamentos pagãos. Se ele conseguisse desenvolver uma igreja universal, baseada nos ensinamentos da antiga Babilônia, disfarçada com o manto do cristianismo, ele conseguiria extraviar o mundo todo usando o próprio nome de Deus, e ele conseguiu!

"Esta mútua transigência entre o paganismo e o cristianismo resultou no desenvolvimento do 'homem do pecado,' predito na profecia como se opondo a Deus e exaltando-se sobre Ele. Aquele gigantesco sistema de religião falsa é a obra-prima do poder de Satanás, monumento dos seus esforços para sentar-se sobre o trono e governar a terra segundo a sua vontade... Para conseguir proveitos e honras humanas, a igreja foi levada a buscar o favor e apoio dos grandes homens da terra; e, havendo assim rejeitado a Cristo, foi induzida a prestar obediência ao representante de Satanás, o bispo de Roma."[1]

Vamos mencionar somente alguns exemplos de práticas e ensinamentos que foram introduzidos no cristianismo neste período representado por Pérgamo (313-538 d.C.), e que hoje estão bem cristalizados na cultura cristã.

A Páscoa

Será que nós paramos para pensar como toda a cristandade no mundo começou a celebrar a páscoa como sendo a ressurreição de Jesus? A Páscoa é uma festa sagrada de Deus, que começou a ser praticada no Egito por ocasião do Êxodo,

[1] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 50.

quando o povo de Deus foi libertado da escravidão egípcia (Êxo. 12). A Páscoa continuou a ser comemorada ano após ano, sempre no dia 14 de Nisã, e era uma festa profética, pois apontava para a morte do Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Jesus morreu exatamente no dia da Páscoa, 14 de Nisã, uma sexta-feira do ano 31. A festa sagrada que apontava para a ressurreição de Jesus não era a Páscoa, e sim a festa das Primícias, sempre no dia 16 de Nisã (Lev 23:5-6, 9-14), podia cair em dias diferentes da semana, mas o dia do mês era o mesmo todos os anos.

Por que a Páscoa atualmente sempre é comemorada no mesmo dia da semana, isto é, no primeiro domingo depois da primeira lua cheia, depois do equinócio? Às vezes isso pode acontecer em março, abril ou até mesmo maio. Por que os cristãos atualmente, além de comemorar a páscoa no domingo, ainda usam coelhos e ovos com símbolos da páscoa?

Muito tempo antes do cristianismo, Babilônia tinha uma deusa chamada *Ishtar*, a deusa da reprodução e da fertilidade. Na primavera ela era honrada como a doadora da vida. Os ovos, um símbolo da fertilidade, e os coelhos, como sendo prolíficos reprodutores, eram também adorados. O dia de adoração a *Ishtar* era sempre o primeiro domingo, depois da primeira lua cheia, depois do equinócio. Quando avançamos um pouco no tempo, chegamos ao período de Pérgamo, quando Constantino tornou-se imperador de Roma (311 d.C.), proclamou sua conversão ao cristianismo (323 d.C.), e então pegou o dia de

adoração a *Ishtar* e transformou-o em o dia da ressurreição de Jesus, o doador da vida. Roma Papal continuou a promover isso até que se espalhou por toda a cristandade.[1]

O Natal, 25 de dezembro

Esta data também vem de Babilônia. Em Babilônia o sol era adorado como um dos deuses supremos. Tamuz era o nome do deus sol. A adoração ao sol foi introduzida na igreja de Deus já nos tempos de apostasia do Velho Testamento (Ezeq. 8:14-16). Em Babilônia, à medida que os dias iam ficando cada vez mais curtos, o povo temia que o sol estivesse morrendo. No dia 22 de dezembro, o dia mais curto do ano, os adoradores do sol começavam uma série de rituais e sacrifícios ao deus sol, inclusive com sacrifícios humanos, apelando para que o sol retornasse para um novo ano. No dia 25 de dezembro eles percebiam que o dia começava a ficar mais longo novamente, e neste dia eles tinham uma grande celebração de regozijo pelo renascimento do sol. Este costume foi praticado não só em Babilônia, mas também em Roma. Constantino, fez com a data de 25 de dezembro, o mesmo que ele fez com a páscoa. Ele substituiu o nascimento do sol pelo nascimento de Jesus.[2] Roma Papal aceitou e promoveu essa data espalhando-a por toda a cristandade. Historicamente, comprovamos que tanto a páscoa como o natal, da maneira como são comemorados hoje, têm sua origem no paganismo da antiga Babilônia.

---

[1] Leo Schreven, *Now That's Clear, Prophetic Truth Made Simple* (College Place, WA: Color Press, 1997), 36.
[2] Ibidem.

O Domingo

Em Babilônia o povo adorava o deus sol, Tamuz. O dia escolhido para adoração ao sol era o primeiro dia da semana, chamado de "Sunday," o dia do sol. Esta falsa adoração foi praticada nos reinos que seguiram após Babilônia, isto é, Medo-Pérsia, Grécia, e Roma. A adoração ao sol estava tão enraizada que até mesmo entre o povo de Deus, quando em apostasia, era praticada.

"E levou-me à entrada da porta da casa do Senhor, que está da banda do norte, e eis que estavam ali mulheres assentadas chorando por Tamuz (o deus sol). E disse-me: viste filho do homem? Verás ainda abominações maiores que estas. E levou-me para o átrio interior da casa do Senhor, e eis que estavam à entrada do templo do Senhor, entre o pórtico e o altar, cerca de vinte e cinco homens, de costas para o templo do Senhor, e com os rostos para o Oriente; e eles adoravam o sol virados para o Oriente" (Ezeq. 8:14-16).

Deus falou que isso era uma abominação para Ele. Assim como Roma imperial pagã continuou essa adoração ao sol no primeiro dia da semana, Roma Papal simplesmente adotou isso e continuou a propagar esse ensinamento pagão por toda a cristandade. Novamente Constantino, o imperador de Roma (321 d.C.), colocou uma ênfase cristã no primeiro dia da semana. Hoje o domingo não é mais celebrado em adoração ao deus sol, mas em adoração a Jesus! Mas não podemos esquecer que o primeiro dia da semana continua sendo "Sunday" dia do

deus sol, e por isso, conforme Ezequiel 8:14-16, continua sendo uma abominação aos olhos de Deus.

O Reverendo Peter Geirmann faz a seguinte declaração no *The Convert's Catechism of Catholic Doctrine*:

"Pergunta: Qual é o dia de Sábado?
Resposta: Sábado é o sétimo dia.
Pergunta: Por que nós observamos o Domingo em lugar do Sábado?
Resposta: Nós observamos o Domingo no lugar do Sábado porque a Igreja Católica, no Concílio de Laodicéia (336 d.C.), transferiu a solenidade do Sábado para o Domingo."[1]

A primeira ação oficial da Igreja Cristã expressando sua preferência pelo Dia do Sol, "Sunday," ocorreu no Concílio de Laodicéia, que embora tenha feito provisão para a adoração no Sábado, determinou que esse era um dia de trabalho.[2]

A seguir damos algumas outras práticas e ensinamentos que foram introduzidos na Igreja Cristã entre os séculos IV e VI. Nem todas as datas podem ser dadas com exatidão, considerando-se que algumas doutrinas e rituais foram debatidos ou praticados por um longo período de tempo, antes de serem formalmente aceitos.

1. Oração pelos mortos (c. 300)
2. Fazer o sinal da cruz (300)

[1] Peter Geirmann, *The Convert's Catechism of Catholic Doctrine*, Segunda edição, 50.
[2] *Seventh Day Adventist Bible Commentary*, vol. 4, 832.

3. Queima de velas (c. 320)
4. Uso de imagens, e veneração de anjos e mortos (375)
5. A Missa, como uma celebração diária (394)
6. O início da veneração de Maria. O termo "Mãe de Deus" foi primeiro aplicado a Maria pelo Concílio de Éfeso (431)
7. Os sacerdotes começaram a se vestir diferente dos leigos (500)
8. Extrema Unção (526)
9. A doutrina do purgatório, imposta por Gregório I (593)[1]

Alguns estudiosos afirmam que 75% do ritual da Igreja Romana é de origem pagã.[2] Tanto nos cultos cristãos como nos pagãos deste período havia: vestes esplêndidas, mitras, tiaras, purificações, imagens, vasos de ouro e prata, velas, báculos pastorais, confissões e um sem número de outras coisas semelhantes.[3]

"Constantino não renunciou a religião dos seus ancestrais antes de se erigirem aqui e acolá templos magníficos, os quais adornados de gravuras e imagens, tanto na sua forma exterior como interior, assemelhavam-se às igrejas e templos dos deuses."[4]

Constantino tinha um sonho, fazer com que a igreja se tornasse um instrumento nas mãos do Império Romano (337 d.C.), só que ele não podia prever os resultados futuros. A união

[1] Loraine Boettner, *Roman Catholicism* (Philadelphia: The Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1962), 7, 8.
[2] Ibidem., 10.
[3] Edwin R. Thiele, *Apocalipse: Esboço de Estudos*, vol. 1, 52.
[4] J. L. von Mosheim, *Eclesiastical History*, vol. 1, 369.

da Igreja e do Império não fortaleceu o Império, mas acelerou a sua dissolvição. Em 330 a capital do Império foi transferida de Roma para Constantinopla, e essa mudança contribuiu muito com o crescimento e fortalecimento da influência do bispo de Roma, que soube tirar vantagem disso. Roma era o lugar ideal para a Igreja Romana implantar o seu quartel general. Por estranho que pareça, mesmo quando Roma caiu nas mãos das tribos arianas, a figura mais importante na cidade de Roma continuou sendo o bispo de Roma. As tribos bárbaras que destruiram o poder civil de Roma Imperial, submeteram-se ao poder espiritual de Roma Papal. Todas elas se converteram à Igreja de Roma, com excessão das três tribos que se mantiveram arianas, e foram, finalmente, destruídas conforme a profecia de Daniel 7:8, 24.

Os Hérulos foram os primeiros, das tribos bárbaras, a reinarem em Roma (476 d.C.). Odoacro, o líder dos Hérulos, e também um ariano, proclamou-se rei de Roma neste ano. O imperador romano da parte oriental, Zeno, usou Teodorico, líder dos Ostrogodos, para derrotar os Hérulos (493 d.C.). A partir deste ano Roma ficou sob o poder dos Ostrogodos. Teodorico era um forte ariano, tanto quanto Odoacro. O sistema papal não poderia ser bem sucedido enquanto sob o domínio de tribos arianas.

Os Vândalos, liderados por Genserico, foram derrotados pelo general romano Belizário em 534 d.C. No mesmo ano (534), Belizário inicou também, sua campanha contra os Ostrogodos, na Itália. Embora essa campanha tenha durado 20

anos, a derrota decisiva dos Ostrogodos ocorreu em 538 quando foram forçados a abanbonar o cêrco de Roma. Em 538, pela primeira vez, desde que o Império Romano do Ocidente acabou (476), a cidade de Roma ficou livre do domínio de um reino ariano. Somente a partir dessa data é que o Edito de Justiniano (533) nomeando o bispo de Roma como cabeça geral da Igreja Cristã, e cabeça de todos os santos sacerdortes de Deus, pode vigorar. Quando o poder ariano foi quebrado, o papado finalmente ficou livre para exercer sua supremacia.

O período de Pérgamo foi o mais trágico de todos para o cristianismo, pois aqui se desenvolveu a apostasia, *o "homem do pecado," "o filho da perdição," "que se assenta como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus" (II Tess. 2:3-4).* Tudo isso ocorreu no período de Pérgamo. O casamento da Igreja Cristã com o paganismo gerou um filho, o papado, o anticristo, que constitui o próprio trono de Satanás dentro do templo de Deus, Sua igreja.

Entre aqueles que se converteram à Igreja Romana, estava o mais poderoso líder bárbaro, Clóvis, rei dos Francos (496 d.C.). Com a conversão de Clóvis, Roma Papal encontrou o braço forte que precisava para lutar suas guerras e defender os interesses da Sé Romana. Clóvis foi muito útil para conseguir a conversão das outras tribos bárbaras que ainda eram arianas.

O surgimento do papado, como pode ser visto, foi gradual. O bispo de Roma começou a crescer em prestígio e poder com o

apoio de Constantino, e principalmente, com a mudança da capital do império, de Roma para Constantinopla (330).[1]

Em 343 o Sínodo de Sárdica determinou que o Bispo de Roma exercesse poder sobre os outros bispos. Em 395 o Império Romano foi dividido em duas partes, Oriente e Ocidente; Inocêncio I (m. 417) reivindicou para si o supremo poder sobre o mundo Cristão, mas não pode exercer esse poder. Agostinho (m. 430), um dos Pais da Igreja e fundador da teologia medieval, sustentava que a Igreja de Roma tinha sido sempre soberana no ato de exercer domínio sobre todas as outras igrejas.

No Concílio de Calcedônia (451), o bispo de Roma foi chamado de papa. Antes deste concílio todos os sacerdotes e bispos eram chamados de papa. O Concílio de Calcedônia tentou restringir esse título exclusivamente ao bispo de Roma, que nesse tempo era Leão I, e ao mesmo tempo, a todos os outros bispos de Roma anteriores.[2]

Leão I (o Grande, m. 461 d.C.), foi o primeiro bispo de Roma a proclamar que Pedro tinha sido o primeiro papa, e a afirmar a sucessão papal a partir de Pedro. Leão I ganhou prestígio quando, com sucesso, conseguiu persuadir e impedir Átila, rei dos Hunos, (452 d.C.), e Genserico, rei dos Vândalos (455 d.C.), a não entrarem em Roma;[3] fortaleceu-se muito com a conversão de Clóvis, rei dos Francos (496 d.C.).

O Império do Ocidente chegou ao fim em 476 e Roma voltou a ser governada de Constantinopla. O imperador romano do Oriente, Justiniano, desempenhou um papel

[1] Don Sharkey, *Pio XII e o Vaticano*, 94. "Mas em 330 Constantino resolvera mudar a capital para Bizâncio, onde é hoje a Turquia. Essa cidade recebeu em sua honra o nome de Constantinopla. Viu-se depois que o enorme Império Romano não podia ser governado de Constantinopla do mesmo modo que o era de Roma. No ano 395 foi dividido em duas partes, o império do Oriente e o Império do Ocidente. O Imperador do Oriente vivia em Constantinopla. O Imperador do Ocidente preferiu viver em Ravena e não em Roma. Deixando Roma de ser capital, ficou sem nenhum alto funcionário e o povo começou a considerar o Papa como seu chefe e protetor."

[2] Loraine Boettner, *Roman Catholicism*, 102-103.

[3] *Seventh Day Adventist Bible Commentary*, vol. 4, 836.

especial no estabelecimento do poder civil do papado, através de um Edito Imperial (533 d.C.), reconhecendo sua supremacia sobre todas as igrejas tanto no Oriente como no Ocidente, Edito este, que só foi consolidado depois que os Vândalos foram derrotados em 534, e os Ostrogodos em 538.

Desde os dias de Constantino até o presente, Pérgamo tem caracterizado as coisas do Estado. O Mundo e a Igreja tem agido como um só corpo na cristandade. Assim como foi nos dias de Pérgamo (313-538) assim será novamente nos últimos dias. A igreja novamente procurará se aliar aos braços fortes do poder civil para com autoridade impor a Abominação Desoladora, o Decreto Dominical. O trono de Satanás dentro do cristianismo, que uma vez foi derrubado (1798), novamente se erguerá e toda a terra se maravilhará após a besta. *"e adoraram-na todos os que habitam sobre a terra, esses cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro" (Apoc. 13:8).* A história vai se repetir!

"Ao que vencer darei eu a comer do maná escondido, e dar-lhe-ei uma pedra branca, e na pedra um novo nome escrito, o qual ninguém conhece senão aquele que o recebe" (Apoc. 2:17).

Jesus conclui essa carta fazendo duas promessas aos vencedores:

1. *"darei Eu a comer do maná escondido."* O maná foi o alimento dado ao povo de Israel no deserto; o salmista chama o maná de *"o*

pão dos anjos" (Salmos 78:25). O maná escondido é provavelmente uma referência ao maná posto num vaso de ouro e conservado na Arca do Concerto (Heb. 9:4). Aos vencedores não é prometido, meramente, uma nova queda de maná, mas sim, que eles comerão do maná que está no vaso de ouro oculto debaixo do *Shequiná*, isto é, diretamente da presença de Deus. O maná é um tipo de Jesus; o maná é sempre uma referência direta a Jesus. "O maná, caindo do céu para o sustento de Israel, era um símbolo de Jesus que veio de Deus para dar vida ao mundo. Disse Jesus, 'Eu sou o Pão da vida."[1]

2. Jesus promete dar aos vencedores uma pedra branca. No tempos antigos, uma pedra branca poderia ter vários significados, o primeiro deles era absolvição. Quando uma pessoa era julgada em corte, os jurados colocavam um pedra branca para significar que aquela pessoa tinha sido absolvida do crime.[2] Desta forma, Jesus está dizendo aqui: "Eu estou lhe dando a pedra branca que significa absolvição e perdão de todos os pecados; eles foram lançados no mais profundo mar, e deles Eu não me lembrarei."

A pedra branca também era usada na antiguidade para se obter hospitalidade, assim como hoje nós usamos cartões de crédito. Tornou-se um costume bem estabelecido entre os gregos e romanos, prover os hóspedes com alguma marca especial, transmitida de pai para filho, a qual assegurava hospitalidade e bom tratamento sempre que apresentada. Essa

[1] Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, vol. 6, 132.
[2] W. Herschel Ford, *Simple Sermons on the Seven Churches of Revelation*, 56-57.

marca era geralmente uma pequena pedra branca cortada ao meio. Sobre cada uma das metades o hóspede e o anfitrião mutuamente escreviam os nomes, intercambiando-as a seguir. Esta pequena pedra branca era suficiente para garantir amizade para ele e seus descendentes quando quer que viajassem pelo mesmo roteiro. É evidente que tais pedras eram conservadas cuidadosamente. Quão natural, pois, é esta alusão ao antigo costume: "Dar-lhe-ei do maná escondido," e tendo feito isso, tendo-o tornado participante de minha hospitalidade, tendo-o reconhecido como meu hóspede e meu amigo, presenteá-lo-ei com *"uma pedra branca e sobre essa pedra escrito um novo nome, o qual ninguém conhece, exceto aquele que o recebe."*

No altiplano do Peru, fica a Missão da Pedra Partida. Recebeu esse nome quando o missionário adventista Sthal fez uma promessa ao chefe de cuja hospitalidade desfrutou certa noite. Após conversarem por horas sobre coisas espirituais, o velho índio pediu-lhe que alguém fosse instruí-lo mais.

O pastor Sthal prometeu enviar alguém. "Mas como saberei que se tratará da pessoa que o senhor mandou?" perguntou o índio. Lembrando-se desse texto de Apoc. 2:17, o missionário apanhou uma pedra, partiu-a, e deu um pedaço ao índio, conservando a outra metade consigo. Prometeu que o professor que lhe seria enviado se identificaria trazendo a metade da pedra que se encaixaria na que ficara em seu poder. Isso selou a promessa. Assim é que Jesus faz com cada um que O recebe como Salvador. Mediante esse acordo, Ele nos assegura Sua

hospitalidade e amizade, presenteando-nos com uma pequena pedra branca que, por sua vez é uma garantia da sagrada e inviolável amizade que Ele devota a cada um de nós. Ele nos dará um novo nome. Na Bíblia o nome de uma pessoa reflete o seu caráter, e um novo nome indica, um novo caráter, semelhante ao caráter de Jesus.

Tiatira

"E ao anjo da igreja de Tiatira escreve: Isto diz o Filho de Deus, que tem seus olhos como chama de fogo, e os pés semelhantes ao latão reluzente:

Eu conheço as tuas obras, e o teu amor, e o teu serviço, e a tua fé, e a tua paciência, e que as tuas últimas obras são mais do que as primeiras.

Mas tenho contra ti que toleras Jezabel, mulher que se diz profetiza, ensinar e enganar os meus servos, para que se prostituam e comam dos sacrifícios da idolatria.

E dei-lhe tempo para que se arrependesse da sua prostituição; e não se arrependeu.

Eis que a porei numa cama, e sobre os que adulteram com ela virá grande tribulação, se não se arrependerem das suas obras.

E ferirei de morte a seus filhos, e todas as igrejas saberão que Eu sou aquele que sonda os rins e corações. E darei a cada um de vós segundo as vossas obras.

Mas Eu vos digo a vós e aos restantes que estão em Tiatira, a todos quantos não têm esta doutrina, e não conheceram, como dizem, as profundezas de Satanás, que outra carga vos não porei.

Mas o que tendes retende-o até que Eu venha.

E, ao que vencer, e guardar até ao fim as minhas obras, Eu lhe darei poder sobre as nações,

E com vara de ferro as regerá; e serão quebradas como vasos de oleiro; como também recebi de Meu Pai.

E dar-lhe-ei a estrela da manhã.

Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas" (Apoc. 2:18-29).

A cidade

Tiatira era uma cidade na Lídia, perto das fronteiras da Mísia, 42 km a sudeste de Pérgamo. Tiatira não tem uma história bem conhecida; raramente ela é mencionada pelos escritores antigos. "A história de Tiatira é um espaço em branco."[1] Era considerada uma cidade santa, centro da adoração ao deus sol, Tirinos, geralmente representado como um deus metade homem e metade cavalo. Por volta do século III a.C. a cidade entrou em decadência, e foi fundada novamente por Seleuco Nicator e colonizada pelos gregos (305-281 a.C.) Daquele tempo em diante Tiatira permaneceu sendo uma das menores cidades gregas. Embora tenha se tornado o centro comercial do Vale Lycus, ela nunca se tornou uma metrópole como Éfeso, Esmirna ou Pérgamo.[2] Tiatira destacou-se pelas corporações comerciais, entre elas, a corporação dos tingidores de púrpura. O que distinguiu os habitantes de Tiatira foi a arte em tingir púrpura. Lídia, que foi convertida pelo apóstolo Paulo, era vendedora de púrpura de Tiatira (Atos 16:14).

---

[1] W. M. Ramsay, *Lição da Escola Sabatina*, 2º trimestre, 1974, 21.
[2] *Seventh Day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, 96.

Tiatira era famosa pelo seu magnificente templo de Artemis, outro nome usado para a deusa Diana. De um modo geral, a impressão da cidade era de debilidade e dependência. A fragilidade natural impunha aos habitantes a necessidade de vigilância. "Nenhuma cidade recebeu da natureza tão pouca coisa para ser vista, ou tão pouca força como fortaleza."[1] A antiga Tiatira encontra-se soterrada sob Akhisar, uma pequena cidade com cerca de 46.000 habitantes (estatística de 1974).[2]

Significado e período

Tiatira significa "Sacrifício de Contrição." A profecia introduz clara e objetivamente a fase da Supremacia Papal. O período anterior, Pérgamo (313 538), preparou o terreno para o surgimento do *"homem do pecado, o filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora; de sorte que se assentará como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus" (II Tess. 2:3, 4).* Uma definição mais clara do que essa seria impossível, pois define objetivamente as pretensões reivindicadas pelo bispo de Roma ao se tornar o cabeça do cristianismo. A Igreja Cristã passou por um longo processo de decadência espiritual até chegar a esse ponto de submissão ao papa como um poder absoluto sobre os reis e sobre a igreja. É importante lembrar que a igreja mencionada na carta de Tiatira ainda é a Igreja de Deus, porém, não Jezabel, ela não é de Deus. A importância dos 1260 anos de perseguição aos "santos do Altíssimo" (Dan. 7:25; Apoc. 12:6) sugere que o ano 1798 poderia ser muito bem escolhido como sendo o final do período

[1] W. M. Ramsay, *Lição da Escola Sabatina*, 2º trimestre, 1974, 21.
[2] *Seventh Day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, 96.

de Tiatira, mas, em vista da importância da Reforma Protestante em quebrar o domínio papal, a data 1517 seria mais própria para situar o final do período de Tiatira.[1]

O ano 476 d.C. é citado pelos historiadores como o fim do Império Romano do Ocidente e o surgimento da Europa dividida. A profecia de Daniel 7 mostra que o quarto animal terrível e espantoso representava o quarto reino mundial, Roma. Esse animal tinha dez chifres, símbolo das dez nações que surgiram das ruínas do Império Romano; e, no meio dos dez chifres, surgiu um chifre pequeno que derrubou três dos dez anteriores, a saber, os Hérulos (493), Vândalos (534) e Ostrogodos (538). Daniel 7:23 diz que esse chifre pequeno seria *"diferente dos primeiros"* porque *"proferiria palavras contra o Altíssimo, e destruiria os santos do Altíssimo, e cuidaria em mudar os tempos e a lei, e eles (os filhos de Deus) seriam entregues na sua mão por um tempo, e tempos, e metade de um tempo" (Dan.7:24, 25).* Este poder é Roma Papal, um poder diferente dos demais pois é um poder político-religioso, e ousou tentar mudar a Lei de Deus, os Dez Mandamentos, destruindo o segundo mandamento (Exo. 20:4-6) que proíbe as imagens, e substituindo o quarto, o santo Sábado, sétimo dia da semana, pelo domingo (Exo. 20:8-11). Tudo isso ocorreu no período de Pérgamo.

Em 533 o Imperador Justiniano promulgou uma carta, possuindo a validade de um decreto imperial, pela qual se

[1] W. M. Ramsay, *Lição da Escola Sabatina*, 2º trimestre, 1974, 21.

reconhecia a absoluta liderança do bispo de Roma, João II (533-535). A partir deste decreto as autoridades romanas datam o reconhecimento oficial da Supremacia Papal. Porém, em 533 ainda existiam duas tribos arianas que se opunham às doutrinas de Roma. Os Vândalos foram derrotados pelo general Belizário em 534, e os Ostrogodos em 538. Neste ano não somente houve este golpe decisivo desferido pela espada imperial em auxílio ao bispo de Roma, mas também o primeiro papa de uma nova ordem foi posto no trono. O Papa Silvério (536-537), acusado de simpatia para com os Ostrogodos, foi deposto por Belizário em 537. O imperador interveio e sustentou a questão da validade de sua deposição até 538. Naquele mesmo ano diz Schaff:

"Virgílio, instrumento servil às mãos de Teodora, ascendeu à cadeira papal, sob a proteção militar de Belizário."[1]

Com o Papa Virgílio iniciou-se uma nova ordem de papas e iniciou-se também o período da Supremacia Papal que duraria 1260 anos (538 1798). Porém o período de Tiatira terminou em 1517, ano em que Martinho Lutero pregou as noventa e cinco teses na porta da igreja de Wittemberg. A mensagem à igreja de Tiatira aplica-se apropriadamente à experiência do cristianismo durante a Idade Escura.

A igreja

A igreja cristã local da cidade de Tiatira perdeu sua pureza e enfrentou problemas logo nos primeiros séculos da Era Cristã.

[1] F. Schaff, *History of the Christian Church.*

Um dos Pais da Igreja, Epifânio, faz menção de que no início do século III a cidade toda e suas cercanias abraçaram a heresia Montanista.[1]

Montano era um homem de uma forte influência espiritual que começou a pregar uma mensagem de reforma no província da Frígia. Ele reivindicava para si mesmo e seus associados os dons do Espírito, particularmente o dom de profecia. Eles pregavam uma mensagem de reavivamento e reforma desafiando a igreja a abandonar o mundanismo; condenavam o segundo casamento; defendiam que todos os que eram culpados de crimes deveriam ser excluídos da igreja; praticavam e ensinavam rígidos jejuns; defendiam o celibato; louvavam excessivamente aqueles que se tornavam mártires, e, mesmo encorajavam os membros a se tornarem mártires, aconselhando-os a não fugirem em face da perseguição. Por serem perseguidos dentro da própria igreja, principalmente pelos líderes, eles pouco a pouco se posicionaram contra a organização eclesiástica da igreja governada pelos bispos. Cairam no extremismo e foram condenados pela igreja. É fácil imaginar que, em razão da forte influência espiritual de Jezabel (provavelmente alguma figura feminina que influenciou a igreja local de Tiatira), Montano foi bem sucedido ao iniciar o movimento de reavivamento e reforma condenando o mundanismo dentro da igreja de Tiatira e cercanias. Alguns membros dessa igreja foram desencaminhados por essa brilhante figura feminina, poderosa e ímpia mulher.

[1] *Seventh Day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, 97.

A mensagem

Jesus começou esta carta descrevendo a Si mesmo como o Filho de Deus, cujos olhos são como chama de fogo e os pés semelhantes ao latão reluzente. O olhar de Jesus é penetrante e sonda os rins e os corações. Nada pode ser ocultado aos olhos de Deus.

"Eu conheço as tuas obras e o teu amor, e o teu serviço, e a tua fé, e a tua paciência, e que as tuas últimas obras são mais do que as primeiras" (Apoc. 2:19).

Tiatira experimentou, por um lado, muito escuridão, muita apostasia; mas, por outro lado, também vivenciou muita luz, e embora alí se tenham registrado alguns dos fatos mais infames já executados em nome da religião, também se presenciaram alguns dos maiores feitos de homens cheios do amor e do Espírito de Deus. Foram os dias dos Cavaleiros do Templo, dos monges mendicantes e de Hildebrando (mais tarde Gregório VII), mas foram também os dias dos Valdenses e dos Albigenses, de Wycliffe e Huss, Jerônimo e Lutero. Nunca houve tanto para ser louvado; nunca tanto para ser condenado. Deus viu o serviço de amor e o paciente sofrimento dos Seus filhos nesse período e expressou a Tiatira palavras de louvor e elogio, detacando-a como a única igreja em que Jesus observou progresso nas obras dos crentes. Neste sentido verifica-se o oposto da mensagem da igreja de Éfeso, onde o convite incita a que voltem a praticar as primeiras obras.

"Mas tenho contra ti que toleras Jezabel, mulher que se diz profetisa, ensinar e enganar os meus servos, para que se prostituam e comam dos sacrifícios da idolatria" (Apoc. 2:20).

Os símbolos aqui não poderiam ser mais apropriados. Quem era Jezabel? Literalmente, Jezabel era *"filha de Etbaal, rei dos Sidônios" (I Reis 16:31),* e sumo sacerdote de Baal. Acabe, rei de Israel, era fraco em capacidade e em moral, e sua união por casamento com uma mulher idólatra resultou em desastre para o povo de Israel. Jezabel, portanto, veio da casa de Baal para a casa de Deus. Pagã de coração, tornou-se rainha do povo de Israel. Como rainha fez todos os esforços para seduzir os adoradores de Deus e estabelecer o culto a Baal. Os profetas de Deus foram mortos a espada e, pelo espaço de "três anos e meio", não choveu, a terra foi tomada pela fome (Tiago 5:17). Veio então a Reforma e o Reavivamento por intermédio do profeta Elias, que começou desafiando os profetas de Baal no Monte Carmelo (I Reis 18).

O mesmo se deu com a igreja do período de Tiatira. Jezabel é o antítipo de Roma Papal, a Grande Meretriz, que se diz profetiza. No período de Pérgamo efetivou-se o casamento do cristianismo com o paganismo, e deste jugo desigual, nasceu o *"filho da perdição, o homem do pecado" (II Tess. 2:8).* Jezabel admitida no seio da igreja e ensinando o povo de Deus, representa Roma Papal dominando e instruindo o povo de Deus durante a Idade Média. Roma Papal trouxe consigo violência,

perseguição e terrível escuridão. O período em que a meretriz Jezabel estivera assentada no trono, corresponde ao período em que a igreja de Deus teve que fugir para o deserto: *"E a mulher fugiu para o deserto, onde já tinha lugar preparado por Deus, para que ali fosse alimentada durante mil duzentos e sessenta dias" (Apoc. 12:6; Daniel 7:25).* A mulher que fugiu para o deserto representa o povo de Deus que permaneceu fiel nesse período de supremacia papal. Por três anos e meio proféticos, ou mil duzentos e sessenta anos (538 1798), a verdade esteve eclipsada enquanto que na terra havia fome espiritual. Finalmente, à semelhança de Elias no passado, surgiram os profetas, a Luz e a Reforma.

"No século sexto tornou-se o papado firmemente estabelecido. Fixou-se a sede de seu poderio na cidade imperial e declarou ser, o bispo de Roma, a cabeça de toda a igreja. O paganismo cedera lugar ao papado. O dragão dera à besta "o seu poder, e o seu trono, e grande poderio" (Apoc. 13:2). E começaram então os 1260 anos de opressão papal preditos nas profecias de Daniel e Apocalipse (Daniel 7:25; Apoc. 13:5-7)... O acesso da Igreja de Roma ao poder assinalou o início da escura Idade Média. Aumentando o seu poderio, mais se adensavam as trevas."[1] "O papado teve um desenvolvimento gradual. A primeira vez que apareceu como um poder mundial foi no sexto século d.C.; alcançando o máximo do seu poder no século XIII."[2]

[1] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 54, 55.
[2] Henry H. Halley, *Halley's Bible Handbook*, 767.

As autoridades católicas reconhecem que o Vaticano[1] de hoje foi construído exatamente nos jardins de Nero, o imperador de Roma, onde, segundo a tradição, foi enterrado o apóstolo Pedro.[2] No ano 306 da era cristã, Constantino, o Grande, começou a ereção de uma igreja no mesmo local. Foi a primitiva Basílica de São Pedro. Roma pagã cedeu lugar à Roma papal. Mesmo o título "supremo pontífice" que vem do latim e significa "fazedor de pontes", era no tempo do paganismo usado pelos pontífices romanos ou sumo-sacerdotes significando que eles eram os responsáveis pelas pontes sobre o rio Tibre.[3]

Muitas cerimônias puramente pagãs em sua origem foram perpetuadas sob o manto do Igreja Romana. Mencionaremos a seguir somente algumas delas:

1. O sumo sacerdote da religião pagã era chamado Pontífice Máximo, e ele reinvidicava o poder espiritual e temporal sobre todos os homens. O papa assumiu esse título, e fez a mesma reivindicação, inclusive foi vestido com a mesma indumentária.
2. Os pagãos vestiam escápulas, medalhas, e imagens para proteção pessoal. Os romanistas vestem essas mesmas coisas pelas mesmas razões.

---

[1] Don Sharkey, "O primeiro edifício a ser construído na região hoje conhecida por Vaticano, foi um Circo construído pelo imperador Calígula, poucos anos depois da morte de Jesus. Muitas disputas esportivas aí se realizaram. Mais tarde Nero introduziu certas reformas, pelo que o Circo passou a ser conhecido como "o Circo de Nero." Foi nesse Circo que se efetuou o primeiro massacre dos cristãos. Nero contemplava satisfeito os cristãos queimados como tochas em postes, ou feitos em pedaços pelos leões, ou mortos por milhares de outros meios, cada qual mais terrível. Nesse Circo foi São Pedro crucificado. A pedido do Papa Silvestre, Constantino começou a ereção de uma grande igreja ali em 306. Uma parte das paredes do velho Circo foi aproveitada na construção da igreja. O papa Silvestre fez a consagração da Basílica em 18 de Novembro de 324." *Pio XII e o Vaticano,* 89. Este foi o início do Vaticano. Por isso a profecia diz que "o dragão deu seu poder à besta, e o seu trono" (Apoc. 13:2). O mesmo espírito perseguidor de Roma pagã cedeu lugar às perseguições papais contra os cristãos. O "trono de Satanás" tornou-se o trono papal, que por sua vez continuou a "se embebedar com o sangue dos santos" (Apoc. 17:6).

[2] Don Sharkey, *Pio XII e o Vaticano,* 8.

[3] Ibidem., 33. O Título completo do papa é "Bispo de Roma; Vigário de Jesus Cristo; Sucessor de São Pedro, Príncipe dos Apóstolos; Supremo Pontífice da Igreja Universal; Patriarca do Ocidente; Primaz da Itália; Arcebispo e Metropolitano da Província de Roma; Soberano da Cidade do Vaticano."

3. Os pagãos, através de um processo oficial chamado deificação, elevavam os homens, após a morte, à uma posição deificada e de acordo com a tradição pagã eram conferidas a eles honras especiais e adoração. Os papas, através de um processo chamado canonização, exaltam homens e mulheres após a morte à posição de santos e então oferecem aos santos orações e adoração.
4. A adoração de ídolos e imagens, ensinados pela Igreja de Roma foi também um costume herdado da religião pagã. Todas essas práticas foram e são proibidas por Deus na Sua Santa Lei (Exo. 20), e não foram praticadas na igreja cristã primitiva, no período de Éfeso 31 a 100) e Esmirna (100 a 313). Tudo isso começou no período da exaltação do cristianismo no período de Pérgamo e foi consolidado no período de Tiatira na supremacia papal.
5. As ordens religiosas da Igreja de Roma, composta de freiras e monges foram também uma imitação das virgens vestais da antiquidade, consagradas à deusa romana Vesta (a deusa romana do fogo), para vigiarem o fogo sagrado perpetuamente queimando sobre o seu altar.[1]

A maneira como o Panteon de Roma foi reconsagrado para uso da Igreja Católica Romana mostra claramente a origem e natureza pagãs de muitas das suas doutrinas. Este antigo templo, o Panteon, ainda existe e pode ser visitado pelos turistas. Ele foi construido por Marcus Agripa no ano 27 a.C. e

[1] F.G. Smith, *What the Bible Teaches* (Anderson, Indiana: Gospel Trumpet Company, 1914), 285, 286.

consagrado a "todos os deuses." O Papa Bonifácio IV, em 610 d.C., reconsagrou-o à "Bendita Virgem e a todos os santos." Daquele tempo em diante os seguidores da fé católica passaram a se ajoelhar e adorar neste mesmo templo, e diante das mesmas imagens, e devotamente imploram e fazem orações às mesmas imagens de sempre, e pelos mesmos objetivos que os pagãos o faziam na antiquidade. Obviamente, os nomes dos ídolos e imagens foram mudados para nomes de personagens cristãos.

A mesma adoração idólatra continua sendo realizada até o dia de hoje.[1]

Dowling escreveu: "O estudioso, que é bastante familiar com as descrições clássicas da antiga mitologia, quando ele dirige sua atenção às cerimônias da adoração papal, não pode deixar de reconhecer uma muito íntima semelhança, ou então uma absoluta identidade."[2]

O papa pretende ser o vigário de Cristo na terra e suprema cabeça da igreja, como no caso do Papa Inocêncio, que se denominou o único diante de quem todos os joelhos, todas as coisas no céu e todas as coisas na terra, e debaixo da terra têm que se dobrar. Ele reivindica o poder sobre as almas de todos os homens na terra e mesmo sobre aqueles que já deixaram a terra.

Se tal arrogância não for uma blasfêmia contra Deus e Sua igreja, então eu me sinto totalmente incapaz de imaginar que tipo de coisas cumpriria a profecia de *Apoc. 13:5 "E foi-lhe dada uma boca para proferir grandes coisas e blasfêmias."*

[1] Ibidem., 286.
[2] Ibidem.

Jezabel, que se diz profetisa, ensinou a igreja a se prostituir com a idolatria. A Igreja de Roma ensina que:

1. o papa é o mediador;
2. que se pode confiar nas próprias obras para expiação do pecado;
3. longas peregrinações;
4. atos de penitência;
5. adoração de relíquias;
6. construção de igrejas, de relicários e de altares;
7. pagamento de grandes somas à igreja;
8. generalizou-se a adoração de imagens;
9. acedem-se velas perante imagens e orações são feitas às imagens;
10. o erro da imortalidade natural do homem e consciência na morte;
11. adoração da Virgem Maria;
12. a heresia do tormento eterno;
13. doutrina das indulgências;
14. santificação do domingo;
15. a implantação do idolátrico sacrifício da Missa.

"O meio dia do papado foi a meia noite do mundo."[1]

Em Apocalipse 17 a profecia fala de Babilônia, a grande meretriz, vestida com ouro e pedras preciosas, com um cálice de

[1] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 60.

ouro na mão, prostituindo-se com os grandes da terra; embriagada com o sangue dos santos e com o sangue dos mártires de Jesus; sentada sobre a cidade dos sete montes (Apoc. 17:9) Esta é uma descrição acurada da própria Jezabel. Esta mulher Jezabel é a igreja tomando o lugar de Jesus. Rebaixando Jesus para exaltar a igreja, rebaixando a Bíblia para exaltar a tradição. A mensagem dela é: "ouça a igreja." A mensagem de Jesus é: *"quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz à igreja" (Apoc. 2:29).*

A maioria do protestantismo pode se julgar bem separado e distante do papado, mas, se analisarem, perceberão que estão mantendo e defendendo com unhas e dentes as doutrinas que tiveram origem não na Palavra de Deus, e sim na tradição católica. Citamos alguns exemplos: a imortalidade da alma, a santificação do domingo, o natal no dia 25 de dezembo, a páscoa com seus ovos e coelhinhos, a autoridade da igreja acima da autoridade da Bíblia, o clero como sendo uma classe superior à dos leigos, o batismo por aspersão, a tendência de buscar no Estado o apoio para impor a religião e outros.

Em toda a história não há outro caráter que represente tão cabalmente o sistema papal, seu caráter, obras e culto, como a impura mulher de Acabe, Jezabel. Jezabel era uma pagã casada com um judeu. E tal é o caráter do sistema papal nos seus principais elementos:

1. paganismo unido a um Judaísmo obsoleto;
2. Jezabel é descrita como mulher que se diz profetiza e

como encarregada de ser mestre dos servos de Deus;

3. o papado professa e pretende ser o único mestre infalível do céu a ensinar a verdade de Deus;
4. Jezabel é descrita como tendo um conjunto de obras enfaticamente chamado "suas obras" para distinguir de outras que são chamadas "obras de Cristo";
5. o papado é um sistema de obras, uma religião de cerimônias, penitências, jejuns, missas, rezas, vigílias, abnegações, macerações do corpo, purgatório, superprivilégios e santidade meritória dos santos, pelas quais ela se propõe salvar os seus devotos;
6. Jezabel era uma adúltera;
7. o papado, acima de tudo, tem-se caracterizado por suas relações com os reis e potestades da terra, fazendo o que lhes agrada para conservá-los sob sua direção e ensinar o povo de Deus a submeter-se e aceitar as formalidades mundanas como meios de se obter a vitória cristã;
8. Jezabel foi uma perseguidora e matadora dos profetas e das testemunhas de Deus;
9. E o que mais distingue o papado é a severidade mostrada contra aqueles que se levantaram contra suas ímpias pretensões. O que mais distingue o papado são as torturas públicas e secretas, e matança dos santos que queriam seguir a Bíblia.[1]

[1] J. A. Seiss, *The Apocalypse*, vol. 1, 194, 195.

Deus não colocou na terra um trono para que Seus apóstolos reinassem; o que Deus planejou para Seus apóstolos e sucessores está descrito nas palavras do apóstolo Paulo:

"Porque tenho para mim que Deus a nós, apóstolos, nos pôs por últimos, como condenados à morte; pois somos feitos espetáculos ao mundo, aos anjos, e aos homens" (I Cor. 4:9).

Os apóstolos e sucessores de Jesus não estariam reinando. O Novo Testamento inteiro é contra a idéia dos apóstolos reinando agora, antes da volta de Jesus; mas, na igreja de Tiatira, a mulher Jezabel reina, e se relaciona com os grandes da terra, prostituindo-se com eles (Apoc. 2:21, 22; 17:1, 2). O Novo Testamento apresenta o quadro da verdadeira igreja e apóstolos de Deus, sendo perseguidos, não perseguindo; sendo mortos, não matando; sendo fugitivos, não reinando; sendo separados do mundo, não se relacionando amigavelmente com os grandes da terra; exaltando a Palavra, a Santa Bíblia, não promovendo a queima e extermínio da Bíblia; o Espírito Santo sendo o vigário, o substituto de Jesus na terra (João 16:7-8, 13-14; 14:16-18, 26), não o papa que se proclama vigário de Cristo; a supremacia do Espírito Santo, não a supremacia papal. Jezabel tem usurpado a autoridade e atributos do divino Espírito Santo. Ela reina ao invés de se sujeitar; ela se proclama infalível negando a verdade bíblica de que somente Deus é infalível.

O tempo em que Jezabel reinou com supremacia sobre a terra, isto é, o período da supremacia papal (538 1798) foi

necessariamente o período mais corrupto. Os historiadores chamam esse tempo de a Idade Escura, exatamente a fase que se seguiu ao período de Pérgamo (313 538). No período de Pérgamo, a igreja ainda não estava reinando sobre a terra, e sim os imperadores de Roma; eles convocavam concílios, eles punham e depunham os bispos. A igreja era meramente uma ferramenta nas mãos deles. No período de Tiatira a situação mudou totalmente porque a igreja começou a reinar, pôr e depor reis. Jezabel colocou seus pés sobre o pescoço dos reis, e distintamente usou a Bíblia para impor sua supremacia e exigir submissão.[1]

As promessas do Velho Testamento sobre o reinado do Messias na terra foram espiritualizadas e aplicadas para a igreja. Em que tem consistido o reinado da igreja ? A história mostra quão trágico foi o reinado de terror da igreja na Idade Média (Daniel 7:25) quando os santos do Altíssimo foram massacrados e perseguidos por três anos e meio proféticos; o sangue dos santos foi derramado a tal ponto de a profecia dizer que Babilônia ficou embriagada com o sangue dos santos (Apoc. 17:6).

"No século XIII foi estabelecido o mais terrível de todos os estratagemas do papado, a inquisição. O príncipe das trevas trabalhava com os dirigentes da hierarquia papal. Em seus concílios secretos, Satanás e seus anjos dirigiam a mente de homens maus, enquanto, invisível entre eles, estava um anjo de Deus, fazendo o tremendo relatório de seus iníquos decretos...

[1] Don Sharkey, *Pio XII e o Vaticano*, 97, 98 "Na noite de natal (do ano 800), estava Carlos Magno assistindo missa quando o papa, inesperadamente, colocou-lhe na cabeça uma coroa de ouro e nos ombros um manto de púrpura. O rei foi tomado de surpresa e não sabia a significação daquele ato, até ouvir o coro cantando "Viva Carlos, coroado por Deus, grande, piedoso e pacífico Imperador dos Romanos." . . . O ato do papa, porém, significava que a Igreja e o Império estavam doravante juntos (o Santo Império Romano). O papa deveria coroar os imperadores, e os imperadores deveriam proteger a Igreja. . . O Imperador protegeria a igreja e os Estados Papais."

O papado se tornou o déspota do mundo. Reis e imperadores curvavam-se aos decretos do pontífice romano. O destino dos homens, tanto temporal como eterno, parecia estar sob seu domínio... Seu clero era honrado e liberalmente mantido. Nunca a igreja de Roma atingiu maior dignidade, magnificência ou poder... Os palácios dos papas e prelados eram cenários da mais vil devassidão. Alguns dos pontífices reinantes eram acusados de crimes tão revoltantes que os governadores seculares se esforçavam por depor esses dignitários da igreja como monstros demasiado vis para serem tolerados. Durante séculos a Europa não fez progresso no saber, nas artes ou na civilização. Uma paralisia moral e intelectual caíra sobre a cristandade."[1] Toda essa história vai se repetir novamente agora nos últimos dias, no contexto de Apoc. 13.

Os Valdenses foram os primeiros dentre os povos da Europa a obter a tradução das Sagradas Escrituras, centenas de anos antes da Reforma.[2] Por volta do ano 1140, o número dos reformadores era tão grande que alarmou o papa. Pedro Valdo, nativo de Lyons, famoso por sua piedade e ensinos, tornou-se um forte opositor do papado, e desse tempo em diante os reformadores passaram a ser chamados de Valdenses.[3] Os Valdenses tinham a verdade incontaminada, declaravam ser a Igreja de Roma a Babilônia apóstata do Apocalipse, rejeitavam o culto às imagens como idolatria e guardavam o Sábado.[4] As igrejas Valdenses em sua pureza e simplicidade assemelhavam-se à igreja dos tempos apostólicos. Determinando-se Roma a

[1] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 60.
[2] Ibidem., 65.
[3] Fox, *Book of Martyrs* (Philadelphia: Claxton, Remsen and Haffelfinger, 1871), 60.
[4] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 65.

exterminar os Valdenses, uma bula foi promulgada pelo papa, condenando-os como hereges e entregando-os ao morticínio. Uma porção considerável do texto do edito papal expedido por Inocêncio VIII, em 1487, contra os Valdenses encontra-se, em latim e em francês, na obra de J. Léger, *Historie des Eglises Vaudoises*.[1] Não eram acusados como ociosos, desonestos ou desordeiros, mas declarava-se que tinham uma aparência de piedade e santidade que seduzia as ovelhas do aprisco. Portanto ordenava o papa que aquela maligna e abominável seita de perversos, caso se recusasse a abjurar, fosse esmagada como serpentes venenosas.[2]

João Wycliffe

No século XIV surgiu na Inglaterra um homem que devia ser considerado a "estrela da manhã da Reforma." João Wycliffe foi o arauto da Reforma, não somente para a Inglaterra mas para toda a cristandade. Como professor de teologia em Oxford, Wycliffe pregou a Palavra de Deus nos salões da universidade. Tão fielmente apresentava ele a verdade aos estudantes que recebeu o título de "doutor do Evangelho". Mas a maior obra da vida de Wycliffe foi a tradução das Escrituras para a língua inglesa. A Bíblia traduzida por Wycliffe logo teve acesso aos lares do povo. O aparecimento das Escrituras produziu estupefação às autoridades da igreja. Não havia nesta ocasião na Inglaterra lei alguma proibindo a Bíblia, pois nunca dantes fora ela publicada na língua do povo. Os chefes papais conspiraram para fazer silenciar a voz do reformador. Perante três tribunais

[1] Ibidem., 683.
[2] Ibidem., 77.

foi ele sucessivamente chamado a juízo. Wycliffe, porém, não se retratou. Wycliffe foi chamado a julgamento perante o tribunal papal em Roma, o qual tantas vezes derramara o sangue dos santos, porém, um ataque de paralisia impossibilitou a viagem de Wycliffe a Roma. As doutrinas ensinadas por Wycliffe continuaram durante algum tempo a espalhar-se; seus seguidores, conhecidos como Lolardos, não somente encheram a Inglaterra, mas espalharam-se por outros países. Logo, porém, a impiedosa tempestade da perseguição irrompeu sobre os que haviam ousado aceitar a Escritura Sagrada como guia.

Os monarcas ingleses, ávidos de aumentar seu poder mediante o apoio de Roma, não hesitaram em sacrificar os reformadores. No reinado de Eduardo III, a igreja da Inglaterra estava numa condição extremamente corrompida e a luz do evangelho de Cristo foi grandemente eclipsada. Em 1401, pela primeira vez na história da Inglaterra, a fogueira foi decretada contra os discípulos do evangelho.

A primeira pessoa que foi queimada foi William Santree, ou Sawtree, um sacerdote; ele foi queimado em Smithfield. Logo em seguida o senhor Cobham, foi acusado por ser um seguidor das doutrinas de Wycliffe; ele foi enforcado e então queimado em Loncoln's-Inn Fields em 1419. O próximo a ser amarrado num poste e queimado em Smithfield foi Thomas Bradley, um alfaiate. Ele foi queimado vivo regozijando-se no Senhor Jesus. O próximo foi William Thorpe.

Por esse tempo trinta e seis pessoas denominadas Lolardos, foram mortas em St. Giles, pela única razão de serem seguidores

das doutrinas de Wycliffe. Eles foram queimados vivos e enforcados ao mesmo tempo. Destes trinta e seis, somente um nome é conhecido, Sir Roger Archer, o qual foi morto à parte dos outros. Eles o despiram, deixando-o nu, e assim ele foi executado. Em 1431, Richard Ilvedon, um cidadão de Londres, Thomas Bagley, um sacerdorte que ensinava as doutrinas de Wycliffe, foram executados. Em 1440 alguns dos grandes no reino foram condenados a prisão perpétua por heresia, eles eram chamados de Lolardos.[1]

Falta-nos aqui tempo e espaço para enumerar os mártires de Jesus na Inglaterra. Os romanistas não haviam conseguido executar sua vontade com relação a Wycliffe durante sua vida, e ódio daqueles não se satisfez enquanto o corpo do reformador repousasse em sossego na sepultura. Por decreto do Concílio de Constança, mais de quarenta anos depois de sua morte, seus ossos foram exumados e publicamente queimados, e as cinzas lançadas em um riacho vizinho.[2]

John Huss

Nasceu em Hussenitz, uma pequena cidade na Boêmia, por volta do ano 1380. Em 1398, Huss começou seu bacharelado em divindade, e foi mais tarde escolhido como pregador da igreja de Belém, em Praga, e diretor e reitor da universidade. O evangelho fora implantado na Boêmia já no século nono. A Bíblia achava-se traduzida, e o culto público era celebrado na língua do povo. Mas à medida que aumentava o poderio do

[1] Fox, *Book of Martyrs*, 204-206.
[2] Ibidem., 89-95.

papa, a Palavra de Deus se obscurecia. Muitos dos Valdenses e Albigenses, pela perseguição expulsos de seus lares na França, e Itália, foram para a Boêmia. O tempo de Lutero estava ainda longe, mas já se erguia alguém, cujo testemunho contra Roma abalaria as nações.

Huss era sincero adepto da igreja de Roma, e fervorosamente buscava as bênçãos espirituais. Um cidadão de Praga, Jerônimo, trouxera consigo, ao voltar da Inglaterra, os escritos de Wycliffe.

A rainha da Inglaterra, que se convertera aos ensinos de Wycliffe, era uma princesa Boêmia, e por sua influência as obras do reformador foram também amplamente divulgadas em seu país natal. Essas obras lera-as Huss com interesse. Huss, conquanto não o soubesse, entrara já em caminho que o distanciaria de Roma. Huss começou a estudar mais acuradamente os escritos de Wycliffe e começou a ver claramente o verdadeiro caráter do papado. Da Boêmia a luz estendeu-se à Alemanha, pois perturbações havidas na Universidade de Praga determinaram a retirada de centenas de estudantes alemães. Notícias da obra em Praga foram levadas a Roma, e Huss foi logo chamado a comparecer perante o papa. Huss não compareceu diante do papa, e o papa procedeu ao processo de condenação de Huss. A cidade de Praga foi interditada e as igrejas foram fechadas. A cidade de Praga encheu-se de tumulto, e, para acalmar a tempestade, Huss retirou-se por algum tempo à sua aldeia natal. Até aqui Huss estivera sozinho em seus trabalhos, agora, porém, uniu-se a ele

Jerônimo. Daí em diante os dois estiveram ligados durante toda a vida, e na morte não deveriam ser separados. Nesse tempo, persistia o cisma na igreja. Três papas contendiam pela supremacia, e sua luta encheu a cristandade de crime e tumulto.[1] Huss foi condenado à fogueira e entregue às autoridades seculares para ser executado. Um imenso séquito o acompanhou, centenas de homens em armas, padres e bispos em seus custosos trajes e os habitantes de Constança. Quando estava amarrado ao poste, e tudo pronto para acender-se o fogo, o mártir uma vez mais foi exortado a salvar-se renunciando os seus erros. "A que erros renunciarei eu? Não me julgo culpado de nenhum. Invoco a Deus para testemunhar que tudo que escrevi e preguei assim foi feito com o fim de livrar almas do pecado e perdição; e, portanto alegremente confirmarei com meu sangue a verdade que escrevi e preguei."

Quando as chamas começaram a envolvê-lo, pôs-se a cantar: "Jesus, Filho de Davi, tem misericórdia de mim," e assim continuou até que sua voz silenciou para sempre.[2] Um zeloso adepto de Roma, descrevendo o martírio de Huss, e de Jerônimo que morreu logo depois, disse: "Ambos se portaram com firmeza de ânimo quando se lhes aproximou a última hora. Prepararam-se para o fogo como se fosse a uma festa de casamento. Não soltaram nenhum grito de dor. Ao levantarem-se as chamas, começaram a cantar hinos, e mal podia a veemência do fogo fazer silenciar o seu canto."[3]

---

[1] Ibidem., 97-103.
[2] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 109.
[3] Ibidem., 109-110.

Os Albigenses

Enquanto os Valdenses, "pela palavra de Deus e pelo testemunho de Jesus Cristo" depunham a vida nas montanhas do Piemonte, idêntico testemunho da verdade era dado por seus irmãos, os Albigenses da França. Eles foram condenados no Concílio de Latrão, por ordem do Papa Alexander III. Porém, eles cresceram tanto em número que muitas cidades eram habitadas predominantemente por reformadores. No ano 1524 na cidade de Melden, França, John Clark pregou uma nota na porta da igreja, onde ele chamava o papa de o anticristo. Por essa ofensa ele foi repetidamente chicoteado, e marcado com ferro quente na testa.

Depois disso John Clark foi para Mentz, em Lorraine, onde ele demoliu algumas imagens, e por causa disso ele teve a sua mão direita e o seu nariz cortados. Ele suportou essas crueldades e ainda pode cantar o Salmo 115 que proíbe expressamente a idolatria. Depois disso ele foi lançado no fogo e queimado.[1]

Francis Bribard, secretária do cardeal em Pellay, em 1545, por falar a favor dos reformadores, teve sua língua cortada, e então foi queimada. Ainda no mesmo ano, James Cobard, um professor na cidade de St. Michael, foi queimado por ter dito que a missa era inútil e um absurdo; ao mesmo tempo catorze homens foram queimados em Malda, enquanto suas esposas foram obrigadas a assistirem a execução. Em 1546 Peter Chapot trouxe para a França, muitas Bíblias em francês e vendeu-as publicamente; em consequência ele foi julgado, sentenciado, e executado poucos dias depois.[2]

---

[1] Fox, *Book of Martyrs*, 63, 64.
[2] Ibidem., 64.

O Massacre da Noite de São Bartolomeu

No dia 22 de agosto de 1572 começou esse diabólico morticínio contra os cristãos reformadores. O rei da França, com quem sacerdotes e prelados romanos insistiram, sancionou a hedionda obra. Um sino, badalando à noite dobres fúnebres, foi o sinal para o morticínio. Milhares de protestantes que dormiam tranquilamente em suas casas, confiando na honra empenhada de seu rei, eram arrastados para fora, sem aviso prévio, e assassinados a sangue frio. Durante sete dias perdurou o massacre em Paris, sendo os três primeiros dias com inconcebível fúria. E não se limitou unicamente à cidade, mas, por ordem especial do rei, estendeu-se a todas as províncias e cidades onde se encontravam protestantes.

Não se respeitava nem idade nem sexo. Não se poupava nem a inocente criancinha nem o homem de cabelos brancos. Nobres e camponeses, velhos e jovens, mães e filhos, eram juntamente abatidos. Por toda a França a carnificina durou dois meses. Pereceram 70.000 da legítima flor da nação. Quando as notícias do massacre chegaram a Roma, a exultação do clero não teve limites. O cardeal Lorena recompensou o mensageiro com mil coroas; o canhão de Santo Ângelo reboou em alegre salva; os sinos tangeram em todos os campanários; forgueiras festivas tornaram a noite em dia; e Gregório XIII, acompanhado dos cardeais e de outros dignitários eclesiásticos, foi, em longa procissão, à igreja de S. Luís, onde o cardeal de Lorena cantou o *Te Deum*; uma medalha foi cunhada para comemorar o massacre.[1]

[1] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 272.

No ano 1620 a perseguição contra os Albigenses foi muito severa. Em 1648 uma pesada perseguição caiu sobre a Lituânia e Polônia. Entre outros que sofreram, estava o Reverendo Adriano Chalinski, que foi assado vivo por um fogo lento.[1] A morte dele é um exemplo da crueldade extrema a que chegam os defensores do papa contra os reformadores.

O papado, hoje se apresenta ao mundo com uma face serena, mansa, tranquila, voz suave, falando de amor, tolerância, mas ele ainda mantém os mesmos dogmas e insiste em proclamar-se como sendo a única fonte da verdade, a única fonte de salvação, a única igreja infalível. Roma Papal não mudou, e nunca mudará. A história do passado vai se repetir; novamente a terra vai se submeter ao papado, *"e toda a terra se maravilhou após a Besta" (Apoc. 13:3, 8),* esta é uma profecia cujo cumprimento tem mais direta aplicação ao futuro, aos últimos dias.

"Mas eu vos digo a vós, e aos restantes que estão em Tiatira, a todos quantos não têm esta doutrina (de Jezabel) e não conheceram, como dizem, as profundezas de Satanás, que outra carga vos não porei. Mas o que tendes retende-o até que eu venha" (Apoc. 2:24-25).

"Aos restantes que estão em Tiatira" é uma referência aos grupos de cristãos sinceros e leais ao cristianismo apostólico na Idade Média: os Valdenses, Albigenses, Lolardos, os Irmãos Unidos, a Igreja dos Irmãos na Boêmia e Morávia.

[1] Fox, *Book of Martyrs*, 63.

"As tuas últimas obras são mais do que as primeiras" revela o crescimento gradual do movimento da reforma. Os Valdenses, centenas de anos antes da Reforma, já possuíam a Bíblia em manuscrito, na língua materna. Wycliffe no século XIV surgiu na Inglaterra como a "estrela da manhã" da Reforma, sendo um arauto da Reforma não somente para a Inglaterra mas para toda a cristandade. Na Boêmia, já no século nono o Evangelho fora implantado, e a Bíblia traduzida. E finalmente Martinho Lutero, o leão da Reforma Protestante que minou o poderio papal. Apoc. 2:25 mostra que a igreja estava dividida entre os que conservavam a primitiva fé apostólica, a justificação pela fé, e aqueles que se envolveram com as doutrinas de Satanás, "as profundezas de Satanás," uma referência ao sistema católico idólatra, com base na salvação pelas obras. Os cristãos nesse período receberam de Deus a revelação da doutrina da Justificação pela Fé, e foram aconselhados a conservarem esta verdade até a volta de Jesus. Eles possuíam uma crescente experiência religiosa e foram estimulados a continuarem crescendo no conhecimento do Senhor.

"Em terras que ficavam além da jurisdição de Roma, existiram por muitos séculos corporações de cristãos que permaneceram quase inteiramente livres da corrupção papal. Estavam rodeados de pagãos e, no transcorrer dos séculos, foram afetados por seus erros; mas continuaram a considerar a Escritura Sagrada como a única regra de fé, aceitando muitas de suas verdades. Estes cristãos acreditavam na perpetuidade da

Lei de Deus e observavam o sábado do quarto mandamento. Igrejas que se mantinham nesta fé e prática, existiram na África Central e entre os Armênios, na Ásia."[1]

"É desígnio de Deus que os cristãos cresçam continuamente, até chegarem à estatura de homens e mulheres em Cristo. Todo aquele que não crescer em força, e não se tornar mais firmemente enraizado e plantado na verdade, estará continuamente retrocedendo."[2]

"E ao que vencer e guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei poder sobre as nações. E com vara de ferro as regerá; e serão quebradas como vasos de oleiro; como também recebi do meu Pai. E dar-lhe-ei a estrela da manhã. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas" (Apoc. 2:26-29).

Neste mundo, os ímpios se mantêm no poder, e os servos de Cristo são, aparentemente, de nenhum valor. Virá, porém, o tempo em que a justiça estará em ascendência.

1. As nações serão entregues pelo Pai às mãos de Cristo, a fim de serem regidas com vara de ferro e despedaçadas como um vaso de oleiro (Salmos 2:8-9).
2. Associados a Cristo em sua obra de poder e de julgamento estarão os Seus santos (Apoc. 3:21).
3. Reinarão com Ele nesta função por mil anos (Apoc. 20:4).

---

[1] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 61.
[2] W. M. Ramsay, *Lição da Escola Sabatina*, 2º trimestre, 1974, 26.

4. Durante esse período é determinado o grau de castigo para os homens ímpios e anjos maus (I Cor. 6:2-3).
5. Ao final dos mil anos todos os santos partilharão com Cristo a execução da sentença dos ímpios (Salmos 149:9).

A promessa final é que todos os santos receberão a "estrela da manhã," esse é o próprio Jesus: *"Eu, Jesus, enviei o meu anjo para vos testificar estas coisas nas igrejas: Eu sou a raiz e a geração de Davi, a resplandecente estrela da manhã" (Apoc. 22:16).*

Capítulo 3

Cartas do Céu às Igrejas (2ª Parte)

Sardes

"E ao anjo da igreja que está em Sardes escreve: isto diz o que tem os sete Espíritos de Deus, e as sete estrelas: Eu sei as tuas obras, que tens nome de que vives, e estás morto.

Sê vigilante, e confirma os restantes, que estavam para morrer; porque não achei as tuas obras perfeitas diante de Deus.

Lembra-te, pois, do que tens recebido e ouvido, e guarda-o, e arrepende-te. E se não vigiares, virei sobre ti como um ladrão, e não saberás a que hora sobre ti virei.

Mas também tens em Sardes algumas pessoas que não contaminaram seus vestidos, e comigo andarão de branco; porquanto são dignas disso.

O que vencer será vestido de vestes brancas, e de maneira nenhuma riscarei o seu nome do livro da vida; e confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos Seus anjos.

Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas" (Apoc. 3:1-6).

A cidade

Localiza-se cerca de oitenta quilômetros ao oriente de Esmirna e se apresenta como uma das mais antigas cidades da Ásia Menor. A maior vantagem de Sardes era ser o centro de junção de cinco diferentes estradas. Sardes havia sido a antiga

capital do reino da Lídia, e por volta do ano 560 a.C., Creso, cujo nome tornou-se provérbio de riqueza, veio a ser o seu rei. Era um lugar de grande beleza, cercado de uma região muito fértil. Construída aos pés do monte Tmolo, à margem oriental do rio Pactolo. A cidade, quando foi construída, estava toda protegida dentro de fortes muralhas na acrópole, sobre uma montanha de 150 pés de altura. Uma fortaleza quase inexpugnável, exceto em um ponto ao sul. A cidade de Sardes nos dias de João ainda estava em processo de reconstrução, após ter sido destruída por um terremoto no ano 17 d.C. Quando João escreveu essa carta, Sardes parecia ser uma cidade cuja glória passara. Porém, a cidade se recuperou e, por volta do ano 200 d.C., ela atingiu o clímax de seu crescimento, com uma população de 100.000 habitantes. Cibele, uma deusa anatólia, era a deidade protetora da cidade. Seu culto era semelhante ao de Diana dos efésios. Cibele é descrita como uma estranha figura rústica de vários seios. Ela era cultuada num magnífico templo cujas ruínas ainda existem. É importante notar que a primeira moeda a ser cunhada na Ásia Menor, foi em Sardes, nos dias de Creso. Em Sardes nasceu o dinheiro moderno. Em 1402, foi completamente destruída por Tamerlão e jamais foi reedificada. Hoje é um campo ermo de espinhos, flores silvestres e ruínas imponentes.

Significado e período

Sardes significa "Cântico de alegria." A igreja de Sardes representa a história do cristianismo no período de transição

entre a verdadeira reforma e o protestantismo. Geralmente o ano 1517 é considerado o início da Reforma, mas na realidade, 1517 marcou o clímax da Reforma. Como já foi estudado na carta de Tiatira, a Reforma propriamente dita iniciou alguns séculos antes e culminou com Lutero. Depois da morte de Lutero, o movimento perdeu muito da sua vitalidade.

"Aplicando esta mensagem ao período pós-Reforma, veremos que se ajusta de modo cabal. Os que lideraram a Reforma eram homens de vigorosa consagração, mas seus seguidores, supondo que todas as batalhas já haviam sido ganhas, acomodaram-se em religião organizada. Grandes movimentos iniciados por homens como Lutero e Knox tornaram-se meras religiões de Estado, sustentadas pelo erário público. Auto-suficientes e satisfeitos com conquistas passadas, essas pessoas deixaram de sentir as necessidades do grande mundo pagão."[1]

A data ideal para o término do período de Sardes é exatamente a data em que iniciou o período do reavivamento e do despertamento do protestantismo, em torno do tema do segundo advento de Jesus, que é uma característica particular da igreja de Filadélfia. Vários fatores indicam que a data ideal para o término do período de Sardes é o ano 1798, quando o papa foi preso, e a Bíblia começou a ser divulgada mundialmente através das Sociedades Bíblicas, provocando o maior despertamento espiritual já visto no protestantismo. Em 1804 surgiu a primeira Sociedade Bíblica na Inglaterra, e em 1816 a segunda, a

[1] Roy Allan Anderson, *O Apocalipse Revelado*, 43-45.

Americana, e depois muitas outras, despertando o mundo para as Missões Estrangeiras. O ano de 1798 também tem a vantagem de ser o ano em que findou a supremacia papal de 1260 anos (538 1798) mencionada em Daniel 7:25. Portanto, o período de Sardes deve ser considerado de 1517 a 1798.

A igreja

Uma comunidade cristã desenvolveu-se antigamente na cidade de Sardes, e tornou-se a sede de um bispo da igreja, Bispo Melito, que morreu em 170 d.C.[1] As paredes de uma igreja construída antes do século quarto ainda estão de pé. Foi descoberto nas escavações o trono de mármore do bispo de Sardes.[2] A igreja de Sardes é a igreja da transição entre o Movimento da Reforma e o protestantismo. O período da Reforma começou no período de Tiatira com os Valdenses, os Lolardos, seguidores de Wycliffe, a Igreja dos Irmãos na Boêmia e Morávia, João Huss, Jerônimo e culminou com Lutero. Em 1530, com a formação do primeiro credo protestante, iniciou o declínio da Reforma e o nascimento de uma nova era chamada protestantismo, caracterizada pelas Igrejas Nacionais recebendo sua força, não mais de Deus, mas dos governos. Neste período, pós-Reforma a única coisa que se esperaria era vida e vitalidade. Depois das trevas e da infâmia do período de Tiatira, seria natural supor que o movimento da Reforma continuasse crescendo em força e poder, tornando-se mais vivo, mais zeloso e vigoroso, mas não foi assim.

---

[1] Wim Malgo, *Seven Letters From Heaven*, 119.
[2] Edwin R. Thiele, *Apocalipse: Esboço de Estudos*, vol. 1, 60.

A mensagem

Em lugar do costumeiro elogio, como nas demais cartas, a mensagem inicial a esta igreja é de condenação. Presumia-se que a igreja, inflamada pelo espírito da Reforma, visto no período de Tiatira e no início do período de Sardes, estivesse viva e fervorosa, mas estava morta.

Tens nome de que vives, e está morto - a hipocrisia foi uma característica marcante nesta igreja. A igreja neste período tinha um bom nome e uma boa reputação. O nome "protestante" indicava oposição aos abusos, aos erros e ao formalismo da Igreja Católica Apostólica Romana; indicava que nenhum desses erros seriam encontrados entre os protestantes, porém, isso foi verdade somente entre os arautos da Reforma, e perdurou enquanto Lutero ainda vivia.

Dentro de poucas décadas, as igrejas reformadas experimentaram um período de violenta controvérsia doutrinária. Assim como no período de Pérgamo a Igreja Católica perverteu a fé apostólica e as verdades cristalinas da igreja primitiva, em razão de seu afastamento da Bíblia; também as igrejas protestantes afastaram-se dos princípios enunciados por seus fundadores. O princípio dos reformadores dizia: "A Bíblia e a Bíblia só deve ser a nossa única regra de fé." Protegidas pelo poder e prestígio do Estado, e acomodadas dentro da confissão dos credos, as igrejas nacionais do mundo protestante se conformaram com a forma da piedade, porém, sem o seu poder.

Um outro fator que contribuiu muito para aumentar nas igrejas protestantes o espírito de apatia para com as coisas espirituais foi o surgimento do Racionalismo nos séculos XVII e XVIII. Sob o impacto das descobertas científicas, muitos estudiosos passaram a crer que as leis naturais eram suficientes para explicar as obras do universo. Freqüentemente eles concluíam que a função principal de Deus em relação a este mundo era que Ele, Deus, fora unicamente a primeira causa, e que desde o Seu ato inicial da criação, o mundo tem funcionado mais ou menos independente de Deus. Esta maneira de pensar resultou num distanciamento da Bíblia, que, por sua vez, passou a ser considerada irreal, inexata e não literal.[1]

Tudo estava contra Sardes. Que virtude haveria em estar morto? E Sardes estava morta, perdera o Espírito de Deus, Seu poder, e perdera também a sua mensagem. Sardes permanecia como uma simples casca, sem nenhum conteúdo.

"Nenhuma quantidade de experiência passada será suficiente para o momento, nem nos fortalecerá para vencermos as dificuldades que estiverem em nosso caminho. Precisamos ter novo suprimento de graça e de força cada dia, a fim de sermos vitoriosos."[2]

A Reforma iniciada com os Valdenses (séc. XII), Wycliffe (séc. XIV), João Huss e Jerônimo (séc. XIV e XV), e Lutero no século XVI, quebrou o poder da supremacia espiritual de Roma. A Europa foi sacudida de ponta a ponta por um poder que

[1] *Seventh Day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, 756.
[2] Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, vol. 3, 541.

nunca tinha sido conhecido antes. Infelizmente o espírito da Reforma não durou muito tempo. Dentro de poucos anos os seguidores dos reformadores estavam divididos e começaram a se opor e a perseguirem-se uns aos outros.

"Quando quer que a igreja tenha obtido o poder secular, empregou-o ela para punir a discordância às suas doutrinas. As igrejas protestantes que seguiram os passos de Roma, formando aliança com os poderes do mundo, têm manifestado desejo semelhante de restringir a liberdade de consciência. Dá-se um exemplo disto na prolongada perseguição aos dissidentes, feita pela Igreja Anglicana. Durante os séculos dezesseis e dezessete, milhares de ministros não-conformistas foram obrigados a deixar as igrejas, e muitos, tanto pastores como o povo em geral, foram submetidos a multa, prisão, tortura e martírio."[1]

Lutero denunciou Zuinglio como um herege, e os Calvinistas não queriam saber dos Luteranos.[2] O primeiro credo protestante foi a Confissão de Augsburg, 1530. Essa data é importante porque dessa data em diante os protestantes começaram a perder de vista a Palavra de Deus e o Espírito Santo como guias. Eles se organizaram em seitas, criaram seus regulamentos, credos e disciplina. Foi assim que Calvino, em Gênova, consentiu com a morte de Servetus por causa de diferenças religiosas, Servetus foi queimado. Na Inglaterra, os protestantes anglicanos empreenderam a mais cruel guerra não somente contra os católicos, mas também contra todos os

[1] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 443.
[2] F.G. Smith, *What the Bible Teaches*, 293.

protestantes que se recusavam a se conformar com a igreja estabelecida. Os protestantes colocaram seus exércitos no campo e lutaram pelos seus credos, como aconteceu na Guerra dos Trinta Anos (1618 1648) que começou com a revolta Boêmia contra a Igreja de Roma, e o longo período de guerra dos Huguenotes na França,[1] só que desta vez contra seus próprios irmãos. O estudo da história da Reforma mostra que o protestantismo, a partir de 1530, introduziu um outro período de apostasia, ou melhor, uma outra forma de apostasia. Em menos de cem anos, o luteranismo, com o qual a Reforma alcançara o seu clímax, cristalizou-se num formalístico e dogmático movimento protestante. O historiador D'Aubigne considera que o fim da verdadeira Reforma foi o "decisivo período de 1530 e 1531," e que a partir dessa data, começou então uma outro capítulo, a história do protestantismo.[2]

O grande sistema protestante que sucedeu o romanismo, tomou o seu lugar no mundo moderno, assim como foi descrito na profecia. As duas primeiras nações na Europa a se levantarem contra o papado foram a Alemanha e a Inglaterra. Estas duas nações têm sido consideradas como sendo a plataforma do protestantismo. O protestantismo ganhou sua posição e influência no mundo moderno especialmente através do poder político. Este fato não pode se negado, pois foi assim no passado na Alemanha e Inglaterra, e assim será no futuro quando a profecia do protestantismo apostatado de Apoc. 13:11-18 cumprir-se através da união da Igreja e do Estado nos Estados

[1] Ibidem., 293, 294.
[2] Ibidem.

Unidos da América do Norte.

A segunda Besta de Apoc. 13, o protestantismo apostatado, como um sistema religioso, deverá formar uma imagem da primeira besta, o papado, que é um sistema político religioso, que sempre procura unir Igreja e Estado. O termo imagem se define como uma imitação, uma cópia. A segunda besta, então, é o sistema protestante, buscando apoio político, tentando unir Igreja e Estado. Isso ocorreu no período de Sardes, especialmente na Alemanha e Inglaterra e acontecerá novamente nos Estados Unidos, e então no mundo todo. A história da Reforma mostra como Deus trabalhou poderosamente através dos reformadores, mas a história do protestantismo mostra quão rapidamente as igrejas reformadas perderam sua dependência de Deus e apelaram para os braços do poder político.

O período de Sardes também recheou-se de perseguições e de mortes. O que a Inquisição fez contra os cristãos no período de Tiatira, as igrejas protestantes nacionais fizeram contra os grupos protestantes minoritários no período de Sardes. O mesmo espírito satânico que moveu o papado contra os Valdenses, contra os Lolardos (seguidores de Wycliffe), e contra a Igreja dos Irmãos da Boêmia e Morávia, moveu também as igrejas protestantes nacionais da Alemanha e da Inglaterra contra seus irmãos no período de Sardes.

"Nalguns respeitos o século XVIII é o mais ilusório período da história da Inglaterra. É a cinderela dos séculos. Ninguém tem uma boa palavra com a qual se referir a ele. Carlyle resume-o numa frase amarga: alma extinta; estômago vazio. O verdadeiro escândalo da Inglaterra no século XVIII, a lepra que envenenava o seu sangue, a mancha negra no disco luminoso de sua história, é a decadência da religião que distinguiu os seus primeiros cinqüenta anos. No que se refere a sua fé, a Inglaterra estava morta. Os seus céus espirituais eram tão negros como a meia noite no Ártico, e enregelados como as suas geadas."[1] O cristianismo não pode morrer, mas chegou perto do desmaio mortal naquela era melancólica.

Os Quakers, na Inglaterra, foram presos às centenas, apedrejados, surrados, chicoteados, e afogados. Em 1661 eles fizeram um pedido de tolerância para com a religião deles, e pediram que fossem dispensados de fazerem juramento ao governo, por motivo de consciência. Esse pedido foi rejeitado, e, ao contrário do que esperavam, um decreto foi feito (24/03/1661) contra eles, caso insistissem em não participar dos juramentos, ou se tentassem persuadir alguém a não fazê-lo. George Fox, em uma carta ao rei, diz que três mil e sessenta e oito dos seus amigos tinham sido presos, e que as reuniões deles eram diariamente interrompidas por homens armados que jogavam os Quakers na água e eram afogados. Uma lista foi impressa e assinada por doze testemunhas, que afirmavam que mais de quatro mil e duzentos Quakers foram presos, e muitos

[1] Edwin R. Thiele, *Apocalipse, Esboço de Estudos*, vol. 1, 61.

deles foram mortos na prisão.[1] Nos Estados Unidos a experiência dos Quakers não foi menos sofrida, muitos deles não foram somente açoitados publicamente, como criminosos, mas alguns foram marcados com ferro quente e outros tiveram as orelhas cortadas.[2]

O rei Henry VIII, fundador da Igreja Anglicana na Inglaterra, adotou as mais rigorosas leis para impor as doutrinas da igreja.[3] Foi rejeitada a supremacia do papa, mas em seu lugar o monarca foi entronizado como cabeça da igreja. O rei reformador perseguiu tanto católicos como protestantes. Centenas e milhares de cristãos foram vítimas da intolerância religiosa que persistiu por muito tempo na Inglaterra. Uma dessas vítimas é bem conhecida, John Bunyan, pregador inglês (1628 1688), permaneceu preso por doze anos na cadeia de Bedford, período em que escreveu *O Peregrino*, e mais de 50 outros livros. Em nauseabundo calabouço, repleto de devassos e traidores, John Bunyan respirava a própria atmosfera do céu. Na Escócia, a Igreja Episcopal fez uma sucessão de mártires presbiterianos.[4]

Foi essa feroz perseguição dos protestantes contra os protestantes que levou os puritanos (o alvo dos puritanos era purificar a igreja da Inglaterra de todos os vestígios do romanismo), um grupo de cristãos reavivados, a fugirem da Inglaterra, primeiramente para a Holanda e depois para a Nova Inglaterra. Desembarcaram nas praias da América em 1620, em

[1] Fox, *Book of Martyrs*, 357, 358.
[2] Ibidem., 360.
[3] F.G. Smith, *What the Bible Teaches*, 299.
[4] F.W. Grant, *The Prophetic History of the Church*, 128.

busca de um país onde pudessem adorar a Deus de acordo com os ditames da consciência. O navio Mayflower trouxe o primeiro grupo de 102 peregrinos até as praias de Cape Cod. Um segundo grupo de mil puritanos veio em 1630. Por volta de 1642 a Colônia da Baía de Massachusetts já tinha 16.000 pessoas. Por volta de 1636, Roger Williams, um jovem pastor, iniciou a nova colônia de Rhode Island. O princípio fundamental da colônia de Roger Williams era que todo homem teria liberdade para adorar a Deus segundo os ditames de sua própria consciência. Seu pequeno Estado, Rhode Island, tornou-se o refúgio dos oprimidos, e cresceu e prosperou até que seus princípios básicos, a liberdade civil e religiosa, se tornaram as pedras angulares da República Americana. Multiplicaram-se rapidamente as colônias. Massachusetts, em virtude de lei especial, estendia cordiais boas-vindas e auxílio, à expensa pública, aos cristãos de qualquer nacionalidade que fugissem pelo Atlântico para escaparem da opressão de seus perseguidores. Vinte anos depois do primeiro embarque de Plymouth, outros tantos milhares de peregrinos se tinham estabelecido na Nova Inglaterra. O grande princípio, tão nobremente advogado por Roger Williams, de que a verdade é progressiva, de que os cristãos devem estar prontos para aceitar toda a luz que resplandecer da santa Palavra de Deus, foi perdido de vista por seus descendentes.

Na Escócia, como os covenanters insistiam em adorar a Deus da maneira deles, foram então perseguidos e caçados pelos

soldados ingleses nas montanhas, nos lugares para onde eles se retiravam para orar e adorar. As histórias dos sofrimentos dos covenanters nas mãos dos protestantes ingleses constituem o mais doloroso e o mais horrível capítulo das perseguições religiosas protestantes.[1]

As primeiras igrejas protestantes da Europa, quando conseguiram se estabelecer e adquirir poder, começaram a agir da mesma forma como a Igreja de Roma agiu na Idade Média, perseguindo, banindo, prendendo, e mesmo matando aqueles que se recusavam a aceitar suas doutrinas.

Os luteranos eram, no princípio, pessoas piedosas, sinceras e fiéis, mas a medida que foram crescendo em numero e poder, começaram a perseguir, banir, prender e matar aqueles que discordavam deles. Em 1574 em uma convenção em Torgaw eles instigaram o Eleitor da Saxônia a prender ou banir os calvinistas que diferiam deles em doutrina. Peucer, por causa de suas opiniões, ficou preso durante dez anos. Crellius, em 1601, foi morto. Stettar de Strasburg foi perseguido na Alemanha por ter permitido aos membros leigos falarem na igreja, e por realizar reuniões de orações no meio da semana. Na Escócia, os haldanes foram perseguidos pela mesma razão. O desejo ardente deles de pregarem o evangelho na Índia foi frustrado.[2]

Na Suíça, um concílio protestante condenou um jovem chamado Felix Mantz a ser afogado porque ele insistia em

[1] F.G. Smith, *What the Bible Teaches*, 300.
[2] L. Sale-Harrison, *The Wonders of the Great Unveiling*, 54.

condenar o batismo por aspersão de bebês. Ele ensinava que todos os que tinham sido batizados por aspersão quando bebês deveriam ser batizados por imersão quando se tornassem verdadeiros crentes em Jesus.[1] As mais severas leis foram criadas, em diferentes países da Europa, contra os anabatistas, e muitos deles foram banidos ou queimados vivos. Lembre-se de que não estamos falando aqui da Inquisição dos jesuítas. Os tempos mudaram, e agora a carta da igreja de Sardes está falando da vergonhosa história do protestantismo. A história tem demonstrado que, não importa quem esteja no poder, sejam católicos ou protestantes, quando a igreja apela para os braços do poder político, quando Igreja e Estado se unem, o resultado é a intolerância religiosa. O protestantismo claramente pregava o princípio da liberdade de consciência, mas isto era somente uma teoria, porque na prática o protestantismo exigia completa submissão às doutrinas da igreja. Os que se opunham eram disciplinados e até mesmo mortos, como foi o caso de Servetus, em Gênova. O espírito que fora inspirado pelos reformadores foi gradualmente arrefecendo até haver tão grande necessidade de reforma nas igrejas prostestantes como na igreja romana ao tempo de Lutero.

O mais falso princípio que se originou com a Igreja de Roma e que foi transferido para o protestantismo, é o de que o governo e a igreja precisam se unir para que a igreja de Cristo se complete na terra. "A união da Igreja com o Estado, não importa quão fraca possa ser, conquanto pareça levar o mundo mais perto da

[2] F.G. Smith, *What the Bible Teaches*, 298, 299.

igreja, não leva, em realidade, senão a igreja mais perto do mundo."[1] Desde os dias de Constantino até o presente, a estratégia de Satanás tem sido a de procurar edificar a igreja com o auxílio do Estado, apelando para o poder temporal em apoio ao evangelho.

Isso aconteceu na Alemanha e na Inglaterra, e acontecerá nos Estados Unidos em cumprimento de Apoc. 13:11-18. No período de Sardes, em vez de a igreja se conservar sob a dependência divina, procurou fazer aliança com os governos, formando assim igrejas nacionais, com credos evangélicos com apoio dos governos. A verdade foi popularizada, mas Cristo nunca foi popular e nunca será. A verdade popularizada é a verdade que perdeu seu poder. A mesma estratégia que Satanás usou no período de Pérgamo, popularizando o cristianismo, fazendo dele uma religião nacional, voltou a usar de novo no período de Sardes. O cristianismo que conseguiu permanecer puro e fiel durante as incessantes perseguições imperiais do período de Esmirna, foi pervertido no período de Pérgamo quando a Igreja e o Estado se casaram. Da mesma forma o movimento da Reforma que subsistiu firme e próspero no longo período da tirania papal (Tiatira 538-1517), quando Jezabel dominou a igreja, foi pervertido no período de Sardes quando a Reforma se transformou em igrejas protestantes nacionais.

A história costuma se repetir. No próximo período da igreja, Filadélfia, a profecia fala de um grande reavivamento operado pelo Espírito Santo, e então de novo, vem outro capítulo de

[1] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 297.

condenações, a apostasia de Laodicéia. Quem tem ouvidos ouça a história que o Espírito Santo está contando acerca dos altos e baixos da igreja.

"Sê vigilante, e confirma os restantes que estavam para morrer . . . lembra-te pois do que tens recebido e ouvido, e guarda-o, e arrepende-te" (Apoc.3:2-3).

Aqui encontramos cinco conselhos de Jesus à igreja de Sardes. "Sê vigilante," esse conselho tem muito a ver com a cidade de Sardes. Quando Ciro, o persa, cercou a cidade de Sardes, ele não podia avançar até que a fortaleza fosse tomada. Sardes era uma fortaleza quase inexpugnável. Assim, o general persa declarou que qualquer homem que descobrisse um meio de invadir a fortaleza e dominá-la, receberia elevada recompensa. No exército persa havia um soldado chamado Heroeades. Esse soldado certo dia, observava a escarpa e o parapeito acima, local vigiado por um soldado lídio. Ao estar assim observando, o soldado lídio deixou cair, acidentalmente, o seu elmo, que despencou do alto do parapeito até quase a base do penhasco. O soldado lídio galgou o parapeito e tomou vagarosamente o caminho que se dirigia à base do penhasco para recuperar o seu elmo, voltando depois ao seu posto de sentinela. O soldado persa que o observava gravou cuidadosamente na memória todos os lances do roteiro do soldado lídio, e, à noite, com um seleto grupo de companheiros, escalou o penhasco até o alto. Estava absolutamente desprovido de guarda, e, assim Sardes caiu nas mãos dos persas. Pela

segunda vez Sardis, nos dias de Achneus, em circunstâncias semelhantes caiu nas mãos do inimigo, desta vez Antíoco, o Grande.[1] Um dos problemas de Sardes era a falta de vigilância.

Essas eram histórias conhecidas nos dias do profeta João, e Jesus faz uso delas para dizer aos cristãos de Sardes: "Lembrem-se da história de vocês;" a ênfase de nosso Senhor é: *"Sejam vigilantes... e se não vigiarem, virei como ladrão" (Apoc.3:2, 3).*

Apoc. 3:2 demonstra que muitos, porém, não todos estavam mortos. O verso 3 aconselha os cristãos de Sardes a fazerem uma retrospecção na vida espiritual e lembrarem da mensagem e da experiência que haviam tido. A Justificação pela Fé foi a doutrina forte dos reformadores, e ela fez surgir o protestantismo; somente a justiça de Cristo recebida pela fé poderia reavivá-los.

"Mas também tens em Sardes algumas pessoas que não contaminaram seus vestidos, e comigo andarão de branco; porquanto são dignas disso. O que vencer será vestido de vestes brancas, e de maneira nenhuma riscarei o seu nome do Livro da Vida; e confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos Seus anjos" (Apoc. 3:4, 5).

O remanescente de Deus sempre existiu, em todas as eras. Nos dias do profeta Elias, Deus lhe mostrou um grupo de 7.000 que também não tinha dobrado seus joelhos diante de Baal. Em meio à apostasia antediluviana, houve Enoque e Noé, ambos tementes a Deus. Nos dias dos emires da Arábia havia Jó, o

[1] Ray Summers, *Worthy Is the Lamb*, 121.

melhor homem de Deus no Oriente. Nos trágicos dias da idolatria universal, existiu Abraão, chamado de Ur dos Caldeus. Houve um Ló, mesmo na perversa Sodoma. Nunca houve um período tão escuro em que Deus não tivesse Suas estrelas. No período de Sardes, Deus tinha *"alguns que não contaminaram seus vestidos" (Apoc. 3:4):* os reformadores Martinho Lutero, Ulrich Zwinglio, João Calvino, o puritano João Bunyan, os pietistas Philipp Spenner, August Hermann Francke, e o Conde Zinzendorf, e os metodistas João Wesley e Whitefield.

Filadélfia

"E ao anjo da igreja que está em Filadélfia escreve: Isto diz o que é Santo, o que é verdadeiro, o que tem a chave de Davi; o que abre, e ninguém fecha; e fecha, e ninguém abre.

Eu sei as tuas obras; eis que diante de ti pus uma porta aberta, e ninguém a pode fechar; tendo pouca força, guardaste a minha palavra, e não negaste o meu nome.

Eis que eu farei aos da sinagoga de Satanás, aos que se dizem judeus, e não são, mas mentem; eis que eu farei que venham, e adorem prostrados a teus pés, e saibam que eu te amo.

Como guardaste a palavra da minha paciência, também eu te guardarei da hora da tentação que há de vir sobre todo o mundo, para tentar os que habitam na terra.

Eis que venho sem demora; guarda o que tens, para que ninguém tome a tua coroa.

A quem vencer, eu o farei coluna no templo do meu Deus, e dele nunca sairá; e escreverei sobre ele o nome do meu Deus, e o nome da

cidade do meu Deus, a nova Jerusalém, que desce do céu, do meu Deus, e também o meu novo nome.

Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas" (Apoc. 3:7-13).

A cidade

Filadélfia ficava a 120 km de Esmirna, em uma região vulcânica sujeita a freqüentes terremotos. Recebeu o nome de Filadélfia por causa de Átalo Filadelfo, irmão de Eumenes II, rei de Pérgamo que em 189 a.C. conquistou a cidade. É chamada de a "pequena Atenas" por seus muitos templos. Cidade construída numa ampla colina e cercada de vales férteis, tornou-se um centro de projeção na propagação do helenismo. Em 17 d.C. sofreu um severo terremoto, o mesmo que devastou Sardes. Filadélfia teve o nome mudado duas vezes, em 17 d.C. para Néo Cesaréia em gratidão a uma dádiva imperial, e, mais tarde para Flávia, em honra a Vespasiano (70 79 d.C.). Em 1390 sucumbiu diante de um exército formado de turcos e bizantinos após um cerco de oito anos. Filadélfia era a mais nova das sete cidades mencionadas nas sete cartas. Pelo fato de se localizar na principal estrada, a estrada do correio romano, entre Frígia e Esmirna, tornou-se uma importante e rica cidade com suntuosos templos. Esta cidade ainda existe sob o nome de Allah Sher, que significa "Cidade de Deus."

Significado e período

Filadélfia significa "Amor Fraternal," e o período foi

caracterizado por um profundo e intenso amor às almas pelas quais Jesus morreu. A igreja de Filadélfia representa o período histórico do cristianismo entre os anos 1798 a 1844.

A igreja

O cristianismo parece ter sido introduzido em Filadélfia na era apostólica pelo fato de uma das cartas de João ser endereçada à igreja dessa cidade. A profetiza "Ammia" celebrizou-se ali entre os anos 100 e 160 d.C. Em tempos posteriores Filadélfia tornou-se sede de um bispo e no século XIII era o centro cristão da Lídia, sendo a residência de um arcebispo. Caiu em poder dos turcos no ano 1390, e depois foi conquistada por Tamerlão, em 1402. Este soberano construiu um muro com os cadáveres das vítimas da tomada de Filadélfia. Isso não arrefeceu a firmeza dos cristãos e sua determinação de permanecer leais a sua religião. Mesmo depois que os turcos se apoderaram do país, e o cristianismo na Ásia Menor foi perecendo lentamente, Filadélfia continuou sendo uma cidade cristã, como Esmirna. Constitui notável característica que as duas cidades, Esmirna e Filadélfia, que retiveram seu caráter e população cristã por mais tempo que as outras cidades da Ásia Menor, são as cidades cujas igrejas foram tão puras e irrepreensíveis no tempo do apóstolo João, que as cartas escritas para elas são as únicas que não contêm palavras de repreensão. O cristianismo sobrevive nessa cidade até o presente; ali existem cinco igrejas cristãs. O historiador Gibbon diz que entre as igrejas da Ásia, Filadélfia permanece erguida, uma coluna numa paisagem de ruínas, um

exemplo agradável de que os caminhos da honra e segurança podem às vezes ser o mesmo.[1]

A mensagem

"E ao anjo da igreja que está em Filadélfia escreve: Isto diz o que é santo, o que é verdadeiro, o que tem a chave de Davi; o que abre, e ninguém fecha e fecha e ninguém abre. Eu sei as tuas obras; eis que diante de ti pus uma porta aberta, e ninguém a pode fechar; tendo pouca força, guardaste a minha Palavra, e não negaste o meu nome" (Apoc. 3:7, 8).

"Mostrou-se-me então que os Mandamentos de Deus e o Testemunho de Jesus Cristo com referência à porta fechada não podiam ser separados, e que o tempo para os Mandamentos de Deus brilharem em toda a sua importância, e para o povo de Deus ser provado sobre a verdade do sábado, seria quando a porta fosse aberta no lugar Santíssimo do Santuário Celestial, onde está a arca que contém os Dez Mandamentos. Esta porta não foi aberta até que a mediação de Jesus no lugar Santo do Santuário terminou em 1844. Então Jesus Se levantou e fechou a porta do lugar Santo e abriu a porta que dá para o Santíssimo, e passou para dentro do segundo véu, onde permanece agora junto da arca . . ."[2]

"Vi que Jesus havia fechado a porta do lugar Santo, e que nenhum homem poderia abri-la; e que Ele havia aberto a porta para o Santíssimo, e que homem algum podia fechá-la (Apoc.

[1] Edward Gibbon, *The Decline and Fall of the Roman Empire*, vol. 4, 381.
[2] Ellen G. White, *Primeiros Escritos*, 42.

3:7 e 8); e que uma vez que Jesus abrira a porta do Santíssimo, onde está a arca, os mandamentos têm estado a brilhar para o povo de Deus, e eles estão sendo testados sobre a questão do sábado."[1]

"Viam agora que estavam certos em crer que o fim dos 2300 dias em 1844 assinalava uma crise importante. Mas, conquanto fosse verdade que se achasse fechada a porta da esperança e graça pela qual os homens durante mil e oitocentos anos encontraram acesso a Deus, outra porta se abrira, e oferecia-se o perdão dos pecados aos homens, mediante a intercessão de Cristo no lugar Santíssimo. Encerrara-se uma parte de seu ministério apenas para dar lugar a outra. Havia ainda uma 'porta aberta' para o Santuário Celestial, onde Cristo estava a ministrar pelo pecador. Via-se agora a aplicação das palavras de Cristo no Apocalipse, dirigidas à igreja, nesse mesmo tempo: 'isto diz o que é santo, o que é verdadeiro, o que tem a chave de Davi; o que abre e ninguém fecha; e fecha, e ninguém abre. Eu sei as tuas obras; e eis que diante de ti pus uma porta aberta, e ninguém a pode fechar' (Apoc. 3:7, 8)."[2]

O Santuário Celestial é o próprio centro da obra de Jesus em favor dos homens, sendo também o centro das mensagens de Apocalipse. A mensagem dirigida à igreja de Filadélfia prepara o mundo para a hora do juízo no período de Laodicéia. O Santuário terrestre era uma figura ou modelo do celestial, a lei depositada na arca, na Terra, era uma transcrição exata da lei na

[1] Ibidem.
[2] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 429, 430.

arca, que está no Céu (Apoc. 11:19). A aceitação da verdade concernente ao Santuário Celestial envolve o reconhecimento dos requisitos da lei de Deus, e da obrigatoriedade do sábado do quarto mandamento. A revelação da segunda fase do ministério de Jesus no Santuário Celestial, o Juízo, requeria uma revelação da Santa Lei de Deus, a norma do juízo. Na mensagem à Filadélfia Jesus disse fechar uma porta e abrir outra. Os homens procuravam fechar a porta que Jesus havia aberto, e abrir a que Ele fechara.

"A porta que Jesus abre para a igreja de Filadélfia tem sido basicamente interpretada . . . como a oportunidade para pregar o evangelho (1 Cor. 16:9; 2 Cor. 2:12; Col. 4:3)" mas "o contexto da carta não é o trabalho missionário, e sim a recomendação para manter a constância e paciência que a igreja teve no passado (Apoc. 3:10-11). O principal propósito destas mensagens é ajudar a igreja a passar através do teste final e juízo (v. 10). Além disso, em contraste com a porta evangélica que cada ser humano pode fechar (Apoc. 3:20; Mateus 23:13; Lucas 11:52), esta porta que Jesus abre não pode ser fechada."[1]

"Cristo abrira a porta, ou o ministério, do lugar Santíssimo; resplandecia a luz por aquela porta aberta do Santuário Celestial, e demonstrou-se estar o quarto mandamento incluído na lei que ali se acha encerrada; o que Deus estabeleceu ninguém pode derribar."[2]

---

[1] Alberto R. Treiyer, *The Day of Atonement and the Heavenly Judgment*, 507
[2] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 435.

"Vi que a presente prova do sábado não poderia vir até que a mediação de Jesus no lugar Santo terminasse e Ele passasse para dentro do segundo véu; portanto, os cristãos que dormiram antes que a porta do Santíssimo fosse aberta, ao terminar o clamor da meia noite, no sétimo mês de 1844, e que não haviam guardado o verdadeiro sábado, agora repousam na esperança, pois eles não tiveram a luz, nem a prova sobre o sábado que nós agora temos desde que a porta se abriu. Vi que Satanás estava tentando alguns do povo de Deus neste ponto. Pela razão de tantos bons cristãos terem descansado nos triunfos da fé sem terem guardado o verdadeiro sábado, eles estavam duvidando sobre o ser ele uma prova para nós agora. Os inimigos da verdade atual têm estado a tentar abrir a porta do lugar Santo, a qual Jesus fechou, e a fechar a porta do Santíssimo, que Ele abriu em 1844, onde a arca está, contendo as duas tábuas de pedra nas quais estão os Dez Mandamentos escritos pelo dedo de Jeová."[1]

Uma Porta Aberta Para as Missões Estrangeiras

Aqui está um interpretação secundária mas que vale a pena considerar. O final do século XVIII deveria testemunhar a inauguração de um dos mais poderosos movimentos que o mundo já viu: o esforço dos poderes da cristandade em enviar mensageiros para a evangelização do mundo e para dar a Palavra de Deus a todos os povos que se achavam em escuridão. Foi um sermão pregado por Guilherme Carey em Nothingham, na Inglaterra, no dia 31 de maio de 1792, que impeliu a centelha

[1] Ellen G. White, *Primeiros Escritos*, 43.

cujo destino era incendiar os corações dos cristãos em todas as igrejas e países. Carey era um simples sapateiro que se tornou o Pai das Missões Modernas. Chegando à Índia abriu ali uma escola que hoje é uma Universidade. Desta escola ele enviava seus pregadores. Ali Carey permaneceu por toda a vida sem nunca tirar férias. Com seus auxiliares traduziu a bíblia em 35 diferentes idiomas da Índia. Em 1807 Robert Morrison partiu para a China, e dez anos mais tarde Robert Moffat seguia para a África e a seguir Davi Livingstone.

"Julgado segundo os seus resultados momentosos e seu vasto alcance, este sermão (Guilherme Carey) deve ser considerado como um dos principais da história cristã, secundado apenas pelo sermão da montanha. Tendo Isaías 54:2,3 como texto, ele prosseguiu em desdobrar as duas subdivisões incomparáveis e imortais, 'esperai grandes coisas de Deus' e eminentemente como só Carey, do princípio ao fim unindo obras incansáveis à uma fé de aço, 'empreendeu grandes coisas para Deus.' Nessa hora jamais esquecida, os desejos de anos encontraram sua primeira completa expressão...

"Em janeiro de 1797, podia-se afirmar a respeito dos resultados amplos e distantes do fervor religioso. 'Cristãos de todos os cantos do país estão se reunindo de maneira regular e derramando as suas almas pelas bênçãos de Deus no mundo.' E ainda: 'Os esforços de tanto êxito feitos para introduzir o evangelho nos Mares do Sul tiveram a mais poderosa influência para unir os devotos servos de Cristo de todas as denominações nos laços do amor fratenal."[1]

[1] Delavan L. Leonard, *A Hundred Years of Missions*, 75, 89.

"Os cristãos começaram a ver e a sentir que o Evangelho é mais do que ortodoxia... A era de reavivamentos, de missões, aos quais se seguiram esforços unidos para a conversão geral da humanidade, tais como não houve desde os primeiros tempos... Havia grandes reavivamentos da vida e fraternidade entre os cristãos. Tudo isto vemos descrito na sexta epístola, e verificamos na história dos últimos cem anos."[1]

Em 1784 havia somente vinte postos missionários protestantes no mundo, a metade dos quais nas mãos dos moravianos. A igreja cristã simplesmente não se interessava em missões. Quando Guilherme Carey numa convenção de ministros em 1786 apresentou a questão da obrigatoriedade dos ministros em levar a mensagem de Cristo a todas as nações, ele foi reprovado e pediram-lhe que se assentasse. As Sociedade Bíblicas se encarregaram de espalhar a Palavra de Deus no mundo todo:

- em 1804 foi organizada a Sociedade Bíblica Britânica
- em 1816 foi oraganizada a Sociedade Bíblica Americana
- e em seguida foram organizadas as Sociedades Bíblicas Escocesa e Alemã.

Um breve resumo das atividades missionárias que irromperam das forças da Cristandade em seguida ao momentoso sermão de Carey de 1792, dá-nos uma idéia do poder missionário que cobre o período de Filadélfia.

1792 - Panfleto de Carey sobre as obrigações dos cristãos

[1] J.A. Seiss, *The Apocalypse*, 197, 198.

quanto às missões;

1792 - Organização da Sociedade Missionária Batista;
1793 - Guilherme Carey navega para a Índia;
1793 - Fundação da Sociedade Escocesa de Colportagem e tratados;
1794 - Primeiro número da *The Evangelical Magazine*, uma publicação missionária;
1795 - Organização da Sociedade Missionária de Londres;
1796 - Estabelecimento da Sociedade Missionária de Nova York;
1796 - Viagem do Duff, um navio missionário à vela com vinte e nove missionários para os Mares do Sul;
1797 - Organização da Sociedade Missionária dos Países Baixos;
1798 - Viagem do navio Duff com quarenta e seis missionários;
1799 - Fundação da Sociedade Missionária da Igreja;
1799 - Estabelecimento da Sociedade Inglêsa de Tratados Religiosos;
1800 - Estabelecimento da Escola Missionária Janique em Berlim;
1802 - Fundação da Sociedade Missionária Batista em Massachusetts;
1804 - Organização da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira;
1806 - Grupo do Monte de Feno inicia suas atividades no Williams College;
1807 - Robert Morrison embarca para a China;

1810 - Organização da Comissão Americana de Comissários para as Missões Estrangeiras;
1812 - Henry Martyn embarca para a a Pérsia e Arábia;
1812 - Adoniram Judson inicia o trabalho em Burma;
1814 - Organização na América da União Missionária Batista;
1815 - Fundação do Instituto Missionário em Basel;
1816 - John Williams navega para as Ilhas Sociedade;
1816 - Organização da Sociedade Bíblica Americana;
1816 - Estabelecimento da Sociedade Wesleiana;
1817 - Robert Moffat embarca para a África;
1818 - Fundação da Sociedade Britânica de Marinheiros Estrangeiros;
1820 - Hiram Bingham embarca para o Havaí;
1824 - Estabelecimento da Sociedade Missionária de Berlim;
1825 - Fundação da Sociedade Americana de Folhetos;
1828 - Organização da Sociedade Americana dos Marinheiros;
1829 - Alexandre Duff embarca para a Índia;
1834 - Primeira Sociedade Missionária de Estrangeiros feminina, é formada em Londres;
1836 - Marcos Whitman parte como missionário aos Índios de Oregon;
1840 - Davi Livingstone inicia o seu trabalho na África;
1844 - João Ludgig Krapf parte para a África Oriental.

O período de Filadélfia é descrito de maneira positiva por Jesus em Apoc. 3:8 quando Ele diz: "*tendo pouca força, guardaste a*

minha Palavra e não negaste o meu nome." Filadélfia não foi somente um tempo de notável atividade na obras das missões cristãs e na distribuição da Bíblia, mas foi também um período muito importante no cumprimento da profecia bíblica e de espera pelo breve advento de Jesus. O cumprimento dos sinais dados por Jesus:

1. o escurecimento do sol em 19/05/1780;
2. a lua tornou-se como sangue em 19/05/1780;
3. a queda das estrelas em 13/11/1833.

Estes sinais serviram para despertar o mundo para a proximidade do Juízo e da Volta de Jesus. Em partes longínquas e espalhadas do mundo, homens começaram a examinar a Palavra de Deus, e, independentemente uns dos outros, chegaram à conclusão de que o fim estava realmente perto.

1800 - George Richards distribui as Preleções de Bampton, *A Defesa e Ilustração da Origem Divina da Profecia;*
1806 - Publicação das Dissertações de Faber sobre as Profecias;
1812 - Publicação do livro de Lacunza, *A Segunda Vinda do Messias em Glória e Majestade;*
1813 - Publicação de Cunningham, *Dissertação sobre os Selos e Trombetas;*
1814 - Publicação de Hatley Frere, *União Conjunta das Profecias de Cristo*;
1821 - A doutrina da Vinda do Senhor é ensinada por um

sacerdote na Tartária;

1821 - José Wolff inicia a proclamação da breve Vinda de Jesus ao redor do mundo;

1823 - Publicação de Edward Irving: *O Juízo Vindouro;*

1824 - Publicação de Leonard Heinrich Kelber: *O Fim Próximo*;

1826 - Iniciaram-se reuniões anuais no Albury Park, Surrey daqueles que estavam interessados no breve advento de Jesus;

1828 - Publicação de Alexandre Keith: *Evidências da Verdade da Religião Cristã, Derivadas do cumprimento Literal da Profecia;*

1829 - Publicação de Archibald Mason: *Dois Ensaios sobre os Números Proféticos dos 2300 Dias de Daniel e o Dever dos Cristãos de Investigar o Libertamento da Igreja;*

1829 - Início de uma publicação profética trimestral, *Vigia Matinal;*

1830 - O ministro de maior capacidade da Holanda, Sr. Hentzepeter publicou um panfleto sobre o fim do mundo;

1831 - Publicação de Edward Irving: *Exposição do Livro de Apocalipse;*

1831 - W. E. Davis de Carolina do Sul começou a proclamar o segundo advento de Jesus;

1831 - Guilherme Miller começa a pregar a mensagem do advento;

1836 - Publicação das preleções de Guilherme Miller em

forma de livro;
1838 - Publicação de Josias Litch: *O Clamor da Meia Noite;*
1840 - Publicação de *Sinais dos Tempos;*
1840 - Primeira conferência geral de crentes adventistas mileritas em Boston;
1842 - Publicação de Josué Himes: *O Clamor da Meia Noite;*
1843 - Pregação pelas crianças da Suécia sobre a breve vinda de Jesus.

"Eis que eu farei aos da sinagoga de Satanás, aos que se dizem judeus e não são, mas mentem; eis que Eu farei que venham e adorem prostrados a teus pés e saibam que Eu te amo" (Apoc. 3:9).

Ellen G. White, escrevendo a um senhor sobre o texto de Apoc. 3:9, diz: "O senhor acha que aqueles que adoram prostrados aos pés dos santos (Apoc. 3:9), serão salvos no final. Nisto tenho que discordar do senhor, pois Deus mostrou-me que esta classe é de adventistas nominais que já caíram, já crucificaram de novo o Filho de Deus, e O expuseram ao vitupério público. E na hora da tentação que está para vir, para expor o verdadeiro caráter de cada um, eles conhecerão que estão perdidos para todo o sempre; e oprimidos, angustiados de espírito, eles cairão aos pés dos santos."[1]

"Como guardaste a Palavra da minha paciência, também Eu te guardarei da hora da tentação que há de vir sobre todo o mundo, para tentar os que habitam na terra" (Apoc.3:10).

[1] Ellen G. White, *A Word to the Little Flock*, 12.

"Está iminente diante de nós a 'hora da tentação que há de vir sobre todo o mundo, para tentar os que habitam na terra' (Apoc. 3:10). Todos aqueles cuja fé não estiver firmemente estabelecida na Palavra de Deus, serão enganados e vencidos... Os que sinceramente buscam o conhecimento da verdade e se esforçam em purificar a alma pela obediência, fazendo assim o que podem a fim de preparar-se para o conflito, encontrarão refúgio seguro no Deus da verdade. 'Como guardaste a Palavra da minha paciência, também Eu te guardarei,' é a promessa do Salvador. Mais fácil seria enviar Ele todos os anjos do céu para protegerem Seu povo do que deixar a alma que Nele confia ser vencida por Satanás."[1]

"Eis que venho sem demora; guarda o que tens, para que ninguém tome a tua coroa" (Apoc. 3:11).

"O trono e a coroa são os penhores de uma condição atingida; são os testemunhos da vitória sobre o próprio eu por meio de nosso Senhor Jesus Cristo."[2]

"A quem vencer, Eu o farei coluna no templo do meu Deus, e dele nunca sairá; e escreverei sobre ele o nome do meu Deus, e o nome da cidade do Meu Deus, a Nova Jerusalém, que desce do céu, do meu Deus, e também o meu novo nome. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas" (Apoc. 3: 12-13).

"Na perda de Éfeso, os cristãos lamentaram a queda do primeiro anjo, a extinção do primeiro castiçal das revelações; a

[1] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 560.
[2] Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, 408.

desolação é completa; igualmente o templo de Diana ou igreja de Maria passará despercebida ao exame do viajante curioso. Os três imponentes teatros de Laodicéia, e o circo, são agora povoados de leões e raposas; Sardes está reduzida a um vilarejo miserável; em Pérgamo e Tiatira o Deus de Maomé, sem rival ou filho, é invocado nas mesquitas; e a vasta população de Esmirna é sustentada pelo comércio estrangeiro de francos e de armênios. Somente Filadélfia foi salva pela profecia ou pela coragem. Distante do mar, esquecida dos imperadores, circunscrita por todos os lados pelos turcos, os seus valentes habitantes defenderam a sua liberdade e a sua religião por mais de oitenta anos; embora capitulassem, por fim, diante dos altivos otomanos. Mas, por entre as colônias gregas e as igrejas da Ásia, Filadélfia ainda permanece; uma coluna numa cena de ruínas; um exemplo admirável de que os caminhos da honra e da segurança podem ser os mesmos muitas vezes."[1]

Laodicéia

"E ao anjo da igreja que está em Laodicéia escreve: Isto diz o Amém, a Testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus:

Eu sei as tuas obras, que nem és frio nem quente: oxalá foras frio ou quente!

Assim, porque és morno, e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca.

Como dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego e nu;

[1] Edward Gibbon, *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*, vol. 6, cap. LXIV, 229.

Aconselho-te que de Mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças; e vestidos brancos, para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez; e que unjas os teus olhos com colírio, para que vejas.

Eu repreendo e castigo a todos quantos amo; sê pois zeloso, e arrepende-te.

Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo.

Ao que vencer lhe concederei que se assente comigo no meu trono; assim como Eu venci, e me assentei com meu Pai no seu trono.

Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas" (Apoc. 3:14-22).

A cidade

A cidade de Laodicéia fica cerca de 65 km a sudoeste de Filadélfia e uns quatrocentos e cinqüenta quilômetros de Éfeso. Laodicéia foi fundada por Antíoco II da casa real dos reis conhecidos como selêucidas. A cidade recebeu o nome de Laodicéia em honra à esposa de Antíoco II, que se chamava Laodice. Era uma cidade notavelmente rica. Era o centro de um sistema de bancos da Ásia Menor. Os laodiceanos eram pessoas que depositavam sua confiança na prosperidade material, na ostentação e na saúde física. Era uma cidade circundada por fazendas, e no vale havia valiosa produção de lãs, de textura macia, de colorido negro, mas matizado, por assim dizer, com violeta.

Vestes pretas eram quase que exclusivamente usadas pelos laodiceanos como evidência de sua riqueza. Laodicéia também se destacava com importantes recursos de saúde; ostentava notáveis fontes térmicas e banhos de lodo; as águas minerais possuíam propriedades medicinais que atraíam muitos visitantes e doentes da Europa e Ásia. Estas águas, próprias para o banho, eram imprestáveis como bebida. Fontes térmicas em Hierápolis precipitavam-se por um despenhadeiro no outro lado de Laodicéia, e a água tornava-se morna no caminho.

Uma importante escola de medicina situava-se no templo de Caru, dedicado a Esculápio, o deus grego da medicina. Relacionada com a escola de medicina havia uma indústria para fabricação de um colírio medicinal especial, que era feito da famosa pedra frígia.

Em virtude de sua riqueza, os cidadãos eram orgulhosos, arrogantes e satisfeitos consigo mesmos.

"Não há cidade cujo espírito e natureza seja mais difícil de descrever do que Laodicéia. Não há extremos, e dificilmente fatos bem marcantes. Mas é exatamente nesse balanço que se encontra seu caráter peculiar. Foram estas as qualidades que contribuíram essencialmente para fazer dela uma próspera cidade comercial, a cidade das finanças e dos banqueiros, que se adaptava às necessidades e aos desejos dos outros, sempre flexível e acomodadora, cheia de espírito de compromisso."[1] A cidade acabou em ruínas e se encontra hoje sem habitante algum. Ruínas de três grandes teatros e o aqueduto ainda são visíveis.

[1] W. M. Ramsay, *The Letters to the Seven Churches of Asia*, 422, 423.

Significado e período

Laodicéia é formada de duas palavras gregas: *laos* (povo), e *dikaios* (justo, direito, legal). Laodicéia significa "povo justo" ou "povo julgado." O período da igreja de Laodicéia representa o sétimo e último período da história do cristianismo, especificamente o período do juízo e da volta de Jesus (1844 até a volta de Jesus). "Enquanto o período da sexta igreja marca o tempo da transição que direciona os olhos dos fiéis do Lugar Santo para o Lugar Santíssimo, o período da sétima igreja é em si mesmo o tempo do juízo."[1]

A igreja

A igreja de Laodicéia foi provavelmente fundada por companheiros de Paulo, enquanto o apóstolo estava trabalhando em Éfeso. Paulo em sua carta à igreja de Colossos, expressa grande interesse e faz referência à igreja de Laodicéia e também a Hierápolis (Col. 2:1; 4:13,15). Uma carta foi enviada por Paulo a Laodicéia (Col. 4:16). Paulo pediu que a sua carta aos colossenses também fosse lida em Laodicéia. A primitiva igreja de Laodicéia gozava de proeminência e importância. Sagaris, seu bispo, foi martirizado em 166 d.C. Numerosos concílios da igreja foram ali realizados, entre eles o importante concílio de 364 d.C., no qual havia trinta e dois bispos presentes. Neste concílio foi confirmada pela igreja a lei dominical feita por Constantino em 321. A igreja cristã de Laodicéia desapareceu completamente com o tempo.

---

[1] Alberto R. Treiyer, *The Day of Atonement and the Heavenly Judgment*, 521.

A mensagem

A mensagem de Laodicéia é a última mensagem de Jesus à última igreja. A profecia de Daniel 8:14 *"Até duas mil e trezentas tardes e manhãs e o Santuário será purificado,"* apresenta o maior período profético da Bíblia, os 2.300 anos, que iniciaram em 457 a.C., no sétimo ano do rei Artaxerxes, com a ordem para reedificar Jerusalém (Daniel 9:25; Esdras 7:7-8), e terminaram em 1844 d.C., quando iniciou realmente a purificação do Santuário Celestial, uma obra de juízo realizado no lugar santíssimo do Santuário do Céu. Este é o grande tema que será estudado nos próximos capítulos de Apocalipse:

- Apoc. 4 - a sala do Juízo;
- Apoc. 5 - o Livro do Juízo; o livro Selado com Sete Selos e a passagem de Jesus do lugar Santo para o lugar Santíssimo do Santuário Celestial (Apoc. 5:7);
- Apoc. 6 até Apoc. 8 - o processamento do Juízo Investigativo e então o fim do juízo, o fechamento da porta da graça.

O Movimento do Advento não teve início com uma voz solitária e independente. Pessoas de diversas igrejas, como luteranos, metodistas, batistas, congregacionais, presbiterianos e até mesmo católicos romanos fizeram parte desse poderoso reavivamento religioso. Guilherme Miller foi apenas um dentre quase noventa homens em mais de uma dúzia de países de quatro continentes, que ensinavam e criam que o fim da profecia dos 2.300 anos dar-se-ia entre 1843 e 1847. A Igreja Adventista não surgiu como organização separada. Foi um movimento designado por Deus para abranger a Terra.

Lamentavelmente, no momento em que a igreja deveria estar mais desperta e reavivada, ela está morna, fraca e indiferente, inconsciente da solenidade do tempo do Juízo. A mensagem de Laodicéia aplica-se à Igreja Remanescente e também a todos os cristãos espalhados em todas as igrejas.

Ellen G. White escreveu: "A advertência destinada à última igreja deve ser proclamada a todos os que pretendem ser cristãos. A mensagem de Laodicéia, semelhante a uma afiada espada de dois gumes, deve ir a todas as igrejas."[1]

Também se aplica especificamente ao povo de Deus na atualidade. Por mais de um século os Adventistas do Sétimo Dia tem reconhecido que a mensagem aos laodiceanos também tem especial aplicação a eles mesmos.[2] "Foi-me mostrado que o testemunho dado aos laodiceanos se aplica ao povo de Deus da atualidade."[3]

"Se já houve algum povo que necessitasse de atender ao conselho da Testemunha Fiel e Verdadeira à igreja de Laodicéia para que se arrependa diante de Deus e seja zeloso, este povo é o que tem aberto diante de si as estupendas verdades para este tempo, e que não tem vivido segundo os seus altos privilégios e responsabilidades."[4]

"Pode algum homem examinar minuciosamente a professa igreja dos nossos dias e dizer que não chegamos ao tempo de

[1] Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, vol. 6, 76, 77.
[2] James White, *Review and Herald*, 16/10/1856.
[3] Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, vol. 1, 186.
[4] Ellen G. White, *Review and Herald*, 04/06/1889.

Laodicéia? Não é a voz deste cristianismo nosso que diz: 'Rico sou e estou enriquecido, e de nada tenho falta?' E não é igualmente fato que este mesmo cristianismo nosso é um 'desgraçado, e miserável, e pobre, e cego e nu?' Encontraria o *'Mene, mene, tekel ufarsin'* do palácio de Belsazar melhor aplicação aos pagãos da antiguidade do que a esta moderna babilônia cristã?"[1] Somente serão salvos no período de Laodicéia aqueles que ainda conservam o espírito de Filadélfia, amor fraternal, uma ardente paixão por Jesus e por aqueles por quem Ele morreu.

"Isto diz o Amém, a Testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus" (Apoc. 3:14).

O princípio da criação de Deus do grego *arche*, é uma palavra que tem dois sentidos, passivo e ativo. No sentido passivo, esta frase estaria dizendo que Jesus foi o primeiro ser criado. Mas, obviamente, esta não seria uma compreensão correta, considerando-se que a Bíblia deve ser explicada pela própria Bíblia. Temos outros textos bíblicos que mostram que Jesus, em vez de ser o primeiro ser criado, foi Ele, sim, o Criador de todas as coisas, foi ele quem deu princípio, início à obra da criação.

"Porque Nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades: tudo foi criado por Ele e para Ele. E Ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por Ele" (Col. 2:16-17).

[1] J. A. Seiss, *The Apocalypse*, vol. 1, 200, 201.

"No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez" (João 1:1-3).

Considerando os demais textos bíblicos que mostram Jesus como o Autor da criação, Aquele através de quem Deus fez todas as coisas (Hebreus 1:2), o texto de Apoc. 3:14 deve ser entendido no sentido ativo, isto é, o princípio da criação, o autor, Aquele que deu início à obra da criação, a primeira causa. Sendo assim, este verso está dizendo o que toda a Bíblia diz, que Jesus é o Criador de todas as coisas.

"Eu sei as tuas obras que nem és frio nem quente: oxalá foras frio ou quente! Assim, porque és morno, e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca" (Apoc. 3:15-16).

Essa linguagem era muito familiar aos cristãos laodiceanos. Fontes térmicas em Hierápolis precipitavam-se por um despenhadeiro, em forma de cascata, no outro lado de Laodicéia. Bem quentes quando fluíam de Hierápolis, essas águas tornavam-se menos aquecidas ao atravessarem o vale de Lycus antes de atingirem a cidade de Laodicéia, cerca de 10 km de distância e, ao chegarem às vizinhanças da cidade, já se apresentavam mornas. Essas águas, embora excelentes para os banhos medicinais, eram impróprias para serem bebidas. A fonte de água de Laodicéia não era de água quente ou fria, mas morna. A torre de água da cidade era abastecida com água

morna. Sendo assim, a água morna era um fenômeno familiar aos laodiceanos, e representava também a condição espiritual deles.

A palavra grega para frio é *psuchros* e significa frio ao ponto de congelamento. A palavra grega para quente é *zestos* e significa quente ao ponto de ebulição. Para morno temos a palavra grega *chliaros* que traz a idéia de efeito nauseante.

Essa mensagem aplica-se especificamente aos cristãos que vivem sobre a terra exatamente no período do juízo pré-advento, de 1844 até a volta de Jesus. A condição de mornidão espiritual é pior que a condição fria dos incrédulos, ou dos ateus.

O cristianismo morno conserva muito da sua forma, e mesmo muito do seu conteúdo, porém nada do seu poder. Os cristãos laodiceanos da atualidade estão contentes com suas realizações e orgulhosos dos pequenos progressos que a igreja tem feito. É quase impossível convencê-los da pobreza espiritiual em que se encontram.

Considerando-se que a mensagem dirigida às sete igrejas reflete o curso da história da Igreja Cristã, a sétima mensagem então se refere à experiência espiritual da igreja nos últimos dias. “Teria sido mais aprazível diante de Deus se os mornos professos de religião, nunca tivessem mencionado Seu nome. Eles são um contínuo atrapalho para aqueles que querem ser fiéis seguidores de Jesus. Eles são uma pedra de tropeço para os

descrentes."[1] A mensagem à igreja de Laodicéia aplica-se de modo mais decidido aqueles cuja experiência religiosa é insípida, que não dão decidido testemunho a verdade.

Oxalá foras frio - se a condição de Laodicéia fosse fria, o Espírito de Deus poderia convencê-la mais prontamente de sua condição de perigo; *"mas, porque és morno, vomitar-te-ei;"* a água morna produz náuseas, vômito. "Se fosses frio, então haveria alguma esperança de te converteres; mas quando alguém se cinge de justiça própria em lugar da justiça de Cristo, o engano é tão difícil de ser visto, e a justiça própria tão dura de ser abandonada, que o caso é o mais difícil de se decidir. Um pecador sem Deus, não convertido, está em mais favorável condição que um tal."[2]

"O frio que o Mestre prefere em lugar da mornidão é como o de um pagão não regenerado que nunca sentiu o toque de uma vida espiritual. Isto não significa negativamente frio, mas gelado, sem jamais ter sido esquentado ou misturado com o quente. Cristo prefere que os laodiceanos sejam, antes, cristãos ou pagãos que terem compromissos com ambos."[3]

"A única esperança para os laodiceanos é uma clara visão de sua condição diante de Deus, o conhecimento da natureza de sua enfermidade. Nem são frios nem quentes; ocupam uma posição neutra e, ao mesmo tempo, lisonjeiam-se de não necessitar de coisa alguma. A Testemunha Verdadeira aborrece essa mornidão."[4]

---

[1] Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, vol. 1, 188.
[2] Ibidem., vol. 2, 176.
[3] Taylor G. Bunch, *The Seven Epistles do Christ*, 221.
[4] Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, vol. 1, 476.

"A mensagem laodiceana aplica-se ao povo de Deus que professa crer na verdade presente. A maior parte são professos mornos, tendo nome mas faltando-lhes o zelo... Professam amar a verdade, todavia são deficientes no fervor e no devotamento cristãos. Não ousam desistir inteiramente e correr o risco dos incrédulos; não se acham, entretanto, dispostos a morrer para o próprio eu e seguir exatamente os princípios de sua fé... Não são desinteressados nem egoisticamente obstinados. Não se empenham inteiramente e de coração na obra de Deus, identificando-se com Seus interesses; mas se mantêm afastados e estão prontos a deixar seus postos quando os interesses mundanos pessoais o exijam. Carecem da obra interior da graça no coração."[1]

"A igreja em seu estado de mornidão está dividida entre Cristo e o mundo. Ela é religiosa demais para separar-se inteiramente do nome de Jesus, e é mundana demais para tomar posição firme e unida a Ele. Há muita pretensão, mas pouco cristianismo genuíno. As obras são abundantes, mas a fé é escassa; as profissões abundam, mas não há senão muito pouco de vida espiritual para corresponder. Prazeres mundanos e vidas levianas acham-se intimamente associadas com a Ceia do Senhor e a assim chamada benevolência cristã."[2]

"*Como dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu*" *(Apoc. 3:17).*

[1] Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, vol. 1, 476-477.
[2] Taylor G Bunch, *The Seven Epistles of Christ*, 222.

Poderiam quaisquer palavras serem mais descritivas de nossa época do que estas?

"O povo de Deus é representado na mensagem aos laodiceanos como em uma posição de segurança carnal. Estão a gosto, acreditando-se em exaltada condição de consecuções espirituais... Carecemos muito, porém, da humildade, paciência, fé, amor e abnegação, vigilância e espírito de sacrifício bíblicos... O pecado domina entre o povo de Deus. A positiva mensagem de repreensão aos laodiceanos não é acatada... Faltam-lhes quase todos os requisitos necessários ao aperfeiçoamento do caráter cristão."[1]

"Muitos que professam estar esperando a breve volta de Cristo estão se conformando com este mundo e procurando mais ansiosamente os aplausos dos que se acham ao seu redor do que a aprovação de Deus. São frios e formais, semelhantes às igrejas nominais das quais há pouco tempo se separaram. As palavras dirigidas à igreja de Laodicéia descrevem perfeitamente a sua condição atual."[2]

"Muitos destes professos cristãos vestem-se, falam e agem como o mundo, e a única coisa pela qual podem ser reconhecidos é pela profissão que fazem. Embora professem estar esperando a Cristo, a sua conversação não está no céu, mas em coisas terrenas... É evidente que muitos que trazem o nome de Adventistas estudam mais como enfeitar os seus corpos e parecer bem aos olhos do mundo, do que o fazem para aprender

[1] Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, vol. 1, 327, 328.
[2] Ellen G. White, *Primeiros Escritos*, 107.

como conseguir ser aprovados por Deus, através de Sua Palavra."[1]

"Alguns descansam sobre a experiência que tiveram anos atrás; mas quando trazidos a este tempo de exame do coração, quando todos deverão ter uma experiência diária, não terão nada para relatar. Eles parecem pensar que professar a verdade os salvará."[2]

"Não devemos, nem por um momento, pensar que não há mais luz, mais verdade, para nos ser transmitida. Achamo-nos em perigo de tornar-nos negligentes, por nossa indiferença, perdendo o poder santificador da verdade, e tranquilizando-nos com o pensamento: 'Rico sou e estou enriquecido, e de nada tenho falta.' (Apoc. 3:17). Conquanto devamos nos manter firmes às verdades que já recebemos, não devemos olhar com suspeita qualquer nova luz que Deus nos envie."[3]

"Nada é tão ofensivo a Deus nem tão perigoso para a alma humana como o orgulho e a presunção. De todos os pecados é o que menos esperança incute, e o mais irremediável."[4]

Erroneamente a igreja de Laodicéia considera as atividades como se fossem sinônimo de piedade.

"É então Laodicéia uma vítima de alucinações espirituais? Pensamos que não. Qual, então, é a razão porque Deus,

[1] Ibidem, 107, 108.
[2] Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, vol. 1, 188.
[3] Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, 310.
[4] Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, 154.

contemplando a condição da igreja de Laodicéia, vê uma coisa, enquanto que Laodicéia, considerando sua própria situação, vê uma condição inteiramente diferente? A razão está no fato de que Deus e Laodicéia estão olhando na realidade duas coisas diferentes. Ela inclina-se a olhar as suas realizações, que são bem consideráveis. Pensa nos seus missionários nos confins da terra. Evoca os hospitais e dispensários que a sua riqueza edificou e que a sua generosidade mantém. Ela contempla as escolas, colégios e faculdades em que se propõe a guiar sua juventude no caminho do que é direito. Conta as suas publicações e editoras, estabelecidas para iluminar o mundo. Lembra-se das imponentes casas de culto, construídas em muitas cidades de muitos países. Conta o seu corpo de membros e examina as suas ofertas. Seus pensamentos recuam para o princípio humilde e esquadrinham com um orgulho inconsciente e sutil os anos de crescimento, de progresso, de expansão. É um quadro esplêndido. Laodicéia é feliz, é complacente. Tem uma doutrina infalível, uma organização competente, uma mensagem triunfante."[1]

"Na opinião dos rabinos, o mais alto grau da religião mostrava-se por contínua e ruidosa atividade. Dependiam de alguma prática exterior para mostrar sua superior piedade... O mesmo perigo existe ainda hoje. À medida que aumenta a atividade e os homens são bem sucedidos em realizar alguma obra para Deus, há risco de confiar em planos e métodos humanos. Vem a tendência de orar menos e ter menos fé. Como

[1] Gwynne Dalrymple, "The Church of Laodicea," *Signs of the Times*, 04/11/1933.

os discípulos, arriscamo-nos a perder de vista nossa dependência de Deus, e buscar fazer de nossa atividade um salvador."[1]

"Aconselho-te que de mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças; e vestidos brancos, para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez; e que unjas os teus olhos com colírio, para que vejas" (Apoc. 3:18).

A atividade comercial que tornou a cidade de Laodicéia famosa está aqui representada. Os três principais ramos de negócios da cidade eram:

1. Era o centro de um sistema bancário para toda a região. Grandes riquezas estavam acumuladas em Laodicéia. Eles eram orgulhosos, arrogantes e auto suficientes por causa da riqueza. Eles diziam: Nós temos ouro, não precisamos de mais nada.

2. O segundo ramo comercial de Laodicéia era o mercado de lã preta. Eles fabricavam a lã preta que era usada na confecção de finos vestuários. Jesus diz: A despeito disso, vocês estão nus.

3. A terceira atividade comercial era a fabricação de um colírio medicinal para os olhos. Laodicéia era um centro de medicina. Os viajantes que viajavam pelo deserto sob o sol causticante, e o vento com areia ferindo os olhos, encontravam em Laodicéia um excelente colírio para os olhos.

1. *O ouro provado no fogo* - "O ouro provado no fogo é a fé que

[1] Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, 268.

opera por amor. Somente isto nos pode por em harmonia com Deus."[1] "A fé e o amor são áureos tesouros, elementos de que há grande carência entre o povo de Deus."[2] "O ouro aqui recomendado como tendo sido provado no fogo, é fé e amor. Ele enriquece o coração; pois foi purgado até tornar-se puro, e quanto mais é provado, tanto mais intenso é seu brilho."[3]

2. *Vestidos brancos* - "Os vestidos brancos são a pureza de caráter, a justiça de Cristo comunicada ao pecador. É na verdade uma vestimenta de textura celeste, que só se pode comprar de Cristo por uma vida de voluntária obediência."[4]

"Pela veste nupcial da parábola é representado o caráter puro e imaculado que os verdadeiros seguidores de Cristo possuirão. Foi dado à igreja 'que se vestisse de linho fino, puro e resplandecente,' 'sem mácula nem ruga nem coisa semelhante.' O linho fino, diz a Escritura, 'é a justiça dos santos.' A justiça de Cristo, seu próprio caráter imaculado é, pela fé, comunicada a todos os que O aceitam como Salvador pessoal...

"Ao nos sujeitarmos a Cristo, nosso coração se une ao Seu, nossa vontade imerge em Sua vontade, nosso espírito torna-se um com Seu espírito, nossos pensamentos serão levados cativos a Ele; vivemos Sua vida. Isto é o que significa estar trajado com as vestes de Sua justiça. Quando o Senhor nos contemplar, verá não o vestido de folhas de figueira, não a nudez e deformidade do pecado, mas Suas próprias vestes de justiça que são a obediência perfeita à lei de Jeová."[5]

[1] Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, 158.
[2] Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, vol. 1, 330.
[3] Ibidem, 477.
[4] Ibidem.,477, 478.
[5] Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, 310, 312.

3. *Unjas os teus olhos com colírio* - "Deixem que a graça divina lhes ilumine as trevas, e as escamas lhes cairão dos olhos, e compreenderão sua verdadeira pobreza e miséria espiritual. Sentirão a necessidade de comprar ouro, que é a fé e o amor puros; vestidos brancos que é um caráter imaculado, purificado pelo sangue de seu querido Redentor; e colírio, a graça de Deus, a qual lhes dará claro discernimento das coisas espiritais, e indicará o pecado."[1]

O colírio espiritual oferecido por Jesus é o colírio do Espírito Santo que nos habilita a distinguir entre o mau e o bem, e perceber o pecado sob qualquer disfarce. Os laodiceanos vangloriam-se de um profundo conhecimento da verdade bíblica, uma profunda visão das Escrituras. Eles não são totalmente cegos, se assim fosse, o colírio não teria nenhum valor para lhes restaurar a visão.

A maior necessidade do povo de Deus hoje é o batismo diário do Espírito Santo. É o Espírito Santo que convence do pecado, da verdadeira condição de pobreza espiritual em que a igreja se encontra. É o Espírito Santo que ilumina a mente, mostra a enfermidade, convence do pecado e dá o arrependimento. O objetivo da mensagem de Laodicéia é causar o arrependimento.

"Eu repreendo e castigo, a todos quantos amo; sê pois zeloso, e arrepende-te" (Apoc. 3:19).

[1] Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, vol.1, 329.

O objetivo da mensagem de Laodicéia não é causar desespero, desesperança, desânimo ou frustração; o objetivo não é também condenar, mas salvar. É uma mensagem de reprovação, mas o objetivo da repreensão é trazer a igreja ao lugar em que se arrependa e se salve.

"Está destinada a despertar o povo de Deus, descobrir-lhe a apostasia, e levar a um zeloso arrependimento, para que possa ser agraciado com a presença de Jesus, e preparado para o alto clamor do terceiro anjo."[1]

"A mensagem de Laodicéia apresenta um quadro bem negro da igreja da atualidade e seria desesperador, esmorecedor se não fosse o fato de que a reprovação fosse uma reprovação de amor. A mensagem de Laodicéia é uma mensagem que provém Daquele que muito ama a humanidade. Nela se faz uma grande diferença entre ser uma reprovação expressa em ira e amor, ter como objetivo ferir e destruir, ou sarar e restaurar. Aqueles que usam a mensagem de Laodicéia para acusar e desencorajar, estão fazendo um uso totalmente errado da mensagem. Jesus somente reprova e castiga os laodiceanos porque eles Lhe são muito caros."[2]

"Os ministros que pregam a verdade presente não devem negligenciar a solene mensagem dirigida aos laodiceanos."[3] O povo de Deus precisa ver os seus erros e despertar num zeloso arrependimento. É fácil aceitar a reprovação se aqueles que a

[1] Ellen G. White, *Testimonies for the Church*, vol. 1, 186.
[2] Taylor G Bunch, *The Seven Epistles of Christ*, 242, 243.
[3] Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, vol. 1, 332.

administram são controlados não pela ira ou inveja mas por um amor que sempre age em favor dos melhores desejos daqueles que são reprovados. A reprovação de genuíno amor desperta uma resposta de amor.

"Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele comigo" (Apoc. 3:20).

A igreja de Laodicéia possuía tudo, exceto a Jesus. Ele estava do lado de fora tentando entrar. Esta é uma condição realmente deplorável. Podemos possuir o melhor sistema organizacional do mundo, as melhores escolas e hospitais, o melhor e mais seguro corpo de doutrinas bíblicas, mas, se não possuirmos a Jesus, estaremos perdidos. A resposta ao convite de Jesus não é uma resposta da igreja como um todo, mas individual.

"Cristo nunca força a Sua companhia junto de ninguém. Interessa-Se pelos que Dele necessitam. Com prazer penetra no mais modesto lar, e anima o mais humilde coração. Mas se os homens são demasiado indiferentes para pensar no Hóspede celestial, ou pedir-lhe que neles habite, Ele passa."[1]

"Vi que muitos têm tanto lixo acumulado à porta do coração, que não a podem abrir. Alguns têm desinteligências a remover entre eles e os irmãos. Outros têm mau gênio, ambição egoísta para afastar antes de poderem abrir a porta. Outros rolam o

[1] Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, 595, 596.

mundo para a porta do coração, o que a barra. Todo esse entulho deve ser removido, e então poderão abrir a porta e dar aí as boas vindas ao Salvador."[1]

"Quando a alma se rende inteiramente a Cristo, novo poder toma posse do coração. Opera-se uma mudança que o homem não pode absolutamente operar por si mesmo. É uma obra sobrenatural, introduzindo um sobrenatural elemento na natureza humana. A alma que se rende a Cristo, torna-se Sua fortaleza, mantida por Ele num revoltoso mundo, e é Seu desígnio que nenhuma autoridade seja aí conhecida senão a Sua. Uma alma assim guardada pelos seres celestiais, é inexpugnável aos assaltos de Satanás."[2]

"Ao que vencer lhe concederei que se assente comigo no meu trono; assim como Eu venci, e Me assentei com Meu Pai no Seu trono. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas" (Apoc. 3:21, 22).

Jesus não diz que os vencedores se assentarão no trono do Seu Pai, mas sim, no Seu trono, o trono de Jesus. Ele está hoje assentado no trono do Seu Pai, até que todas as coisas estejam sujeitas a Ele, e Satanás seja aniquilado.

"*Depois virá o fim, quando tiver entregado o Reino a Deus, ao Pai, e quando houver aniquilado todo o império, e toda a potestade e força.*"

[1] Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, vol. 1, 42.
[2] Ellen G. White, *Desejado de Todas as Nações*, 239.

"Porque convém que reine (Jesus no trono do Pai) *até que haja posto a todos os inimigos debaixo de Seus pés."*

"Ora o último inimigo que há de ser aniquilado é a morte."

"Porque todas as coisas sujeitou debaixo de Seus pés. Mas quando diz que todas as coisas Lhe estão sujeitas, claro está que se excetua Aquele (o Pai) *que Lhe sujeitou todas as coisas."*

"E quando todas as coisas Lhe estiverem sujeitas, então também o mesmo Filho Se sujeitará Àquele que todas as coisas Lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos" (I Cor. 15:24-28).

Quando Satanás for definitivamente destruído, e a morte aniquilada, então Jesus

Se sujeitará ao Pai voluntariamentre. O Pai continuará no comando do Universo enquanto o Filho, o Deus-Homem, Aquele que assumiu para todo o sempre a natureza humana, lingando-Se a nós por laços que jamais se partirão, continuará para todo sempre como o segundo Adão, reinando na Terra, na Nova Jerusalém, assentado sobre o Seu trono, conquistado pelo Seu próprio sangue. Neste trono, todos os vencedores se assentarão com Jesus. Jesus será para todo sempre o Eterno e Legítimo Representante da Família Humana. *"E ouvi uma grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o Seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus" (Apoc.21:3)* Em Apoc. 22:1 e 3 Jesus diz que na Nova Jerusalém estará o trono de Deus e do Cordeiro.

Capítulo 4

A Sala do Juízo Celestial

"Depois destas coisas, olhei, e eis que estava uma porta aberta no céu; e a primeira voz, que como de trombeta ouvira falar comigo, disse: Sobe aqui, e mostrar-te-ei as coisas que depois destas devem acontecer.

E logo fui arrebatado em espírito, e eis que um trono estava posto no Céu, e Um assentado sobre o trono.

E o que estava assentado era, na aparência, semelhante à pedra de jaspe e sardônica; e o arco celeste estava ao redor do trono, e parecia semelhante a esmeralda.

E ao redor do trono havia vinte e quatro tronos; e vi assentados sobre os tronos vinte e quatro anciãos vestidos de vestidos brancos; e tinham sobre suas cabeças coroas de ouro." (Apoc. 4:1-4).

As últimas cenas mostradas a João em Apoc. 3:14-22 revelam especificamente a Era do Juízo, 1844 até a Volta de Jesus. Depois de revelar a condição espiritual da igreja laodiceana no período do juízo pré-advento, Deus segue revelando a João a grande Sala do Juízo Celestial, o Santíssimo do Santuário do Céu, onde Jesus deve penetrar para receber o Livro Selado com Sete Selos, e iniciar o juízo. "Através do Espírito, o apóstolo João contempla a própria sala do trono de Deus."[1] O trono identifica o Santíssimo. O trono de Deus não é visto em movimento, encontramos testemunhos bíblicos de que

[1] *Nisto Cremos: 27 Ensinos Bíblicos dos Adventistas do Sétimo Dia,* 153.

Deus Se levanta e Se senta; Ele Se movimenta (Sal. 35:2; 44:26; 68:1; 102:13; Zac. 2:13; 6:13; Dan. 7:9-10 etc.) mas estes textos não falam do trono se movimentando; Alberto Treiyer afirma: "Apoc. 4 fala, não de um trono móvel, mas do trono eterno que não muda de lugar, ele sempre está no Santíssimo."[1]

"O trono visto por João identifica-se como estando no Santíssimo, e o cenário visto é o do juízo, semelhante à visão de Daniel 7, em correspondência tipológica ao ritual do Dia da Expiação. Se os castiçais são vistos em frente do trono, é devido ao fato de que a porta que separava o Lugar Santo e o Santíssimo estava aberta (Apoc. 4:1)."[2]

"João recebe uma visão mais extensiva e detalhada do juízo do que Daniel. Depois de descrever o 'contínuo' ministério do Filho do Homem no Lugar Santo (Apoc. 1-3; cf. Dan. 8:11, 13), ele O vê aparecendo no final dos 2.300 anos no Santíssimo, para vindicar Seu povo e receber o livro da herança Daquele que está sentado no trono (Apoc. 4-5; cf. Dan. 8:14-19)."[3]

Todo o livro do Apocalipse diz respeito ao no Santuário Celestial, é dali que saem todas as ordens, é ali que se centraliza o ministério de Jesus. Há quinze referências ao Templo Celestial em Apocalipse, usando os seguintes nomes: Templo, Templo de Deus, o Templo que está no Céu, e o Templo do Tabernáculo do testemunho (Apoc. 3:12; 7:15; 11:1, 2, 19; 14:15, 17; 15:5, 6, 8; 16:1, 17; 21:22). Daniel e Apocalipse "se relacionam com os mesmos assuntos."[4] O grande tema

[1] Alberto R. Treiyer, *The Day of Atonement and the Heavenly Judgment*, 482.
[2] Alberto R. Treiyer, *The Day of Atonement and the Heavenly Judgment*, 482, 483.
[3] Ibidem., 661.
[4] Ellen G. White, *Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos*, 117.

desenvolvido no livro de Daniel também é o Santuário.

• Daniel começa falando da destruição do Santuário Terrestre, o Templo de Salomão em 586 a.C. (Dan.1);

• e então em Daniel 8:11 fala destruição do Santuário Terrestre, o Templo de Herodes: "engrandeceu-se até ao Príncipe do exército; e por ele foi tirado o contínuo sacrifício (a morte de Jesus), e o lugar do Seu Santuário foi lançado por terra." A destruição do Santuário Terrestre ocorreu teologicamente na morte de Jesus, quando o "*véu rasgou-se de alto a baixo*" *(Mat. 27:51),* mas a profecia de Jesus de "*que não ficaria pedra sobre pedra*" cumpriu-se na destruição do ano 70 d.C.

• Porém, na profecia de Daniel 8 vemos mais do que a destruição do Santuário Terrestre, pois aqui temos o ponto de transição do Santuário Terrestre para o Celestial. A profecia dos 2.300 anos (Dan. 8:14) inicia com o Santuário Terrestre (457 a.C.) e termina com o Santuário Celestial (1844 d.C.). Em Daniel 8:12 já se percebe que a profecia não está mais falando do Santuário Terrestre, e sim da verdade do Santuário Celestial, o Ministério Intercessório de Jesus no Céu, uma verdade que foi lançada por terra: *"e lançou a verdade por terra* (a verdade do Santuário Celestial), *fez isso e prosperou" (Dan.8:12).*

• A pergunta que vem em seguida em Daniel 8:13 é : *"Até*

quando durará essa visão do contínuo sacrifício (o ministério da intercessão diária de Jesus no Céu), *para que seja entregue o Santuário e o exército* (de Deus, Seu povo), *para serem pisados?"* A profecia fala especificamente do tempo em que a verdade e o Santuário Celestial seriam restaurados. A resposta é dada em Dan. 8:14 *"Até duas mil e trezentas tardes e manhãs e o Santuário será purificado."* Os 2.300 anos são explicados em Dan. 9:25-27. Começando com a ordem para restaurar e edificar Jerusalém (457 a.C. conforme Esdras 7:7), os 2.300 anos se estendem até 1844 d.C. Este é o ano em que Jesus entrou no Santíssimo com a missão de purificar o Santuário, iniciar o Juízo Celestial e restaurar a verdade do Santuário que havia sido lançada por terra.

É importante entender que 1844 não foi a primeira vez que Jesus entrou no Santíssimo. Quando Jesus completou a primeira fase da expiação do pecado, morrendo como o *"Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (João 1:29),* ascendeu ao Céu para iniciar a segunda fase, o Ministério da Intercessão junto ao Altar de Incenso, no lugar Santo (Apoc. 8:3-4).

Considerando que o Santuário Terrestre foi dado para entendermos o Celestial, devemos nos conscientizar de que antes de Jesus iniciar o Ministério da Intercessão no Santuário do Céu, este Santuário deveria ser primeiramente ungido, assim como aconteceu na inauguração do Santuário Terrestre (Lev.

8:1-12; Exo. 30:25-29). Na unção de Arão e do Santuário todos os móveis foram ungidos, inclusive a Arca do Concerto no Santíssimo. Da mesma forma a unção do Santuário Celestial e a unção de Jesus como Sacerdote eterno segundo a ordem de Melquisedeque, ocorreu junto ao trono do Pai, no lugar Santíssimo do Santuário Celestial, exatamente no dia de Pentecostes, cinqüenta dias após a ressurreição de Jesus. As portas do Santuário de Deus se abriram de par em par quando Jesus ascendeu ao Céu. Dr. Alberto Treiyer afirma: "Duas importantes ocasiões ocorrem em que o concílio celestial é convocado, e a porta que leva ao Santíssimo é aberta. Elas são a inauguração do Santuário Celestial com a coroação do Filho como Sumo Sacerdote no santuário (Heb.1 e 2; Efes.1:20-22; Fil. 2:9-11; Apoc. 3:21; 12:10), e a purificação final do Santuário no juízo que vindica para sempre o caráter de Deus, do Filho e Seu povo (Dan. 7:9-10, 12-14, 22, 26-27); Rom. 14:10; 2 Cor. 5:10; Heb. 12:22-24; Apoc. 4-5; 11:15-19; João 5:22-23 etc)."[1]

Ellen G. White descreve de maneira emocionante a festa de entronização de Jesus: "Todo o Céu estava esperando para saudar o Salvador à Sua chegada às cortes celestiais. Ao ascender, abriu Ele o caminho, e a multidão de cativos libertos à Sua ressurreição O seguiu... A hoste celestial, com brados de alegria e aclamações de louvor e cântico celestial, tomava parte na jubilosa comitiva. Ao aproximar-se da cidade de Deus, cantam, como em desafio, os anjos que compõe o séquito:

[1] Alberto R. Treiyer, *The Day of Atonement and the Heavenly Judgment*, 485.

'Levantai, ó portas, as vossas cabeças;
'Levantai-vos, ó entradas eternas,
'E entrará o Rei da Glória!'
'Jubilosamente respondem as sentinelas de guarda:
'Quem é este Rei da Glória? . . .
'O Senhor dos Exércitos;
'Ele é o Rei da Glória!' (Sal. 24:7-10)."[1]

"Então se abrem de par em par as portas da cidade de Deus, e angélica multidão entra por elas, enquanto a música prorrompe em arrebatadora melodia. Ali está o Trono, e ao seu redor, o arco-íris da promessa."[2]

As cenas do Santíssimo mostradas a João em Apoc. 4, por ocasião do início do Juízo Celestial (1844), foram também mostradas a Ellen G. White na cerimônia da coroação de Jesus que corresponde à Festa do Pentecostes (31 d.C.). Ambos viram o Santíssimo onde está o trono do Pai. Jesus quando ascendeu ao Céu foi introduzido à presença do Pai no Santíssimo, para a cerimônia da unção do Santuário e a Sua própria unção como Sumo Sacerdote Eterno segundo a ordem de Melquisedeque.

"Ali estão os querubins e serafins. Os comandantes das hostes celestiais, os filhos de Deus, os representantes dos mundos não caídos, acham-se congregados."[3]

Uma grande festa, com representantes de todos os mundos foi preparada pelo Pai para receber o Filho de volta ao lar. A Unção de Jesus e do Santuário foi algo grandioso, tão grandioso quanto a Sua morte na cruz.

---

[1] Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, 796.
[2] Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, 796, 797.
[3] Ibidem, 797.

"O conselho celestial, perante o qual Lúcifer acusara a Deus e a Seu Filho, os representantes daqueles reinos imaculados sobre os quais Satanás pensara estabelecer seu domínio, todos ali estão para dar as boas-vindas ao Redentor. Estão ansiosos por celebrar-Lhe o triunfo e glorificar seu Rei."[1]

"Mas Ele os detém com um gesto. Ainda não. Não pode receber a coroa de glória e as vestes reais. Entra à presença do Pai. Mostra a fronte ferida, o alanceado flanco, os dilacerados pés; ergue as mãos que apresentam os vestígios dos cravos. Aponta para os sinais de Seu triunfo; apresenta a Deus o molho movido, aqueles ressuscitados com Ele como representantes da grande multidão que há de sair do sepulcro por ocasião de Sua segunda vinda."[2] Essa descrição inspirada e emocionante da entrada triunfal de Jesus nas cortes celestiais, e a jubilosa aclamação ao Rei da Glória ao entrar no Santuário que está na cidade de Deus é uma descrição detalhada de como ocorreu a Festa do Pentecostes no Céu. Todas as Festas Sagradas do Santuário Terrestre eram proféticas e sombra das celestiais.

"A qual temos como âncora da alma segura e firme, e que penetra até ao interior do véu. Onde Jesus, nosso precursor, entrou por nós, feito eternamente Sumo Sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque" (Heb. 6:19-20).

Após ter Jesus entrado "até o interior do véu" no Lugar Santíssimo, junto ao trono do Pai, recebendo então a

[1] Ibidem.
[2] Ibidem.

confirmação da parte do Pai de que Seu sacrifício fora aceito, então foi Jesus ungido como nosso Sumo Sacerdote. O derramamento da chuva temporã do Espírito Santo no dia do Pentecostes (Atos 2) foi uma confirmação de que Jesus tinha sido ungido e entronizado no Santuário Celestial. Por ocasião do batismo de Jesus (Mat. 3:13-17) Ele foi ungido para Sua missão como "Cordeiro de Deus,"a primeira fase da expiação do pecado, mas, ao ascender ao Céu, Jesus foi ungido, no dia da Festa do Pentecostes, como Sumo Sacerdote Eterno segundo a ordem de Melquisedeque.

Em 1844, entrou Jesus no Santíssimo do Céu pela primeira vez? No sentido físico, não; porém, no contexto do Juízo Celestial, sim. Em 1844, Jesus entrou no Santíssimo com a missão de receber o Livro Selado com Sete Selos das mãos do Pai, e iniciar o Juízo Celestial. Em Apocalipse 1 a 3 Jesus Se revelou como Aquele que anda em meio aos sete castiçais, que são as Sete Igrejas; esta é uma referência ao período em que Jesus ministrou no Lugar Santo do Santuário. Apocalipse 4 começa mostrando a Sala do Juízo, que tem a ver com a terceira e última fase da expiação do pecado, a purificação do Santuário.

A expiação do pecado no Santuário Terrestre era efetuada em três diferentes fases, a saber:

1. O pátio, onde era morto o cordeiro no altar de sacrifício. No Apocalipse, o pátio do Santuário Celestial é mencionado somente uma vez (Apoc. 11:1-2). O pátio do Santuário

Celestial é o planeta Terra onde o Cordeiro de Deus foi morto, e o altar de sacrifício é o monte do Calvário.

2. O Lugar Santo, onde se realizava o ministério da intercessão junto ao altar de incenso. O lugar Santo do Santuário do Céu é mencionado seis vezes (os castiçais Apoc. 1:12-13; a aparição Sumo Sacerdotal de Jesus Apoc. 1:13; as sete lâmpadas Apoc. 4:5; o altar de ouro Apoc. 8:3, 5; 11:1; 14:18; 16:7; o fumo do incenso cheio do fogo do altar Apoc. 8:5).

3. O Lugar Santíssimo, onde se efetuava o juízo, a purificação do santuário, junto à Arca do Concerto. No Apocalipse há muitas referências ao Santíssimo: Apoc. 11:19 fala da Arca do Concerto; Apoc. 4:1-11 apresenta a Sala do Juízo onde está o trono de Deus, e também Apoc. 7:15; 16:17; 5:1, 13; 6:16; 7:8, 10; 12:5; 14:3, 5; 19:4,5; 20:11; 21:5; 22:3.

O Santuário Terrestre foi dado para ser uma ilustração, ou alegoria do Celestial: "*O primeiro tabernáculo que é uma alegoria para o tempo presente...consistindo em manjares, e bebidas, e várias abluções...impostas até o tempo da correção" (Heb. 9:9,10).*

"*Mas vindo Cristo, o Sumo Sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito Tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação, nem por sangue de bodes e bezerros, mas por Seu próprio sangue, entrou uma vez no Santuário, havendo efetuado uma eterna redenção" (Heb. 9:11-12).*

Durante todo o período histórico das sete igrejas, começando no ano 31 d.C. até 1844 Jesus esteve empenhado na segunda fase da expiação do pecado, aquela efetuada no lugar Santo, o Ministério da Intercessão. Daniel 8:14 indica que no final dos 2.300 anos Jesus iniciou a Purificação do Santuário do Céu, a terceira fase da expiação do pecado, o Juízo pré-Advento.

A Porta Aberta no Céu

É uma referência ao Santíssimo do Santuário Celestial onde está o trono do Pai. Essa é a mesma "*porta aberta*" mencionada na carta à igreja de Filadélfia em Apoc. 3:8. Em visão João entra no Santuário de Deus e da grande sala do trono do Eterno ele testemunha a apresentação das grandes cenas do Juízo. Esses movimentados acontecimentos no drama da redenção enchem-no de assombro. Paulo diz que Deus "*tem determinado um dia em que justiça há de julgar o mundo, pelo Varão que para isto destinou*" *(Atos 17:31)*. E outra vez: "*Porque todos temos de comparecer ante o tribunal de Cristo*" *(II Cor. 5:10)*. E ainda em Rom. 14:10 "*Pois todos havemos de comparecer ante o tribunal de Cristo.*"

Dr. Mario Veloso afirma: "Esta porta aberta está relacionada com a abertura do Santuário mencionada em Apocalipse 11:19. 'E abriu-se no céu o Templo de Deus, e a Arca do Seu Concerto foi vista no Seu Templo;' o cumprimento desta profecia ocorreu no início da obra de julgamento, que na teologia Adventista do Sétimo Dia, tem sido tradicionalmente, chamada de Juízo Investigativo, e se refere a entrada de Cristo no Santíssimo."[1]

[1] Mario Veloso, *The Sanctuary and the Atonement*, 399.

João contemplou *uma porta aberta no Céu* e não para o Céu. Esta é uma porta que se abre dentro do Santuário Celestial. Em visão, João foi levado a contemplar a grande sala do trono e as solenes cenas do Juízo Ceslestial.

O profeta atende ao convite *sobe aqui* e a primeira coisa que ele vê é um trono. Há uma visível semelhança entre a visão de João e a de Daniel 7:9-14, pois "ambos se relacionam com os mesmos assuntos."[1]

Em todo o capítulo quatro o trono centraliza as atenções. João se refere a ele nove vezes; tudo gira em torno do trono; um trono denota soberania e poder para julgar. Aparência de Jaspe, esse era o antigo nome para o diamante, seu branco ofuscante simboliza perfeitamente a santidade do Juiz do Universo. O sardônio emite uma brilhante luz avermelhada. Jaspe era a última pedra, e o sardônio a primeira pedra no peitoral do sumo sacerdote no Antigo Testamento.

"*E a primeira voz que como de trombeta ouvira falar comigo*" *(Apoc. 4:1).*

No comentário do Dr. Alberto Treiyer sobre Apocalipse 4:1, nós lemos:

"João reconhece que a voz é a mesma da primeira visão, chamando-o agora, não do meio dos Sete Castiçais, isto é, não do Lugar Santo, mas de um outro lugar interior no Santuário

[2] Ellen G. White, *Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos*, 117.

Celestial. Enquanto que na primeira visão Jesus glorificado está realizando Seu ministério 'contínuo' pelas igrejas no Lugar Santo (Lev. 24:1-4), chamando Seu povo para se preparar para o Dia do Juízo..., na segunda visão Ele inicia a conclusão do Seu Ministério, à semelhança do ministério que o Sumo Sacerdote realiza no Lugar Santíssimo no Dia da Expiação."[1]

"A visão de Apocalipse 1 a 3 é introdutória, e é endereçada do tempo apostólico ao futuro escatológico do juízo e a recompensa dos vencedores. Por sua vez, a próxima visão continua a partir do próprio juízo... essas mensagens (as sete igrejas) são dadas por Jesus a fim de preparar as igrejas para o juízo escatológico e cósmico dos capítulos quatro e cinco."[2]

"Enquanto os três primeiros capítulos se ajustam bem no contexto do ministério sacerdotal do Filho do homem no Lugar Santo, de acordo com a visão que João recebeu no sábado, o sétimo dia, o restante do livro mostra um Juízo Celestial, e projeta as cenas que aconteceram em nosso mundo tais como elas são vistas e julgadas no juízo. A perspectiva celestial da corte de justiça não está limitada a descrever e julgar os grandes acontecimentos passados, mas também projeta os eventos da punição e recompensa eternas que se segue ao juízo."[3]

O arco celeste ao redor do trono relembra a história do dilúvio universal quando o arco-íris apareceu pela primeira vez simbolizando a promessa de Deus de que jamais haveria outro

[1] Alberto R. Treiyer, *The Day of Atonement and the Heavenly Judgment*, 504.
[2] Ibidem., 505, 506.
[3] Ibidem., 521.

dilúvio. "Assim como o arco na nuvem é formado pela união da luz solar e das gotas de chuva, o arco circundando o trono representa o poder combinado da misericórdia e a justiça."[1]

"No Céu, uma semelhança de arco-íris rodeia o trono, e estende-se como uma abóbada por sobre a cabeça de Cristo... Quando o homem pela sua grande impiedade convida os juízos divinos, o Salvador, intercedendo junto ao Pai em seu favor, aponta para o arco nas nuvens, para o arco celeste em redor do trono e acima de Sua cabeça, como sinal da misericórdia de Deus para com o pecador arrependido."[2]

Vinte e Quatro Tronos e Vinte Quatro Anciãos

• No Santuário Terrestre os sacerdotes estavam divididos em vinte e quatro ordens, vinte e quatro turnos (I Cron. 24:1-18), e eram *"uma sombra das coisas celestiais" (Heb. 8:5).*

• Estes vinte e quatro anciãos foram redimidos da terra, e feitos reis e sacerdotes; eles tinha nas mãos salvas cheias incenso, que eram as orações dos santos (Apoc. 5:8-10; Mat. 27:52; Efe. 4:8).

• Assentados sobre tronos participando do Juízo (Apoc. 4:4). Durante o Milênio também os redimidos do Senhor se assentarão em tronos para julgar os ímpios (Apoc. 20:4-6). Do mesmo modo, no juízo pré-advento, os vinte e quatro anciãos se assentam em tronos para participar do juízo. Daniel explica: *"Até*

[1] Ellen G. White, *Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, vol. 6, 1071.
[2] Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, 105.

que veio o Ancião de Dias, e foi dado o juízo aos santos do Altíssimo, e chegou o tempo em que os santos possuíram o reino. . . . e foi-Lhe dado o domínio e a honra, e o reino..." (Dan. 7:22, 14). Jesus e aquela multidão de santos que ressuscitou com Ele e subiu para o Céu por ocasião de Sua ascensão, participam juntos do juízo e recebem o reino.

• *Vestidos de branco* a vestimenta dos vinte e quatro anciãos identifica-os como santos redimidos da terra: *"E foi-lhe dado que se vestisse de linho fino, puro e resplandecente; porque o linho fino são as justiças dos santos" (Apoc. 19:8).*

• *Coroas de ouro*, o símbolo da vitória (II Tim.4:8). Há duas palavras gregas traduzidas por coroa: *diadema* é a coroa de um potentado, um rei ou rainha; *stephanos* é a coroa de um vitorioso. Em Apoc. 4:4 a palavra grega para coroa é *stephanos*, indicando a vitória dos anciãos sobre o pecado.

Dr. Edwin R. Thiele cita J. A. Seiss com relação aos 24 anciãos: "Encontro, então, nestes anciãos entronizados, a manifestação mais elevada de glória dos santos ressurretos glorificados. Eles estão no céu. Encontram-se ao redor do trono da divindade. São puros e santos, com trajes brancos, 'que são a justiça do santos.' São participantes do domínio celestial. São reis da glória com coroas de ouro. Estão estabelecidos, e no lar de suas dignidades exaltadas; não em pé esperando como servos, mas assentados como conselheiros reais do Todo-Poderoso.

São assistentes do Grande Juiz de vivos e mortos, e participantes no julgamento do mundo por seus pecados."[1]

Esses anciãos foram escolhidos para representar todas as raças e nações do mundo. Quando Jesus ressurgiu da sepultura, "*muitos corpos de santos que dormiam foram ressuscitados*" *(Mat. 27:52)*. Todos esses ascenderam com Ele ao Céu, "*quando subiu ao alto levou cativo o cativeiro*" *(Efe. 4:8)*. Jesus morreu exatamente no dia da Páscoa, 14 de Nisã, e ressuscitou no dia das Primícias, 16 de Nisã, como "*as primícias dos que dormem*" *(I Cor. 15:20)*, e a Festa do Pentecostes ocorreu exatamente cinqüenta dias após a ressurreição de Jesus. Jesus, porém, não ressuscitou sozinho, muitos outros santos ressuscitaram com Ele e ascenderam ao Céu como as primícias da grande seara de mortos que será ressuscitada na volta de Jesus.

"Cristo ressurgiu dos mortos como as primícias dos que dormem. Era representado pelo molho movido, e Sua ressurreição teve lugar no próprio dia em que o mesmo devia ser apresentado perante o Senhor. Por mais de mil anos esta simbólica cerimônia fora realizada. Das searas colhiam-se as primeiras espigas de grãos maduros, e quando o povo subia a Jerusalém, por ocasião da páscoa, o molho das primícias era movido como uma oferta de ações de graças perante o Senhor. Enquanto essa oferenda não fosse apresentada, a foice não podia ser metida aos cereais, nem estes serem reunidos em molhos. O molho dedicado a Deus representava a colheita.

[1] J. A. Seiss, *The Apocalypse*, vol. 1, 253. Citado na apostila do Dr. E. R. Thiele, *Apocalipse: Esboço de Estudos*, vol. 1, 87.

Assim Cristo, as primícias, representava a grande messe espiritual a ser colhida para o reino de Deus. Sua ressurreição é o tipo e o penhor da ressurreição de todos os justos mortos... Quando Cristo ressurgiu, trouxe do sepulcro uma multidão de cativos. O terremoto, por ocasião de Sua morte, abrira-lhes o sepulcro e, ao ressuscitar Ele, ressurgiram juntamente... Aqueles, porém, que ressurgiram por ocasião da ressurreição de Cristo, saíram para a vida eterna. Ascenderam com Ele, como troféus de Sua vitória sobre a morte e o sepulcro. Estes, disse Cristo, não mais são cativos de Satanás. Eu os redimi. Trouxe-os da sepultura como as primícias de Meu poder, para estarem comigo onde Eu estiver, para nunca mais verem a morte..."[1]

"E do trono saíam relâmpagos, e trovões, e vozes; e diante do trono ardiam sete lâmpadas de fogo, as quais são os sete Espíritos de Deus.

E havia diante do trono um como mar de vidro, semelhante ao cristal. E no meio do trono, e ao redor do trono, quatro animais cheios de olhos, por diante e por detrás.

E o primeiro animal era semelhante a um leão, e o segundo animal semelhante ao bezerro, e tinha o terceiro animal o rosto de homem, e o quarto animal era semelhante a uma águia voando.

E os quatro animais tinham, cada um de per si, seis asas, e ao redor, e por dentro, estavam cheios de olhos; e não descansavam nem de dia nem de noite, dizendo: Santo, Santo, Santo, é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, que era, e que é, e que há de vir" (Apoc. 4:5-8).

[1] Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, 754.

Relâmpagos, trovões e vozes - "os terrores do Sinai (Exo. 19:16) deveriam representar ao povo de Deus as cenas do juízo. O som de uma trombeta convocou Israel a encontrar-se com Deus (a festa das Trombetas iniciava-se no primeiro dia do sétimo mês e se estendia até o dia dez do sétimo mês). A voz do Arcanjo e a trombeta de Deus convocarão, da terra toda, tanto os vivos como os mortos, à presença de seu Juiz... No grande dia do juízo, Cristo virá 'na glória de Seu Pai, com os Seus anjos.' Ele Se assentará então no trono de Sua glória e, diante Dele, reunir-se-ão todas as nações."[1] Paulo também conecta as manifestações do Sinai com o juízo celestial em Hebreus 12:18-29.

Os relâmpagos, trovões e vozes que vêm do trono de Deus em Apoc. 4:5 relacionam-se com o juízo final. "Estas manifestações epifânicas da glória de Deus sempre aparecem no Apocalipse no final de toda as séries proféticas, e sempre estão relacionadas ao juízo final (Apoc. 8:5; 11:19; 16:18).

Considerando que a única série de sete eventos, que não contem a menção das vozes e relâmpagos, é a das Sete Igrejas, a visão subsequente do trono em Apoc. 4 e 5 tem que ser considerada como a conclusão da mensagem das Sete Igrejas, onde nós encontramos aqueles sinais. De fato, Jesus introduziu a visão do trono dizendo ao apóstolo: "*Sobe aqui e Eu mostrar-te-ei as coisas que depois destas devem acontecer*" *(Apoc. 4:1),* isto é, depois do ministério de Jesus entre os castiçais no Lugar Santo."[2]

[1] Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas,* 364.
[2] Alberto R. Treiyer, *The Day of Atonement and the Heavenly Judgment,* 666, 667.

Sete Lâmpadas de fogo os quais são os Sete Espíritos de Deus - "Sendo em visão concedida a João uma vista do Templo de Deus no Céu, contemplou ali 'sete lâmpadas de fogo' que ardiam diante do trono... Com isto permitiu-se ao profeta ver o primeiro compartimento do Santuário Celestial; e viu ali as 'sete lâmpadas de fogo' que ardiam diante do trono."[1] Só há um Espírito Santo. Ele é simbolizado pelos *sete Espíritos de Deus* porque o azeite no candelabro do Santuário se dirigia a sete ramificações.

"Apocalipse 4:5, diz que havia sete lâmpadas 'diante do trono.' A preposição *enopion* (diante), estabelece a localização daquele lugar, 'antecedendo imediatamente' o trono. Era o 'primeiro compartimento,' o lugar Santo, onde as sete lâmpadas estavam localizadas... Se o lugar Santo é o compartimento próximo ao lugar do trono, então é claro que sempre que o trono é descrito no Templo, sua localização é no Santíssimo. No Apocalipse esse lugar é chamado de *naos* (templo)."[2]

Em Apocalipse 7:15 há indicação de que "*naos* (templo) e o trono de Deus estão no mesmo lugar... Quando o trono de Deus é localizado no Santuário Celestial, ele é descrito como estando no *naos* (templo). Neste lugar é realizado o Juízo Investigativo; ele é precedido imediatamente pelo lugar Santo. E a referência feita a ele é como sendo o lugar da habitação de Deus no Santuário; portanto, é o Santo dos Santos."[3]

[1] Ellen G. White, *Patricarcas e Profetas*, 383.
[2] Mario Veloso, *The Sanctuary and the Atonement*, 399.
[3] Ibidem., 398, 399

Apocalipse 11:19 "diz que *naos* (templo) é o lugar onde está localizada a Arca. *Naos* (templo) é equivalente ao Santo dos Santos porque a 'Arca do Seu Concerto' foi localizada neste lugar (Heb. 9:3,4)."[1]

Em Apocalipse 15:5-8 "*naos* (templo) é o tabernáculo do testemunho. Neste texto há dois elementos que apontam para *naos* como sendo o Santo dos Santos:

1. *naos* é o tabernáculo do testemunho;

2) e é também o lugar onde a glória de Deus se manifesta... Em Números 17:4, 7, o tabernáculo do testemunho é o lugar Santíssimo... Com relação ao segundo, João relata que o Templo se encheu com 'a glória de Deus' (Apoc. 15:8). Embora a glória de Deus estivesse algumas vezes presente em ambos os lugares, o Santo e o Santíssimo, regularmente ela se manifestava através do *shekinah* no Santo dos Santos (Lev. 16:2; Exo. 25:22)... isto significa que *naos* e Santo dos Santos são termos equivalentes."[2]

João recebeu a ordem divina de medir o Templo, e o altar, mas devia deixar fora o pátio, "*que está fora do Templo*" *(Apoc. 11:2)*. Aqui o profeta apresenta as três partes do Santuário de Deus: o *aule* (pátio); o thusiasterion (altar, equivalente ao lugar Santo); e o *naos* (templo, ou Santíssimo). "A ordem negativa que o poderoso Anjo, Jesus Cristo, dá a João é, "*deixa o átrio que está fora do Templo e não o meças*" *(Apoc. 11:2)*. O átrio do Templo estava fora dos lugares Santo e Santíssimo, e alí eram feitos os sacrifícios (Lev. 1:3, 11, 17; 2:8; I Reis 8:64). Apocalipse 11:1

[1] Ibidem., 399, 400.
[2] Mario Veloso, *The Sanctuary and the Atonement*, 400.

diz que Cristo tinha um ministério a realizar no Templo (*naos*) e no lugar onde o altar estava localizado. Não há átrios no Santuário Celestial porque não existem sacrifícios a serem realizados. Cristo ofereceu o sacrifício de Sua própria vida no Calvário.[1]

Com efeito, o átrio ou pátio do Santuário Celestial é a própria Terra, e o altar de sacrifício, o próprio monte do Calvário, onde Jesus foi imolado como o "*Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo*" *(João 1:29).*

Quatro criaturas viventes - os carros de Deus são anjos (Sal. 68:17).

"Foi-me mostrado o que teve lugar no Céu, no final do período profético, em 1844. Terminando Jesus Seu ministério no Lugar Santo... Jesus então envergou vestes preciosas... Quando ficou completamente ataviado, achou-Se rodeado pelos anjos, e em um carro chamejante passou para dentro do segundo véu."[2]

Leão, Bezerro, Homem, Águia - segundo a tradição judaica, as tribos de Israel acampadas ao redor do Tabernáculo, estavam acampadas sob as insígnias de certas tribos.

- Para o oriente sob o estandarte de Judá, representada por um Leão, ficavam as tribos de Judá, Issacar, e Zebulom;

- para o sul, sob o estandarte de Ruben, representado por um

[1] Ibidem., 396, 397.
[2] Ellen G. White, *Primeiros Escritos*, 251.

Homem, ficavam as tribos de Rubem, Simeão e Gade;

• para o ocidente, sob o estandarte de Efraim, representado pelo Bezerro, ficavam as tribos de Efraim, Manassés e Benjamim;

• E para o norte, sob o estandarte de Dã, representado por uma águia, ficavam as tribos de Dã, Aser e Naftalí (Núm. 2:1-29).

As insígnias atribuídas a cada tribo em Números 2:1-29, foram dadas após a experiência do Sinai. É possível que Deus tenha usado esses símbolos como lembrança da experiência deles no passado, e como advertência do juízo vindouro. No Apocalipse Deus continua usando os mesmos símbolos no contexto do juízo, porque o juízo no Santuário Celestial é o tema central do Apocalipse.

• O Leão, como rei da floresta, representa apropriadamente a tribo da qual viria o Rei de Israel, o Leão da tribo de Judá. Quando Jacó abençoou seus filhos, Judá recebeu o reino e as promessas messiânicas.

• O Bezerro, na bandeira de Efraim, era um símbolo da triste experiência de Israel no Sinai, quando adoraram o bezerro de ouro, enquanto Moisés estava em comunhão com Deus no monte Sinai. Israel estava familiarizado com esse deus egípcio, o bezerro, deus do amor e do prazer. O bezerro era um símbolo da adoração à criatura e representava a idolatria do povo de

Deus, quando deixou de ter fé em Deus; é um símbolo da falta de fé (Sal. 106:19, 20). Em Oséias 4:17 Deus diz: "*Efraim está entregue aos ídolos; deixa-o.*" "*Efraim mui amargosamente provocou a Sua ira; portanto deixará ficar sobre ele o seu sangue, e o seu Senhor fará cair sobre ele o seu opróbrio*" *(Ose. 12:14).* "*Quando Efraim falava, tremia-se; foi exalçado em Israel; mas ele fez-se culpado em Baal, e morreu. E agora multiplicaram pecados, e da sua prata fizeram uma imagem de fundição, ídolos segundo o seu entendimento, todos obra de artífices, dos quais dizem: os homens que sacrificam beijem os bezerros*" *(Ose. 13:1, 2).* No Apocalipse os descendentes de Efraim não são contados entre os 144.000 (Apoc. 7).

• O Homem, na bandeira de Rubem, representa a confiança posta no ser humano em lugar de Deus. Rubem é descrito na Bíblia como "*água inconstante*" *(Gen. 49:4),* e perdeu os privilégios da primogenitura porque se deitou com Bila, concubina de seu pai (Gen. 35:22). A tribo de Rubem não é mais mencionada no Antigo Testamento após a idolatria registrada em I Cron. 5:25, 26. Jacó predisse que nos últimos dias os descendentes de Gade, uma das tribos sob o estandarte de Rubem, venceria (Gen. 49:18). Rubem e Gade são mencionados como tendo parte nos 144.000 (Apoc. 7).

• A Águia, o último símbolo, representa a tribo de Dã, cujo nome significa *juiz*. A águia também é símbolo de auto exaltação: "*Se te elevares como águia, e puseres o teu ninho entre as*

estrelas, dalí te derribarei, diz o Senhor" (Obadias 4). A profecia de Jacó predisse o que aconteceria com Dã: *"Dã será serpente junto ao caminho, uma víbora junto à vereda, que morde os calcanhares do cavalo, e faz cair o seu cavaleiro por detrás" (Gen. 49:17).* Os descendentes de Dã não são contados entre os 144.000 (Apoc. 7).

"A proximidade desses anjos com seis asas com o trono deve indicar que são personagens de grande importância. Eles ministram e permanecem bem na presença de Deus... Estão nos quatro lados do trono. Todas as funções do trono, são também suas funções. Têm olhos em todos os lugares, de maneira que vêem tudo, capacitados para registrar e dirigir com perfeita sabedoria e conhecimento. São eles que regem a adoração diante do trono de Deus, pois foi, quando levantaram suas vozes em louvou e glória, que os vinte e quatro anciãos se prostraram em adoração diante do Criador do Céu e da terra. Possuem um caráter quádruplo em que combinam a sabedoria e a onisciência de todos os ramos da criação, a razão, a inteligência, a devoção e o ardor espiritual do homem; a majestade, a coragem e a audácia do leão; a submissão, paciência e força do boi; e a visão, a vista penetrante, a rapidez de ação e o notável poder da águia."[1]

Essas criaturas viventes ao redor do trono de Deus são representadas no Santuário Terrestre pelos anjos querubins sobre o propiciatório. "Em cada extremidade do propiciatório (em cima da Arca do Concerto) estava fixo um querubim de

[1] Edwin R. Thiele, *Apocalipse: Esboço de Estudos*, vol. 1, 88, 89.

ouro puro maciço. Suas faces voltavam-se um para o outro, e olhavam reverentemente para o propiciatório embaixo, e representavam todos os anjos do céu que com interesse e reverência olham a lei de Deus."[1]

Santo, Santo, Santo, este é clamor dos serafins na visão de Isaías 6:3 e na visão de João em Apoc. 4:8 e é uma expressão da reverência, respeito, louvor e adoração dos anjos diante da Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo.

"Os serafins, diante do trono, são tão cheios de reverente respeito ao contemplar a glória de Deus que eles não olham nem por um instante para si mesmos com autocomplacência, ou admiração de si mesmos ou um ao outro. O louvor e a glória são para o Senhor dos Exércitos, que é exaltado acima de tudo, de Quem cuja glória enche o templo. Quando eles vêem o futuro, quando a terra toda se encherá com a Sua glória, a música de triunfante louvor ecoa de um para o outro em melodioso cântico, 'Santo, Santo, Santo, é o Senhor dos Exércitos.' Eles estão completamente realizados em glorificar a Deus; e na Sua presença, sob Seu sorriso de aprovação, eles não desejam outra coisa. Em ostentar Sua imagem, em realizar Seu serviço e em adorá-Lo, a mais alta ambição deles é plenamente alcançada."[2]

"A voz do Filho de Deus chamou os santos que dormiam, saindo eles revestidos de gloriosa imortalidade. O santos vivos foram mudados num momento e com eles arrebatados no carro

[1] Ellen G. White, *Spirit of Prophecy*, vol. 1, 272.
[2] Ellen G. White, *Review and Herald*, 22/12/1896.

de nuvem. Parecia todo ele sobremodo glorioso ao avançar para o alto. Dos lados do carro havia asas e debaixo dele, rodas. E ao avançar o carro, as rodas clamavam: 'Santo,' e as asas, ao se moverem, clamavam, 'Santo,' e o séquito de anjos ao redor da nuvem clamavam: 'Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus Todo-Poderoso!' E os santos na nuvem clamavam: 'Glória, aleluia!'"[1]

"A suprema glória dos atributos de Cristo, é Sua santidade. Os anjos se inclinam diante Dele em adoração, exclamando: 'Santo, Santo, Santo, Senhor Deus Todo-Poderoso.' (Apoc. 4:8) Declara-se a Seu respeito que Ele é glorioso em Sua santidade."[2]

"E quando os animais davam glória, e honra, e ações de graças ao que estava assentado sobre o trono, ao que vive para todo o sempre,

Os vinte e quatro anciãos prostravam-se diante do que estava assentado sobre o trono, e adoravam o que vive para todo o sempre; e lançavam as suas coroas diante do trono, dizendo:

Digno és, Senhor, de receber glória, e honra, e poder; porque tu criaste todas as coisas, e por tua vontade são e foram criadas" (Apoc. 4:9-11).

"O dever de adorar a Deus se baseia no fato de que Ele é o Criador, e que a Ele todos os outros seres devem a existência. E, onde quer que se apresente, na Bíblia, Seu direito à reverência e adoração, acima dos deuses dos pagãos, enumeram-se as provas de Seu poder criador... E os seres santos que adoram a Deus nos

[1] Ellen G. White, *Primeiros Escritos,* 35.
[2] Ellen G. White, *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes,* 362.

céus, declaram porque Lhe é devida Sua homenagem: 'Digno és, Senhor, de receber glória, e honra, e poder; porque Tu criaste todas as coisas.' (Apoc. 4:11)."[1]

Jeová, este é o nome pelo qual a trindade se revela na Bíblia. Pai, Filho e Espírito Santo fazem uso do mesmo nome, este é o nome da Divindade. Jeová, o Ser eterno, existente por Si mesmo, incriado, sendo o originador e mantenedor de todas as coisas, é o único que tem direito a reverência e culto supremos. Os que compreendem a grandeza e a majestade de Deus, tomarão o Seu nome nos lábios com santo temor. Os anjos, quando pronunciam este nome, velam o rosto.

[1] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 436, 437.

Capítulo 5

O Livro do Juízo e o Leão-Cordeiro

"E vi na dextra do que estava assentado sobre o trono um livro escrito por dentro e por fora, selado com Sete Selos" (Apoc. 5:1).

A Natureza do Livro Selado com Sete Selos

Na mão direita do Pai sobre o trono estava um livro escrito de ambos os lados e selado com Sete Selos. "O que havia de tão importante com aquele rolo? Ele registra o resgate da raça humana da escravidão de Satanás e descreve a vitória última de Deus sobre o pecado."[1]

Edwin Thiele explica: "Embora não tenha sido dado nenhum nome ao livro que está nas mãos Daquele que Se assenta sobre o trono, a natureza dele é clara. É o Livro do Destino, o livro que aberto, revelará o destino do mundo e de todos os que já o habitaram. Este tem que ver com condenação, com a condenação daqueles que mataram Jesus e a condenação de todos os que rejeitam a Sua graça salvadora. Ele tem que ver com redenção e salvação, a salvação de todos os que aceitam a Jesus como o Cordeiro de Deus. Aquele que abre este livro é tanto o que castiga como o que redime; Ele é o Leão e o Cordeiro, Aquele cujo poder é salvar e cujo direito é condenar. Este é Aquele que tem em Sua mão o título deste mundo, que possui o direito de dá-lo a quem quiser. Somente Cristo tem este poder, e somente Cristo pode abrir este Livro do Destino."[2]

---

[1] *Nisto Cremos: 27 Ensinos Bíblicos dos Adventistas do Sétimo Dia*, 154.
[2] Edwin R. Thiele, *Apocalipse, Esboço de Estudos*, vol. 1, 96.

Ellen G. White faz uma reveladora declaração sobre a natureza deste livro:

"Ao lavar Pilatos as mãos dizendo:'Estou inocente do sangue deste justo,' os sacerdotes uniram-se à apaixonada declaração da turba ignorante: 'O Seu sangue caia sobre nós e sobre os nossos filhos.' Deste modo, os guias fizeram a escolha. Sua decisão foi registrada no livro que João viu na mão Daquele que estava assentado no trono, no livro que ninguém podia abrir. Esta decisão lhes será apresentada em todo o seu caráter reivindicativo naquele dia em que o livro há de ser desselado pelo Leão da tribo de Judá."[1]

"Os que humilham o coração e confessam os pecados serão perdoados. Suas transgressões serão reveladas. Mas o homem que considera que, confessando os seus pecados, demonstra fraqueza, não achará perdão, nem verá em Cristo o seu Redentor; perseverará na transgressão e cometerá uma falta após outra e acrescentará pecado a pecado. Que fará essa pessoa no dia em que os livros forem abertos e cada um for julgado segundo as coisas que neles estiverem escritas? O quinto capítulo do Apocalipse precisa ser detidamente estudado. Ele é da maior importância para os que haverão de participar da obra de Deus nestes últimos dias. Alguns há que são enganados. Não se apercebem do que está para acontecer na Terra. Os que têm permitido que se lhes obscureça a mente no tocante à natureza do pecado, são vítimas de um erro fatal. A menos que efetuem mudança decisiva, quando Deus pronunciar Suas

[1] Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, 294.

sentenças sobre os filhos dos homens serão achados em falta. Transgridem a lei e quebram a aliança eterna, e receberão em conformidade com as suas obras. 'E, havendo aberto o sexto selo, olhei, e eis que houve um grande tremor de terra, e o Sol tornou-se negro como saco de silício, e a Lua tornou-se como sangue; e as estrelas do céu caíram sobre a Terra...(Apoc. 6:12-13)."[1]

As partes em destaque neste texto de Ellen G. White revelam a verdadeira natureza do livro selado com Sete Selos do quinto capítulo de Apocalipse. Em nenhum momento Ellen G. White dá a entender que o livro selado de Apoc. 5 tem a ver com a história da igreja. A história da igreja está plena e minuciosamente revelada na profecia das Sete Igrejas. O conteúdo das declarações de Ellen G. White força o leitor a entender que a natureza do livro selado com Sete Selos diz respeito aos pecados, à confissão dos pecados, ao arrependimento, e à sentença pronunciada por Deus sobre os filhos dos homens quando os livros forem abertos. "Que fará essa pessoa no dia em que os livros forem abertos e cada um for julgado segundo as coisas que nele estiverem escritas? O quinto capítulo do Apocalipse precisa ser detidamente estudado."[2]

Quando Ellen G. White diz que "o quinto capítulo de Apocalipse precisa ser detidamente estudado e que ele é de maior importância para os que haverão de participar da obra de Deus nestes últimos dias,"[3] ela está se referindo claramente ao

[1] Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, vol. 3, 414, 415.
[2] Ibidem., 414.
[3] Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, vol. 3, 414.

Juízo Investigativo e não aos períodos históricos da igreja. Quando as profecias do Apocalipse são interpretadas como sendo simplesmente repetitivas, isto é, que os Sete Selos e as Sete Trombetas voltam a cobrir os mesmos períodos históricos das Sete Igrejas, despreza-se a única explicação provida por Deus que seria de grande auxílio para se entender o processo do Juízo Celestial.

Ellen G. White fala que "O livro de Daniel é descerrado na revelação a João, e nos transporta para as últimas cenas da história da Terra."[1] "O alvo é unir esses livros, mostrando que ambos se relacionam com os mesmos assuntos."[2]

Se os livros de Daniel e Apocalipse se relacionam com os mesmos assuntos, então as profecias do Apocalipse precisam ser também progressivas. As profecias de Daniel repetem para poder avançar. A principal característica delas é a progressão no tempo:

• Daniel 2 - alcança o ano 476 d.C., quando caiu o Império Romano do Ocidente;

• Daniel 7- repete os quatro impérios mundiais para poder avançar no tempo. A profecia do capítulo sete alcança o ano de 1798 quando terminaram os 1260 anos de supremacia papal. E no verso 26 faz um anúncio do Juízo Celestial que é o principal tema de Daniel 8;

[1] Ellen G. White, *Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos*, 115.
[2] Ibidem., 117.

• Daniel 8 - repete os três impérios mundiais e avança no tempo alcançando o ano de 1844, o término dos 2.300 anos e o início do Juízo Celestial.

• Daniel 11 - repete os três impérios mundiais e avança no tempo, apontando para o tempo em que a ferida mortal contra o papado começaria a ser curada, 1929, (Dan. 11:29), lutaria contra o rei do sul, o ateísmo, e o venceria (Dan. 11:40); aqui é feita uma referência à queda do maior sistema ateu do mundo, o Comunismo; e estabeleceria a "*abominação desoladora*" (Dan. 11:31), que é o decreto dominical, auxiliado pelos braços do poder civil. Daniel 11 avança no tempo chegando até a proclamação do Alto Clamor (Dan. 11:44) este são "*os rumores do oriente*" que espantarão o falso rei do Norte, o papado. Daniel 11:45 faz referência ao Armagedom, quando o reino do mal será destruído pelo aparecimento de Miguel, o grande Príncipe.

• Daniel 12 - avança no tempo alcançando o clímax da história deste mundo no tempo da angústia qual nunca houve e o fechamento da porta da graça (Dan. 12:1); a ressurreição especial (Dan. 12:2); a revelação do segredo de Deus e a ressurreição geral (Dan. 12:12,13).

As profecias do Apocalipse também são progressivas. As Sete Igrejas esboçam a história do cristianismo desde o ano 31, quando iniciou o período de Ëfeso, até o ano 1844, quando

iniciou o período de Laodicéia, a Era do Juízo; Apoc. 4 segue a sequência mostrando a grande Sala do Juízo, o Santíssimo do Santuário do Céu; e Apoc. 5 segue apresentando o Livro do Juízo que está na mão do Pai, aguardando para ser entregue ao Filho, o Cordeiro que foi morto e reviveu.

A decisão do povo e dos sacerdotes ao clamarem: *"O Seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos"*, Ellen G. White afirma que "foi registrada no livro que João viu na mão Daquele que estava assentado no trono, no livro que ninguém podia abrir. Esta decisão lhes será apresentada em todo o seu caráter reivindicativo naquele dia em que o livro há de ser desselado pelo Leão da tribo de Judá."[1]

Essa é uma afirmação muito esclarecedora porque revela a natureza e o conteúdo do livro selado com Sete Selos; seu conteúdo diz respeito ao Juízo Investigativo. Esta afirmação também se harmoniza com a citação anterior registrada em *Testemunhos Seletos*, vol. 3, página 414, onde o quinto capítulo de Apocalipse e o livro selado com Sete Selos são colocados também no contexto do Juízo Investigativo. Isto não força nenhuma interpretação, mas sugere naturalmente que a parte selada do livro de Daniel, é exatamente aquela parte que diz respeito ao Santuário Celestial e ao Juízo Investigativo, e que esta parte selada é desselada no Apocalipse pelo Leão da Tribo de Judá, e que os Sete Selos estão firmemente vinculados ao Juízo Celetial.

[1] Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, 294.

"E Ele disse: Vai, Daniel, porque estas palavras estão fechadas e seladas até ao tempo do fim. Muitos serão purificados, e embranquecidos, e provados; mas os ímpios procederão impiamente, e nenhum dos ímpios entenderá, mas os sábios entenderão. E desde o tempo em que o contínuo sacrifício for tirado e posta a abominação desoladora, haverá mil duzentos e noventa dias. Bem-aventurado o que espera e chega até mil, trezentos e trinta e cinco dias. Tu, porém, vai até ao fim; porque repousarás e estarás na tua sorte, no fim dos dias" (Dan.12:9-13).

Ellen G. White logo após citar Daniel 12:9-13, em *Testemunhos para Ministros*, página 115, faz a seguinte declaração: "Foi o Leão da tribo de Judá que abriu o livro, e deu a João a revelação do que deve acontecer nestes últimos dias. Daniel ficou na sua sorte para dar seu testemunho, que foi selado até ao tempo do fim, quando devia ser proclamada ao mundo a mensagem do primeiro anjo. Esses assuntos são de infinita importância nestes últimos dias; mas enquanto 'muitos serão purificados, e embranquecidos e provados,' 'os ímpios procederão impiamente, e nenhum dos ímpios entenderá.' Como isso é verdade! O pecado é a transgressão da Lei de Deus; e os que não aceitarem a luz com relação à Lei de Deus, (essa luz sobre a Lei de Deus só surgiu quando a porta no céu foi aberta em 1844) não compreenderão a proclamação da primeira, segunda e terceira mensagens angélicas. O livro de Daniel é descerrado na revelação a João, e nos transporta para as últimas cenas da história da Terra."[1]

[1] Ellen G. White, *Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos*, 115.

Vê-se claramente nessa citação que Ellen G. White relaciona a parte selada do livro de Daniel com o livro que o Leão da tribo de Judá desselou, ou abriu; o conteúdo desse livro estabelece relação com o que deve acontecer nestes últimos dias e não com o passado.

Ellen G. White coloca os Sete Selos no contexto do grande Dia do Juízo e indica que a parte selada das profecias de Daniel é desselada por Jesus em Apoc. 5 e diz respeito às Três Mensagens Angélicas. Tudo isso vincula o livro selado com Sete Selos ao tempo em que as Três Mensagens deveriam ser proclamadas. Os que não aceitassem a luz com relação à Lei de Deus, que veio ao mundo a partir de 1844 não compreenderiam as mensagens angélicas e obviamente não entenderiam também a natureza do livro selado.

"A ênfase de Apocalipse 5 centra-se na expiação e na vindicação. Este capítulo é parte da unidade que inicia com o capítulo 4:1 e termina no capítulo 8:1... Nos capítulos 4 e 5 João apresenta a abertura (ou início) da segunda fase do ministério de Cristo no Santuário Celestial."[1]

"*E vi um anjo forte, bradando com grande voz: Quem é digno de abrir o Livro e de desatar os seus selos?*

E ninguém no céu, nem na terra, nem debaixo da terra, podia abrir o Livro, nem olhar para ele.

E eu chorava muito, porque ninguém fora achado digno de abrir o Livro, nem de o ler, nem de olhar para ele.

[1] Mario Veloso, *The Sanctuary and the Atonement*, 406.

E disse-me um dos anciãos: Não chores: eis aqui o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, que venceu, para abrir o Livro e desatar os seus sete selos.

E olhei, e eis que estava no meio do trono e dos quatro animais viventes e entre os anciãos um Cordeiro, como havendo sido morto, e tinha sete pontas e sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus enviados a toda a terra" (Apoc. 5:2-6).

E eu chorava muito as cenas vistas pelo profeta João o deixaram tenso e apreensivo; ninguém no céu e nem na terra se achava digno de abrir o livro. O Pai segurava o livro selado em suas mãos. A expectativa no céu era muito grande. Deus o Pai está assentado no grande trono denotando ser Ele o Juiz, mas Ele não podia abrir o livro, esperava por alguém que fosse digno de abri-lo. Por que não Ele, o Pai? Mesmo nos tribunais da Terra, o acusado não pode advogar em causa própria, assim também no Juízo Celestial. O Pai foi o primeiro a ser acusado diante do universo. Antes de Adão e Eva serem criados Lúcifer levantou suspeitas contra o caráter de Deus e a validade de Sua Lei. Essas acusações contra Deus só poderiam ser retiradas ou confirmadas em corte, por isso, na profecia de Daniel 8:14 foi determinado o dia da corte: 22 de outubro de 1844.O Pai esperou, o Céu todo esperou com expectativa por esse dia quando o Leão da tribo de Judá viria ao Pai para receber o livro e iniciar o juízo. O Juízo Celestial diz respeito à vindicação do caráter do Pai.

"Temos, pois, uma cena de julgamento. Está em jogo o governo divino. Satanás é o acusador; Deus mesmo é o acusado e está em julgamento. Foi acusado de injustiça, de exigir que Suas criaturas façam o que não lhes é possível, e de castigá-las, no entanto, por não o fazerem. A lei é o ponto específico de ataque; sendo, porém, simplesmente um transunto do caráter divino, são Deus e Seu caráter os que estão na cena do julgamento."[1]

"Todo que é necessário é que Deus apresente um homem que tenha guardado a lei, e Sua causa está ganha. Na ausência de tal caso, Deus perde e Satanás ganha. O resultado depende, portanto, de um ou mais seres que guardem os mandamentos divinos. Nisso pôs Deus em jogo Seu governo... O Filho de Deus, em Sua própria pessoa, enfrentou as acusações de Satanás e demonstrou que eram falsas."[2]

João percebeu e entendeu a seriedade das cenas que lhe foram apresentadas. Ele chorava muito porque ninguém podia abrir o livro! Quem vai declarar o Pai inocente das acusações satânicas? É um Juízo Celestial porque envolve primeiramente o Pai, depois todos os pecadores. Diante dessa expectativa João chora como uma criança; desespera-se porque, aparentemente, ninguém se apresenta para reivindicar a justiça do Pai; ninguém se apresenta para abrir o livro. O choro do profeta só acaba quando um dos anciãos o consola dizendo: *"Não chores; eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os*

[1] M. L. Andreasen, *O Ritual do Santuário*, 210.
[2] Ibidem, 211.

seus Sete Selos" (Apoc. 5:5).

Por que somente Jesus poderia abri-lo? Porque Jesus assumiu essa missão nas cortes celestiais, de encarnar, vestir-Se da natureza humana, tornando-Se carne da nossa carne e sangue do nosso sangue, para que mediante Ele o Pai pudesse ser justificado no Juízo Celestial. Jesus é o único que é digno de abrir o livro selado porque Ele é o Cordeiro morto, que reviveu (Apoc. 5:6), e foi constituído pelo Pai para ser o Juiz de toda a terra: *"E também o Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o Juízo... e deu-Lhe o poder de exercer o Juízo, porque é o Filho do Homem" (João 5:22, 27)*.

Quando a Bíblia diz que o Pai a ninguém julga, vem a pergunta: por quê ? Se Ele é o Juiz, e é Ele quem está assentado no trono, por que a Bíblia diz que o Pai a ninguém julga, e deu ao Filho o poder de julgar? Em primeiro lugar, o Pai a ninguém julga porque Ele é o acusado número um; antes do acusador nos acusar como pecadores, como no caso de Jó, ele acusou o Pai. A solenidade das cenas descritas, principalmente no quinto capítulo de Apocalipse, vai além da imaginação humana, não há palavras humanas que possam descrever tais cenas. Eis a razão porque unicamente Jesus pode desselar o livro, porque Ele foi nomeado pelo Pai para ser o Juiz no Tribunal Celestial, e porque o conteúdo do livro é profundamente sagrado e está intimamente relacionado com o próprio Deus Pai. Os Sete Selos são passos progressivos no processamento do Juízo Celestial.

A importância crucial do livro que está na mão do Pai consiste, principalmente, no fato de que o desselamento deste livro pelo Leão da tribo de Judá justifica o Deus Pai de todas as acusações satânicas levantadas contra o Seu caráter.

A reivindicação do caráter de Deus é o fator número um no grande plano da salvação, e isto só é possível através do Juízo Celestial. M. L. Andreasen declara que "o assunto de maior relevância do universo não é a salvação dos homens, por importante que pareça. O essencial é que o nome de Deus seja defendido das falsas acusações feitas por Satanás."[1]

O Juízo Celestial é muito mais abarcante que simplesmente julgar os seres humanos; é o próprio Deus quem está em julgamento, e é unicamente o Filho, o Cordeiro que foi morto e reviveu, que poderá conduzir esse processo jurídico que eliminará para todo o sempre as sombras lançadas sobre o caráter de Deus.

Especialmente na última geração de cristãos, justo antes da volta de Jesus, Deus estará provando afinal que os homens podem observar a lei divina e viver sem transgredir. Se os da última geração podem repelir com êxito o ataque de Satanás; se podem faze-lo tendo contra si todas as desvantagens da perseguição e ainda a desvantagem de estar o santuário fechado após o fechamento da porta da graça; se os remanescentes conseguem viver à vista de um Deus santo sem um intercessor no Céu, que desculpa há para que os homens tenham alguma vez pecado? Que desculpa há para as acusações de Satanás contra a Lei de Deus? A Satanás será permitido tentar os

[1] M. L. Andreasen, *O Ritual do Santuário*, 213.

crentes, perseguí-los e ameaçá-los; e ele fará tudo que lhe for permitido. Mas fracassa. Não lhe é possível levá-los a pecar. Resistem à prova, e Deus faz deles Seus troféus de vitória!

Ellen G. White afirma: "Mas o plano da redenção tinha um propósito ainda mais vasto e profundo do que a salvação do homem. Não foi para isto apenas que Cristo veio à Terra; não foi simplesmente para que os habitantes deste pequeno mundo pudessem considerar a Lei de Deus como devia ela ser considerada; mas foi para reivindicar o caráter de Deus perante o universo."[1]

Tanto em Daniel como em Apocalipse, a abertura do livro é feita diante dos milhares de milhares e milhões de milhões (Dan. 7:9, 10; Apoc. 5:11); é algo muito grandioso e de muita expectativa; algo que está sendo aguardado desde o princípio, quando *"houve batalha no céu; Miguel e os Seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhava o dragão e os seus anjos" (Apoc. 12:7).*

A igreja de Deus não atribui a mesma importância que Deus concede a esse solene momento de Juízo Celestial, registrado nos capítulos quatro a oito de Apocalipse. Pouca atenção tem sido dada para algo para o qual Deus dedicou muita atenção. Num livro pequeno como é o Apocalipse é de chamar a atenção o fato de Deus ter dedicado cinco capítulos para explicar o Juízo Celestial. Certamente, Deus não Se agrada quando Seus filhos se propõe a falar do Juízo Celestial de uma maneira descuidada e

[1] Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, 64.

irreverente, sem considerar devidamente esses cinco capítulos (Apoc.4-8).

O livro *Desejado de Todas as Nações*, página 796, 797, descreve a festa que o Pai preparou para o Filho por ocasião de Sua ascensão ao Céu, quando Jesus iniciou a Sua obra intercessória no Lugar Santo do Santuário Celestial. Porém, a cerimônia de abertura do Juízo Celestial supera em muito aquela primeira, pois agora é o clímax de tudo; agora é o Filho que Se propõe justificar o Pai das acusações satânicas. Ao findar o Juízo Celestial os salvos de todos os tempos estarão selados e o caráter do nosso Pai estará para todo sempre vindicado, livre de qualquer sombra de dúvida. Aleluia!

Muitos críticos têm se levantado, ao longo do tempo, contra a doutrina adventista do juízo pré-advento, alegando que tal doutrina não encontra apoio bíblico, e que o ensino adventista sobre o juízo pré-advento é muito frágil porque está apoiado num único texto bíblico, Daniel 8:14. Mas, se os livros de Daniel e Apocalipse devem ser estudados juntos, e devem ser considerados como sendo um só livro, então, obviamente, o Apocalipse também deve tratar deste tema de suma importância para o povo de Deus que vive exatamente na Era do Juízo.

Realmente, o tema central do Apocalipse é Cristo no Seu Santuário, e a vinda de Jesus ao lugar Santíssimo em 1844 para iniciar o Juízo é um assunto presente tanto em Daniel 8:14 e

Daniel 7:9, 10, 13 como também em Apocalipse capítulo quatro, estendendo-se até o capítulo oito verso cinco.

• O grande cenário do juízo pré-advento começa com o anúncio feito a João na carta endereçada à igreja de Filadélfia: *"Eis que diante de ti pus uma porta aberta" (Apoc. 3:8).* A carta que se segue é endereçada `a igreja de Laodicéia, o povo do juízo, e, em seguida Deus faz o convite ao profeta: *"Sobe aqui e mostrar-te-ei as coisas que depois destas devem acontecer" (Apoc. 4:1);* e o que foi que Deus mostrou ao profeta? *"Olhei e eis que estava uma porta aberta no céu" (Apoc. 4:1).* A partir da carta de Filadélfia Deus começou anunciar a chegada do Juízo Celestial e não parou mais até completar todo o processo do juízo.

• Em Apoc. 4:2 João viu a grande sala do juízo: *"E logo fui arrebatado em espírito e eis que um trono estava posto no céu, e Um assentado sobre o trono"* chamou a porta aberta no céu" (Apoc.4:1), mostrando a grande Sala do Juízo.

• João também viu outros vinte e quatro tronos ao redor do grande trono de Deus: *"E ao redor do trono havia vinte e quatro tronos; e vi assentados sobre os tronos vinte e quatro anciãos vestidos de vestidos brancos e tinham sobre suas cabeças coroas de ouro" (Apoc. 4:4).*

• Estas cenas não podem estar descrevendo a ascensão de Jesus ao céu no ano 31 d.C. porque aqui os vinte e quatro anciãos

aparecem antes de Jesus já assentados em vinte e quatro tronos e já com coroas de ouro na cabeça; isso indica que os anciãos e a multidão que ascendeu com Jesus já tinham sido apresentados diante do Pai como primícias dos mortos e que o Filho já tinha sido glorificado (os anciãos eram santos comprados da terra cf. Apoc. 5:9; seus vestidos brancos simbolizam as justiças dos santos cf. Apoc. 19:8; e a coroa de ouro sobre suas cabeças simboliza a vitória sobre o pecado).

A descrição feita no livro *O Desejado de Todas as Nações* páginas 796-797 mostra que Jesus, no dia do Pentecostes, foi primeiramente introduzido à presença do Pai, aceito pelo Pai, vestido com vestes reais e então foi-Lhe dado a coroa de glória. Se usarmos as cenas de Apoc. 4 e 5 para descrever a festa do Pentecostes ocorrida por ocasião da ascensão de Jesus, estaremos invertendo a ordem dos acontecimentos. Nas cenas de Apoc. 4 e 5 o Leão da tribo de Judá só aparece em Apoc. 5:5 quando os anciãos já estavam assentados nos tronos e com coroas de ouro na cabeça. Jesus desta vez entra na presença do Pai para receber o livro selado.

• Apoc. 5:1 mostra o Pai segurando o livro selado com Sete Selos, o Livro do Juízo;

• Introduz então Aquele que é o Único digno de abrir o livro, o Leão-Cordeiro (Apoc. 5:5);

• Mostra então a passagem de Jesus do Santo para o Santíssimo para receber o livro: *"E veio, e tomou o livro da dextra do que estava assentado no trono" (Apoc.5:7)*;

• E a partir de Apoc. 6 Jesus começa a desselar o livro: *"E havendo o Cordeiro aberto um dos selos..." (Apoc. 6:1);* a abertura do livro selado determina o início do juízo: *"Assentou-se o juízo, e abriram-se os livros" (Dan. 7:10).*

Ellen G. White comenta Apoc. 5:11 dizendo: "Anjos uniram-se à obra Daquele que havia aberto os selos e tomado o livro. Quatro poderosos anjos seguram os poderes da terra até que os servos de Deus sejam selados em suas frontes. As nações da terra estão sedentas por conflito; mas elas são controladas pelos anjos. Quando este poder restringidor for removido, haverá um tempo de tribulação e angústia."[1]

Uma vez mais Ellen G. White relaciona o trabalho de Jesus no quinto capítulo de Apocalipse com o desselamento do livro e o selamento dos santos do Altíssimo. Ela está falando do Juízo Investigativo. Na profecia bíblica Selamento é sinônimo de Julgamento. Os Sete Selos revelam as cenas do Juízo Celestial, a saber, o selamento do povo de Deus que começou primeiramente com os mortos em 1844, e passará para o caso dos vivos no contexto do Sexto Selo (Apoc. 6:12-7:17).

O Leão-Cordeiro

"O Leão de Judá, cuja ira será tão terrível para aqueles que

[1] Ellen G. White, *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, 967.

rejeitam Sua graça, será o Cordeiro de Deus para os obedientes e fiéis."[1]

"*E veio, e tomou o livro da dextra do que estava assentado no trono*" *(Apoc. 5:7).*

A vinda do Filho do homem ao Ancião de dias mencionada na profecia de Daniel é uma referência à passagem de Jesus do Santo para o Santíssimo do Santuário do Céu para receber o livro e iniciar o juízo: "*Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu um como o Filho do homem; e dirigiu-se ao Ancião de dias, e O fizeram chegar até Ele*" *(Dan. 7:13).* Daniel 7:13 e Apoc. 5:7 são equivalentes e estão falando do mesmo acontecimento.

As cenas reveladas em Daniel 7:9 e 10 também se relacionam com as cenas de Apoc. 4 e 5:

"*Eu continuei olhando até que foram postos uns tronos, e um Ancião de dias Se assentou, o Seu vestido era branco como a neve, e o cabelo da Sua cabeça como a limpa lã; o Seu trono chamas de fogo, e as rodas dele fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía de diante Dele; milhares de milhares O serviam, e milhões de milhões estavam diante Dele; assentou-se o juízo e abriram-se os livros*" *(Dan. 7:9-10).*

- Daniel viu muitos tronos mas não especificou quantos;
- João também viu muitos tronos, um total de vinte e quatro, mais o grande trono do Pai;
- Daniel viu o Filho do homem vindo em nuvens ao Ancião de

[1] Ellen G. White, *Review and Herald*, 11/01/1887, 08/01/1945.

dias;

- João viu o Leão da tribo de Judá, o Cordeiro que foi morto e reviveu dirigindo-se ao Pai;
- Daniel fala de livros que são abertos no juízo;
- João fala do livro selado com Sete Selos, isto é, um livro com sete subdivisões que também é aberto no juízo;
- Daniel vê o trono de Deus cercado por milhares e milhares, e milhões de milhões (Dan. 7:10);
- João viu o trono de Deus cercado por milhões de milhões e milhares de milhares (Apoc. 5:11);
- Daniel descreve Aquele que estava assentado no trono tendo um vestido branco como a neve e o cabelo como a limpa lã (Dan. 7:9);
- João descreve o Pai assentado no trono cuja aparência é semelhante à pedra de jaspe e o arco celeste estava ao redor do trono;
- Daniel diz que quando o Filho do homem introduziu-se à presença do Pai foi-lhe dado o domínio e a honra e o reino (Dan. 7:14);
- João afirma que quando o Cordeiro recebeu o livro houve uma explosão de louvor dizendo: *"Digno é o Cordeiro que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória" (Apoc. 5:12).*
- Daniel 12:1 fala que *"haverá um tempo de angústia qual nunca houve, desde que houve nação até aquele tempo; mas naquele tempo livrar-se-á o teu povo, todo aquele que se achar escrito no livro."* O livro que contém o nome dos salvos é o mesmo livro

selado de Daniel 12:4 "*e tu Daniel fecha estas palavras e sela este livro até o fim do tempo*"; é este livro que é entregue ao Leão da tribo de Judá para ser desselado (Apoc. 5:7). É oportuno lembrar que "o livro de Daniel é desselado em Apocalipse... O alvo é unir esses livros, mostrando que ambos se relacionam com os mesmos assuntos."[1] Através dos Sete Selos Deus revela o roteiro do julgamento.

"*E, havendo tomado o livro, os quatro animais e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo todos eles harpas e salvas de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos.*

E cantavam um novo cântico, dizendo: digno és de tomar o livro, e de abrir os seus selos; porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus homens de toda a tribo, e língua, e povo, e nação.

E para o nosso Deus os fizeste reis e sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra.

E olhei, e ouvi a voz de muitos anjos ao redor do trono, e dos animais, e dos anciãos; e era o número deles milhões de milhões, e milhares de milhares.

Que com grande voz diziam: digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e ações de graças.

E ouvi a toda a criatura que está no céu, e na terra, e debaixo da terra, e que está no mar, e a todas as coisas que neles há, dizer: Ao que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro, sejam dadas ações de graças, e honra e glória, e poder para todo o sempre.

E os quatro animais diziam: Amem. E os vinte e quatro anciãos

[1] Ellen G. White, *Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos*, 115.

prostraram-se, e adoraram ao que vive para todo o sempre" (Apoc. 5:8-14).

Logo após ter Jesus tomado o livro, a cena que se segue mostra a exultante adoração e louvor que é dado a Ele por ocasião da abertura do juízo, por todos os habitantes do Céu e da Terra.

Onde, nas cenas apresentadas pelos profetas, pode-se encontrar algo comparável a isso? Onde, em toda a história, pode-se encontrar alguma cena gloriosa como esta? É o momento do Juízo Celestial; momento esperado desde quando Lúcifer lançou suas acusações contra Deus no Céu, acusações que só poderiam ser desfeitas através da Encarnação, da Vida, da Morte e da Ressurreição do Filho de Deus, que mediante o Seu sangue redimiu a raça caída e por isso é digno de abrir o livro selado e reivindicar o caráter do Pai diante do universo.

Três Hinos de Louvor

O capítulo cinco de Apocalipse apresenta três hinos de louvor:

1) O hino dos quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos (Apoc. 5:8-10);
2) O hino de muitos anjos, os seres viventes e os anciãos (Apoc. 5:11-12);
3) O hino de toda a criatura (Apoc. 5:13).[1]

Os dois primeiros hinos proclamam a vindicação de Jesus,

[1] Mario Veloso, *The Sanctuary and the Atonement*, 406.

dizendo que Ele é digno porque pelo Seu sangue Ele proveu expiação para o redimido. Proclama também a vindicação dos redimidos, e eles se tornam *"reis e sacerdotes para Deus e reinarão sobre a terra,"* por isso eles possuem *"incensários de ouro cheios de incenso, que são as orações dos santos" (Apoc. 5:8).*

O terceiro hino é cantado por todas as criaturas do universo criado por Deus, e o louvor é direcionado Àquele que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro. O louvor é direcionado ao Pai e ao Filho. O mesmo tema é evidente no hino de louvor cantado pela grande multidão vestida de branco, que permanece diante do trono e diante do Cordeiro.

"Depois destas coisas olhei, e eis aqui uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, que estavam diante do trono, e perante o Cordeiro, trajando vestidos brancos e com palmas nas suas mãos. E clamavam com grande voz, dizendo: Salvação ao nosso Deus, que está assentado no trono, e ao Cordeiro" (Apoc. 7:9, 10).

A Bíblia e o Espírito de Profecia Apóiam Esta Interpretação

1. O livro *Parábolas de Jesus,* página 294, afirma que o livro selado com Sete Selos contém registros individuais das pessoas que serão avaliadas no Juízo.

2. O livro *Testemunhos Seletos,* vol. 3, página 414, coloca o quinto capítulo de Apocalipse no contexto do juízo, referindo-

se ao dia em que os livros forem abertos e cada um for julgado segundo as coisas que neles estiverem escritas.

3. O livro *Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos*, páginas 112-118, enfatiza o fato de que Daniel e Apocalipse devem ser estudados juntos, porque ambos se completam. "As coisas reveladas a Daniel foram mais tarde completadas pela revelação feita a João na ilha de Patmos. Esses dois livros devem ser cuidadosamente estudados... Lede Apocalipse em conexão com Daniel. Ensinai essas coisas...."[1] Em Daniel 12:1, 4, 9, menciona-se o livro selado até o tempo do fim e que contém os nomes de todos aqueles que hão de se salvar. A compreensão da natureza desse Livro e do seu conteúdo é dada em Apocalipse 5, 6, 7 e 8. Os Sete Selos, portanto, não podem ser vistos só como períodos históricos das Sete Igrejas, pois eles revelam algo muito mais grandioso, solene e sagrado: o selamento do povo de Deus no Juízo Celestial.

4. O livro *Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos*, página 115, faz um comentário sobre Daniel 12:9 -13, relacionando esses versos com o livro selado entregue pelo Pai ao Leão da tribo de Judá em Apoc. 5:7. Ellen G. White diz que o conteúdo desse livro diz respeito aos acontecimentos dos últimos dias e especificamente à mensagem do primeiro anjo, o Juízo Investigativo: "que foi selado até ao tempo do fim, quando devia ser proclamada ao mundo a mensagem do primeiro anjo."[2]

[1] Ellen G. White, *Testemunhos para Ministros e Obœiros Evangélicos*, 114, 115.
[2] Ellen G. White, *Testemunhos para Ministros e Obœiros Evangélicos*, 115.

5. No volume 7 do *Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, página 967, Ellen G. White faz um comentário de Apoc. 5:11 dizendo: "Anjos uniram-se à obra Daquele que havia aberto os Selos e tomado o Livro. Quatro poderosos anjos seguram os poderes das terra até que os servos de Deus sejam selados em suas frontes." Uma vez mais ela associa a abertura dos Sete Selos ao Selamento do povo de Deus.

6. Não há indícios nessas citações de Ellen G. White de que os Sete Selos representem uma repetição dos mesmos períodos históricos das Sete Igrejas. Toda a argumentação de Ellen G. White em torno do quinto capítulo de Apocalipse e do livro selado chama a atenção do povo de Deus para a última fase do ministério de Jesus no Santuário Celestial, o juízo pré-advento.

A interpretação histórica dos Sete Selos não vem, originalmente, de Ellen G. White ou da própria Bíblia. Teólogos não adventistas que não compreendiam a verdade do Santuário Celestial, e das Três Mensagens Angélicas, começaram a ensinar que os Sete Selos cobriam os mesmos períodos históricos das Sete Igrejas.[1] Por mais sinceros que eles fossem, não podiam entender os Sete Selos no contexto do Juízo Investigativo porque essa é uma verdade presente que seria pregada ao mundo todo pela Igreja Remanescente. Quando a porta no céu foi aberta (1844) a luz do Santuário Celestial lançou o seu brilho sobre todas as nações, tribos e línguas.

Na *Lição da Escola Sabatina* do segundo trimestre de 1989 o

[1] Para melhor compreensão da origem da Interpretação Histórica dos Sete Selos, leia *The Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, 108 111.

autor diz: “Os selos de Apocalipse 6:1 a 8:1 estão sendo reestudados constantemente pelos Adventistas do Sétimo Dia. Reconhecemos que esta é uma parte das Escrituras que requer cuidadosa investigação. Precisamos abrir o coração e a mente para o ministério de ensino do Espírito Santo, ao procurarmos a aplicabilidade especial dessa profecia à Igreja e ao mundo, hoje em dia.”[1]

7. O tema central do livro de Daniel é o Santuário. Daniel começa falando do Santuário Terrestre destruído por Babilônia literal, e, depois no oitavo capítulo destaca o Santuário Celestial destruído por Babilônia Espiritual; então, em Daniel 8:14 fala-se da restauração do Santuário Celestial. O Santuário é restaurado no Apocalipse, pois todas as revelações do Apocalipse giram em torno do Santuário. Não foi em um lugar qualquer que Jesus recebeu o livro; não foi em um lugar qualquer que Ele desselou o livro; foi no Santíssimo, no mais sagrado e solene ambiente, na presença de milhares e milhões de seres reunidos de todo o universo criado por Deus. Se os selos são abertos no próprio Santíssimo, na Sala do Juízo, na presença dos anjos, dos anciãos, e de todas as criaturas de Deus, é porque eles estão íntimamente relacionados com o próprio juízo. “Como povo, devemos ser estudantes diligentes da profecia; não devemos sossegar sem que entendamos claramente o assunto do santuário, apresentado nas visões de Daniel e de João.”[2]

[1] Joseph J. Battistone, *Lição da Escola Sabatina* , primeira parte, segundo trimestre, 1989, 85.
[2] Ellen G. White, *Evangelismo*, 222.

8. A vinda do Filho do homem ao Ancião de dias em Daniel 7:13 corresponde à vinda do Leão-Cordeiro à presença do Pai em Apoc. 5:7 para receber o Livro do Juízo. É a passagem de Jesus do Santo para o Santíssimo em 1844.

A *Lição da Escola Sabatina* do segundo trimestre de 1989 relaciona o livro dos Sete Selos com o Juízo Celestial:

"O rolo na mão do Pai é muito importante para os habitantes da Terra porque anuncia quem está salvo e por quê, e quem está perdido e por quê... O Pai tem nas mãos o livro do destino. Esse livro contém o futuro de vida ou morte de todo ser humano... é o veredito do Tribunal Celestial ..."[1]

[1] Joseph J. Battistone, *Lição da Escola Sabatina*, primeira parte, segundo trimestre, 1989, 74, 73.

Capítulo 6

Os Sete Selos e o Juízo Pré-Advento

"E, havendo o Cordeiro aberto um dos selos, olhei, e ouvi um dos quatro animais, que dizia como em voz de trovão: Vem, e vê.

E olhei, e eis um cavalo branco; e o que estava assentado sobre ele tinha um arco; e foi-lhe dada uma coroa, e saiu vitorioso, e para vencer" (Apoc. 6:1-2).

No esforço de entender melhor essa profecia apresentamos aqui uma interpretação que, embora seja diferente da interpretação histórica, é essencialmente bíblica e apoiada pelo Espírito de Profecia, e por isso deve ser analisada com muita oração.

A Bíblia é a mais segura intérprete de si mesma. Na linguagem bíblica, o Selo do Deus Vivo tem a ver com o selamento do povo de Deus, enquanto que o Selo da Besta diz respeito ao selamento dos ímpios. Na Bíblia, portanto, selamento tem a ver com o Juízo pré-advento. Os Sete Selos também devem ser vistos como sendo o processo do Selamento, que ocorre no período do Juízo Investigativo. Uma forte evidência de que os Sete Selos devem ser entendidos no contexto do juízo é o fato de que:

- O Quinto Selo (Apoc. 6:9-11) fala de juízo, e o clamor pelo

juízo é feito por uma classe especial de salvos, chamados de mártires.

• O Sexto Selo fala especificamente do selamento de uma outra classe especial de salvos, os 144.000 (Apoc. 7:3-4).

• E o Sétimo Selo revela o fim do juízo, o tempo em que ocorrerá o fechamento da porta da graça, (Apoc. 8:1-5), quando Jesus, o Anjo do Concerto lançar o incensário sobre a terra.

Se os três últimos selos estão vinculados ao juízo pré-advento que iniciou em 1844, seria coerente entender que os primeiros quatro selos também estão relacionados ao juízo. Deus é constante, e revela uma linha profética coerente.

As Sete Igrejas destacam-se, incontestavelmente, como uma revelação dos sete períodos históricos do cristianismo, porém, os Sete Selos usam diferentes símbolos que dificilmente correspondem aos períodos históricos da igreja. Por que só quatro cavalos e não sete? Como Deus é constante, Ele usa um padrão profético também constante e consistente que não tem a finalidade de confundir Seu povo. Deus não usaria os três últimos selos para falar do Juízo Celestial, se os quatro primeiros também não estivessem no contexto do juízo. Todos os selos são abertos pelo Leão de Judá, e todos os selos são abertos no Santíssimo do Santuário Celestial, a partir do ano 1844, quando Jesus entrou no Santíssimo para receber o livro selado. Se os

selos são abertos no Santíssimo, e especificamente na Era do Juízo, forçosamente eles precisam se relacionar com o Juízo.

Na *Lição da Escola Sabatina*, segundo trimestre de 1989, o autor comenta:

"A mensagem do cavalo branco está sendo apresentada hoje em dia? Em caso afirmativo, qual é essa mensagem?", então ele mesmo responde, "A mensagem do primeiro anjo (Apoc. 14:6 e7);"[1] e a mensagem do primeiro anjo é a do Juízo Celestial.

Deus, ao revelar ao profeta a história da Sua igreja, usou símbolos que eram familiares a João, mas unicamente a Bíblia pode interpretar os símbolos proféticos.[2] Sobre os Sete Castiçais Deus disse: *"os sete castiçais que viste são as sete igrejas" (Apoc. 1:20).* No caso dos Sete Selos, Deus também usou uma linguagem familiar ao profeta. João tinha conhecimento do Selo do Deus Vivo (Eze. 20:12, 20; Exo. 31:13-17) e também conhecia o símbolo dos quatro cavalos usados nos primeiros quatro selos. João conhecia o livro de Zacarias, e o Espírito Santo o orientou a fazer uso da mesma linguagem de Zacarias. É fácil perceber a similaridade entre os dois profetas:

• Zac. 2:1-2 "*Tornei a levantar os meus olhos, e olhei, e vi um homem em cuja mão estava um cordel de medir. E eu disse: Para onde*

[1] Joseph J. Battistone, *Lição da Escola Sabatina*, primeira parte, segundo trimestre, 1989, 86, 87.

[2] É a Bíblia quem interpreta os símbolos proféticos. É a Bíblia que diz que: "águas" simbolizam povos e multidões (Apoc. 17:15); "terra" simboliza o oposto de água, uma região despovoada, não habitada (Apoc. 12:16;13:11); "estrelas" simbolizam anjos (Apoc. 1:20); "mulher" simboliza igreja (II Cor. 11:2); "animais ou bestas" simbolizam reinos e poderes (Daniel 7:17); "chifres" simbolizam reis (Daniel 7:24); "ventos" simbolizam guerras e destruição (Jer. 49:36-37); "dia" significa ano (Eze. 4:6); "dragão" simboliza satanás (Apoc. 12:9); "sete castiçais" simbolizam as sete igrejas (Apoc. 1:20); "abismo" simboliza a terra sem forma e vazia (Gen. 1:2); "anjo do abismo" simboliza o anjo que foi lançado para a Terra quando ela era sem forma e vazia (Isa. 14:15; Apoc. 12:9); "selo" simboliza selamento, a Bíblia fala do selo de Deus e do selo da besta (Apoc. 7:2-3; 13:16-18); "sete selos" simbolizam todo o processo de Selamento começando primeiro com os mortos e depois os vivos (Apoc. 6:1- 8:5). Em parte alguma a Bíblia interpreta "selo" como sendo história da igreja. O símbolo bíblico para as sete igrejas são os sete castiçais.

vais tu? E ele me disse: Medir Jerusalém, para ver qual é a sua largura e qual o seu comprimento."

• Apoc. 11:1 "*E foi-me dada uma cana semelhante a uma vara; e chegou o anjo e disse: Levanta-te e mede o templo de Deus, e o altar e os que nele adoram."*

• Zac. 4:2-3 "*E me disse: Que vês? E eu disse: Olho, e eis um castiçal todo de ouro, e sete lâmpadas; e cada lâmpada posta no cimo tinha sete canudos. E, por cima dele, duas Oliveiras, uma à direita do vaso de azeite, e outra à sua esquerda."*

• Apoc. 11:4 "*Estas são as duas Oliveiras e os dois castiçais que estão diante do Deus da terra."*

• Zac. 3:9; 4:10 "*Porque eis aqui a pedra que pus diante de Josué; sobre esta pedra única estão sete olhos..." "Porque, quem despreza o dia das coisas pequenas? Pois esses se alegrarão vendo o prumo na mão de Zorobabel; os sete olhos do Senhor, que discorrem por toda a terra."*

• Apoc. 5:6 "*E olhei, e eis que estava no meio do trono e dos quatro animais viventes e entre os anciãos um Cordeiro, como havendo sido morto, e tinha sete pontas e sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus enviados a toda a terra."*

• Zac. 1:8-10; 6:2-5 "*Olhei de noite, e vi um homem montado num cavalo vermelho, e parava entre as murtas que estavam na*

profundeza, e atrás dele estavam cavalos vermelhos, morenos e brancos." "No primeiro carro eram os cavalos vermelhos, e no segundo carro cavalos pretos, e no terceiro carro cavalos brancos, e no quarto carro cavalos grisalhos fortes."

• Apoc. 6:2-8 *"E olhei, e eis um cavalo branco... E saiu outro cavalo vermelho... E olhei e eis um cavalo preto... E olhei e eis um cavalo amarelo."*

Ellen G. White declara que Ageu e Zacarias são os dois profetas da restauração do templo do Antigo Testamento. "As mensagens dadas por Ageu e Zacarias despertaram o povo no sentido de fazer todo o esforço possível para a reconstrução do templo."[1] As profecias de Zacarias tinham, sem dúvida, aplicação, tanto ao Santuário Terrestre como ao Celestial. Haja vista, a experiência do sumo sacerdote Josué e o Anjo, relatada em Zac. 3:1-8. Essa experiência é aplicada à experiência do povo de Deus no remate do grande Dia da Expiação.

"A visão de Zacarias, relativa a Josué e ao Anjo, aplica-se com força particular à experiência do povo de Deus no remate do grande dia da expiação... As imaculadas vestes da justiça de Cristo são colocadas sobre os provados, tentados mas fiéis filhos de Deus... Seus nomes são retidos no Livro da Vida, do Cordeiro... Agora atingem cumprimento completo aquelas palavras do Anjo: 'Ouve, pois, Josué, sumo sacerdote, tu e os teus companheiros que se assentam diante de ti, porque são homens portentosos; eis que Eu farei vir o Meu Servo, o Renovo.' Cristo é revelado como o Redentor e Libertador de Seu povo."[2]

[1] Ellen G. White, *Profetas e Reis*, 578.
[2] Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, vol. 2, 175, 178, 179.

Zacarias capítulo dez fala da Chuva Serôdia, e Ellen G. White relaciona o derramamento da Chuva Serôdia com o selamento do povo de Deus, o selamento do caráter.

"Nenhum de nós jamais receberá o Selo de Deus, enquanto o caráter tiver uma nódoa ou mácula sequer. Cumpre-nos remediar os defeitos de caráter, purificar de toda a contaminação o templo da alma. Então a Chuva Serôdia cairá sobre nós, como caiu a Temporã sobre os discípulos no dia de Pentecostes... Sentimo-nos ricos e acrescidos de bens, e não sabemos que somos desgraçados, miseráveis, pobres, cegos e nus (Apoc. 3:17). Hoje é o tempo de atender-se à admoestação da Testemunha Verdadeira: 'Aconselho-te que de Mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças; e vestidos brancos para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez; e que unjas os teus olhos com colírio, para que vejas' (Apoc. 3:18)."[1]

Ellen G. White apresenta a mensagem dirigida à igreja de Laodicéia no contexto do Juízo pré-advento, relacionada com a experiência do sumo sacerdote Josué relatada em Zacarias. Zacarias é realmente o profeta da restauração do templo, e suas mensagens tem aplicação especial ao tempo em que o Santuário Celestial seria restaurado através da mensagem do juízo. Essa é a razão porque o profeta João usa tanto a linguagem de Zacarias.

Em Zac. 10:1, 3 Deus fala do Seu povo no contexto da Chuva Serôdia, no contexto do juízo, usando o simbolismo de um cavalo de glória na batalha.

[1] Ibidem., 69.

"Pedi ao Senhor chuva no tempo das Chuvas Serôdias; ao Senhor, que faz as nuvens de chuva, dá aos homens aguaceiro e a cada um erva no campo... Contra os pastores se acendeu a minha ira, e castigarei os bodes-guias; mas o Senhor dos Exércitos tomará a seu cuidado o rebanho, a casa de Judá, e fará desta o Seu cavalo de glória na batalha."

Aqui o *cavalo de glória* é simbolo do povo de Deus. A Bíblia é a única intérprete de si mesma. Em outras partes de Zacarias novamente o mesmo simbolismo é usado.

Outro profeta do Antigo Testamento que interpreta cavalo como símbolo de povo ou pessoas, no contexto do juízo, é Joel:

"Tocai a trombeta em Sião e dai voz de rebate no meu santo monte, perturbem-se todos os moradores da terra, porque o Dia do Senhor vem, já está próximo; dia de escuridade e densas trevas, dia de nuvens e negridão! Como a alva por sobre os montes, assim se difunde um povo grande e poderoso, qual desde o tempo antigo nunca houve, nem depois dele haverá pelos anos adiante, de geração em geração. À frente dele vai fogo devorador, atrás, chama que abrasa; diante dele, a terra é como o Jardim do Éden; mas, atrás dele, um deserto assolado. Nada lhe escapará. A sua aparência é como a de cavalos; e, como cavaleiros, assim correm... Diante deles, treme a terra, e os céus se abalam; o sol e a lua se escurecem, e as estrelas retiram o seu resplendor.

O Senhor levanta a voz diante do Seu exército; porque muitíssimo grande é o seu arraial; porque é poderoso quem executa as Suas ordens; sim, grande é o dia do Senhor e mui terrível! Quem o poderá suportar?" (Joel 2:1-4, 10, 11).

Ao lerem esses textos de Joel, a atenção dos filhos de Deus é chamada para Apoc. 6:12, 13 onde Deus está falando da terra que treme, do sol e da lua que escurecem, e das estrelas que caem; o texto mais forte é o de Joel 2:11 quando comparado com Apoc. 6:17 ;

"sim, grande é o Dia do Senhor e mui terrível! Quem o poderá suportar?" "Porque é vindo o grande Dia da Sua ira; e quem poderá subsistir?" Joel e João estão falando do mesmo acontecimento, o grande Dia do Juízo, quem poderá subsistir ao juízo? Essa pergunta é respondida em Apoc. 7:1-4 falando dos 144.000, as Primícias dos Salvos Vivos, e então em Apoc. 7:9, 13-15, Deus mostra a Seara dos Salvos Vivos, a grande multidão; ambos, as Primícias e a grande Seara, passarão pelo tempo de angústia qual nunca houve (Mat. 24:21, 22; Daniel 12:1; Apoc. 7:14); ambos subsistirão o grande Dia do Juízo, e permanecerão em pé na presença do Filho do homem.

Tanto Joel como Zacarias falam do povo de Deus comparado a cavalos, dentro do contexto do Juízo. Essa é a mesma linguagem usada por Deus nos quatro primeiros Selos ao descerrar diante de João o roteiro do juízo pré-advento. Os cavalos de Apoc. 6 devem ser vistos como símbolos de pessoas, ou diferentes grupos de pessoas que no juízo serão confirmadas realmente como povo de Deus, enquanto que outros serão envergonhados e desmascarados, provando não serem povo de Deus, embora insistam em ostentar o nome de Cristo.

Há outras referências na Bíblia onde os cavalos são usados

como símbolo de mensageiros angélicos. Erwin R. Gane faz uma aplicação dos três primeiros cavalos: branco, vermelho, e preto, relacionando-os com as Três Mensagens Angélicas.[1] Com efeito, as Três Mensagens Angélicas são aplicadas a três diferentes classes de pessoas:

- a primeira aplica-se ao povo de Deus
- a segunda às igrejas protestantes caídas
- e a terceira à igreja católica.

Vemos essa mesma linha de interpretação sugerida na *Lição da Escola Sabatina*:

- A mensagem do Cavalo Branco corresponde à mensagem do primeiro anjo de Apoc. 14:6 e 7.
- O Cavalo Vermelho alguns vêem certa semelhança na mensagem do Cavalo Vermelho com a mensagem do segundo anjo.
- O Cavalo Preto nos últimos momentos do tempo, todos serão pesados na balança de Deus. Alguns receberão o selo de Deus. Estes não receberão o sinal ou a marca da besta de que fala a mensagem do terceiro anjo de Apocalipse 14.
- O Cavalo Amarelo para quem está reservada a morte e o inferno (Apoc. 6:8) no quarto selo? O Alto Clamor de Apoc. 18:1-8 ocorre pouco antes do fim do tempo da graça e do derramento das sete últimas pragas. Os que não atenderem ao último apelo de Deus terão de enfrentar então os resultados de sua apostasia.[2]

A declaração de Ellen G. White no livro *Parábolas de Jesus,*

[1] Erwin R. Gane, *Revelation Reconsidered,* vol. 1, 148.
[2] Joseph J. Battistone, *Lição da Escola Sabatina*, primeira parte, segundo trimestre, 1989, 86-88.

página 294, realmente confirma que o livro selado com os Sete Selos contém o nome de pessoas que pretendem pertencer ao povo de Deus, mas que por ocasião da abertura dos selos, no juízo pré-advento, serão achados trabalhando para Satanás.

"Ao lavar Pilatos as mãos dizendo: 'Estou inocente do sangue deste Justo,' os sacerdotes uniram-se à apaixonada declaração da turba ignorante: 'O Seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos.' Deste modo, os guias fizeram a escolha. Sua decisão foi registrada no livro que João viu na mão Daquele que estava assentado no trono, no livro que ninguém podia abrir. Esta decisão lhes será apresentada em todo o seu caráter reivindicativo naquele dia em que o livro há de ser desselado pelo Leão da tribo de Judá."[1]

Se os selos fossem uma repetição histórica dos sete períodos da igreja qualquer ser angelical poderia ser escolhido para abri-los; ou então o próprio Pai teria tal autoridade. Se as sete cartas contando a história das Sete Igrejas não foram seladas num livro, por que o seria agora nesta parte do Apocalipse?

Porém, se os Sete Selos se relacionam com o Juízo Celestial, e se eles têm a ver com a reivindicação do caráter de Deus diante de todo o universo, então justifica a seriedade e solenidade dos eventos registrados em Apocalipse cinco, onde diz que o Leão-Cordeiro é o Único digno de abrir os selos, e isto porque Deus o Pai O constituiu Juiz de toda a Terra, porque Ele é o Filho do

[1] Ellen G. White, *Parábolas de Jesus*, 294.

homem (João 5:22, 27). Ele é o Único que pode revelar os nomes daqueles que Nele crêem, pois eles são aperfeiçoados e selados pelo Seu sangue. De fato, existe algo especial e sagrado relacionado a cada Selo, algo que faz de Jesus o Único qualificado para revelar o seu conteúdo.

O Primeiro Selo

"E olhei, e eis um cavalo branco; e o que estava assentado sobre ele tinha um Arco; e foi-Lhe dada uma Coroa, e saiu Vitorioso, e para Vencer" (Apoc. 6:2).

Os quatro primeiros selos são anunciados separadamente por cada um dos quatro seres viventes. Os seres viventes estão intimamente envolvidos na cerimônia de abertura do juízo (Apoc. 5) e no processo desse mesmo juízo (Apoc. 6:1-8). O primeiro ser vivente, semelhante ao Leão, anuncia a mensagem do primeiro selo, o cavalo branco. O Leão simboliza Judá, a tribo escolhida, a quem foi feita a promessa do Messias. Em Apoc. 19:11-13 o profeta tem uma outra visão onde aparece o mesmo cavalo branco, sendo montado pelo mesmo Cavaleiro.

"E vi o céu aberto, e eis um cavalo branco; e o que estava assentado sobre ele chama-Se Fiel e Verdadeiro; e julga e peleja com justiça. E os Seus olhos eram como chama de fogo; e sobre a Sua cabeça havia muitos diademas; e tinha um nome escrito, que ninguém sabia senão Ele mesmo. E estava vestido de uma veste salpicada de sangue; e o nome pelo qual Se chama é a Palavra de Deus" (Apoc. 19:11-13).

A revelação profética é bastante convincente, mostrando que

Jesus é o Cavaleiro do cavalo branco, Ele é o próprio Leão da tribo de Judá que "*julga e peleja com justiça*".

"O Príncipe da nossa salvação estava dirigindo a batalha, e enviando reforços para Seus soldados... Ele lhes ensinou coisas terríveis em justiça, enquanto passo a passo os guiava, vencendo e para vencer."[1]

É notável a consistência do simbolismo do cavalo branco representando uma classe de pessoas, os fiéis servos de Deus, liderados pelo Cavaleiro Jesus, que saiu vencendo e para vencer.

O cavalo branco portanto, representa o povo de Deus; o primeiro selo aplica-se àqueles que são seguidores de Jesus; como Pedro escreveu, o juízo começa pela casa de Deus:

"*Porque já é tempo que comece o julgamento pela casa de Deus; e, se primeiro começa por nós, qual será o fim daqueles que são desobedientes ao evangelho de Deus?*" *(I Ped. 4:17).*

A coroa mencionada em Apoc. 6:2 cumpre a profecia de Zacarias com relação ao sacerdócio de Jesus. "*Recebe, digo, prata e ouro, e faze coroas, e põe-nas na cabeça de Josué, filho de Jeozadaque, sumo sacerdote. E fala-lhe, dizendo: Assim fala e diz o Senhor dos Exércitos: Eis aqui o Homem cujo nome é Renovo; Ele brotará do seu lugar, e edificará o Templo do Senhor. Ele mesmo edificará o Templo do Senhor, e levará a glória, e assentar-Se-á, e dominará no Seu trono, e será Sacerdote no Seu trono...*" *(Zac. 6:11-13).*

"A restauração do Santuário Celestial, a edificação do

[1] Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, vol. 3, 224.

Templo do Senhor profetizada por Zacarias começou em 1844. A coroa dada a Jesus em Apoc. 6:2 no primeiro selo é o sinal de mudança em Seu ministério, quando Ele entra no Santíssimo para edificar o Templo, ou restaurar o Santuário à sua posição de direito (Dan. 8:14)."[1]

"Se a premissa de que o Apocalipse é uma história sobre Jesus e Seu ministério no Santuário, a abertura do primeiro selo marca um importante ponto de transição. A colocação da coroa é evidência de que Jesus muda Sua vestimenta no momento representado em Apoc. 6:1. Esta é uma parte essencial da cena introduzida aqui, quando Ele começa a abrir os selos no Santíssimo. Jesus foi introduzido em Apoc. 1:13 com o vestuário para o ministério no lugar Santo. Em Apoc. 4:1 Ele convida João para entrar no Santuário enquanto ainda está usando o mesmo traje... Jesus é introduzido em Apoc. 1:13 no traje Sumo Sacerdotal para Seu ministério no lugar Santo. Ele não muda sua vestimenta até começar o ministério no Santíssimo, quando Ele abre o primeiro selo em Apoc. 6:1. A coroação é uma evidência dessa mudança."[2]

Ellen G. White teve uma visão desse momento de mudança no ministério de Jesus; Jesus estava Se preparando para iniciar o juízo, Ele Se vestiu com preciosas vestes e tinha na cabeça uma coroa:

"Foi-me mostrado o que teve lugar no Céu, no final do período profético, em 1844. Terminando Jesus Seu ministério

[1] Robert Hauser, *Give Glory to Him*, 42.
[2] Ibidem.

no lugar Santo, e fechando a porta daquele compartimento, grande treva baixou sobre aqueles que tinham ouvido e rejeitado as mensagens de Sua vinda; e O perderam de vista. Jesus então envergou vestes preciosas. Em redor da parte inferior de Sua veste havia, em alternada sucessão, uma campainha e uma romã. Um peitoral de confecção curiosa estava suspenso de Seus ombros. Movendo-Se Ele, luzia como diamantes, avolumando letras que pareciam semelhantes a nomes escritos ou gravados no peitoral. Sobre a cabeça trazia algo que tinha a aparência de uma coroa. Quando ficou completamente ataviado, achou-Se rodeado pelos anjos, e em um carro chamejante passou para dentro do segundo véu."[1]

Ellen G. White teve, em 1879, uma visão sobre o juízo pré-advento, em que ela viu muitos livros, e ela descreve a abertura do primeiro livro que se harmoniza com as cenas do primeiro selo:

"Parecia haver chegado o grande dia da execução do juízo de Deus. Dez milhares vezes dez milhares achavam-se reunidos diante de um grande trono, sobre o qual estava sentada uma pessoa de aparência majestosa. Vários livros achavam-se diante Dele, e na capa de cada um estava escrito em letras de ouro, que pareciam como chama ardente: 'Conta-corrente do Céu.' Foi, então, aberto um desses livros, contendo os nomes dos que professam crer na verdade. Perdi imediatamente de vista os inúmeros milhões que se achavam em redor do trono, e

[1] Ellen G. White, *Primeiros Escritos*, 251.

unicamente os que eram professos filhos da luz e da verdade me prenderam a atenção. Ao serem nomeadas essas pessoas, uma a uma, e mencionadas as suas boas ações, sua fisionomia iluminava-se de santa alegria que se refletia em todas as direções."[1]

As cenas que vem do quinto capítulo e introduz a abertura do primeiro selo em Apoc. 6:1-2 harmonizam-se com as cenas relatadas por Ellen G. White. O ponto de transição no ministério de Jesus, ocorre exatamente em Apoc. 5:7 quando Jesus, "*no meio do trono e dos quatro seres viventes e entre os anciãos . . . veio e tomou o livro da dextra do que estava assentado no trono*" *(Apoc. 5:6-7).* E Jesus "rodeado pelos anjos, e em um carro chamejante, passou para dentro do segundo véu."[2] Na visão dada a João, Jesus entrou no Santíssimo sentado num trono rodeado pelos quatro querubins e pelos vinte e quatro anciãos enquanto que na visão dada a Ellen G. White Jesus estava rodeado pelos anjos, e em um carro chamejante quando entrou para dentro do Santíssimo. É evidente que ambos estão falando do mesmo evento.

Apoc. 6:1 dá uma informação adicional, a "*voz como de trovão.*" No Apocalipse, as vozes de trovão e relâmpagos simbolizam importantes anúncios relacionados com o ministério de Jesus no Santuário. Os seres viventes, ou criaturas viventes ao redor do trono, estão diretamente envolvidas nas cenas do juízo do capítulo seis. Quando a primeira criatura fala,

[1] Ellen G. White, *Testemunhos Seletos,* vol. 1, 518.
[2] Ellen G. White, *Primeiros Escritos,* 251.

soa como trovão porque existe uma relação com o juízo no Santuário. Cenas similares podem ser vistas na experiência do Sinai, quando Deus deu a Lei, a norma do juízo. "Então se ouviu um som como de trombeta, convocando o povo para encontrar-se com Deus; e Moisés guiou-os ao pé da montanha. Da espessa treva chamejavam vívidos relâmpagos, enquanto os ribombos do trovão ecoavam e tornavam a ecoar por entre as culminâncias circunvizinhas."[1]

Há um notável paralelo entre as Três Mensagens Angélicas e os três primeiros selos. É impossível não se perceber essa similaridade entre os três primeiros selos e os três anjos de Apoc. 14. Esta não é uma afirmação dogmática, mas somente um lembrete para examinar com atenção tal particularidade. Mas, alguém perguntará: e o que falar do quarto anjo? A mensagem apocalíptica também fala de um quarto anjo (Apoc. 18) com uma poderosa mensagem de juízo. Enquanto o rompimento dos selos revela os que serão julgados no juízo pré-advento, cada um por sua ordem, a mensagem dos três anjos revela o conteúdo das mensagens que deveriam ser proclamadas despertando e preparando o mundo para o tempo do juízo. Os selos destacam o roteiro do juízo no céu e as mensagens angélicas destacam a proclamação do juízo na terra. Um focaliza o Céu e a outro a Terra, mas ambos se relacionam com o Juízo Celestial.

O primeiro selo mostra que o juízo começa pelo povo de Deus, representado pelo cavalo branco, cujo Cavaleiro é Jesus.

[1] Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, 310.

O primeiro anjo proclama essa mensagem: "*É chegada a hora do juízo*" *(Apoc. 14:7)*. A missão de proclamar essa mensagem foi dada ao remanescente de Deus.

"Ao abrirem-se os livros de registro no juízo, é passada em revista perante Deus a vida de todos os que creram em Jesus. Começando pelos que primeiro viveram na Terra, nosso Advogado apresenta os casos de cada geração sucessiva, finalizando com os vivos. Todo nome é mencionado, cada caso minuciosamente investigado. Aceitam-se nomes, e rejeitam-se nomes."[1]

O juízo segue uma ordem tal como está revelado nos selos. O cavalo branco e a mensagem do primeiro anjo de Apoc. 14:6-7 se identificam, representando o povo de Deus de todas as eras, os primeiros a serem julgados. O cavaleiro que guia e orienta este povo é Jesus.

O Segundo Selo

"*E, havendo aberto o segundo selo, ouvi o segundo animal, dizendo: Vem e vê. E saiu outro cavalo, vermelho; e ao que estava assentado sobre ele foi dado que tirasse a paz da terra, e que se matassem uns aos outros; e foi-lhe dada uma grande espada*" *(Apoc. 6:3-4)*.

O segundo ser vivente, semelhante a um bezerro, símbolo da tribo de Efraim, anuncia a mensagem do segundo selo, o cavalo vermelho. Efraim foi escolhido por Deus como primogênito no

[1] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 483.

lugar de Manassés, mas Efraim não honrou seu privilégio, abandonou a Deus e voltou-se para a idolatria; tornou-se símbolo da idolatria: *"fez-se culpado em Baal, e morreu..." (Ose. 13:1),* dele é dito *"os homens que sacrificam beijem os bezerros" (Ose. 13:2).* Há muita especulação sobre o simbolismo do cavalo vermelho, mas novamente Zacarias ajuda a entender a natureza da mensagem. Zacarias 1:8 fala de um homem cavalgando um cavalo vermelho, e a interpretação é dada nos versos 10 e 11 *"são os que o Senhor tem enviado para percorrerem a terra."* O relatório apresentado por eles é: *"que a terra está agora tranqüila e em descanso" (Zac. 1:11).* Este é um relatório falso porque o profeta Ezequiel diz: *"Assim diz o Senhor Deus: Ai dos profetas loucos que seguem o seu próprio espírito sem nada ter visto! . . . Visto que andam enganando, sim, enganando o meu povo, dizendo paz, quando não há paz . . ."(Eze. 13:3, 10).*

Em Isaías 63:1-6, a cor vermelha aparece como símbolo de juízo; em Apoc. 12:3 o vermelho está associado ao dragão, e em Apoc. 17:3 o vermelho está associado à besta. O cavalo vermelho representa a classe de cristãos que professa fé em Jesus, professa crer no sangue de Jesus para perdão dos pecados, todavia, são mensageiros falsos, pregam uma mensagem de paz e segurança quando não há paz; aqui estão representados todos os cristãos que aceitam a Jesus como Salvador, mas O rejeitam como Senhor; não se submetem a Ele, recusam-se a obedecer a Seus mandamentos.

Embora esses cristãos professem ser seguidores de Jesus, não são guiados por Jesus; o cavaleiro não é Jesus, é o próprio Satanás. O símbolo do bezerro é apropriado aqui porque relaciona o grupo do cavalo vermelho com a idolatria; pretendem adorar a Deus, mas, na realidade, entregam-se à idolatria; foram escolhidos como primogênitos para Deus, como Efraim, "*Quando Efraim falava tremia-se, foi exalçado em Israel; mas ele fez-se culpado em Baal*" *(Ose. 13:1);* não honraram o chamado de Deus e morreram.

O cavaleiro do cavalo vermelho é descrito como aquele que "*tira a paz da terra, para que os homens se matem uns aos outros, e foi-lhe dada uma grande espada*" *(Apoc. 6:4).* Em Hebreus 2:14 Deus declara que o diabo é o "*que tem o império da morte.*"

Pode alguém de sã consciência dizer que esse cavaleiro é Jesus? Seria Jesus aquele que tira a paz da terra para que os homens se matem uns aos outros? Não. Jesus prometeu: "*Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou*" *(João 14:27).* Jesus disse: "*Porque se aproxima o príncipe deste mundo, e (ele) nada tem em Mim*" *(João 14:30).* O príncipe deste mundo é o que tem o império da morte, diferente de Jesus que tem o império do amor e da vida. Por isso Jesus disse "*ele nada tem em Mim.*"

Muitos dizem ser Jesus o cavaleiro do cavalo vermelho com a espada da verdade na mão, e argumentam que esta terminologia representa aqueles que estiveram envolvidos no martírio dos cristãos no período da igreja de Esmirna. Mas, se assim fosse, os que derramaram o sangue dos mártires estariam sob o controle

de Satanás, porque esse cavaleiro faz com que se matem uns aos outros. Isto não pode se referir aos mártires cristãos da igreja primitiva. O cavaleiro Satanás carrega um símbolo de juízo, uma grande espada, e se apresenta como o líder e guia deste grupo, mas no Juízo Celestial eles serão julgados por Jesus, porque eles professam fé em Jesus.

A segunda mensagem angélica de Apoc. 14 identifica-se com os cristãos do cavalo vermelho, cujo cavaleiro é Satanás; a experiência espiritual deles tem a ver com a adoração do bezerro. "Rejeitando a advertência do primeiro anjo, desprezaram os meios que o Céu provera para a sua restauração. Desacataram o mensageiro de graça que teria corrigido os males que os separavam de Deus, e com maior avidez volveram à busca da amizade do mundo. Eis aí a causa da terrível condição de mundanismo, apostasia e morte espiritual, que prevalecia nas igrejas em 1844."[1]

"No capítulo 14 do Apocalipse, o primeiro anjo é seguido por um segundo anjo, que proclama:'Caiu, caiu Babilônia... A mensagem de Apocalipse 14, anunciando a queda de Babilônia, deve aplicar-se às organizações que se corromperam. Visto que esta mensagem se segue à advertência acerca do juízo, deve ser proclamada nos últimos dias; portanto, não se refere apenas à Igreja de Roma, pois que esta igreja tem estado em condição decaída há muitos séculos... A mensagem do segundo anjo de Apocalipse, capítulo 14, foi primeiramente pregada no verão

[1] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 380.

de 1844, e teve naquele tempo uma aplicação mais direta às igrejas dos Estados Unidos, onde a advertência do juízo tinha sido mais amplamente proclamada e em geral rejeitada, e onde a decadência das igrejas mais rápida havia sido. A mensagem do segundo anjo, porém, não alcançou o completo cumprimento em 1844."[1]

A mensagem do segundo anjo, assim como a mensagem do segundo Selo, aplicam-se mais especificamente às filhas de Babilônia, enquanto que a mensagem do terceiro anjo e a mensagem do terceiro selo aplicam-se diretamente à Igreja Mãe, mãe das prostituições da terra.

Na visão do Juízo, dada a Ellen G. White em 1879, a abertura do primeiro livro identifica-se com o primeiro selo, contendo o nome dos fiéis filhos de Deus, os primeiros a serem julgados, e em seguida, a visão mostra a abertura de um segundo livro que corresponde ao segundo selo, contendo os pecados dos cristãos nominais:

"Abriu-se um outro livro, no qual se achavam registrados os pecados dos que professam a verdade... À medida que o Santo que estava sobre o trono ia virando lentamente as folhas do contas-correntes e Seus olhos pousavam momentâneamente sobre os indivíduos, esse olhar parecia queimar-lhes até ao íntimo da alma... Em angústia de alma, cada um declara a própria culpa e de maneira terrivelmente vívida vê que, pecando,

[1] Ibidem., 381, 383, 389.

atirou fora a preciosa dádiva da vida eterna... Foram mencionados os nomes de todos quantos professam a verdade."[1]

A mensagem do segundo anjo e a mensagem do segundo selo alcançam o seu cumprimento completo quando o quarto anjo de Apocalipse 18 fizer soar a sua poderosa voz na proclamação do Alto Clamor, após o cumprimento da terceira mensagem angélica, a saber, a imposição do Decreto Dominical. Os dois primeiros selos aplicam-se a duas diferentes classes de cristãos que serão avaliados no Juízo Investigativo: os fiéis e obedientes filhos de Deus, e os cristãos nominais presentes em todas as igrejas evangélicas, que seguem as doutrinas e tradições de Babilônia, a Igreja Mãe; por isso tais igrejas são chamadas de filhas de Babilônia.

O Terceiro Selo

"E, havendo aberto o terceiro selo, ouvi dizer ao terceiro animal: Vem, e vê. E olhei, e eis um cavalo preto; e o que sobre ele estava assentado tinha uma balança na mão. E ouvi uma voz no meio dos quatro animais, que dizia: uma medida de trigo por um dinheiro, e três medidas de cevada por um dinheiro; e não danifiques o azeite e o vinho" (Apoc. 6:5-6).

A mensagem do terceiro selo é anunciada pelo terceiro ser vivente, que tinha o rosto como de homem. Este era o símbolo na bandeira de Rúben. Rúben, o primogênito, mas que também perdeu os direitos da primogenitura, porque se entregou à

[1] Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, vol. 1, 518, 519, 520.

prostituição, um símbolo apropriado para a grande Prostituta, a grande Meretriz, com a qual se prostituiram todos os reis da terra (Apoc. 17:2); a igreja que deixou de confiar em Deus para confiar no Homem do Pecado, no Filho da Perdição, *"o qual se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus" (II Tess. 2:3, 4)*; mas ele não é Deus, é simplesmente um homem, chamado de o homem do pecado. A descrição do que fez Rúben é também uma descrição do que fez a Igreja Mãe (Apoc. 17).

O terceiro cavalo é preto. Aqui o profeta Zacarias novamente ajuda a entender o significado da profecia. Em Zacarias 6:6 diz: *"O carro em que estão os cavalos pretos sai para terra do Norte."* A profecia identifica o cavalo preto com o Norte, cujo rei é identificado em Daniel 11:40-45 como sendo o papado. Embora Uria Smith tenha identificado o rei do Norte como sendo a Turquia,[1] Tiago White, defendeu a idéia de que o rei do Norte de Daniel 11 só poderia ser Roma papal.[2]

Desde o início da Igreja Adventista do Sétimo Dia, alguns dos pioneiros, entre eles, Tiago White, entenderam que o rei do Norte mencionado em Daniel 11, é uma referência ao papado. Sendo assim, o cavalo preto que é apresentado correndo para a terra do Norte, está relacionado com a Babilônia espiritual, a Igreja Mãe, a Mãe das meretrizes de Apoc. 17:5. Esta é a maior igreja cristã do planeta, pois também professa fé em Jesus, por

[1] Uria Smith, *Daniel and Revelation*, 295.
[2] Tiago White, *Review and Herald*, 29/11/1877.

isso a Igreja de Roma também será julgada no juízo pré-advento.

Tinha uma balança na mão - conquanto o papa pretenda ser o juiz de toda a terra, perdoando os pecados de uns e excomungando e mandando para o inferno outros, Jesus Se apresenta como sendo o Cavaleiro do cavalo preto, o único que tem a balança do juízo nas mãos, o único que pode dizer: "*Pesado foste na balança e foste achado em falta*" *(Dan. 5:27).* Daniel e Apocalipse devem ser estudados juntos pois relacionam os mesmos assuntos.[1] Daniel 5 retrata o julgamento da Babilônia literal, enquanto Apoc. 6:5-6 e Apoc. 14:9-11 referem-se à Babilônia espiritual. A linguagem usada por Daniel e João é uma linguagem de juízo. O simbolismo da balança no terceiro selo representa um julgamento justo e misericordioso para com as almas que saem de Babilônia na última hora. Ellen G. White diz que a mensagem do terceiro anjo assinala o momento certo da grande colheita dos sinceros que vêm de Babilônia:

"Vi então o terceiro anjo. Disse o meu anjo acompanhante: 'Terrível é sua obra. Tremenda sua missão. Ele é o que deve separar o trigo e o joio, e selar, ou atar, o trigo para o celeiro celestial. Essas coisas devem absorver toda a mente, a atenção toda."[2] Este é o ponto central do terceiro selo.

"Nessa balança do Santuário serão pesados os membros individuais da igreja cristã; e se seu caráter moral e seu estado

[1] Ellen G. White, Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos, 117.
[2] Ellen G. White, *Primeiros Escritos*, 118.

espiritual não corresponderem aos benefícios e bênçãos que lhes foram conferidos, serão achados em falta."[1] "A menos que entremos no Santuário do Céu, e nos unamos com Cristo, com temor e tremor, trabalhando pela nossa salvação, nós seremos pesados nas balanças do Santuário, e achados em falta."[2]

A balança mencionada em Daniel 5:27 e a balança de Apoc. 6:5 foram vistas também por Ellen G. White como sendo as balanças do Santuário. Essa é uma linguagem simbólica, puramente de juízo.

Outra forte evidência de que o terceiro selo, o cavalo preto, corresponde à Igreja de Roma, o papado, pode ser encontrada na terceira mensagem angélica de Apoc. 14:9-10. A mensagem do terceiro anjo também se aplica primeiramente à Igreja de Roma, a primeira besta, e em segundo lugar à imagem da besta. A mensagem do terceiro anjo é uma advertência contra os que recebem o sinal da besta, enquanto que a mensagem do terceiro selo contém uma mensagem de advertência para não danificar, nem desprezar o povo sincero e temente a Deus que ainda existe dentro da Igreja de Roma, representados pelo azeite e vinho.

Quando a mensagem do terceiro anjo for proclamada no poder outorgado através da Chuva Serôdia do Espírito Santo, milhares e milhares deixarão a apostasia e se unirão aos que *"guardam os mandamentos de Deus e tem a fé de Jesus" (Apoc. 14:12)*.

[3] Ellen G. White, *Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos*, 450.
[4] Ellen G. White, *Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, 933, 934.

Milhares de cristãos que já desceram à sepultura o fizeram como membros da igreja caída, todavia, seguiram a luz recebida e serão julgados no juízo pré-advento, de acordo com a luz que possuiam. Na mensagem do cavalo preto, Jesus, o Cavaleiro, está dizendo: "*não danifiquem o azeite e o vinho*" *(Apoc. 6:6).*

O azeite e o vinho - o que representam o azeite e o vinho presentes na igreja caída? A frase "*não danifiques o azeite e o vinho*" é usada em relação ao trigo e à cevada; representam os conversos da última hora, e esta será a maior de todas as colheitas.

"No capítulo dezoito do Apocalipse, o povo de Deus é convidado a sair de Babilônia. De acordo com esta passagem, muitos do povo de Deus ainda devem estar em Babilônia. E em que corporações religiosas se encontrará hoje a maior parte dos seguidores de Cristo? Sem dúvida, nas várias igrejas que professam a fé protestante... Apesar das trevas espirituais e afastamento de Deus prevalescentes nas igrejas que constituem Babilônia, a grande massa dos verdadeiros seguidores de Cristo encontra-se ainda em sua comunhão."[1]

Falando sobre o azeite e o vinho mencionados em Apoc. 6:6, Ellen G. White declara:

"Para reaver para si o homem e assegurar-lhe a eterna salvação, Cristo abandonou a corte celestial e veio a esta Terra

[1] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 383, 390.

onde por ele padeceu ignomínia, morrendo para libertá-lo. À vista do preço infinito que pagou pelo seu resgate, como ousará alguém, que professa o nome de Cristo, tratar com indiferença ao mais humilde de Seus discípulos? Quão circunspectos devem ser na igreja os irmãos e irmãs, tanto nas palavras como nas ações, a fim de não prejudicar o azeite e o vinho!"[1] O azeite e o vinho, no contexto do terceiro selo, o qual se aplica especificamente à Igreja de Roma, representam os sinceros filhos de Deus que ainda estão em Babilônia, mas que são preciosos à vista de Deus. Através do Alto Clamor serão chamados a sair de Babilônia e se unirem ao remanescente fiel.

Novamente é notável a forte relação entre o terceiro selo e a terceira mensagem angélica. Todos os preciosos à vista de Deus sairão de Babilônia antes do fechamento da porta da graça, e o remanescente de Deus, que teve tempo suficiente para aprender as verdades do Santuário, e as verdades relacionadas com os últimos acontecimentos desta terra, terão que instruir a grande multidão, que, em resposta ao Alto Clamor, uniu-se aos que guardam os mandamentos de Deus. Ellen G. White comenta este episódio quando diz:

"Alguns de nós têm tido tempo de possuir a verdade e progredir passo a passo, e cada passo dado tem-nos propiciado força para o seguinte. Mas agora o tempo está quase findo, e o que durante anos temos estado aprendendo, eles terão de aprender em poucos meses. Terão também muito que desaprender e muito que tornar a aprender. Os que não

[1] Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, vol. 2, 258.

receberam o sinal da besta e da sua imagem quando sair o decreto, terão que estar decididos a dizer agora: Não, não mostraremos estima pela instituição da besta."[1]

Dentro desse contexto o remanescente de Deus deve tratar os discípulos de Jesus, vindos de Babilônia, com muito cuidado, para não danificar o azeite e o vinho, mas prepará-los para estarem em pé diante de Deus durante as sete últimas pragas. A ênfase do terceiro selo é colocada especialmente nos conversos da hora undécima, essa grande multidão que ainda está em Babilônia, mas que responderá o apelo do Alto Clamor de Apoc. 18:4. Essa grande multidão também faz parte do juízo pré-advento, do Juízo dos Vivos, e serão selados pelo Selo do Deus Vivo.

"Há muitas almas que sairão das fileiras do mundo e das igrejas, até da Igreja Católica, cujo zelo excederá consideravelmente o dos que têm estado a postos para proclamar a verdade até agora. Por esta razão os trabalhadores da hora undécima receberão o seu denário."[2] "Os trabalhadores de uma hora serão chamados na hora undécima, e eles consagrarão sua habilidade e seus recursos para fazer avançar a obra do Senhor."[3]

"Vi que os que ultimamente têm abraçado a verdade terão que aprender o que é sofrer por amor de Cristo, que terão provas a suportar, provas que serão agudas e cortantes, a fim de que sejam purificadas e pelo sofrimento capacitados a receber o Selo

[1] Ellen G. White, *Primeiros Escritos*, 67.
[2] Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 3, 386, 387.
[3] Ellen G. White, *Review and Herald*, 21/12/1897.

do Deus Vivo, a passar pelo tempo de angústia, e ver o Rei em Sua formosura e estar na presença de Deus e de anjos santos, puros."[1]

O profeta Joel prediz que no tempo da Chuva Serôdia haverá uma grande colheita de almas: "*E vós, filhos de Sião, regozijai-vos e alegrai-vos no Senhor vosso Deus, porque Ele vos dará ensinador de justiça, e fará descer a chuva, a Temporã e a Serôdia, no primeiro mês. E as eiras se encherão de trigo, e os lagares transbordarão de vinho e de óleo" (Joel 2:23, 24).*

A restauração da imagem divina naqueles que saíram de Babilônia na última hora, é a missão final do ministério de Jesus no Santíssimo. Essa expressão "*três medidas de cevada*" mostra que o terceiro selo está relacionado ao juízo pré-advento, pois é o mesmo princípio enunciado por Jesus na parábola de Mateus 20:1-16.

O Trigo e a Cevada - o que representam o "*trigo e a cevada*"? A cevada era mais barata que o trigo. O trigo era o principal alimento do povo da Palestina. A cevada era o alimento comum usado pelos pobres, e também pelos animais. A voz que anuncia o alto preço do trigo e da cevada mostra quão preciosos são para Deus aqueles representados pelo trigo e pela cevada. Tanto o trigo como a cevada são mencionados na Bíblia como parte do povo de Deus, e não podem ser confundidos como joio.

Na parábola contada por Jesus, o trigo representa os fiéis que

[1] Ellen G. White, *Primeiros Escritos,* 67.

serão recolhidos ao celeiro na volta de Jesus (Mat. 13:24-30). A cevada, por sua vez, é mencionada na festa das Primícias (Lev. 23:9-14). Os molhos das Primícias eram feitos dos melhores grãos de cevada, e representavam a colheita. Na linguagem bíblica, tanto o trigo como a cevada estão relacionados com a colheita do povo de Deus. Ambos, o trigo e a cevada, recebem o salário de um dia. A voz de Deus chamando o Seu povo para sair de Babilônia lhes garante uma justa recompensa, mesmo para aqueles que tomam a sua decisão na hora undécima. "*Uma medida de trigo por um dinheiro, e três medidas de cevada por um dinheiro;*" Deus oferece aos trabalhadores da última hora a mesma recompensa oferecida aos que trabalharam o dia todo.

O Quarto Selo

"*E, havendo aberto o quarto selo, ouvi a voz do quarto animal, que dizia: Vem e vê. E olhei, e eis um cavalo amarelo, e o que estava assentado sobre ele tinha por nome Morte; e o inferno o seguia; e foi-lhes dado poder para matar a quarta parte da terra, com espada, e com fome, e com peste, e com as feras da terra*" *(Apoc. 6:7-8).*

O quarto selo é anunciado pelo quarto ser vivente, semelhante a uma águia. Esse era o símbolo na bandeira da tribo de Dã, aquele que na profecia de Jacó já foi condenado por ser a serpente junto ao caminho. "*Dã será serpente junto ao caminho, uma víbora junto à vereda, que morde os calcanhares do cavalo, e faz cair o seu cavaleiro por detrás*" *(Gen. 49:17).* Não é preciso muito esforço para reconhecer semelhanças entre a

descrição de Dã e o quarto cavalo, pois a descrição de Dã é a própria descrição de Satanás, a serpente, o falso, o que morde por trás, o que derruba, o que mordeu o próprio calcanhar do Messias, *"e tu lhe ferirás o calcanhar" (Gen. 3:15).* A figura da águia como símbolo de Dã ajusta-se muito bem ao grupo dos perdidos e condenados na mensagem do quarto selo.

O quarto cavalo é pálido, ou cinzento; outras traduções dizem amarelo. O quarto cavalo era um cavalo cadavérico, com a cor da morte. O próprio cavaleiro se chama Morte, e o inferno o segue. Sem dúvida alguma, o cavaleiro é Satanás, e o cavalo representa todos aqueles que estão sob o seu controle e liderança e que terão o mesmo fim dele, a mesma condenação, a morte no inferno, isto é, a morte no lago de fogo e enxofre, que é a segunda morte (Apoc. 21:8).

Os três primeiros selos e as três mensagens angélicas estão relacionados às três diferentes classes de pessoas que professam fé em Jesus, a saber:

- o remanescente fiel;
- o falso protestantismo;
- e a Igreja Católica.

O quarto cavalo liga-se à grande classe dos perdidos, de onde já saíram o trigo, e a cevada, o azeite e o vinho. Quando os sinceros filhos de Deus que ainda estão em Babilônia, nas igrejas caídas, em resposta à proclamação do Alto Clamor, deixarem

suas igrejas, restará nas igrejas caídas somente o joio pronto para ser destruído.

A natureza da mensagem do quarto selo é de condenação e morte, não mais juízo, no sentido de avaliação, mas juízo no sentido de condenação. Se bem que o juízo dos ímpios seja durante os mil anos no Céu (Apoc. 20), na realidade, durante os mil anos no Céu os casos dos ímpios, estarão abertos para investigação, por parte dos salvos, que com interesse desejarão inteirar-se das razões e dos motivos que resultaram na condenação daqueles que não estão no Céu. Na realidade os que não estão no Céu durante os mil anos já foram julgados e condenados, e aguardam, na condição de mortos, a sentença final que determinará somente a intensidade da pena a ser aplicada no final dos mil anos. Mas eles já terão sido julgados merecedores da morte eterna, antes da volta de Jesus.

O juízo pré-advento condenará a classe representada pelo quarto cavalo, que segue o mesmo destino do seu cavaleiro, cujo nome é morte e inferno. Quando Jesus voltar, Ele voltará já sabedor do nome dos salvos e dos perdidos. O quarto cavalo, portanto, representa a grande massa dos perdidos, representada na mensagem do quarto anjo de Apoc. 18, como a queda final, ou seja, a condenação da grande Babilônia:

"*Caiu, caiu a grande Babilônia, e se tornou morada de demônios, e coito de todo o espírito imundo, e coito de toda a ave imunda e aborrecível...Porque os seus pecados se acumularam até ao céu, e Deus*

Se lembrou das iniquidades dela. Tornai-lhe a dar como ela vos tem dado, e retribuí-lhe em dobro conforme as suas obras... Porquanto num dia virão as suas pragas, a morte, e o pranto, e a fome; e será queimada no fogo; porque é forte o Senhor Deus que a julga" (Apoc. 18:2,5,6,8).

A mensagem do quarto anjo de Apoc. 18 encerra uma poderosa revelação que será proclamada ao mundo todo como o Alto Clamor; vem reforçar as mensagens do segundo e terceiro anjos, pois ela só será proclamada após o cumprimento da terceira mensagem angélica. Quando pela primeira vez foi proclamada a mensagem do segundo anjo: *"Caiu, caiu Babilônia" (Apoc. 14:8),* em 1844, não se revestiu do mesmo poder, porque a mensagem do terceiro anjo ainda não se cumprira, porém, quando sair o Decreto Dominical, e toda a terra se prostrar diante da besta (Apoc. 13:8), então será o tempo para a proclamação do Alto Clamor de Apoc. 18:4, e os resultados serão estrondosos, porque o Alto Clamor será dado no poder da Chuva Serôdia do Espírito Santo.

"A mensagem do segundo anjo de Apocalipse, capítulo 14, foi primeiramente pregada no verão de 1844, e teve naquele tempo uma aplicação mais direta às igrejas dos Estados Unidos...

A mensagem do segundo anjo, porém, não alcançou o completo cumprimento em 1844. As igrejas experimentaram então uma queda moral, em consequência de recusarem a luz da mensagem do advento; mas essa queda não foi completa.

Continuando a rejeitar as verdades especiais para este tempo, têm elas caído mais e mais... O capítulo dezoito do Apocalipse indica o tempo em que, como resultado da rejeição da tríplice mensagem do capítulo 14, versos 6-12, a igreja terá atingido completamente a condição predita pelo segundo anjo, e o povo de Deus, ainda em Babilônia será chamado a separar-se de sua comunhão. Esta mensagem é a última que será dada ao mundo, e cumprirá a sua obra."[1]

"As profecias do capítulo dezoito de Apocalipse em breve vão se cumprir. Durante a proclamação da terceira mensagem angélica, 'um outro anjo,' deve 'descer do céu com grande poder, e a terra será iluminada com a sua glória' (Apoc. 18:1)."[2]

Assim como a mensagem do quarto anjo de Apocalipse dezoito é mais poderosa porque contém em si mesma o conteúdo das três primeiras, assim também a mensagem do quarto selo, o quarto cavalo, traz consigo uma mensagem de condenação e morte à grande massa dos perdidos que permaneceu na Babilônia mãe e suas filhas, cujo destino já foi selado juntamente com o cavaleiro cujo nome é morte e cujo destino é o inferno.

A profecia bíblica é bem consistente. Se os três primeiros selos e as três mensagens angélicas se correspondem, seguramente, o quarto selo também se corresponde com a mensagem do quarto anjo.

Edwin R. Thiele também destaca a reciprocidade entre a tríplice mensagem angélica e os três primeiros selos, e

[1] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 389, 390.
[2] Ellen G. White, *Review and Herald*, 13/10/1904.

acrescenta que o quarto anjo é o anjo da condenação, tal como já foi demonstrado na mensagem do quarto selo.

"Nestes últimos dias podemos comparar a obra desses três cavaleiros às três mensagens de Apoc. 14:6-12. Em primeiro lugar vem a apresentação da mensagem do glorioso evangelho que continuará vitorioso até o fim. Segue-se-lhe uma mensagem de advertência quanto à Babilônia caída, a qual se fez necessária por causa da rejeição da mensagem do primeiro anjo. Vem, então, a terceira, a última e solene mensagem de advertência aos homens, a mensagem do 'vinho da ira de Deus, que se deitou, não misturado, no cálice de Sua ira' (Apoc. 14:10).

À rejeição desta última mensagem seguir-se-á o surgimento do anjo da morte. Este quarto mensageiro não mais traz uma mensagem de salvação. A sua obra é uma obra de condenação que ocorrerá quando a última advertência tiver sido rejeitada."[1]

Assim como a mensagem do quarto anjo tem uma condenação final aos que já foram mencionados na mensagem do segundo e terceiro anjos, assim também a mensagem do quarto selo contém a condenação final dos que permaneceram em Babilônia, tanto a mãe como as filhas. Estabelece-se uma notável semelhança entre a condenação contida no quarto selo em Apoc. 6:8, e a condenação da grande Babilônia, em Apoc. 18:8. Ambos os quadros simbolizam juízos de Deus. O paralelo com Ezequiel 14:21 é claro: "*...Eu envio os meus quatro juízos severos, a espada, e a fome, e o animal feroz, e a peste...*" Isso diz

[1] Edwin R. Thiele, *Apocalipse, Esboço de Estudos*, vol. 1, 131.

respeito à morte por meio dos juízos de Deus, morte aos que rejeitaram as mensagens da graça de Deus.

"Vi que Jesus não abandonaria o lugar Santíssimo até que todo o caso estivesse decidido seja para salvação ou destruição, e que a ira de Deus não poderia sobrevir enquanto Jesus não tivesse terminado Sua obra no lugar Santíssimo, depositando Suas vestes sacerdotais, e Se cingindo com as vestes de vingança. Então Jesus terminará a mediação entre o homem e Deus, e Deus não mais guardará silêncio, mas derramará Sua ira sobre aqueles que rejeitaram Sua verdade."[1]

O profeta Zacarias também lança luz sobre a natureza e o significado do quarto cavalo. Zacarias 6:6 diz que os cavalos baios dirigem-se ao Sul. Não é preciso grande esforço para entender que os cavalos baios correspondem ao cavalo pálido, ou cinza. O rei do Sul de Daniel 11:40 é identificado como em oposição ao rei do Norte. Em tempos antigos o rei do Sul era o Egito. Nenhum monarca na terra já se aventurou a desafiar a Deus como fez o rei do Egito. *"Quem é o Senhor cuja voz eu ouvirei, para deixar ir Israel? Não conheço o Senhor, nem tão pouco deixarei ir Israel" (Exo. 5:2).* Isto é Ateísmo. Ellen G. White compara a arrogância de Faraó com a presunção da França na Revolução Francesa, ao anular a religião. Ela então diz: "Isto é Ateísmo."[2] Desta forma o rei do Sul representa o ateísmo em todas as suas formas, incluindo todo sistema babilônico representado pela Igreja de Roma, Protestantismo apostatado e

[1] Ellen G. White, *Primeiros Escritos*, 36
[2] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 269.

Espiritismo. Este aspecto do quarto cavalo, que se dirige para o Sul, vem fortalecer a sua identidade e ligação com o ateísmo declarado de todos aqueles que anularam Deus de suas vidas e escolheram *"adorar o dragão que deu à besta o seu poder... esses cujos nomes não estão escritos no Livro da Vida do Cordeiro..." (Apoc. 13:4, 8).*

O Quinto Selo

*"E, havendo aberto o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos que foram mortos por amor da palavra de Deus e por amor do testemunho que deram. E clamavam com grande voz, dizendo: Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso san*gue dos que habitam sobre a terra? E foram dadas a cada um compridas vestes brancas e foi-lhes dito que repousassem ainda um pouco de tempo, até que também se completasse o número de seus conservos e seus irmãos, que haviam de ser mortos como eles foram"(Apoc. 6:9-11).

No quinto e sexto selos não existem mais cavalos para representar diferentes classes de pessoas, pois os quatro cavalos cobrem toda a humanidade. O quinto e sexto selos, porém, continuam falando de duas outras diferentes classes de pessoas no juízo, usando uma linguagem bem explícita. Por que a profecia deixou de usar o simbolismo de cavalos para as últimas duas classes? A resposta é que os dois grupos mencionados no quinto e sexto selos, ambos pertencem ao cavalo branco, o povo de Deus.

O quinto selo diz respeito a uma classe especial de salvos, os mártires. Não se aplica somente aos mártires do passado, mas também aos mártires que ainda derramarão o sangue no conflito entre Cristo e Satanás, antes do fechamento da porta da graça. Apoc. 6:10-11 é muito claro:

"E clamavam com grande voz, dizendo: Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?" (Apoc. 6:10-11).

João usa aqui uma linguagem simbólica, uma figura de linguagem para ilustrar a necessidade de os mártires, que já tinham sido mortos por causa do testemunho de Jesus, serem julgados. A Bíblia deve ser entendida pela própria Bíblia, e na Bíblia os mortos são descritos como estando *"dormindo no pó da terra" (Dan. 12:2),* um sono inconsciente (Jó 14:21; Sal. 146:3, 4; Ecle. 9:5, 6). Se a linguagem usada por João em Apoc. 6:9-10 for tomada como sendo literal, fará com que a Bíblia entre em contradição, porque dezenas de outros versos bíblicos falam do estado do homem na morte como sendo um sono, um estado de inconsciência até a volta de Jesus.

A ênfase em Apoc. 6:10 é o clamor por justiça, por juízo. Como os mártires pertencem ao cavalo branco, do primeiro selo, e eles sabem que o Juízo Celestial está em andamento, pois já os quatro primeiros selos tinham sido abertos, mas os mártires, ainda não tinham sido julgados, então eles clamam: *"Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue?" (Apoc. 6:10).* Foi em resposta ao clamor dos mártires que Deus

explicou o que está relatado em Apoc. 6:11

"E foram dadas a cada um compridas vestes brancas e foi-lhes dito que repousassem ainda um pouco de tempo, até que também se completasse o número de seus conservos e seus irmãos, que haviam de ser mortos como eles foram" (Apoc. 6:11). Deus explicou a razão por que eles ainda não tinham sido julgados, e o fez de uma forma muito explícita. A classe dos mártires ainda não estava completa.

Quando se completará o número dos mártires? No tempo em que a mensagem do terceiro anjo se cumprir e o Decreto Dominical for finalmente imposto como a *"abominação desoladora da qual falou o profeta Daniel" (Mat. 24:15),* então terá chegado o tempo em que muitos filhos de Deus serão chamados para morrer como mártires; o sangue deles jorrado na terra, como no passado, se transformará em sementes que produzirão abundante colheita para o reino de Deus, exatamente na hora undécima da história desta terra. Ellen G. White declara que, quando a anulação da Lei de Deus for quase universal, então ouvir-se-ão as vozes que João ouviu no quinto selo:

"Quando a oposição à Lei de Deus for quase universal, quando Seu povo for acossado em aflição por seus semelhantes, Deus intervirá. Então ouvir-se-ão as vozes dos túmulos dos mártires representadas pelas almas que João viu mortas por causa da Palavra de Deus, e por causa do testemunho de Jesus

Cristo, que eles mantiveram, então as orações ascenderão de todo verdadeiro filho de Deus: 'É tempo, Senhor, de agir, porque eles têm anulado Tua lei."[1]

"Quando nossa nação, em suas assembléias legislativas, emitir leis para controlar a consciência dos homens em relação a seus privilégios, decretando a observância do domingo, e arregimentando forças para oprimir os que mantêm a guarda do sábado, a Lei de Deus estará para todos os intentos e objetivos, anulada na terra."[2]

A lei dominical é o teste que o povo de Deus deve enfrentar antes de ser selado.[3] A lei dominical (Apoc. 14:9-11) vai abolir a Lei de Deus e perseguir os que guardam o sábado; este é o início da *"angústia qual nunca houve" (Dan.12:1; Mat. 24:21).*

Apoc. 14:13 fala especificamente dos mártires que serão mortos quando a terceira mensagem angélica se cumprir. *"E ouvi uma voz do céu, que me dizia: escreve: bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalhos, e as suas obras os sigam."* A profecia indica claramente o tempo em que se completará o número dos mártires.

Embora os mártires pertençam ao povo de Deus, representado pelo cavalo branco, eles constituem uma classe separada, um grupo honrado por Deus, não somente por um selo exclusivo, mas eles serão reconhecidos por toda a eternidade também porque a própria roupa deles será diferente das demais.

[1] Ellen G. White, *Seventh-day Adventist Bible Commentary,* vol. 6, 1081.
[2] Ibidem, vol. 7, 977.
[3] Ibidem.

"No trajeto encontramos uma multidão que também contemplava as belezas do lugar. Notei a cor vermelha na borda de suas vestes, o brilho das coroas e a alvura puríssima dos vestidos. Quando os saudamos, perguntei a Jesus quem eram eles. Disse que eram mártires que por Ele haviam sido mortos. Com eles estava uma inumerável multidão de crianças que tinham uma orla vermelha em suas vestes."[1]

A mensagem do quinto selo confirma que os selos guardam relação com o ministério de Jesus no Santíssimo. Ellen G. White descreve certos grupos de salvos ao redor do trono no fim do milênio:

"Mais próximos do trono estão os que já foram zelosos na causa de Satanás, mas que, arrancados como tições do fogo, seguiram seu Salvador com devoção profunda, intensa. Em seguida estão os que aperfeiçoaram um caráter cristão em meio de falsidade e incredulidade, os que honraram a Lei de Deus quando o mundo cristão a declarava nula, e os milhões de todos os séculos que se tornaram mártires pela sua fé. E além está a multidão, a qual ninguém pode contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas... Trajando vestidos brancos e com palmas nas suas mãos (Apoc. 7:9)."[2]

Nesta descrição, Ellen G. White identifica alguns grupos especiais, entre eles, os mártires que são descritos no quinto selo. Os mártires serão os únicos a possuírem a cor vermelha na borda

[1] Ellen G. White, *Primeiros Escritos,* 18.
[2] Ellen G. White, *O Grande Conflito,* 665.

de suas vestes. Após o fechamento da porta da graça, não haverá mais mártires, nenhum dos filhos de Deus morrerá no período das Sete Pragas.

"Vi os santos deixarem as cidades e vilas, reunirem-se em grupos e viverem nos lugares mais solitários da Terra. Anjos lhes proviam alimento e água, enquanto os ímpios estavam a sofrer de fome e sede. Vi então os principais homens da Terra consultando entre si, e Satanás e seus anjos ocupados em redor deles. Vi um escrito, exemplares do qual foram espalhados nas diferentes partes da Terra, dando ordens para que se concedesse ao povo liberdade para, depois de certo tempo, matar os santos, a menos que estes renunciassem sua fé peculiar, abandonassem o sábado e guardassem o primeiro dia da semana. Mas nesta hora de provação os santos estavam calmos e comedidos, confiando em Deus e descansando em Sua promessa de que um meio de livramento lhes seria preparado. Em alguns lugares, antes do tempo para se executar o decreto (de morte), os ímpios ruíram sobre os santos para os matar; mas anjos sob a forma de homens de guerra, combatiam por eles."[1]

"Satanás desejava ter o privilégio de destruir os santos do Altíssimo; Jesus, porém, ordenou a Seus anjos que vigiassem sobre eles. Deus queria ser honrado fazendo um concerto com aqueles que haviam guardado a Sua Lei, à vista dos gentios em redor deles; e Jesus queria ser honrado, trasladando, sem que vissem a morte, aos fiéis e expectantes, que durante tanto

[1] Ellen G. White, *Primeiros Escritos*, 282, 283, 284.

tempo o haviam esperado... Veio em seguida a multidão dos ímpios, cheios de ira, e atrás uma multidão de anjos maus, compelindo os primeiros para matar os santos. Antes que pudessem, porém, aproximar-se do povo de Deus, os ímpios deveriam primeiro passar por esta multidão de anjos poderosos e santos. Isto seria impossível. Os anjos de Deus os estavam fazendo recuar, e também fazendo com que os anjos maus que os cercavam de todos os lados caíssem para trás. Foi uma hora de angústia medonha, terrível, para os santos. Dia e noite clamavam a Deus, pedindo livramento. Quanto à aparência exterior, não havia possibilidade de escapar. Os ímpios já tinham começado a triunfar, clamando: 'Por que vosso Deus não vos livra de nossas mãos? Por que não ascendeis ao Céu, e salvais a vossa vida? Mas os santos não lhes prestavam antenção. Como Jacó, estavam a lutar com Deus. Os anjos ansiavam libertá-los, mas deviam esperar um pouco mais; o povo de Deus devia beber o cálice e ser batizado com o batismo. Os anjos, fiéis à Sua incumbência, continuavam a vigiar, Deus não consentiria que Seu nome fosse vituperado entre os gentios... Deus não consentiria que os ímpios destruíssem aqueles que estavam esperando pela sua trasladação, e que se não encurvariam ao decreto da besta nem receberiam o seu sinal."[1]

Todavia, no período de angústia que precede o fechamento da porta da graça, enquanto ainda existe graça e salvação, Deus permitirá que alguns dos santos selem sua vida como mártires, para que, mediante o testemunho deles, outros ainda se salvem.

[1] Ibidem.

"Os dois exércitos permanecerão distintos e separados, e essa distinção será tão acentuada que muitos que estarão convencidos da verdade colocar-se-ão ao lado do povo que guarda os mandamentos de Deus. Quando essa grandiosa obra ocorrer na batalha, antes do conflito final, muitos serão encarcerados, muitos fugirão das cidades e vilas para salvar a vida, e muitos serão mártires por amor a Cristo, colocando-se em defesa da verdade. . ."[1]

Os mártires são honrados e colocados em destaque no quinto selo; um selo muito especial, porque, embora fazendo parte do cavalo branco, eles desempenharam um papel muito importante representando Jesus na grande controvérsia. A grande lista dos mártires começa com Abel, e se estende por toda a Bíblia, incluindo nomes como o de Isaías, Jeremias, João Batista, Pedro, Paulo, Tiago, Estevão, os milhares de cristãos lançados às feras, ou queimados vivos nos primeiros séculos. Fazem parte, também, desse grupo, nomes como os de João Huss, Jerônimo, milhares de Lolardos, milhares de Valdenses e Huguenotes, e outros milhares que ainda morrerão como mártires, no período em que a besta de Apoc. 13:1-4 voltar a reinar sobre a terra.

"Poderia alguém imaginar o drama daqueles que arriscam a vida e corpos em defesa de Cristo? Por toda a história, relatos de cristãos lançados aos leões, queimados em estacas, e servidos aos animais, têm cativado a mente de milhões. E será repetido, muitas vezes, no futuro, a emoção, o suspense, e o drama

[1] Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 3, 397.

daqueles que, como Huss e Jerônimo e outros do passado, permaneceram firmes por sua fé, enquanto caíam vítimas do ódio satânico. Pode você em sua mente ver a si próprio permanecendo fiel, sob a ameaça de morte? Em breve virá este dia para os seguidores de Cristo."[1]

Estão logo a nossa frente os últimos acontecimentos proféticos:

- decreto dominical;
- perseguição e sacudidura do povo de Deus;
- selamento das Primícias dos Salvos Vivos, os 144.000;
- chuva serôdia e o Alto Clamor "*sai dela povo meu";*
- conversão e selamento da grande multidão, a maior de todas as conversões;
- fechamento da Porta da Graça.

Ellen G. White coloca o cumprimento final do quinto selo no contexto do Alto Clamor de Apoc. 18:4.

"Quando o quinto selo foi aberto, João o revelador viu sob o altar os irmãos que foram mortos pela Palavra de Deus e pelo testemunho de Jesus. Depois disto vem as cenas descritas no capítulo dezoito de Apocalipse, quando aqueles que são fiéis e verdadeiros são chamados para saírem de Babilônia."[2]

O cumprimento final do quinto selo, o julgamento dos mártires, liga-se ao período de perseguição e morte que virá após o Decreto Dominical, e nesse mesmo tempo, iniciar-se-á o Selamento do sexto selo, isto é, o Julgamento dos Vivos.

[1] Robert Hauser, *Give Glory to Him*, 59.
[2] Ellen G. White, *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, 968.

Biblicamente, Selamento e Julgamento são equivalentes. No momento em que estiver sendo proclamado o Alto Clamor e a grande multidão, os conversos da hora undécima, estiver saindo de Babilônia e se posicionando ao lado dos que guardam os mandamentos de Deus, ainda neste tempo existirão mártires. Deus não permitiria que seus filhos morressem como mártires, se não fosse com o propósito de converter outros. Comentando sobre a razão por que Deus não permitirá que Seus filhos morram após o fim da graça, Ellen G. White explica:

"Se o sangue das fiéis testemunhas de Cristo fosse derramado nessa ocasião, não seria como o sangue dos mártires, qual semente lançada a fim de produzir uma messe para Deus. Sua fidelidade não seria testemunho para convencer outros da verdade... Se os justos fossem abandonados para caírem como presa de seus inimigos, seria um triunfo para o príncipe das trevas."[1]

O Sexto Selo

"*E, havendo aberto o sexto selo, olhei e eis que houve um grande tremor de terra; e o sol tornou-se negro como saco de cilício, e a lua tornou-se como sangue. E as estrelas do Céu caíram sobre a Terra, como quando a figueira lança de si os seus figos verdes, abalada por um vento forte. E o Céu retirou-se como um livro que se enrola; e todos os montes e ilhas foram removidos dos seus lugares. E os reis da Terra, e os grandes, e os ricos, e os tribunos, e os poderosos, e todo o servo, e todo o livre, se esconderam nas cavernas e nas rochas das montanhas; e diziam aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós, e*

[1] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 634.

escondei-nos do rosto Daquele que está assentado sobre o trono, e da ira do Cordeiro; porque é vindo o grande dia da Sua ira; e quem poderá subsistir?" (Apoc. 6:12-17).

O sexto selo inicia em Apoc. 6:12 e se estende até o fim do capítulo sete. Apoc. 7 é a seqüência do sexto selo, revelando o Julgamento dos Vivos. Novamente aqui o ponto central do selo é um grupo de pessoas no juízo. O sexto selo começa falando de alguns eventos que devem acontecer no mundo físico:

- um grande terremoto
- escurecimento do sol e da lua
- e queda das estrelas. Esses mesmos sinais também são mencionados em Mateus 24:29 e Lucas 21:11, 25.

Existem dois períodos de aflição mencionados na profecia, o primeiro de 1260 anos (538 1798), foi a primeira supremacia papal. Tudo indica que Jesus esteja falando desse período de aflição em Mateus 24:29 quando diz:

"Logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu."

Esses sinais no mundo físico ocorreram em seqüência:

- o terremoto de Lisboa em 01/11/1755;
- o escurecimento do sol e da lua em 19/05/1780;
- a queda das estrelas em 13/11/1833.

Esses sinais proféticos chamaram a atenção do mundo para a proximidade da volta de Jesus, porém, mais que isso, chamaram

a atenção do mundo para o início do Juízo Celestial, para a Vinda de Jesus ao Pai no Santíssimo do Santuário Celestial, para receber o Livro Selado e dar início ao Juízo Celestial. Na Bíblia existem três referências a este evento (Daniel 7:13-14; Mal. 3:1-3; Apoc.5:7).

Assim como no Santuário Terrestre, o Dia da Expiação era precedido pela Festa das Trombetas que advertia o povo de Deus de que o dia do juízo estava chegando, assim também, antes que o grande Dia da Expiação no Santuário Celestial chegasse, Deus advertiu o mundo, usando pregadores como Guilherme Miller, Manuel Lacunza, José Wolff, Edward Irving e outros para pregarem a mensagem do juízo vindouro; usou também no mundo físico os sinais no sol, na lua e nas estrelas. Deus não inciaria o Juízo Celestial sem nenhuma advertência ao Seu povo. Não é interesse de Deus deixar Seu povo às escuras.

Do mesmo modo como foi anunciado ao mundo o início do Juízo Celestial (1844), que começou pelos mortos, também Deus anunciará ao mundo a proximidade do Juízo dos Vivos.

Os últimos três selos revelam claramente a parte final do ministério de Jesus no Santíssimo:

- o quinto selo: o juízo dos mártires;
- o sexto selo: o juízo dos vivos;
- o sétimo selo: o fim do juízo e o fechamento da porta da graça.

A profecia menciona os sinais no mundo físico, pela segunda vez, no contexto do Juízo dos Vivos indicando que esses sinais deverão ocorrer novamente. A profecia de Joel 2:28-31 e Atos 2:16-20 "recebeu cumprimento parcial no derramamento do Espírito, no dia de Pentecoste, mas atingirá seu pleno cumprimento na manifestação da graça divina que acompanhará a obra final do Evangelho."[1]

Quando Ellen G. White fala do cumprimento final da profecia de Joel ela está se referindo ao tempo do derramamento da Chuva Serôdia, no contexto do sexto selo, o Selamento dos Vivos, e os sinais proféticos a se cumprirem no mundo físico. Certamente Deus não inciaria o Juízo dos Vivos, sem anunciar ao Seu povo e ao mundo que é chegada a hora do juízo. Deus usará novamente Seus mensageiros na proclamação das Três Mensagens Angélicas, que serão pregadas no poder do Espírito Santo, e usará também os sinais no mundo físico mencionados no sexto selo. Quando a terceira mensagem angélica se cumprir, através do Decreto Dominical, as Três Mensagens Angélicas deverão ser pregadas de forma poderosa e compacta, como sendo uma só.

"É chegada a hora do Juízo" (Apoc. 14:7);

"Caiu, caiu Babilônia" (Apoc. 14:8);

"Se alguém adorar a besta e a sua imagem e receber o sinal na sua testa ou na sua mão, também o tal beberá do vinho da ira de Deus" (Apoc. 14:9-10).

[1] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 11.

Essas três mensagens serão anunciadas com muito poder na voz do quarto anjo:

"E clamou fortemente com grande voz, dizendo: caiu, caiu a grande Babilônia, e se tornou morada de demônios... E ouvi outra voz do céu, que dizia: sai dela povo Meu, para que não sejas participante dos seus pecados, e para que não incorras nas suas pragas" (Apoc. 18:2, 4). Esse é o Alto Clamor.

Essa é a mensagem que com poder o remanescente proclamará. O povo de Deus sabe que o Decreto Dominical é o sinal que indicará que é chegada a hora do Juízo dos Vivos. Todos os habitantes da terra terão que optar, tomando uma decisão: submissão e lealdade a Cristo ou submissão e lealdade ao anticristo. Cristo tem um sinal de lealdade, o Sétimo dia, o Sábado, e o anticristo também tem um sinal de lealdade, o Domingo.

"O sábado será a pedra de toque da lealdade; pois é o ponto da verdade especialmente controvertido... Ao passo que a observância do sábado espúrio em conformidade com a lei do Estado, contrária ao quarto mandamento, será uma declaração de fidelidade ao poder que se acha em oposição a Deus, é a guarda do verdadeiro sábado, em obediência à lei divina, uma prova de lealdade para com o Criador. Ao passo que uma classe, aceitando o sinal de submissão aos poderes terrestres, recebe o sinal da besta, a outra, preferindo o sinal de obediência à autoridade divina, recebe o selo de Deus."[1]

[1] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 605.

Esse é o momento do selamento do povo de Deus e o selamento dos ímpios. Todos os selados pelo selo do Deus vivo não mais se perderão, e todos os selados pelo selo da besta não mais se salvarão. O Selamento envolve mais do que um sinal exterior, o sábado ou o domingo, é antes de tudo, algo interior, o Selamento do Caráter. Os que são selados pelo Selo do Deus Vivo são selados com o caráter de Jesus, enquanto que os selados pelo selo da besta são selados com o caráter de Satanás.

"Mas ninguém deverá sofrer a ira de Deus antes que a verdade se lhe tenha apresentado ao espírito e consciência, e haja sido rejeitada. Há muitos que nunca tiveram oportunidade de ouvir as verdades especiais para este tempo... O decreto não será imposto ao povo cegamente. Cada qual receberá esclarecimento bastante para fazer inteligentemente a sua decisão."[1]

"E diziam aos montes e aos rochedos: caí sobre nós, e escondei-nos do rosto Daquele que está assentado sobre o trono, e da ira do Cordeiro; porque é vindo o grande dia da Sua ira; e quem poderá subsistir? (Apoc. 6:16-17).

A pergunta feita em Apoc. 6:17 deve ser entendida dentro do contexto do Juízo dos Vivos. Deus usa todo o capítulo sete de Apocalipse para responder à pergunta: *"e quem poderá subsitir?"*

Na seqüência do capítulo sete, Deus mostra dois grupos de pessoas que subsistirão no *"grande dia da Sua ira,"* embora pertençam ao cavalo branco, o povo de Deus, serão julgados no

[1] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 605.

contexto do sexto selo, na fase final do ministério de Jesus no Santíssimo. Eis a resposta à pergunta:"*Quem poderá subsistir diante Daquele que está assentado no trono e da ira do Cordeiro?*" Dois grupos:

1) As Primícias dos Salvos Vivos, os 144.000 (Apoc. 7:3-4);

2) e a grande Seara de Salvos Vivos que inclui todos os conversos da hora undécima, uma multidão que ninguém podia contar (Apoc. 7:9). O tema dos 144.000 é amplamente estudado no capítulo catorze de Apocalipse, mas o estudo de Apocalipse capítulo sete é também de grande ajuda na compreensão de quem são os 144.000 assinalados.

Capítulo 7

O Juízo dos Vivos e o Selamento

"E depois destas coisas, vi quatro anjos que estavam sobre os quatro cantos da terra, retendo os quatro ventos da terra, para que nenhum vento soprasse sobre a terra, nem sobre o mar, nem contra árvore alguma.

E vi outro anjo subir da banda do sol nascente, e que tinha o Selo do Deus Vivo; e clamou com grande voz aos quatro anjos, a quem fora dado o poder de danificar a terra e o mar,

Dizendo: Não danifiqueis a terra, nem o mar, nem as árvores, até que hajamos assinalado nas suas testas os servos do nosso Deus.

E ouvi o número dos assinalados, e eram cento e quarenta e quatro mil assinalados, de todas as tribos dos filhos de Israel:

- *da tribo de Judá, havia doze mil assinalados; da tribo de Rúben, doze mil; da tribo de Gade, doze mil;*
- *da tribo de Aser, doze mil; da tribo de Naftalí, doze mil; da tribo de Manassés, doze mil;*
- *da tribo de Simeão, doze mil; da tribo de Leví, doze mil; da tribo de Issacar, doze mil;*
- *da tribo de Zabulom, doze mil; da tribo de José, doze mil; da tribo de Benjamim, doze mil" (Apoc. 7:1-8).*

O capítulo sete de Apocalipse não pode ser estudado como um tema separado do sexto selo. É bom lembrar que as divisões da Bíblia em capítulos, versos e títulos não existiam no original,

sendo assim, o estudante da Bíblia, naturalmente, incluiria o texto do capítulo sete como parte do sexto selo. O principal assunto discutido em Apoc. 7 é o Selamento, isto é, o tão esperado Julgamento dos Vivos. Que ocasião haveria mais apropriada que esta para o Julgamento dos Vivos? Aqui Deus fala especificamente do tempo quando o Seu povo será selado pelo Selo do Deus Vivo, a Sua igreja passará pela Sacudidura, e então a Chuva Serôdia do Espírito Santo será derramada.

Apocalipse 6:17 "faz uma pergunta importante: 'Quem poderá subsistir?' A resposta a essa pergunta é que aqueles que forem selados antes do Segundo Advento poderão subsistir ou ficar de pé quando Jesus vier. Apocalipse 7:1-8 responde à pergunta de Apocalipse 6:17"[1]

Ellen G. White coloca o Selamento do povo de Deus como sendo o Selamento do caráter, sendo seguido pela Chuva Serôdia:

"Nenhum de nós jamais receberá o Selo de Deus, enquanto o caráter tiver uma nódoa ou mácula sequer. Cumpre-nos remediar os defeitos de caráter, purificar de toda a contaminação o templo da alma. Então a Chuva Serôdia cairá sobre nós, como caiu a temporã sobre os discípulos no dia de Pentecostes."[2]

"Somente os que receberem o Selo do Deus Vivo terão o passaporte que lhes permite entrar na Cidade Santa pelas portas. Há muitos, porém, que assumem responsabilidades em

[1] Joseph J. Battistone, *Lição da Escola Sabatina*, primeira parte, segundo trimestre, 1989, 97.
[2] Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, vol. 2, 69.

conexão com a obra de Deus, mas não são crentes sinceros, e, enquanto permanecerem assim, não poderão receber o Selo do Deus Vivo... O Selo do Deus Vivo só será colocado sobre os que são semelhantes a Cristo no caráter. Assim como a cera recebe a impressão do selo, também a alma deve receber a impressão do Espírito de Deus e reter a imagem de Cristo."[1]

O Selamento do povo de Deus e o Selamento do povo de Satanás são eventos que ocorrem paralelamente. O Selo do Deus Vivo sela nos filhos de Deus guardadores do sábado, o caráter de Jesus, enquanto que o Selo da Besta, o sinal de submissão a Satanás, sela nos guardadores do domingo o caráter de Satanás. Os selados pelo Selo do Deus Vivo, não mais se perderão, e os selados pelo sinal da besta, não mais se salvarão.

"Os que se estão unindo com o mundo, estão-se amoldando ao modelo mundano, e preparando-se para o sinal da besta. Os que desconfiam do eu, que se humilham diante de Deus, e purificam a alma pela obediência à verdade, estão recebendo o molde divino, e preparando-se para receber na fronte o Selo de Deus. Quando sair o decreto, e o selo for aplicado, seu caráter permanecerá puro e sem mácula para toda a eternidade."[2] É evidente neste texto, que Ellen G. White considerava o Selamento como sinônimo de Julgamento. O Selamento fixa o caráter para a eternidade.

"O Selo de Deus jamais será colocado à testa de um homem

[1] Ellen G. White, *Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, 970.
[2] Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, vol. 2, 70, 71.

ou mulher impuros. Jamais será colocado à testa de um homem ou mulher cobiçosos ou amantes do mundo. Jamais será colocado à testa de homens ou mulheres de língua falsa ou coração enganoso. Todos os que recebem o selo devem ser imaculados diante de Deus, candidatos para o Céu."[1]

O Sábado e a Obra de Selamento

"A Bíblia dá a entender que o Julgamento dos Vivos ocorrerá no auge do conflito final a respeito da Lei de Deus o conflito do Selo de Deus contra o sinal da besta. Quando, diante de penalidades civis impostas pela confederação político-religiosa da Terra, a última geração que viver no mundo deparar com a prova de desobedecer a Deus observando o sinal da besta, terão de ser tomadas decisões de vida ou morte."[2]

"A última geração terá de escolher entre o Estado e Deus, entre os critérios dos homens e os critérios de Deus. Parece lógico que, então, os que optarem pelo sinal da besta serão julgados com base nessa decisão. Os que decidirem permanecer leais a Deus serão selados no juízo como leais a Ele. O juízo terminará assim na última geração viva."[3]

"Todos os que guardam o Sétimo Dia, dão a entender por este ato que são adoradores de Jeová. Assim, é o sábado o sinal de submissão a Deus por parte do homem, enquanto houver alguém na terra para O servir... O quarto mandamento é o único de todos os dez em que se encontra tanto o nome como o título

[1] Ibidem., 71.
[2] Carl Coffman, *Lição da Escola Sabatina*, 2ª parte, 3º trimestre de 1989, 105.
[3] Ibidem.

do Legislador. É o único que mostra pela autoridade de quem é dada a lei. Destarte contém o Selo de Deus, afixado à Sua lei, como prova da autenticidade e vigência da mesma."[1]

"Os adoradores de Deus serão distinguidos especialmente pelo respeito em que têm ao quarto mandamento, visto ser esse o sinal do poder criador de Deus e a testemunha do Seu direito de reclamar a reverência e a homenagem do homem."[2]

"O sinal, ou Selo de Deus é revelado na observância do sábado, o sétimo dia, o memorial divino da criação. . . . A marca da besta é o oposto disso, a observância do primeiro dia da semana. Essa marca distingue os que reconhecem a supremacia da autoridade papal, dos que aceitam a autoridade de Deus."[3]

"O sábado será a pedra de toque da lealdade; pois é o ponto da verdade especialmente controvertido. Quando sobrevier aos homens a prova final, traçar-se-á a linha divisória entre os que servem a Deus e os que não O servem. Ao passo que a observância do sábado espúrio em conformidade com a lei do Estado, contrária ao quarto mandamento, será uma declaração de fidelidade ao poder que se acha em oposição a Deus, é a guarda do verdadeiro sábado, em obediência à lei divina, uma prova de lealdade para com o Criador. Ao passo que uma classe, aceitando o sinal de submissão aos poderes terrestres, recebe o sinal da besta, a outra, preferindo o sinal da obediência à autoridade divina, recebe o Selo de Deus."[4]

---

[1] Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, 313.
[2] Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, vol. 3, 285.
[3] Ibidem., 232.
[4] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 605.

"A questão do sábado será o ato final no grande conflito em que todo o mundo tomará parte. Os homens têm honrado os princípios de Satanás acima dos princípios que governam no céu. Eles aceitaram o sábado espúrio, o qual Satanás tem exaltado como sinal de sua autoridade. Entretanto, Deus imprimiu o Seu selo ao Seu estatuto real. Cada instituição sabática (o falso e o verdadeiro) traz o nome de Seu autor, a marca insofismável que mostra a autoridade de cada um. Nossa missão é levar o povo a compreender isto. Devemos mostrar-lhes que é de consequência vital trazerem eles o sinal do reino de Deus ou a marca do reino da rebelião, porque cada qual se reconhece súdito do reino cujo distintivo aceita."[1]

O Selamento em Duas Fases

No capítulo intitulado "O Selamento" no livro *Primeiros Escritos*, Ellen G. White apresenta o processo do Selamento em duas fases. Na primeira visão, ocorrida no princípio do sábado, 05/01/1849, ela fala dos 144.000 sendo selados pelo Selo do Deus Vivo, e uma multidão de guardadores do sábado em agonia porque foram pesados na balança e achados em falta. Os 144.000 formam um grupo especial que mediante o seu reto proceder, e caráter, revelarão Jesus ao mundo. Eles são estudados amplamente em Apoc. 14:1-5.

"Vi que os quatro anjos segurariam os quatro ventos até que a obra de Jesus estivesse terminada no Santuário, e então viriam as sete últimas pragas... Este foi o tempo da angústia de Jacó.

[1] Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, vol. 3, 19.

Então todos os santos clamaram com angústia de espírito, e alcançaram livramento pela voz de Deus. Os cento e quarenta e quatro mil triunfaram. Sua face se iluminou com a glória de Deus. Foi-me mostrada então uma multidão que ululava em agonia. Em suas vestes estava escrito em grande letras: 'Pesado foste na balança, e foste achado em falta.' Perguntei quem era aquela multidão. O anjo disse: 'Estes são os que já guardaram o Sábado e o abandonaram.' Ouvi-os clamar com grande voz: 'Acreditamos em Tua vinda e a ensinamos com ardor.' E enquanto falavam, seus olhares caíam sobre suas vestes, viam a escrita e então choravam em alta voz. Vi que eles haviam bebido de águas profundas, e enlameado o resto com os pés, pisando o sábado a pés; e por isso foram pesados na balança e achados em falta."[1]

Na segunda visão, ocorrida no mesmo sábado à tarde, Ellen G. White descreve agora um outro grupo que foi selado pelo Selo do Deus Vivo na última hora, depois dos 144.000:

"Sábado à tarde... o Espírito caiu sobre mim, e fui arrebatada em visão. Vi quatro anjos que tinham uma obra a fazer na Terra, e estavam em vias de cumpri-la. Jesus estava vestido com trajes sacerdotais. Ele olhou compassivamente para os remanescentes, levantou então as mãos, e com voz de profunda compaixão, exclamou: 'Meu sangue, Pai, Meu sangue! Meu sangue!' Vi então que, de Deus que estava sentado sobre o grande trono branco, saía uma luz extraordinariamente brilhante e

[1] Ellen G. White, *Primeiros Escritos*, 36, 37.

derramava-se em redor de Jesus. Vi a seguir um anjo com uma missão da parte de Jesus, voando celeremente aos quatro anjos que tinham a obra a fazer na Terra, agitando para cima e para baixo alguma coisa que tinha na mão, e clamando com grande voz: 'Segurai! Segurai! Segurai! Até que os servos de Deus sejam selados na fronte!' Perguntei ao meu anjo assistente o sentido do que eu ouvia, e que iriam fazer os quatro anjos. Ele me disse que era Deus quem restringia os poderes, e incumbira os Seus anjos de tudo quanto se relacionava com a Terra; que os quatro anjos tinham poder da parte de Deus para reter os quatro ventos, e que estavam já prestes a soltá-los; mas enquanto se lhes afrouxavam as mãos e os quatro ventos estavam para soprar, os olhos misericordiosos de Jesus contemplaram os remanescentes que não estavam selados e, erguendo as mãos ao Pai, alegou que havia derramado Seu sangue por eles. Então outro anjo recebeu ordem para voar velozmente aos outros quatro e mandar-lhes reter os ventos até que os servos de Deus fossem selados na fronte com o Selo do Deus Vivo."[1]

Por essas duas visões Deus revelou a Ellen G. White cenas que estão relacionadas diretamente ao Selamento mencionado em Apoc. 7. Primeiramente o Selamento dos 144.000, os primeiros a serem selados e revestidos do poder do Espírito Santo para proclamarem o Alto Clamor (Apoc. 7:3, 4). Como resultado da proclamação do Alto Clamor de Apoc. 18:4 uma multidão, vinda de Babilônia, une-se ao remanescente de Deus, e então são também selados pelo Selo do Deus Vivo. Essa

[1] Ellen G. White, *Primeiros Escritos*, 37, 38.

multidão que ninguém podia contar é apresentada em Apoc. 7:9.

"Depois destas coisas olhei, e eis aqui uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, que estavam diante do trono, e perante o Cordeiro, trajando vestidos brancos e com palmas nas suas mãos;

E clamavam com grande voz, dizendo: Salvação ao nosso Deus, que está assentado no trono, e ao Cordeiro.

E todos os anjos estavam ao redor do trono, e dos anciãos, e dos quatro animais; e prostraram-se diante do trono sobre seus rostos, e adoraram a Deus,

Dizendo: Amem. Louvor, e glória e sabedoria, e ação de graças, e honra, e poder, e força ao nosso Deus, para todo o sempre. Amem.

E um dos anciãos me falou, dizendo: Estes que estão vestidos de vestidos brancos, quem são, e donde vieram?

E eu disse-lhe: Senhor, Tu sabes. E Ele disse-me: Estes são os que vieram de grande tribulação, e lavaram os seus vestidos e os branquearam no sangue do Cordeiro.

Por isso estão diante do trono de Deus, e O servem de dia e de noite no Seu templo; e Aquele que está assentado sobre o trono os cobrirá com a Sua sombra.

Nunca mais terão fome, nunca mais terão sede; nem sol nem calma alguma cairá sobre eles.

Porque o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará, e lhes servirá de guia para as fontes das águas da vida; e Deus limpará de seus olhos toda a lágrima" (Apoc. 7:9-17).

Alguns podem sugerir que essa grande multidão não representa os convertidos pelo Alto Clamor, mas sim, os salvos de todos os tempos. Porém, o contexto de Apoc. 7 é o juízo pré-advento, pois as cenas mencionadas em Apoc. 4 e 5 de louvor ao Pai e ao Cordeiro, os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos ao redor do trono, são repetidas novamente aqui no capítulo 7:10-12; e o juízo pré-advento de Apoc. 7 tem a ver com o Julgamento dos Vivos e o Selamento, que é a fase final da obra de Jesus no Santíssimo.

"Previamente às bodas, vem o rei para ver os convidados (Mat. 22:11), a fim de verificar se todos têm trajes nupciais, vestes imaculadas do caráter lavado e embranquecido no sangue do Cordeiro (Apoc. 7:14). O que é encontrado em falta, é lançado fora, mas todos os que, sendo examinados, se verificar terem vestes nupciais, são aceitos por Deus e considerados dignos de participar de Seu reino e assentar-se em Seu trono. Esta obra de exame do caráter, para determinar quem está preparado para o reino de Deus, é a do juízo de investigação, obra final do Santuário do Céu."[1]

O capítulo sete versos 13-15, explica quem é essa multidão do verso nove: *"Estes que estão vestidos de vestidos brancos, quem são, e donde vieram? E eu disse-lhes: Senhor, tu sabes. E Ele disse-me: Estes são os que vieram de grande tribulação, e lavaram os seus vestidos e os branquearam no sangue do Cordeiro."*

[1] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 428.

Eles são os que vieram da "*grande tribulação*" aquela "*grande aflição qual nunca houve*" *(Mat. 24:21; Dan. 12:1).* É coerente entendermos as expressões "*grande tribulação*" *(Apoc. 7:14),* "*grande aflição como nunca houve*" *(Mat. 24:21),* e "*tempo de angústia qual nunca houve*" *(Dan. 12:1),* como expressões sinônimas. Só existe uma "*angústia qual nunca houve e nem há de haver*", essa é a grande tribulação da qual Ellen G. White falou em 1849, que ainda não havia ocorrido, estava ainda no futuro:

"Vi que a ira das nações, a ira de Deus, e o tempo de julgar os mortos eram acontecimentos separados e distintos, seguindo-se um ao outro; outrossim, que Miguel não Se levantara e que o tempo de angústia, tal como nunca houve, ainda não começara. As nações estão-se irando agora, mas, quando nosso Sumo Sacerdote concluir Sua obra no Santuário, Ele Se levantará, envergará as vestes de vingança, e então as sete últimas pragas serão derramadas."[1]

Os quatro anjos que seguram os quatro ventos (Apoc. 7:1) só vão soltar os ventos após o selamento dos 144.000, as primícias, e da grande multidão, os conversos da hora undécima. Essa grande multidão é a grande Seara dos Salvos Vivos que juntamente com as Primícias dos Salvos Vivos, os 144.000, passarão pela grande tribulação, e o período das sete pragas.[2]

No livro *O Colportor Evangelista,* Ellen G. White fala da multidão que ninguém podia contar de Apoc. 7:9.

[1] Ellen G. White, *Primeiros Escritos,* 36.
[2] Para melhor compreensão de quem são os 144.000, leia Apoc. 14:1-5, ali os 144.000 são estudados de forma bem mais ampla.

"Ele representa a igreja como sendo a luz do mundo. Por meio de sua fiel ministração, uma multidão que ninguém poderá enumerar se tornará filhos de Deus, capacitados para a eterna glória."[1] Ela está falando desta multidão que ninguém poderá contar no contexto da última grande conversão.

"Vi que esta mensagem se encerrará com poder e força muito maiores do que o clamor da meia-noite. Servos de Deus, dotados de poder do alto, com rosto iluminado e resplandecendo com santa consagração, saíram para proclamar a mensagem provinda do Céu. Almas que estavam espalhadas por todas as corporações religiosas responderam à chamada, e os que preciosos eram retiraram-se apressadamente das igrejas condenadas, assim como precipitadamente fora Ló retirado de Sodoma antes de sua destruição."[2]

No livro *O Grande Conflito*, Ellen G. White descreve a multidão dos que saíram vitoriosos da besta e da sua imagem, e do seu sinal, diante do trono de Deus (Apoc. 15:2), e então descreve os 144.000 como estando num lugar separado, sobre o monte de Sião com o Cordeiro. Essas expressões "saiu vitoriosa da besta, da sua imagem e do seu sinal" só podem ser entendidas corretamente no contexto da angústia final quando a besta e a sua imagem e seu sinal serão identificados através do Decreto Dominical. O texto do *Grande Conflito* identifica a multidão de Apoc. 15:2 com a multidão que veio da grande tribulação de Apoc. 7:9, 14. Estas cenas estão relacionadas com Apoc. 7:3-4, os 144.000, e a grande multidão de Apoc. 7:9, aqueles que

[1] Ellen G. White, *O Colportor Evangelista*, 21.
[2] Ellen G. White, *Primeiros Escritos*, 278, 279.

vieram da grande tribulação, o tempo de angústia qual nunca houve:

"No mar cristalino diante do trono, naquele mar como que de vidro misturado com fogo, tão resplendente é ele pela glória de Deus, está reunida a multidão dos que 'sairam vitoriosos da bestam e da sua imagem, e do seu sinal, e do número do seu nome' (Apoc. 15:2). Com o Cordeiro, sobre o monte de Sião, 'tendo harpas de Deus,' estão os cento e quarenta e quatro mil que foram remidos dentre os homens;... Estes tendo sido trasladados da Terra, dentre os vivos, são tidos como as primícias para Deus e para o Cordeiro' (Apoc.14:1-5; 15:3). 'Estes são os que vieram de grande tribulação' (Apoc. 7:14); passaram pelo tempo de angústia tal como nunca houve desde que houve nação; suportaram a aflição do tempo da angústia de Jacó;... Mas foram livres, pois 'lavaram os seus vestidos, e os branquearam no sangue do Cordeiro.' 'Na sua boca não se achou engano; porque são irrepreensíveis' diante de Deus. 'Por isso estão diante do trono de Deus, e O servem de dia e de noite no Seu templo; e Aquele que está assentado sobre o trono os cobrirá com a Sua sombra' (Apoc.7:15)."[1]

Esse texto de Ellen G. White descreve ao mesmo tempo a experiência dos 144.000 e da grande multidão, ambos os grupos estão mesclados na mesma descrição, e isto porque ambos atravessarão juntos o período das Sete Pragas, e a angústia de Jacó; eles participam da mesma experiência.

[1] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 648, 649.

A grande multidão e o grupo dos 144.000 são descritos como saindo vitoriosos sobre a besta e o Decreto Dominical. Apoc. 7, quando estudado no contexto do juízo pré-advento, torna evidente o Selamento de dois diferentes grupos de pessoas, isto é, as Primícias dos Salvos Vivos e a Seara dos Salvos Vivos: o selamento dos 144.000 termina no verso 8, e a partir do verso 9 a atenção do profeta se dirije à *"multidão a qual ninguém podia contar,"* a grande Seara dos Salvos Vivos.

Ellen G. White explica que os 144.000 terão que ensinar e instruir a grande multidão de conversos da hora undécima:

"Alguns de nós têm tido tempo de possuir a verdade e progredir passo a passo, e cada passo dado tem-nos propiciado força para o seguinte. Mas agora o tempo está quase findo, e o que durante anos temos estado aprendendo, eles (a grande multidão convertida na última hora) terão de aprender em poucos meses. Terão também muito que desaprender e muito que tornar a aprender. Os que não receberam o sinal da besta e da sua imagem quando sair o decreto, terão que estar decididos a dizer agora: Não, não mostraremos estima pela instituição da besta."[1]

Jesus e os que ressuscitaram com Ele são as primícias dos mortos, e os 144.000, as primícias dos vivos. A grande Seara de Salvos Mortos, cujas primícias já estão no céu, só ressuscitará na segunda vinda de Jesus (I Cor. 15:20, 23; Mat. 27:51-53; Efes. 4:8);[2] e a grande Seara de Salvos Vivos, cujas primícias são os 144.000 permanecerão vivos até a volta de Jesus, sem experimentarem a morte.[3]

[1] Ellen G. White, *Primeiros Escritos*, 67.
[2] Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, 796, 797.
[3] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 649. Para melhor compreensão dos 144.000, estudar Apoc. 14:1-5.

Capítulo 8

O Silêncio no Céu

O Sétimo Selo

"E, havendo aberto o sétimo selo, fez-se silêncio no céu quase por meia hora.

E vi os sete anjos, que estavam diante de Deus, e foram-lhes dadas Sete Trombetas.

E veio outro anjo, e pôs-se junto ao altar, tendo um incensário de ouro; e foi-lhe dado muito incenso, para o pôr com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro, que está diante do trono.

E o fumo do incenso subiu com as orações dos santos desde a mão do anjo até diante de Deus.

E o anjo tomou o incensário, e o encheu do fogo do altar, e o lançou sobre a terra; e houve depois vozes, e trovões, e relâmpagos e terremotos" (Apoc. 8:1-5).

O Selamento do capítulo sete de Apocalipse prepara o caminho para a abertura do sétimo selo (Apoc. 8:1-5). Os seis primeiros selos (Apoc. 6 e 7) revelaram os diversos grupos de pessoas julgadas no grande Juízo Celestial, concluindo com o Julgamento dos Vivos, aqueles que deverão refletir o caráter de Jesus no período da grande tribulação permanecendo em pé na presença de Deus sem intercessor no Santuário Celestial.

A abertura do sétimo selo contém uma mensagem solene e

que chega mesmo a emudecer toda hoste angelical. O sétimoselo revela o tempo em que Jesus deve *"lançar o incensário sobre a Terra" (Apoc. 8:5).* Seguindo-se à abertura do sétimo selo, o profeta João presenciou o fechamento da porta da graça, o fim do Juízo Investigativo.

Joseph J. Battistone, afirma na *Lição da Escola Sabatina*: "Quando Ele atirar o Seu incensário à Terra, cessará o ministério intercessor de Cristo. Terminará o tempo da graça, e haverá trovões, vozes, relâmpagos e um grande terremoto."[1]

Foram reveladas a Ellen G. White cenas de tensão no Céu, cenas de um Céu que está tenso e emudecido, porque a areia está se escoando rapidamente através da ampulheta do tempo da graça. O sétimo selo revela esses últimos minutos de graça justamente antes de Jesus lançar o incensário sobre a Terra. São as cenas finais do ministério de Jesus no Santuário:

"Servos de Deus, dotados de poder do alto, com rosto iluminado e resplandecendo com santa consagração, saíram para proclamar a mensagem provinda do Céu. Almas que estavam espalhadas por todas as corporações religiosas responderam à chamada, e os que preciosos eram retiraram-se apressadamente das igrejas condenadas... Foi-me indicado o tempo em que a mensagem do terceiro anjo estava a finalizar-se.

O poder de Deus havia repousado sobre Seu povo; tinham cumprido a sua obra, e estavam preparados para a hora de prova

[1] Joseph J. Battistone, *Lição da Escola Sabatina*, primeira parte, segundo trimentre, 1989, 120.

que diante deles estava. Tinham recebido a Chuva Serôdia, ou o refrigério pela presença do Senhor, e se reanimara o vívido testemunho. A última grande advertência tinha soado por toda parte e havia instigado e enraivecido os habitantes da terra que não quiseram receber a mensagem."[1]

"Vi anjos indo aceleradamente de um lado para o outro no Céu. Um anjo com um tinteiro de escrivão ao lado voltou da Terra, e referiu a Jesus que sua obra estava feita, e os santos estavam numerados e selados. Então vi Jesus, que havia estado a ministrar diante da Arca, a qual contém os Dez Mandamentos, lançar o incensário. Levantou as mãos e com grande voz disse: 'Está Feito.' E toda a hoste angélica tirou suas coroas quando Jesus fez a solene declaração: 'Continue o injusto fazendo injustiça, continue o imundo ainda sendo imundo; o justo continue na prática da justiça, e o santo continue a santificar-se' (Apoc. 22:11). Cada caso fora decidido para vida ou para morte. Enquanto Jesus estivera ministrando no Santuário, o juízo estivera em andamento pelos justos mortos, e a seguir pelos justos vivos."[2]

"Retirando-Se Jesus do lugar Santíssimo, ouvi o tilintar das campainhas sobre as Suas vestes; e, ao sair Ele, uma nuvem de trevas cobriu os habitantes da Terra. Não havia então mediador entre o homem culpado e Deus... Enquanto Jesus permancera entre Deus e o homem culposo, achava-se o povo sob repressão; quando porém, Ele saiu de entre o homem e o Pai, essa restrição foi removida, e Satanás teve completo domínio sobre os que afinal se não arrependeram..."[3]

---

[1] Ellen G. White, *Primeiros Escritos*, 279-281.
[2] Ibidem.
[3] Ibidem.

"Naquele tempo terrível, depois de finalizada a mediação de Jesus, os santos estavam a viver à vista de um Deus santo, sem intercessor. Cada caso estava decidido, cada jóia contada. Jesus demorou um momento no compartimento exterior do Santuário Celestial, e os pecados que tinham sido confessados enquanto Ele esteve no lugar Santíssimo, foram colocados sobre Satanás, o originador do pecado... Vi então Jesus depor Suas vestes sacerdotais e envergar Seus mais régios trajes."[1]

O Anjo do Concerto

Alguém pode fazer objeção quanto ao fato de ser Jesus o anjo que *"lança o incensário sobre a Terra,"* todavia, Ellen G. White se refere várias vezes a Jesus como sendo o Anjo do Concerto. Descrevendo a noite de luta de Jacó com o Mensageiro Celestial, ela diz:

"O patriarca discerniu então o caráter de seu antagonista. Soube que estivera em conflito com um Mensageiro Celestial, e por isto foi que seu esforço quase sobre-humano não ganhara a vitória. Era Cristo, o 'Anjo do Concerto' que Se havia revelado a Jacó."[2]

Comentando sobre a nuvem, que durante o dia, cobria Israel no deserto, e a coluna de fogo à noite, Ellen G. White diz:

"A presença de Jesus Cristo, escondida na coluna de nuvem durante o dia e na coluna de fogo durante a noite, seguiu Seu povo enquanto vagueavam pelo deserto. O Anjo do Concerto veio em nome de Deus, como o invisível Líder de Israel."[3]

---

[1] Ibidem.
[2] Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, 197.
[3] Ellen G. White, *The Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, 927, 928.

Na experiência do sumo sacerdote Josué relatada na visão de Zacarias, Jesus mais uma vez Se apresenta como sendo o Anjo do Concerto: "O sumo sacerdote não se pode defender, nem ao seu povo, das acusações de Satanás... Então o Anjo, que é o próprio Cristo, o Salvador dos pecadores, reduz a silêncio o acusador do Seu povo, declarando: 'O Senhor te repreenda, ó Satanás. . ."[1]

"A visão de Zacarias, relativa a Josué e ao Anjo, aplica-se com força particular à experiência do povo de Deus no remate do grande dia da expiação... Enquanto Satanás instava em suas acusações, e buscava destruir esse grupo, santos anjos, invisíveis, passavam para cá e para lá, colocando sobre eles o Selo do Deus Vivo."[2]

Existem mais evidências, de que o Anjo do Concerto que tem o incensário de ouro na mão é Jesus; elas podem ser vistas no texto de Apoc. 8:3 comentado por Ellen G. White:

"No lugar Santíssimo vi uma arca... Em cada extremidade da arca havia um querubim com suas asas estendidas sobre ela... Entre os anjos estava um incensário de ouro... Jesus estava junto à arca, e ao subirem a Ele as orações dos santos, a fumaça do incenso subia, e Ele oferecia suas orações ao Pai com o fumo do incenso."[3] "Entre os querubins havia um incensário de ouro; e, subindo a Jesus as orações dos santos, oferecidas pela fé, e apresentando-as Ele a Seu Pai, uma nuvem de fragrância subia do incenso, assemelhando-se a fumo das mais lindas cores."[4]

---

[1] Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, vol. 2, 171.
[2] Ibidem., 175, 179.
[3] Ellen G. White, *Primeiros Escritos*, 32.
[4] Ibidem., 252.

No Santuário terrestre, o incensário de ouro era guardado no Santíssimo, entre os dois querubins (Heb. 9:4), exatamente como descrito na visão dada a Ellen G. White em *Primeiros Escritos*, página 252. Este incensário de ouro era usado unicamente pelo sumo sacerdote, no lugar santo, no dia da expiação (Lev. 16:12, 13). Os incensários usados no serviço diário do santuário pelos sacerdotes eram de bronze (Num. 16:39).

"O fato de que o Anjo mencionado em Apoc. 8:3-4 tem na Sua mão um incensário de ouro, junto ao altar no lugar Santo, é uma evidência irrefutável de que esta é a atividade final do ministério de Jesus no dia da expiação."[1] "O incenso representa o sangue da expiação..."[2], e o oferecimento desse sangue é o foco central do ministério intecessor de Jesus.

Quando o incensário de ouro for lançado sobre a Terra, termina o ministério intercessor de Jesus. Unicamente Jesus é dígno de cumprir as cenas descritas em Apoc. 8:3-5; elas ocorrem no lugar Santo do Santuário Celestial. Ellen G. White cita Apoc. 4:5 e 8:3 antes de declarar:

"Sendo, em visão, concedido ao apóstolo João vislumbrar o templo de Deus nos Céus, contemplou ele, ali, 'sete lâmpadas de fogo' que 'diante do trono ardiam' (Apoc. 4:5). Vi um anjo, 'tendo um incensário de ouro; e foi-lhe dado muito incenso, para o pôr com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro, que está diante do trono' (Apoc. 8:3). Foi permitido ao

[1] Robert Hauser, *Give Glory to Him*, 76.
[2] Ellen G. White, *Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, 971.

profeta contemplar o primeiro compartimento do Santuário Celestial."[1]

É evidente aqui que Jesus volta ao lugar Santo para completar a obra da expiação que estava sendo realizada no Santíssimo, exatamente como era feito no Dia da Expiação do Santuário terrestre. Na cerimônia do Dia da Expiação no Santuário terrestre, o sumo sacerdote saía do Santíssimo e vinha até o lugar Santo para completar a obra da expiação (Lev. 16:20-22). Era ali que ele depositava sobre a cabeça do bode, que representava Satanás, os pecados retirados do Santuário. Ellen G. White, declara que quando Jesus saiu do Santíssimo, "Jesus demorou um momento no compartimento exterior do Santuário Celestial, e os pecados que tinham sido confessados enquanto Ele esteve no lugar Santíssimo, foram colocados sobre Satanás, o originador do pecado... Vi então Jesus depor Suas vestes sacerdotais e envergar Seus mais régios trajes."[2] "Com a abertura do sétimo selo, termina o ministério do Cordeiro no Santíssimo."[3]

O Silêncio no Céu

"E, havendo aberto o sétimo selo, fez-se silêncio no Céu, quase por meia hora"? (Apoc. 8:1). Como pode ser entendido o texto de Apoc. 8:1?

"O silêncio de meia hora tem sido identificado com uma crença rabínica de que no Dia da Expiação, e durante um período de três horas, Satanás não pode acusar Israel diante de

[1] Ellen G. White, *O Grande Conflito*, 414.
[2] Ellen G. White, *Primeiros Escritos*, 280, 281.
[3] Alberto R. Treiyer, *The Day of Atonement and the Heavenly Judgment*, 580.

Deus. João apresenta Satanás como acusando os irmãos 'dia e noite' diante de Deus, na intenção de neutralizar o 'contínuo' ministério interior de Cristo no céu (Apoc. 12:10)."[1]

O sétimo selo deve ser estudado no contexto do fechamento da porta da graça, o fim da intercessão. Jesus, que é o Anjo do Concerto, lança o incensário de ouro sobre a Terra, dá o veredito final *"Quem é injusto, faça injustiça ainda; e quem está sujo, suje-se ainda; e quem é justo, faça justiça ainda; e quem é santo, seja santificado ainda" (Apoc. 22:11),* e então deixa o Santíssimo e Se demora um pouco de tempo no lugar Santo. Neste contexto o silêncio no Céu deve ser entendido como uma descrição da tensão que toma conta de toda a hoste celestial, exatamente nos últimos momentos de graça, momento em que Jesus ainda intercede pelos conversos da Hora Undécima que ainda não foram selados pelo Selo do Deus Vivo. Ellen G. White descreve esses momentos de tensão e expectativa no Céu:

"Vi quatro anjos que tinham uma obra a fazer na Terra, e estavam em vias de cumpri-la. Jesus estava vestido com trajes sacerdotais. Ele olhou compassivamente para os remanescentes, levantou então as mãos, e com voz de profunda compaixão, exclamou: 'Meu sangue, Pai, Meu sangue! Meu sangue!' Vi então que, de Deus que estava sentado sobre o grande trono branco, saía uma luz extraordináriamente brilhante e derramava-se em redor de Jesus. Vi a seguir um anjo com uma missão da parte de Jesus, voando celeremente aos quatro anjos que tinham a obra a fazer na Terra, agitando para cima e para

[1] Alberto R. Trieyer, *The Day of Atonement and the Heavenly Judgment,* 582, 583.

baixo alguma coisa que tinha na mão, e clamando com grande voz: 'Segurai! Segurai! Segurai! Até que os servos de Deus sejam selados na fronte!'

"Perguntei ao meu anjo assistente o sentido do que eu ouvia, e que iriam fazer os quatro anjos. Ele me disse que era Deus quem restringia os poderes, e incumbira os Seus anjos de tudo quanto se relacionava com a Terra; que os quatro anjos tinham poder da parte de Deus para reter os quatro ventos, e que estavam já prestes a soltá-los; mas enquanto se lhes afrouxavam as mãos e os quatro ventos estavam para soprar, os olhos misericordiosos de Jesus contemplaram os remanescentes que não estavam selados e, erguendo as mãos ao Pai, alegou que havia derramado Seu sangue por eles. Então outro anjo recebeu ordem para voar velozmente aos outros quatro e mandar-lhes reter os ventos até que os servos de Deus fossem selados na fronte com o Selo do Deus Vivo."[1]

Esses remanescentes pelos quais Jesus clama diante do Pai são os conversos da hora undécima, a grande multidão que finalmente sairá de Babilônia e se unirá aos que guardam os mandamentos de Deus. O Céu todo contempla essas cenas com a mesma angústia e tensão que tomaram conta de Jesus, quando Ele viu que os quatro anjos estavam soltando os quatro ventos, e Seus olhos misericordiosos contemplaram um grupo de remanescentes que ainda não tinham o Selo do Deus Vivo. São cenas do juízo que mostram a porta da graça se fechando, enquanto ainda milhões de almas estão tomando decisões ao

[1] Ellen G. White, *Primeiros Escritos*, 37, 38.

lado dos guardadores do sábado; são os últimos que estão escapando das garras de Satanás, como tições tirados do fogo. É uma experiência estressante, quando os minutos finais da graça se escoam pela ampulheta do tempo. Os remanescentes já selados também gemem e choram pelas almas ainda não seladas.

Que outra ocasião, além desta, houve silêncio no Céu? No livro *O Desejado de Todas as Nações* lemos que no momento em que Jesus, no Getsêmane, lutava contra as hostes do mal, com o objetivo de implantar o Reino da Sua Graça, houve silêncio no Céu.

"Terrível foi a tentação de deixar que a raça humana sofresse as consequências de sua própria culpa... A humanidade do Filho de Deus tremia naquela probante hora. Não orava agora pelos discípulos... mas por Sua própria alma assediada de tentação e angústia. O tremendo momento chegara, aquele momento que decidiria o destino do mundo. Na balança oscilava a sorte da humanidade... Três vezes recuou Sua humanidade do derradeiro, supremo sacrifício... Mas Deus sofria com Seu Filho. Anjos contemplavam a agonia do Salvador. Viam seu Senhor circundado de legiões das forças satânicas, Sua natureza vergada ao peso de misterioso pavor que todo O fazia tremer. Houve silêncio no Céu. Nenhuma harpa soava."[1]

Assim como Jesus, no Getsêmane, estava cercado por anjos maus que procuravam fazê-Lo desistir de beber o cálice da morte, tentavam impedir a implantação do Reino da Graça, assim também os 144.000 e a grande multidão estarão sendo

[1] Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, 661, 663, 664.

assediados pelas hostes de Satanás nos momentos finais que antecedem o fechamento da porta da graça. A angústia que Jesus experimentou no Getsêmane, criou no Céu uma atmosfera de silêncio e tensão. Do mesmo modo, a angústia do remanescente de Deus em face do ódio satânico provocado pelo Alto Clamor e a conversão da grande multidão, nos momentos finais do ministério intecessor de Jesus, também será sentido nas cortes celestiais mediante o silêncio celestial. "A solenidade da ocasião é descrita por um curto mas significante silêncio. Este silêncio será quebrado pelo soar das Sete Trombetas."[1]

Quando todos os filhos de Deus finalmente estiverem selados, e Jesus deixar o Santuário, tirando suas roupas sacerdotais e vestindo os trajes reais, então não haverá mais razão para tensão e silêncio, pois quem estiver salvo, permanecerá salvo, e quem estiver perdido permanecerá perdido. Entender o silêncio no céu como algo que vai acontecer na volta de Jesus contraria a alegria, a festa e o clangor das trombetas que fazem parte da volta de Jesus. O santo e estrondoso louvor que acompanha a volta triunfante de Jesus não é algo que vai acontecer somente quando Ele aparecer nas nuvens; esta explosão de louvor começa no Céu e desce até a Terra. Por isso, no momento da volta de Jesus, não há ocasião para silêncio, mas haverá sim uma explosão de fervorosos Aleluias!

[1] Alberto R. Treiyer, *The Day of Atonement and the Heavenly Judgment*, 578.

Estudo Adiconal

O Silêncio no Céu!

Em duas diferentes ocasiões Deus menciona o Silêncio no Céu! A primeira citação está no livro *O Desejado de Todas as Nações*, ali lemos que no momento em que Jesus, lá no Getsêmane, por três vezes orou ao Pai "Pai, se for possível passe de Mim esse cálice sem que Eu o beba", Jesus estava lutando contra as hostes do mal, contra o príncipe das trevas que O atormentava para fazê-Lo desistir de salvar a humanidade.

Por três vezes Jesus disse para o Pai que não queria morrer, queria sim salvar a humanidade, mas a idéia de ser torturado e então ser pregado na cruz como um malfeitor O assustava e a Sua natureza humana por três vezes vacilou em face da morte. O sangue de Jesus ao ser derramado na cruz abriria a Porta da Graça para todos os homens e mulheres pecadores de todos os tempos; estaria estabelecido o Reino da Graça.

Hoje vivemos no Reino da Graça, mas ele teve um preço muito alto: o Ouro do Seu sangue e a Prata das Suas lágrimas!

Naquela noite escura no Gestsêmani Jesus tinha que fazer uma decisão, chegara a hora mais dura para Jesus e Satanás O pressionava a desistir. Os discípulos estavam inconscientes da seriedade daquela noite, não entendiam a profunda agonia de Jesus e por isso dormiam enquanto Jesus suava gotas de sangue. Naquele exato momento, enquanto todos dormiam, oscilava na

balança a sorte da humanidade. Naquele momento houve silêncio no Céu!

"Terrível foi a tentação de deixar que a raça humana sofresse as consequências de sua própria culpa... A humanidade do Filho de Deus tremia naquela probante hora. Não orava agora pelos discípulos... mas por Sua própria alma assediada de tentação e angústia. O tremendo momento chegara, aquele momento que decidiria o destino do mundo. Na balança oscilava a sorte da humanidade. Cristo ainda podia recusar beber o cálice reservado ao homem culpado... Poderia enxugar da fronte o suor de sangue (e voltar para o Pai). Trêmulas caem as palavras dos pálidos lábios de Jesus: 'Pai Meu, se este cálice não pode passar de Mim sem Eu o beber, faça-se a Tua vontade'."[1]

"Três vezes recuou Sua humanidade do derradeiro, supremo sacrifício... Mas Deus sofria com Seu Filho. Anjos contemplavam a agonia do Salvador. Viam seu Senhor circundado de legiões das forças satânicas, Sua natureza vergada ao peso de misterioso pavor que todo O fazia tremer. Houve silêncio no Céu. Nenhuma harpa soava."[2]

Os mundos não caídos e os anjos celestiais vigiavam com intenso interesse o conflito de Jesus contra Satanás, o conflito se aproximava do desfecho final. Se Jesus se firmasse na Sua decisão de morrer a morte de cruz e salvar a humanidade, Satanás seria de novo expulso do céu. Na primeira vez Satanás

[1] Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, 661, 663, 664.
[2] Ibidem.

foi expulso com anjo querubim e agora seria expulso como representante do planeta Terra nas cortes celestiais!

Satanás e suas hostes do mal, espíritos de demônios, acompanhavam atentamente essa grande crise no jardim do Getsêmani. As forças do bem e as forças do mal aguardavam para ver qual seria a resposta que seria dada à oração de Jesus, três vezes repetida.

Houve Silêncio no Céu! Nenhuma harpa soava, nenhum cântico era cantado. Houve Silêncio no Céu! Os anjos bons anelavam trazer alívio a Jesus que suava grandes gotas de sangue, mas não lhes era permitido. Nenhum meio de escape havia para o Filho de Deus.

Jesus então decide: salvará o homem custe o que custar de Sua parte. Aceita o batismo de sangue, para que, por meio dEle, milhões de almas a perecer obtenham a vida eterna.

O Reino da Graça foi finalmente implantado. Tivesse Jesus falhado, tivesse Jesus desistido teríamos que riscar de todos os dicionários a palavra perdão. Não haveria perdão e nem salvação. Todos os santos homens que já estavam no Céu, Moisés, Elias, Enoc, teriam que voltar para a Terra na condição de pecadores perdidos para sempre. Mas, Aleluia, é chegada a salvação!

"E ouví uma grande voz no céu que dizia: Agora chegada está a salvação e a força e o reino do nosso Deus, e o poder do seu Cristo; porque já o acusador de nossos irmãos é derribado, o qual diante do nosso Deus os acusava de dia e de noite" (Apoc. 12:10)

A revelação profética menciona duas ocasiões em que houve Silêncio no Céu. A primeira vez foi naquela noite no jardim do Getsêmani, exatamente na implantação do Reino da Graça de nosso Senhor! E a segunda vez será na abertura do sétimo selo.

"E, havendo aberto o sétimo selo, fez-se silêncio no céu quase por meia hora" (Apoc. 8:1)

No passado nós entendíamos esse Silêncio no Céu como sendo uma referência à segunda vinda de Jesus com todos os Seus anjos, e por isso haveria silêncio no céu, pois nessa ocasião todo o céu ficaria vazio. Mas a volta de Jesus na Bíblia não está relacionada com "silêncio" e sim com uma explosão de alegria e alaridos de trombetas da orquestra celestial. O silêncio geralmente está relacionado a momentos de tristeza, angústia e tensão, ou então suspense. O fechamento da porta da graça é algo que diz respeito ao destino eterno das pessoas.

Na primeira vez em que houve Silêncio no Céu era a sorte da humanidade que oscilava na balança, foi naquele momento em que Jesus teve que tomar a decisão de beber o cálice da morte e abrir a Porta da Graça, implantar o Reino da Graça. Se Jesus falhasse Moisés teria que voltar para a terra, Elias e Enoc também.

Por isso é mencionado que o Céu emudeceu! Moisés emudeceu! Elias emudeceu! Os anjos emudeceram! Os seres humanos que estavam no Céu confiavam e torciam pela vitória de Jesus. Se Jesus falhasse não haveria nunca mais nenhuma

chance de reconciliação com o Pai Celestial! Por isso todo o Céu emudeceu! Mas, quando Jesus tomou a decisão: custe o que custar Eu vou salvar os pecadores; custe o custar Eu beberei o cálice da morte, então, somente então, os céus explodiram de alegria cantando:

"Agora chegada está a salvação e a força e o reino (da Graça) *do nosso Deus e o poder do Seu Cristo; porque já o acusador de nossos irmãos é derribado" (Apoc. 12:10).*

No entanto, a Bíblia menciona mais uma vez o Silêncio no Céu no contexto do fechamento da porta da graça!

"E havendo aberto o sétimo selo, houve silêncio no Céu quase por meia hora. . . E veio outro anjo, e pôs-se junto ao altar, tendo um incensário de ouro; e foi-lhe dado muito incenso, para o pôr com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro, que está diante do trono.

E o fumo do incenso subiu com as orações dos santos desde a mão do anjo até diante de Deus" (Apoc. 8:1-4).

E veio outro Anjo, não um dos sete anjos que tinham as Sete Trombetas, um outro Anjo chamado de o Anjo do Concerto; Aquele que está diante do Pai tendo na Sua mão um incensário não de bronze, porque qualquer um dos sacerdotes podia ter um incensário de bronze, mas unicamente o Sumo Sacerdote é que usava o incensário de ouro que era guardado no Santíssimo encima da Arca do Concerto; este outro Anjo é o Anjo do Concerto, é Jesus, Ele colocou muito incenso no incensário porque seria a intercessão final, a última intercessão antes Jesus

de jogar o incensário sobre a terra. Vemos aqui como que os últimos grãos de areia escoando através da ampulheta do tempo da graça. A graça está para acabar e Jesus pela última vez intercede pelos que crêem no Seu sangue e decidem ser obedientes aos Seus mandamentos. Nunca houve um tempo de tanta tensão no Céu, exceto quando Jesus no Getsêmani decidiu salvar a humanidade.

"*E o anjo* (Jesus) *tomou o incensário, e o encheu do fogo do altar, e o lançou sobre a terra; e houve depois vozes, e trovões, e relâmpagos e terremotos" (Apoc. 8:1-5).*

Não dá para imaginar, são cenas solenes demais para a nossa mente pecadora e finita assimilar. A mesma tensão, a mesma angústia e suspense que ocorreu no Getsêmani volta a ocorrer agora no tempo do fim quando a porta da graça estiver para ser fechada. Porém, no exato momento em que Jesus estava levantando o braço para lançar o incensário, Ele olhou para a Terra e viu que milhões de pessoas sinceras de todas as igrejas ainda não tinham feito sua decisão ao lado dos que guardam os Mandamentos de Deus e possuem a fé de Jesus. Milhões de pessoas sinceras de todas as igrejas ainda não tinham sido seladas pelo Selo do Deus Vivo!

O sétimo selo contém uma mensagem solene e que chega mesmo a emudecer toda hoste angelical. Uma vez mais Moisés, Elias, Enoq emudecem; emudece também aquela multidão de santos que ressuscitou com Jesus e subiu para o céu com Ele. A Bíblia diz:

"E Jesus clamando outra vez com grande voz, rendeu o espírito, e eis que o céu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo; e tremeu a terra e fenderam-se as pedras, e abriram-se os sepulcros e muitos corpos de santos que dormiam foram ressuscitados; e, saindo dos sepulcros, depois da ressurreição Dele, entraram na cidade santa, e apareceram a muitos" (Mat.27:50-53).

Essa multidão de santos ressuscitou glorificada e pronta para a trasladação. No livro *O Desejado de Todas as Nações,* nas últimas páginas, lemos que eles subiram para o céu com Jesus como troféus do poder de Jesus sobre a morte. Jesus diz: *"Porque Eu tenho as chaves da sepultura e da morte" (Apoc. 1:18).* São milhares de seres humanos resgatados que já estão no Céu como primícias, como amostra do amor e do poder de Jesus para salvar todo aquele que Nele crê! Eles estão esperando por nós!

A abertura do sétimo selo está relacionada à Grande Conversão, a maior conversão de todos os tempos, justamente antes da porta da graça se fechar. É um momento de muita tensão no Céu.

O término da proclamação do evangelho eterno, a proclamação final das três mensagens angélicas não será com menor poder do que foi o início da proclamação do evangelho nos dias dos apóstolos. Aquela foi a chuva temporã do Espírito Santo, essa será a Chuva Serôdia. Deus preparou uma chuva torrencial do Espírito Santo chamada na Bíblia de Chuva Serôdia que vai amadurecer a seara da terra para a colheita.

A atuação do Espírito Santo será vista na vida dos santos de Deus nestes dias finais porque seus rostos brilharão de santa consagração, eles manifestarão o caráter, temperamento e personalidade de Jesus. Eles terão a mente de Jesus!
Eles proclamarão o Alto Clamor:

"sai dela povo Meu para que não sejas participantes dos seus pecados e para que não incorras nas suas pragas" (Apoc. 18:4).

Em todas as igrejas caídas Deus tem Seus filhos sinceros e a profecia indica o momento exato dessa grande conversão.

Aproximam-se rapidamente as cenas finais da grande colheita, os conversos da hora undécima. Jesus contou uma parábola que ilustra a conversão da hora undécima.

"Porque o reino dos céus é semelhante a um homem, pai de família, que saiu de madrugada a assalariar trabalhadores para a sua vinha. E ajustando com os trabalhadores a um dinheiro por dia, mandou-os para a sua vinha.

E saindo perto da hora terceira (9:00 da manhã) *viu outros que estavam ociosos na praça, e disse-lhes: ide vós também para a vinha, e dar-vos-ei o que for justo, e eles foram.*

Saindo outra vez perto da hora sexta (12:00) *e nona* (15:00), *fez o mesmo, e saindo perto da hora undécima encontrou outros que estavam ociosos, e perguntou-lhes: por que estais ociosos todo o dia? Disseram-lhe eles: porque ninguém nos assalariou. Diz-lhes ele: ide vós também para a vinha, e recebereis o que for justo.*

E aproximando-se a noite, diz o senhor da vinha ao seu mordomo: chama os trabalhadores e paga-lhes o jornal, começando pelos derradeiros até aos primeiros.

E, chegando os que tinham ido perto da hora undécima, receberam um dinheiro cada um. Vindo, porém, os primeiros, cuidaram que haviam de receber mais; mas do mesmo modo receberam um dinheiro cada um.

E, recebendo-o murmuravam contra o pai de família, dizendo: estes derradeiros trabalharam só uma hora, e tu os igualaste conosco que suportamos a fadiga e a calma do dia.

Mas ele, respondendo disse a um deles: amigo, não te faço agravo; não ajustaste tu comigo a um dinheiro? Toma o que é teu e retira-te; eu quero dar a este derradeiro tanto como a ti.

Ou não me é lícito fazer o que quiser do que é meu? Ou é mau o teu olho porque eu sou bom?" (Mat. 20:1-15).

Os que trabalharam o dia todo e aqueles que trabalharam somente uma hora, no final receberam a mesma coisa. Alguns quiseram reclamar, mas o Senhor disse, esta é a minha graça. Essa é a graça divina! Graça infinita! A salvação não significa que Deus está nos pagando algo a que temos o direito. A salvação sempre foi e sempre será pela graça divina. Os que nascemos em lares cristãos bem como aqueles que nasceram no paganismo e se converteram justamente na hora undécima, nos últimos minutos do tempo da graça, receberão juntamente conosco na volta de Jesus a mesma recompensa: a coroa da vida eterna! Essa é a graça infinita de Deus!

Não é pelo que eu fiz, mas pelo que Jesus fez e faz por mim e em mim é que sou salvo!

Jesus ainda segura em suas mãos o incensário de ouro; Ele ainda não lançou o incensário sobre a Terra; ainda estamos

vivendo em tempo de graça! Hoje, ainda é o dia da salvação!

"Servos de Deus, dotados de poder do alto, com rosto iluminado e resplandecendo com santa consagração, saíram para proclamar a mensagem provinda do Céu. Almas que estavam espalhadas por todas as corporações religiosas responderam à chamada, e os que preciosos eram retiraram-se apressadamente das igrejas condenadas... Foi-me indicado o tempo em que a mensagem do terceiro anjo estava a finalizar-se.

O poder de Deus havia repousado sobre Seu povo; tinham cumprido a sua obra, e estavam preparados para a hora de prova que diante deles estava. Tinham recebido a Chuva Serôdia, ou o refrigério pela presença do Senhor, e se reanimara o vívido testemunho. A última grande advertência tinha soado por toda parte e havia instigado e enraivecido os habitantes da terra que não quiseram receber a mensagem."[1]

Que Mensagem? A mensagem do terceiro anjo:

"*E seguiu-os o terceiro anjo, dizendo com grande voz: se alguém adorar a besta e a sua imagem e receber o sinal na sua testa ou na sua mão, também o tal beberá do vinho da ira de Deus, que se deitou, não misturado, no cálice da sua ira; e será atormentado com fogo e enxofre diante dos santos anjos e diante do Cordeiro*" *(Apoc. 14:9-10).*

"os quatro anjos que tinham poder da parte de Deus para reter os quatro ventos, e que estavam já prestes a soltá-los; mas enquanto se lhes afrouxavam as mãos e os quatro ventos estavam para soprar, os olhos misericordiosos de Jesus contemplaram os

[1] Ellen G. White, *Primeiros Escritos*, 270ss

remanescentes que não estavam selados e, erguendo as mãos ao Pai, alegou que havia derramado Seu sangue por eles. Então outro anjo recebeu ordem para voar velozmente aos outros quatro e mandar-lhes reter os ventos até que os servos de Deus fossem selados na fronte com o Selo do Deus Vivo."[1]

"Vi anjos indo aceleradamente de um lado para o outro no Céu (os anjos corriam de um lado para outro no céu). Um anjo com um tinteiro de escrivão ao lado voltou da Terra, e referiu a Jesus que sua obra estava feita, e os santos estavam numerados e selados. Então vi Jesus, que havia estado a ministrar diante da Arca, a qual contém os Dez Mandamentos, lançar o incensário. Levantou as mãos e com grande voz disse: 'Está Feito.'"[2]

"E toda a hoste angélica tirou suas coroas quando Jesus fez a solene declaração: 'Continue o injusto fazendo injustiça, continue o imundo ainda sendo imundo; o justo continue na prática da justiça, e o santo continue a santificar-se' (Apoc. 22:11). Cada caso fora decidido para vida ou para morte."[3]

Ninguém mais se converte depois disso; não há mais conversões depois que Jesus lança o incensário sobre a Terra. O Espírito Santo se retira da Terra, mas não se retira dos filhos de Deus que foram selados pelo Selo do Deus vivo; eles estão cheios do Espírito e por isso podem viver durante o período das pragas sem nenhum intercessor no céu. Foram batizados pela Churva Serôdia do Espírito Santo! Ele se tornam templos vivos

[1] Ibidem, 38.
[2] Ibidem, 279.
[3] Ibidem, 279-280.

do Espírito Santo! Deus nos chama para sermos templos vivos do Espírito Santo.

- Em breve, muito em breve, haverá Silêncio no Céu! A porta da graça que tem estado aberta há 2.000 anos irá se fechar;

- um dia a porta da arca de Noé se fechou;

- um dia a misericórdia divina se esgotou e Sodoma e Gomorra foram destruídas;

- um dia a porta da graça vai se fechar, mas hoje é tempo de graça, de misericórdia e de perdão!

"O Espírito e a esposa dizem: vem. E quem ouve diga: vem. E quem tem sede, venha; e quem quiser, tome de graça da água da vida" (Apoc. 22:17). Venha a Jesus, hoje é o dia da salvação!